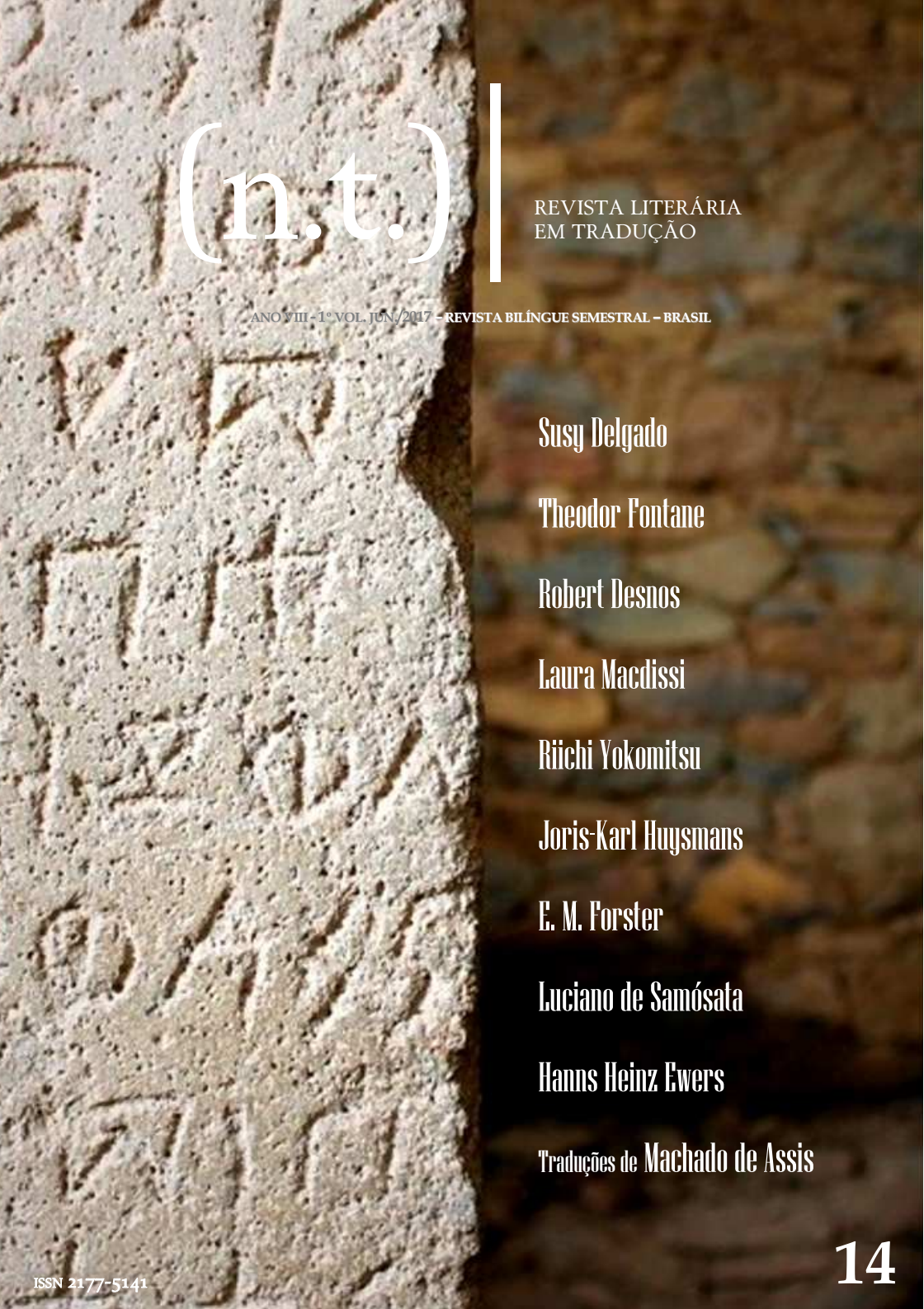


(n.t.)

REVISTA LITERÁRIA
EM TRADUÇÃO

ANO VIII - 1º VOL. JUN./2017 – REVISTA BILÍNGUE SEMESTRAL – BRASIL

Susy Delgado

Theodor Fontane

Robert Desnos

Laura Macdissi

Riichi Yokomitsu

Joris-Karl Huysmans

E. M. Forster

Luciano de Samósata

Hanns Heinz Ewers

Traduções de Machado de Assis

ISSN 2177-5141

14

tradução
μετάφραση
ترجمه
ԹԱՐԳՄԱՆՈՒԹՅՈՒՆ
Übersetzung
ñembohasa
traducción
перевод
නඟනවා
תרגום
vertaling
번역
käännös
translation
тәржемә
översättning
თარგმანი
përkthim
թարգմանություն
canjı
okujjulula
turkakipt'äwi
translatio
tradukado
ಅನುವಾದ
překlad
çeviri
翻訳

Ficha catalográfica elaborada por:
Francisca Rasche CRB 14/691

(n.t.) Revista Literária em Tradução -- n. 1, set. 2010 -.- Florianópolis, 2010 –
[recurso eletrônico].

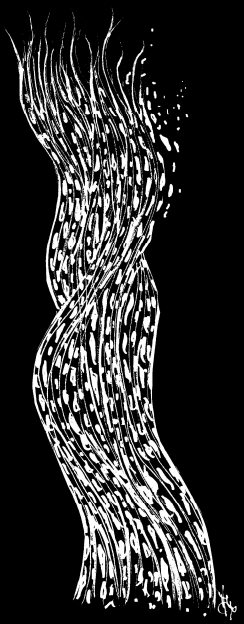
Semestral, ano 8, n. 14, 1º vol., jun. 2017
Bilíngue: 7 idiomas
Editada por Gleiton Lentz e Roger Sulis; ilustrada por Aline Daka
Sistema requerido: PDF
Modo de acesso: http://www.notadotradutor.com/
Portal interativo: Dropbox
ISSN 2177-5141

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Tradução. II. Título.

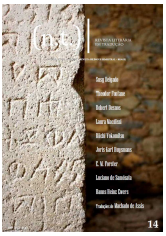
Indexada no Latindex e Sumários.org
Licenciada na Creative Commons

"Que reviva o fogo, que reviva a língua."

Susy Delgado



EDITORIAL



www.notadotradutor.com
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

Edição e Coordenação
Gleiton Lentz

Coedição e Consultoria
Roger Sulis

Ilustração e Curadoria
Aline Daka

Revisão e Assistência
Amanda Zampieri

Consultoria Linguística
Scott Ritter Hadley

Revisão dos Originais
Equipe (n.t.)

Agradecimentos

Fac-símiles e originais: ▪ Zeno.org (Alemanha), para "Alterslyrik", de Theodor Fontane; ▪ Aozora Bunko (Japão), para 蠅, de Riichi Yokomitsu; ▪ BNDigital – Biblioteca Nacional (Brasil), para as *Obras Completas* de Machado de Assis. **Direitos de publicação:** ▪ Arandurã Editorial (Paraguai), para *Tataypýpe*, de Susy Delgado; ▪ Éditions Gallimard (França), para "Trois poèmes à la mystérieuse", de Robert Desnos; ▪ Éditions Flammarion (França), para "La Retraite de Monsieur Bougran", de Joris-Karl Huysmans; ▪ Gutenberg.org (EUA), para "The Celestial Omnibus", de E. M. Forster; ▪ Ewers-Gesellschaft (Alemanha), para "Rausch und Kunst", de Hanns Heinz Ewers. **Direitos autorais cedidos:** ▪ Laura Macdissi (Líbano), pela tradução de موسم إلدالحرية الهجرة :أيّار، ٢٠١٢; ▪ Susy Delgado (Paraguai), pela tradução de *Tataypýpe*.

Em epigrafia, entende-se, por definição, que as inscrições bilíngues ou trilíngues são registros escritos em duas ou três línguas, sendo uma a tradução da outra. Esculpidas em pedras, falésias e estelas, essas inscrições, que remontam ao passado, são importantes, no presente, para a decifração de antigos sistemas de escrita. Legadas pelos antigos para fins políticos, sobretudo de expansão territorial, para deixar constância de sua história à posteridade, essas inscrições permitem hoje o entendimento de línguas ou sistemas hieroglíficos únicos que foram preservados graças à tradução a outros idiomas regionais ou de maior uso corrente à época, caso do grego antigo.

E ao redor do globo se encontram espalhados alguns exemplos de antigos registros bilíngues, como o Alfabeto de Landa (México), manuscritos do século XVI, em maia e castelhano, e as lâminas de Pirgi (Itália), impressas em etrusco e fenício, ou então, trilíngues, como a famosa Pedra de Roseta (Egito), uma estela de granodiorito grifada em egípcio antigo, demótico e grego antigo; a Inscrição de Behistun (Irã), grifada em uma falésia, em persa antigo, elamita e babilônico; as estelas de Letoon (Turquia), inscritas em lício padrão, grego antigo e aramaico; e o Obelisco de Xanto (Turquia), estela com inscrições em grego antigo, lício e miliaco.

Esses textos, recuperados pela história e arqueologia modernas, são artefatos emblemáticos não só da epigrafia, mas da tradução. E outro exemplo que se soma a esses registros interlinguais, e que atualmente se conserva na cidade de Axum, na Etiópia, é a Estela de Ezana, esculpida e erguida no século IV d.C. pelo antigo Reino de Axum, uma antiga civilização etíope. Gravada em ge'ez (antigo idioma etíope), sabeu (da Arábia meridional) e grego antigo, trata-se de uma pedra monumental que documenta a conversão do rei Ezana ao cristianismo e suas vitórias contra os povos vizinhos. Entre 330 e 356 d.C., ele governou esse antigo reino, e após lutar contra os núbios, comemorou suas vitórias, registrando-as em várias estelas espalhadas pela região, através de epígrafes litúrgicas trilíngues. Cumpre notar que o ge'ez, uma antiga língua semítica usada no Chifre da África, tornou-se depois a língua oficial do Reino de Axum e da corte imperial da Etiópia.

E é neste mesmo viés interlingual que, nesta 14ª edição da revista (n.t.), trazemos na capa a Estela de Ezana, sítio de entrada para as traduções bilíngues a seguir. Na clássica seção de abertura, "Poesia", iniciamos com a seleção de poemas *Junto ao fogo | Tataypýpe*, da poeta guarani paraguaia, Susy Delgado, por Miguel Sulis e Gleiton Lentz, seguida dos *Poesia de Idade | Alterslyrik*, do alemão Theodor Fontane, por Dionei Mathias. Na sequência, em "Prosa

ሀለሐ
መሠ
ረሰቀ
በተጎ
ነኸከ
ወዐዘ
የደገ
ጠጸፀ
ፀፈፐ

poética", Lídia Rogatto traduz *Três poemas à misteriosa*|*Trois poèmes à la mystérieuse*, do francês Robert Desnos.

Já em "Contos", quatro narrativas distintas, em quatro idiomas distintos, ilustram as páginas desta seção, que abre com a tradução inédita de Safa A-C Jubran do primeiro capítulo de *Tempo de migrar para a liberdade: maio, 2012*|موسم الهجرة إلى الحرية :أيّار، ٢٠١٢, da escritora libanesa Laura Macdissi. Depois, Karen Kazue Kawana apresenta o conto *A Mosca*|蠅, do japonês Riichi Yokomitsu, seguido de *A aposentadoria de Senhor Bougran*|*La Retraite de Monsieur Bougran*, de Joris-Karl Huysmans, por Marina Donato Scardoelli, e de *O Ônibus Celestial*|*The Celestial Omnibus*, de E. M. Forster, por Helvio Moraes e Autajan G. A. Carvalho.

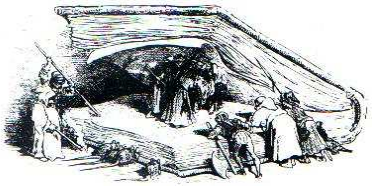
Em seguida, em "Ensaios literários", o escritor grego Luciano de Samósata tece o *Elogio da Mosca*|*Μυῖας ἐγκώμιον*, por Guilherme Ivo, enquanto que o escritor alemão Hanns Heinz Ewers comenta sobre *Êxtase e Arte*|*Rausch und Kunst*, na tradução a quatro mãos de Michael Korfmann e Raquel R. Meneguzzo.

E, encerrando a edição, na seção "Memória", relembramos as traduções poéticas de Machado de Assis, na seleção inédita intitulada *Traduções d'Assis*, que reúne 18 composições vertidas pelo escritor entre 1856 a 1894, ao lado, pela primeira vez, dos originais. As traduções incluem desde poetas clássicos da literatura universal, como Dante e Shakespeare, a poucos conhecidos, como o chileno Guillermo Blest Gana e o polonês Adam Mickiewicz.

E é nesses termos que entregamos aos nossos leitores, lusófonos e estrangeiros, mais um número da revista, cujas páginas, que transitam da Grécia antiga à Etiópia do século IV d.C., do Paraguai de origem guarani ao Líbano de tradição árabe, da milenar ilha do Japão aos países ocidentais, evidenciam tão somente o alcance da tradução, cuja geografia, por natureza, desconhece fronteiras.

Portanto, cosmopolize-se! ■

Os editores
Desterro, agosto de 2018.



(n.t.)|14°

Publicada na Ilha do Desterro, em Santa Catarina, Brasil.

© Todos os direitos reservados aos autores, tradutores e editores.

Licenciada na Creative Commons, Licença Internacional 4.0

ISSN 2177-5141

SUMÁRIO

POESIA

Tataypýpe | Junto ao fogo
de Susy Delgado
por M. Sulis e G. Lentz
09

Alterslyrik | Poesia de Idade
de Theodor Fontane
por Dionei Mathias
22

PROSA POÉTICA

Trois poèmes à la mystérieuse
Três poemas à misteriosa
de Robert Desnos
por Lídia Rogatto
64

CONTOS

موسم الهجرة إلى الحرية : أيّار، ٢٠١٢
Tempo de migrar para a liberdade: maio, 2012
de Laura Macdissi
por Safa A-C Jubran
74

蠅 | A Mosca
de Riichi Yokomitsu
por Karen Kazue Kawana
88

CONTOS

La Retraite de Monsieur Bougran
A aposentadoria de Senhor Bougran
de Joris-Karl Huysmans
por Marina Donato Scardoelli
102

The Celestial Omnibus | O Ônibus Celestial
de E. M. Forster
por Helvio Moraes e Autajan G. A. Carvalho
135

ENSAIOS

Μυῖας ἐγκώμιον | Elogio da Mosca
de Luciano de Samósata
por Guilherme Ivo
170

Rausch und Kunst | Êxtase e Arte
de Hanns Heinz Ewers
por Michael Korfmann e Raquel R. Meneguzzo
179

MEMÓRIA

Traductions d'Assis | Traduções d'Assis
Antologia poética
por Machado de Assis
193

INDEX
302

poesia

(n.t.) | Ayutthaya

JUNTO AO FOGO

SUZY DELGADO

O TEXTO: Uma das imagens mais recorrentes na poesia de Susy Delgado, símbolo de toda a cultura paraguaia de expressão guarani, é o *tataypy*, lugar na habitação camponesa onde se acende e se mantém o fogo aceso. A poeta, com o propósito de manter viva a chama dessa tradição, dedica-lhe todo um livro, o *Tataypýpe*, com o qual consegue reviver/reacender a própria língua materna, despertando-a e levantando-a de seu suposto apagamento. Esta seleção apresenta 6 composições do referido livro, cujos temas giram "junto ao fogo".

Texto traduzido: Delgado, Susy. *Tataypýpe*. Asunción: Arandurã, 1994.

Fonte: Sulis, M.; Lentz, G. "Uma chama, uma língua, uma tradução". *Revista Eutomia*, Ano II, nº 1, 624-629.

A AUTORA: Escritora e poeta bilíngue, a obra da paraguaia Susy Delgado (1949-) representa, mediante uma linguagem atual, a mais sucedida síntese da "defesa da língua" guarani, o *avañe'ẽ*, fortemente arraigada à cultura camponesa tradicional de seu país. Seus livros *Tesarái mboyve*, *Tataypýpe*, *Ayvy membyre* e *Ñe'ẽ jovái* são o resultado desse labor que opera com maestria, em um mesmo plano, língua e poesia. Em 2017, recebeu o Prêmio Nacional de Literatura do Paraguai.

OS TRADUTORES: Gleiton Lentz, editor da (n.t.), é doutor em Literatura, tradutor e revisor, e Miguel Sulis, coeditor da revista, é doutor em Literatura, tradutor e professor de idiomas.

TATAYPÝPE

"Toikove tata, toikove ñe'ẽ."

SUSY DELGADO

[4]

Ha upépe,
tataypýpe,
óga tuja ahojaguýpe,
pe mbyja oguejyhápe
tatarendýndie
ojajái...
Mbeguemi,
che py'ápe,
heñói ha
oñembohapo,
okakuaa,
mba'e rendy,
ne ñe'ẽ.

[6]

Tata rovere
oñembopere
mitã mandu'ápe.
Tata rendague
oho chendive.
Oje'ove'ỹva
tata rovasa,
ohapy vaekue
che ñe'ẽ.

[8]

Tata'y
aheka
tesarái tanimbúpe.
Tata'y
rendaguépe
aipyvu, ahavicha,
amosarambi
tanimbu ro'y,
tanimbu pytũ,
tanimbu...
Tata'y
aheka
ajatapymi haguã...

[22]

Tata'y,
epáy,
eikove.
Tojepota,
tojeroky
nde rata.
Tata'y,
epáy,
emondýi,
emosarambi,
toñehundi
tanimbu.
Toikove
nde rata.

[23]

Tata'y,
epáy ha emombáy
tanimbu rupápe,
tataypy.
Che ru tujami
ñe'ẽ pypuku
ohesape vaekue.
Tata'y,
epáy ha ejupi pe tata
rendýndie,
ejera, epuka,
eveve, eipepi
vy'a ratapĩ.
Toikove jey
tataypy.
Toikove tata,
toikove ñe'ẽ.

[24]

Jepe'e puku
tataypýpe...
Mbeguekatuete
omombia vaekue
ro'y ha pytũ,
mbeguekatuete
chemombáy vaekue.
Jepe'e puku
mombyry guive,
tesarái keguýpe
hendýva.
Jepe'e yma,
mandu'a rugua,
epáy ha emondýi
tesarái.

JUNTO AO FOGO

"Que reviva o fogo, que reviva a língua."

SUSY DELGADO

[4]

E ali,
junto ao fogo,
ao abrigo da velha casa,
onde caem as estrelas,
com as chamas,
a brilhar…
Suavemente,
em minha alma,
germina
e se enraíza,
cresce,
uma chama,
tua língua.

[6]

A fagulha do fogo
deixou seus vestígios
na memória da criança.
E a marca do fogo
seguiu-me pela vida.
O que não se apaga,
benção do fogo,
queimou então
minha palavra.

[8]

Um carvão
procuro
nas cinzas do esquecimento.
No buraco
do carvão ausente,
revolvo, removo,
esparzo,
cinza fria,
cinza escura,
cinza...
Um carvão
procuro
para acender o fogo...

[22]

Carvão,
desperta,
revive.
Que comece a arder,
que dance,
teu fogo.
Carvão,
desperta,
espanta,
esparze,
que se perca
a cinza.
Que viva
teu fogo.

[23]

Carvão,
desperta e faz que desperte
no leito da cinza,
o fogo do lar.
Que iluminou
a voz profunda
de meu velho pai.
Carvão,
desperta com o fogo
e levanta-te,
desata-te, ri,
voa, despoja
as brasas da alegria.
Que reviva outra vez
o fogo do lar.
Que reviva o fogo,
que reviva a língua.

[24]

Longo ritual
junto ao fogo…
Que vagarosamente
foi apartando
o frio e a noite,
que lentamente
foi me despertando.
Longo ritual
que de longe,
no sonho do esquecimento,
se acende.
Rito do fogo
leito da lembrança,
desperta e espanta
o esquecimento.

Poesia de Idade

Theodor Fontane

O texto: Os vinte poemas desta seleção foram publicados em diversas revistas, livros e jornais, ao longo da vida de Theodor Fontane. São textos da última fase de vida do escritor, geralmente denominados de *Alterslyrik* (Poesia de Idade). Escritos, em sua maioria, em um tom de *causerie*, recurso típico usado por Fontane, os poemas abordam a vida na sociedade berlinense, retratando mapas de valores, conflitos de gerações, resignação e desmedida, sentido e essência da vida.

Texto traduzido: Fontane, Theodor. *Gedichte*. Berlin: W. Hertz, 1898.

O autor: Theodor Fontane (1819-1898), escritor e poeta nascido na Alemanha, é considerado um dos principais representantes do Realismo alemão. Além de jornalista e crítico literário, escreveu inúmeros romances, incluindo *Effie Briest* (1896), sua principal obra, além de dramas, poemas, biografias, reportagens de guerra, cartas e diários.

O tradutor: Dionei Mathias é professor de literatura alemã na Universidade Federal de Santa Maria.

ALTERSLYRIK

"Und sollt' ich noch einmal die Tage beginnen,
ich würde denselben Faden spinnen."

THEODOR FONTANE

NICHT GLÜCKES BAR SIND DEINE LENZE

Nicht Glückes bar sind deine Lenze,
Du forderst nur des Glücks zu viel;
Gib deinem Wunsche Maß und Grenze,
Und dir entgegen kommt das Ziel.

Wie dumpfes Unkraut laß vermodern,
Was in dir noch des Glaubens ist:
Du hättest doppelt einzufodern
Des Lebens Glück, weil du es bist.

Das Glück, kein Reiter wird's erjagen,
Es ist nicht dort, es ist nicht hier;
Lern' überwinden, lern' entsagen,
Und ungeahnt erblüht es dir.

BEUTST DU DEM GEISTE SEINE NAHRUNG

Beutst du dem Geiste seine Nahrung,
so laß nicht darben sein Gemüt,
des Lebens höchste Offenbarung
doch immer aus dem Herzen blüht.

Ein Gruß aus frischer Knabenkehle,
ja mehr noch eines Kindes Lall'n
kann leuchtender in deine Seele
wie Weisheit aller Weisen fall'n.

Erst unter Kuß und Spiel und Scherzen
erkennst du ganz, was Leben heißt;
o lerne denken mit dem Herzen,
und lerne fühlen mit dem Geist.

MAN WIRD NICHT BESSER MIT DEN JAHREN

Man wird nicht besser mit den Jahren,
Wie sollt' es auch, man wird bequem
Und bringt, um sich die Reu' zu sparen,
Die Fehler all in ein System.

Das gibt dann eine glatte Fläche,
Man gleitet unbehindert fort,
Und „allgemeine Menschenschwäche"
Wird unser Trost – und Losungswort.

Die Fragen alle sind erledigt,
Das eine geht, das andre nicht,
Nur manchmal eine stumme Predigt
Hält uns der Kinder Angesicht.

WÜRD' ES MIR FEHLEN, WÜRD' ICH'S VERMISSEN?

Heute früh, nach gut durchschlafener Nacht,
Bin ich wieder aufgewacht.
Ich setzte mich an den Frühstückstisch,
Der Kaffee war warm, die Semmel war frisch,
Ich habe die Morgenzeitung gelesen
Es sind wieder Avancements gewesen.

Ich trat ans Fenster, ich sah hinunter,
Es trabte wieder, es klingelte munter,
Eine Schürze beim Schlächter hing über dem Stuhle,
Kleine Mädchen gingen nach der Schule –
Alles war freundlich, alles war nett,
Aber wenn ich weiter geschlafen hätt'
Und tät' von alledem nichts wissen,
Würd' es mir fehlen, würd' ich's vermissen?

ÜBERLASS ES DER ZEIT

Erscheint dir etwas unerhört,
Bist du tiefsten Herzens empört,

Bäume nicht auf, versuch's nicht mit Streit,
Berühr es nicht, überlass es der Zeit.

Am ersten Tage wirst du feige dich schelten,
Am zweiten lässt du dein Schweigen schon gelten,

Am dritten hast du's überwunden,
Alles ist wichtig nur auf Stunden,

Ärger ist Zehrer und Lebensvergifter,
Zeit ist Balsam und Friedensstifter.

SO UND NICHT ANDERS

Die Menschen kümmerten mich nicht viel,
eigen war mein Weg und Ziel.

Ich mied den Markt, ich mied den Schwarm,
andre sind reich, ich bin arm.

Andere regierten (regieren noch),
ich stand unten und ging durch's Joch.

Entsagen und lächeln bei Demütigungen,
das ist die Kunst, die mir gelungen.

Und doch wär's in die Wahl mir gegeben,
ich führte noch einmal das selbe Leben.

Und sollt' ich noch einmal die Tage beginnen,
ich würde denselben Faden spinnen.

AUSGANG

Immer enger, leise, leise
Ziehen sich die Lebenskreise,
Schwindet hin, was prahlt und prunkt,
Schwindet Hoffen, Hassen, Lieben,
Und ist nichts in Sicht geblieben
Als der letzte dunkle Punkt.

DIE FRAGE BLEIBT

Halte Dich still, halte Dich stumm,
Nur nicht fragen, warum? warum?

Nur nicht bittere Fragen tauschen,
Antwort ist doch nur wie Meeresrauschen.

Wie's Dich auch aufzuhorchen treibt,
Das Dunkel, das Rätsel, die Frage bleibt.

VERZEIHT

Verzeiht den Anekdotenkram
Und daß niemals ich einen »Anlauf« nahm,
Auch niemals mit den Göttern grollte,
Nicht mal den Staat verbessern wollte,
Nicht mal mit »sexuellen Problemen«
Gelegenheit nahm mich zu benehmen.

Der faßt es so, *der* anders an,
Man muß nur wollen, was man kann,
Mir würde der Weitsprung nicht gelingen,
So blieb ich denn bei den näheren Dingen,
Drei Schritt bloß – – ich weiß, es ist nicht viel,
Aber Freude gibt jedes erreichte Ziel.

JA, DAS MÖCHT ICH NOCH ERLEBEN

Eigentlich ist mir alles gleich,
Der eine wird arm, der andre wird reich,
Aber mit Bismarck – was wird das noch geben?
Das mit Bismarck, das möcht' ich noch erleben.

Eigentlich ist alles soso,
Heute traurig, morgen froh,
Frühling, Sommer, Herbst und Winter,
Ach, es ist nicht viel dahinter.

Aber mein Enkel, so viel ist richtig,
Wird mit nächstem vorschulpflichtig,
Und in etwa vierzehn Tagen
Wird er eine Mappe tragen,
Löschblätter will ich ins Heft ihm kleben –
Ja, das möcht' ich noch erleben.

Eigentlich ist alles nichts,
Heute hält's, und morgen bricht's,
Hin stirbt alles, ganz geringe
Wird der Wert der ird'schen Dinge;
Doch wie tief herabgestimmt
Auch das Wünschen Abschied nimmt,
Immer klingt es noch daneben:
Ja, das möcht' ich noch erleben.

NEUESTE VÄTERWEISHEIT

Zieh nun also in die Welt,
Tue beharrlich, was dir gefällt,
Werde keiner Gefühle Beute,
Meide sorglich arme Leute,
Werde kein gelehrter Klauber,
Wissenschaft ist fauler Zauber,
Sei für Rothschild statt für Ranke,
Nimm den Main und laß die Panke,
Nimm den Butt und laß die Flunder,
Geld ist Glück, und Kunst ist Plunder,
Vorwärts auf der schlechtsten Kragge,
Wenn nur unter großer Flagge.
Pred'ge Tugend, pred'ge Sitte,
Millionär ist dann das dritte,
Quäl dich nicht mit »wohlerzogen«.
Vorwärts mit den Ellenbogen,
Und zeig jedem jeden Falles:
» Du bist nichts, und ich bin alles.«

DIE ALTEN UND DIE JUNGEN

»Unverständlich sind uns die Jungen«
Wird von den Alten beständig gesungen;
Meinerseits möcht ich's damit halten:
»Unverständlich sind mir die Alten.«
Dieses am Ruder bleiben Wollen
In allen Stücken und allen Rollen,
Dieses sich unentbehrlich Vermeinen
Samt ihrer »Augen stillem Weinen«,
Als wäre der Welt ein Weh getan –
Ach, ich kann es nicht verstahn.
Ob unsre Jungen, in ihrem Erdreisten,
Wirklich was Besseres schaffen und leisten,
Ob dem Parnasse sie näher gekommen
Oder bloß einen Maulwurfshügel erklommen,
Ob sie, mit andern Neusittenverfechtern,
Die Menschheit bessern oder verschlechtern,
Ob sie Frieden sä'n oder Sturm entfachen,
Ob sie Himmel oder Hölle machen –
E I N S läßt sie stehn auf siegreichem Grunde:
Sie haben den Tag, sie haben die Stunde;
Der Mohr kann gehn, neu Spiel hebt an,
Sie beherrschen die Szene, sie sind dran.

TU ICH EINEN SPAZIERGANG MACHEN

Tu ich einen Spaziergang machen,
Beschäft`gen mich immer allerlei Sachen.
In das Kommende sich versenken,
Tod und Sterben überdenken. –
Gibt es so was wie Fortschritt auf Erden,
Oder werden wir alle russisch werden.
Sollen wir was für den Himmel tun,
Alle diese Fragen ruhn.
Immer nur allerkleinste Sachen
Dürfen einen Anspruch machen.
Warum sind Müllers ausgeblieben?
Warum hatte Schulze nicht geschrieben?
Werd ich Meyer im Park begegnen?
Wird es schön Wetter oder wird es regnen?
Und im immer weitern Schreiten
Wechseln so die Nichtigkeiten

SUMMA SUMMARUM!

Eine kleine Stellung, ein kleiner Orden
Fast wär ich auch mal Hofrat geworden,
Ein bißchen Namen, ein bißchen Ehre,
eine Tochter "geprüft", ein Sohn im Heere,
Mit siebzig 'ne Jubiläumsfeier,
Artikel im Brockhaus und im Meyer ...
Altpreußischer Durchschnitt, Summa Summarum,
Es drehte sich immer um Lirum Larum
Um Lirum Larum Löffelstiel.
Alles in allem – es war nicht viel.

HERBST

O du wunderschöner Herbst,
Wie du die Blätter golden färbst,
Deiner reinen Luft so klar und still,
Noch einmal ich mich freuen will.

Ich geh den Wald, den Weiher entlang;
Es schweigt das Leben, es schweigt Gesang,
Ich hemme den Schritt, ich hemme den Lauf
Erinnerungen ziehen herauf.

Erinnerungen sehen mich an,
Haben es wohl auch sonst getan.
Nur eins hält nicht mehr damit Schritt.
Lachende Zukunft geht nicht mehr mit.

Vergangenheit hält mich in ihrem Bann,
Vergangenheit hat mir's angetan;
Den Blick in den Herbst, den hab ich frei,
Den Blick in den Herbst. Aber der Mai?

MEIN LEBEN

Mein Leben, ein Leben ist es kaum,
Ich gehe dahin als wie im Traum.

Wie Schatten huschen die Mensch hin,
Ein Schatten dazwischen ich selber bin.

Und im Herzen tiefe Müdigkeit –
Alles sagt mir: Es ist Zeit ...

SEIFENBLASEN

Kinder, ihre Lust zu zeigen,
lassen Seifenblasen steigen,
Wie das schimmert im Sonnenschein,
ein'ge groß und ein'ge klein.
Die geblasen mit Durchschnittsmunde,
Hielten sich eine volle Sekunde;
Mehrere aber waren dabei,
Ja, das hielt sich bis zu zwei.
Eine stieg so hoch wie das Haus,
Da stieß sie an, da war es aus.

IKARUS

Immer wieder dieselbe Geschichte:
Siege, Triumphe, Gottesgerichte.
Wem jeder Sprung, auch der kühnste, geglückt,
Der fühlt sich dem Gesetz entrückt,
Er ist heraus aus dem Alltagstrott,
Fliegen will er, er ist ein Gott;
Er fällt dem Sonnengespann in die Zügel, –
Da schmelzen dem Ikarus die Flügel,
Er flog zu hoch, er stürzt, er fällt,
Ein neu Spektakelstück hat die Welt,
Eben noch zum Himmel getragen ...
Apollo, zürnend, hat ihn erschlagen

RÜCKBLICK

Es geht zu End', und ich blicke zurück.
Wie war mein Leben? Wie war mein Glück?
Ich saß und machte meine Schuh';
Unter Lob und Tadel sah man mir zu.

„Du dichtest, das ist das Wichtigste...."
„‚Du dichtest, das ist das Nichtigste.'"

„Wenn Dichtung uns nicht zum Himmel trüge...."
„‚Phantastereien, Unsinn, Lüge.'"
„Göttlicher Funke, Prometheusfeuer ..."
„‚Zirpende Grille, leere Scheuer.'"

Von hundert geliebt, von tausend missacht't,
So hab' ich meine Tage verbracht.

LASS AB VON DIESEM ZWEIFELN, KLAUBEN

Laß ab von diesem Zweifeln, Klauben,
Vor dem das Beste selbst zerfällt,
Und wahre dir den vollen Glauben
An diese Welt trotz dieser Welt.

Schau hin auf eines Weibes Züge,
Das lächelnd auf den Säugling blickt,
Und fühl's, es ist nicht alles Lüge,
Was uns das Leben bringt und schickt.

Und, Herze, willst du ganz genesen,
Sei selber wahr, sei selber rein!
Was wir in Welt und Menschen lesen,
Ist nur der eigne Widerschein.

POESIA DE IDADE

"E se tivesse que começar os dias mais uma vez.
Eu teceria o mesmo fio."

THEODOR FONTANE

NÃO DESTITUÍDAS DE FELICIDADE SÃO TUAS PRIMAVERAS

Não destituídas de felicidade são tuas primaveras,
Tu só exiges da felicidade demais;
Dá a teu desejo medida e limite,
E a teu encontro virá o objetivo.

Como ervas daninhas bolorentas deixa apodrecer
O que em ti ainda há da crença:
Tu terias o dobro a exigir
De felicidade de vida, porque és tu.

A felicidade, nenhum cavaleiro conseguirá encalçá-la,
Não está lá, não está aqui;
Aprende a superar, aprende a renunciar,
E inesperadamente ela te florescerá.

SE PREPARARES PARA A MENTE O ALIMENTO DELA

Se preparares para a mente o alimento dela,
Então não deixes seu ânimo esfomear,
Pois da vida a mais alta revelação
Sempre do coração floresce.

Uma saudação de vigorosa garganta de menino,
Sim, mais ainda de uma criança o balbuciar
Pode com mais brilho em tua alma,
Como sabedoria de todos os sábios, cair.

Só sob beijos e brincadeira e gracejo
Reconheces bem o que a vida significa;
Oh, aprende a pensar com o coração,
E aprende a sentir com a mente.

NÃO SE FICA MELHOR COM OS ANOS

Não se fica melhor com os anos
Também pudera, fica-se acomodado
Alinhando, para se poupar do arrependimento,
Os erros todos num sistema.

Isso então produz uma superfície lisa,
Desliza-se desimpedidamente sem parar,
E a "comum fraqueza humana"
Torna-se nossa palavra de consolo e lema.

As perguntas todas estão resolvidas,
Uma coisa funciona, outra não,
Só às vezes um tácito sermão
Nos dá das crianças a face.

ME FALTARIA, SENTIRIA FALTA?

Hoje cedo, depois de noite bem dormida,
Despertei novamente.
Sentei-me à mesa do café da manhã,
O café estava quente, o pãozinho estava fresco,
Eu li o jornal da manhã
Novamente houve promoções.

Fui à janela, olhei para baixo,
Trotava-se novamente, ressoava alegremente,
Um avental no açougueiro estava pendurado sobre a cadeira,
Meninas pequenas iam à escola –
Tudo estava amigável, tudo estava simpático,
Mas se tivesse continuado a dormir
E de tudo isso nada soubesse,
Me faltaria, sentiria falta?

ENTREGA AO TEMPO

Algo te parece um atrevimento,
Estás indignado de todo coração,

Não te revoltes, não tentes com briga,
Não o abordes, entrega ao tempo.

No primeiro dia te censurarás de covarde,
No segundo já deixarás teu silêncio valer,

No terceiro tu o superaste,
Tudo é importante somente por horas,

Aborrecimento é sugador e envenenador de vida,
Tempo é bálsamo e promotor de paz.

ASSIM E NÃO DE OUTRO JEITO

As pessoas não me interessaram muito,
Singular foi meu caminho e objetivo.

Evitei o mercado, evitei a multidão,
Outros são ricos, eu sou pobre.

Outros governaram (ainda governam),
Eu me submeti e passei pelo jugo.

Renunciar e sorrir em humilhações,
Essa é a arte em que sucedi.

E, contudo, se tivesse tido a escolha,
Eu levaria mais uma vez a mesma vida.

E se tivesse que começar os dias mais uma vez.
Eu teceria o mesmo fio.

DESFECHO

Cada vez mais estreito, sem ruído, sem ruído,
Traçam-se os círculos da vida,
Desaparece o que gaba e ostenta,
Desaparece esperança, ódio, amor,
E nada permaneceu visível
A não ser o último escuro ponto.

A PERGUNTA PERMANECE

Permaneça quieto, permaneça calado,
Só não pergunte por quê? Por quê?

Só não troque perguntas amarguradas,
Resposta, no fim, nada mais é que rumorejar do mar.

O que quer que te faça prestar atenção,
O escuro, o enigma, a pergunta permanece.

PERDOEM

Perdoem a tralha de anedotas
E que nunca tomei um "impulso",
Que tampouco guardei rancor aos Deuses,
Que nem mesmo o estado quisesse melhorar,
Que nem mesmo sobre "problemas sexuais"
A ocasião aproveitasse para me debruçar.

Esse resolve desse jeito, *esse* de outro,
Só é preciso querer o que se pode,
Eu não teria sucesso no salto em distância,
Assim fiquei, pois, nas coisas mais próximas,
Três passos só – – eu sei, não é muito,
Mas cada objetivo alcançado produz alegria.

SIM, ISSO AINDA QUERO VIVENCIAR

Em princípio, tudo me é indiferente,
Um fica pobre, outro fica rico,
Mas com Bismarck – no que isso ainda vai dar?
Isso com Bismarck, isso ainda quero vivenciar.

Em princípio tudo é mais ou menos,
Hoje triste, amanhã alegre,
Primavera, verão, outono e inverno,
Ah, não há muito por trás disso.

Mas meu neto, isso é certo,
Em breve terá que ir à escola,
E em cerca de catorze dias
Ele carregará uma pasta,
Mata-borrões quero lhe colar no caderno –
Sim, isso ainda quero vivenciar.

Em princípio tudo é nada,
Hoje aguenta e amanhã quebra,
Tudo morre, bem insignificante
Torna-se o valor das coisas terrenas;
Contudo, por mais profundamente desanimado
Que o desejar se despede,
Sempre ressoa ainda ao lado:
Sim, isso ainda quero vivenciar.

MAIS NOVA SABEDORIA PATERNA

Sai afora, pois, pelo mundo,
Faz perseverantemente o que te agrada,
Não te tornes presa de sentimentos,
Evita cuidadosamente pessoas pobres,
Não te tornes um sofista erudito,
Ciência é mágica podre,
Sê a favor de Rothschild no lugar de Ranke,
Pega o Meno e deixa o Panke,
Pega o linguado e deixa a solha-das-pedras,
Dinheiro é felicidade, e arte é quinquilharia,
Para frente na pior embarcação capenga,
Contanto que sob bandeira importante.
Prega virtude, prega costume,
Milionário então é o terceiro,
Não te tortures com "bem educado".
Para frente com o cotovelo,
E mostra a todos em todos os casos:
"Tu és nada, e eu sou tudo".

OS VELHOS E OS JOVENS

"Incompreensíveis nos são os jovens"
É constantemente cantado pelos velhos;
Da minha parte quero o seguinte colocar:
"Incompreensíveis me são os velhos".
Esse querer ficar no comando
Em todas as peças e todos os papéis,
Esse se considerar imprescindível
Juntamente com o "chorar silencioso de seus olhos",
Como se tivesse sido feito um agravo ao mundo –
Ah, eu não consigo entender.
Se nossos jovens, em seu atrevimento,
Realmente criam e contribuem com algo melhor,
Se chegaram mais perto do Parnaso
Ou se somente escalaram um monte de toupeiras,
Se eles, com outros defensores de novos costumes,
Melhoram ou pioram a humanidade,
Se eles semeiam paz ou desencadeiam tempestades,
Se fazem céu ou inferno –
U M A coisa os deixa estar sobre base vitoriosa:
Eles têm o dia, eles têm a hora;
O mouro pode ir, nova peça começa,
Eles dominam a cena, eles estão na vez.

SE UM PASSEIO VOU PASSEAR

Se um passeio vou passear,
Sempre me ocupam diversas coisas.
Submergir no vindouro,
Repensar morte e agonia. –
Há algo como progresso no mundo,
Ou nos tornaremos todos russos.
Deveríamos fazer algo pelo céu,
Todas essas perguntas descansam.
Sempre as mais ínfimas coisas
Podem fazer exigências.
Por que os Müller ficaram de fora?
Por que o Schulze não tinha escrito?
Encontrarei o Meyer no parque?
Teremos tempo bom ou vai chover?
E em passos sempre para adiante
Alternam-se assim as ninharias.

Summa Summarum!

Um pequeno posto, uma pequena condecoração,
Quase também teria sido conselheiro áulico,
Um pouco de nome, um pouco de honra,
Uma filha "diplomada", um filho no exército,
Aos setenta uma celebração,
Artigos no Brockhaus e no Meyer...
Média da velha linha prussiana, *summa summarum*,
Sempre girou em volta de *lirum larum*
Em volta de *lirum larum* cabo de colher.
No fim das contas – não foi muito.

OUTONO

Oh, tu maravilhoso outono,
Como tu coloras as folhas de dourado,
Com teu límpido ar tão claro e silencioso,
Mais uma vez quero me alegrar.

Vou à floresta, ao longo do pequeno lago;
Cala a vida, cala o canto,
Detenho o passo, detenho o andar,
Lembranças começam a despontar.

Lembranças olham para mim,
Provavelmente também o fizeram outras vezes.
Só uma coisa não segue esse ritmo.
O futuro sorridente não acompanha mais.

Passado me prende a seu encanto,
Passado me enlevou;
O olhar no outono, o tenho livre,
O olhar no outono. Mas o maio?

MINHA VIDA

Minha vida, uma vida mal chega a ser,
Vou indo, como num sonho.

Como sombras as pessoas vão apressadamente,
Uma sombra no meio disso eu mesmo sou.

E no coração, cansaço profundo –
Tudo me diz: Está na hora...

BOLHAS DE SABÃO

Crianças, para mostrar o seu prazer,
Soltam bolhas de sabão,
Como isso cintila no brilho do sol,
Algumas grandes e outras pequenas.
Sopradas em bocas que estão na média,
Mantiveram-se um completo segundo;
Diversas, porém, houve dentre elas,
Sim, se mantiveram até dois.
Uma subiu na altura da casa,
Aí encostou, aí acabou.

ÍCARO

Sempre a mesma história:
Vitórias, triunfos, tribunais divinos.
Aquele a quem todo salto, também o mais audaz, dá certo
Se sente arrebatado da lei,
Está fora do trotar diário,
Voar ele quer, ele é um Deus;
Ele ataca as rédeas da parelha solar, –
Nisso se fundem ao Ícaro as asas,
Voou alto demais, despenca, cai,
Um novo espetáculo tem o mundo,
Ainda há pouco ao céu conduzido...
Apolo, irado, o fulminou.

RETROSPECTIVA

Está chegando ao fim, e olho para trás.
Como foi minha vida? Como foi minha sorte?
Eu estava sentado e fazia meus sapatos;
Sob elogio e repreensão me observavam.

"Tu fazes poesia, isso é o mais importante..."
"Tu fazes poesia, isso é mais insignificante."

"Se a poesia não nos conduzisse ao céu..."
"Fantasias, besteira, mentira."
"Faísca divina, fogo de Prometeu..."
"Grilo estridulante, celeiro vazio."

Amado por centenas, desprezado por milhares,
Assim levei meu dias.

PARA COM ESSE DUVIDAR, SOFISMAR

Para com esse duvidar, sofismar,
Diante do qual até mesmo o melhor se desfaz,
E te mantém a crença plena
Nesse mundo apesar do mundo.

Olha para os traços de uma mulher
Que sorrindo olha para o bebê,
E sentirás que não é tudo mentira
Que a vida nos traz e manda.

E, coração, se queres te curar bem,
Sê tu mesmo verdadeiro, sê tu mesmo puro!
O que lemos no mundo e nas pessoas
É somente o próprio reflexo.

prosa poética

(n.t.)| Luang Prabang

TRÊS POEMAS À MISTERIOSA

ROBERT DESNOS

O TEXTO: Os poemas desta seleção pertencem à coletânea "À la mystérieuse", que integra o livro *Corps et Biens*, de 1930. A atmosfera onírica é recriada com a técnica da "escrita automática", de baixa vigilância e latente aproximação à realidade psíquica – espontânea e inconsciente. Nela, Desnos idealiza o perfil de sua amada, que se mostra ao mesmo tempo presente e evanescente, íntima e frágil. A poesia exprime o único modo de unir o desejo à realidade e, com isso, conquistar a eternidade.

Texto traduzido: Desnos, R. *Œuvres*. Paris: Gallimard, 1999.

O AUTOR: Robert Desnos (1900-1945), poeta francês, foi um membro ativo do grupo surrealista, considerado, devido à sua escrita automática, o melhor "médium" de experiências hipnóticas na poesia. Além de escrever para inúmeras revistas de vanguarda, exerceu também o jornalismo, engajando-se na luta contra o fascismo na Segunda Guerra Mundial, combatendo ao lado da Resistência francesa. Morreu na antiga Tchecoslováquia, em um campo de concentração.

A TRADUTORA: Lídia Rogatto é tradutora, revisora e jornalista do Ateliê da Tradução. É mestre em Divulgação Científica e Cultural pela Unicamp, especialista em Ensino e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras pela UFMG e especialista em Tradução (DBB/RJ). Cursou tradução francês-inglês na Université d'Ottawa, Canadá.

TROIS POÈMES À LA MYSTÉRIEUSE

"Toi qui restes insaisissable
dans la réalité et dans le rêve."

ROBERT DESNOS

J'AI TANT RÊVÉ DE TOI

J'ai tant rêvé de toi que tu perds ta réalité.

Est-il encore temps d'attendre ce corps vivant et de baiser sur cette bouche la naissance de la voix qui m'est chère?

J'ai tant rêvé de toi que mes bras habitués, en étreignant ton ombre, à se croiser sur ma poitrine ne se plieraient pas au contour de ton corps, peut-être.

Et que, devant l'apparence réelle de ce qui me hante et me gouverne depuis des jours et des années, je deviendrais une ombre sans doute.

Ô balances sentimentales.

J'ai tant rêvé de toi qu'il n'est plus temps sans doute que je m'éveille. Je dors debout, le corps exposé à toutes les apparences de la vie et de l'amour et toi, la seule qui compte aujourd'hui pour moi, je pourrais moins toucher ton front et tes lèvres que les premières lèvres et le premier front venu.

J'ai tant rêvé de toi, tant marché, parlé, couché avec ton fantôme qu'il ne me reste plus peut-être, et pourtant, qu'à être fantôme parmi les fantômes et plus ombre cent fois que l'ombre qui se promène et se promènera allègrement sur le cadran solaire de ta vie.

LES ESPACES DU SOMMEIL

Dans la nuit il y a naturellement les sept merveilles du monde et la grandeur et le tragique et le charme.

Les forêts s'y heurtent confusément avec des créatures de légende cachées dans les fourrés.

Il y a toi.

Dans la nuit il y a le pas du promeneur et celui de l'assassin et celui du sergent de ville et la lumière du réverbère et celle de la lanterne du chiffonnier.

Il y a toi.

Dans la nuit passent les trains et les bateaux et le mirage des pays où il fait jour. Les derniers souffles du crépuscule et les premiers frissons de l'aube.

Il y a toi.

Un air de piano, un éclat de voix.

Une porte claque. Une horloge.

Et pas seulement les êtres et les choses et les bruits matériels.

Mais encore moi qui me poursuis ou sans cesse me dépasse.

Il y a toi l'immolée, toi que j'attends.

Parfois d'étranges figures naissent à l'instant du sommeil et disparaissent.

Quand je ferme les yeux, des floraisons phosphorescentes apparaissent et se fanent et renaissent comme des feux d'artifice charnus.

Des pays inconnus que je parcours en compagnie de créatures.

Et y a toi sans doute, ô belle et discrète espionne.

Et l'âme palpable de l'étendue.

Et les parfums du ciel et des étoiles et le chant du coq d'il y a 2000 ans et le cri du paon dans des parcs en flamme et des baisers.

Des mains qui se serrent sinistrement dans une lumière blafarde et des essieux qui grincent sur des routes médusantes.

Il y a toi sans doute que je ne connais pas, que je connais au contraire.

Mais qui, présente dans mes rêves, t'obstines à s'y laisser deviner sans y paraître.

Toi qui restes insaisissable dans la réalité et dans le rêve.

Toi qui m'appartiens de par ma volonté de te posséder en illusion mais qui n'approches ton visage du mien que mes yeux clos aussi bien au rêve qu'à la réalité.

Toi qu'en dépit d'une rhétorique facile où 1e flot meurt sur les plages,

où la corneille vole dans des usines ruine, où le bois pourrit en craquant sous un soleil de plomb.

Toi qui es à la base de mes rêves et qui secoues mon esprit plein de métamorphoses et qui me laisses ton gant quand je baise ta main.

Dans la nuit il y a les étoiles et le mouvement ténébreux de la mer, des fleuves, des forêts, des villes, des herbes, des poumons de millions et millions d'êtres.

Dans la nuit il y a les merveilles du monde.

Dans la nuit il n'y a pas d'anges gardiens, mais il y a le sommeil.

Dans la nuit il y a toi.

Dans le jour aussi.

À LA FAVEUR DE LA NUIT

Se glisser dans ton ombre à la faveur de la nuit.

Suivre tes pas, ton ombre à la fenêtre,

Cette ombre à la fenêtre c'est toi, ce n'est pas une autre c'est toi.

N'ouvre pas cette fenêtre derrière les rideaux de laquelle tu bouges.

Ferme les yeux.

Je voudrais les fermer avec mes lèvres.

Mais la fenêtre s'ouvre et le vent, le vent qui balance bizarrement la flamme et le drapeau entoure ma fuite de son manteau.

La fenêtre s'ouvre : Ce n'est pas toi.

Je le savais bien.

TRÊS POEMAS À MISTERIOSA

"Você, que permanece elusiva
no sonho e na realidade."

ROBERT DESNOS

TANTO SONHEI CONTIGO

Tanto sonhei contigo que perdes tua realidade.

Ainda há tempo para alcançar esse corpo vivo e beijar sobre essa boca o nascimento da voz que me é cara?

Tanto sonhei contigo que os meus braços, habituados a abraçar tua sombra quando se cruzam no meu peito, talvez não se adaptassem ao contorno do teu corpo.

E frente à existência real daquilo que me persegue e me governa há dias e anos, eu certamente me transformaria em sombra.

Oh balanços sentimentais.

Tanto sonhei contigo que certamente não resta tempo para despertar. Durmo de pé, meu corpo exposto a todas as aparências da vida e do amor e tu, a única que agora importa para mim, mais difícil seria tocar tua fronte e lábios do que os primeiros lábios e a primeira fronte à vista.

Sonhei tanto contigo, tanto caminhei, falei, me deitei com teu fantasma, que não me resta nada exceto ser fantasma entre fantasmas, e cem vezes mais sombra que a sombra que passeia e passeará alegremente pelo quadrante solar de tua vida.

OS ESPAÇOS DO SONO

À noite há naturalmente as sete maravilhas do mundo e a grandeza e o trágico e o charme.

As florestas colidem confusamente com criaturas lendárias escondidas nos bosques.

Há você.

À noite há o passo do caminhante e o do assassino e o do policial e a luz do lampião e aquela do abajur.

Há você.

À noite passam os trens e os barcos e a miragem dos países onde já é dia. Os últimos sopros do crepúsculo e os primeiros arrepios do alvorecer.

Há você.

Uma melodia no piano, um grito.

Uma porta bate. Um relógio.

E não apenas os seres e as coisas e os rumores materiais.

Mas ainda eu, que me persigo ou sem cessar me ultrapasso.

Há você, o sacrifício, você que eu aguardo.

Às vezes estranhas figuras nascem no instante do sono e esvanecem.

Quando eu fecho os olhos, florações fosforescentes brotam e murcham e renascem como robustos fogos de artifício.

Países desconhecidos que eu percorro acompanhado de criaturas.

Há você sem dúvida, oh bela e discreta espiã.

E a alma concreta do horizonte.

E as fragrâncias do céu e das estrelas e o canto de 2000 anos do galo e o grito do pavão nos parques em chamas, e beijos.

Mãos que se apertam temivelmente sob uma luz pálida, e rodas que rangem em rotas abismais.

Há você, que sem dúvida não conheço, que conheço ao contrário.

Você, que presente nos meus sonhos, teima em se insinuar sem aparecer.

Você, que permanece elusiva no sonho e na realidade,

Você, que pertence a mim por minha vontade de possuir sua ilusão, mas que aproxima o rosto do meu apenas se meus olhos estão fechados em sonho e em realidade,

Você, que a despeito de uma retórica fácil em que a onda morre nas praias, em que a gralha voa entre usinas em ruínas, em que a madeira apodrece e racha sob um sol de chumbo,

Você, que sustenta meus sonhos e que estremece meu espírito pleno de metamorfoses e que me concede sua luva quando beijo sua mão.

À noite há as estrelas e o tenebroso movimento do mar, dos rios, das florestas, das cidades, dos bosques, dos pulmões de milhões e milhões de seres.

À noite há as maravilhas do mundo.

À noite não há anjos da guarda, mas há o sono.

À noite, há você.

No dia também.

GRAÇAS À NOITE

Penetrar na tua sombra graças à noite.

Seguir teus passos, tua sombra na janela,

Esta sombra na janela és tu, não outra, mas tu.

Não abras a janela atrás da cortina com que brincas.

Fecha os olhos.

Gostaria de fechá-los com meus lábios.

Mas a janela abre e o vento, que balança estranhamente a flama e a bandeira, cerca minha fuga com seu manto.

A janela se abre: não és tu.

Eu sabia.

contos

(n.t.)| Si Satchanalai

TEMPO DE MIGRAR PARA A LIBERDADE: MAIO, 2012

LAURA MACDISSI

O TEXTO: Tradução do 1º capítulo do romance *Tempo de Migrar para a liberdade*, intitulado "Maio, 2012", de Laura Macdissi. A narrativa marca o final, ou quase desfecho, da história da Lilly-Ann, uma jornalista de rádio que vivia em Estocolmo há 22 anos, quando um dia recebe um telefonema de sua mãe pedindo-lhe que fosse com urgência para Beirute. E ela se pergunta: por que deveria voltar a um país para o qual jurou nunca mais regressar?

Texto traduzido: لورا مقدسي، موسم الهجرة إلى الحرية، دار سائر المشرق، ٢٠١٧، ٥-١٣.

Agradecimentos: A Laura Macdissi, por conceder os direitos sobre a tradução deste primeiro capítulo e pela liberação do original.

A AUTORA: Laura Macdissi nasceu em 1961, no Líbano. É jornalista e escritora, e desde 1994, trabalha na imprensa libanesa e sueca. Foi funcionária da ONU no Iraque, Sudão e Congo. Em 2009 lançou seu primeiro livro em sueco, *700 dias em Bagdá*, no qual retrata a transição entre a antiga ditadura e a situação atual no Iraque, e em 2017, em árabe, *Tempo de migrar para a liberdade*, em que narra a trágica história da guerra civil no Líbano, a migração e o retorno. As histórias narradas por Macdissi abordam o tema dos refugiados, que percebem que a liberdade pela qual lutam é mais assustadora que as guerras e a escuridão deixadas para trás.

A TRADUTORA: Safa A-C Jubran é professora, livre docente de Árabe na USP. Além de livros, ensaios e estudos publicados, traduziu romances árabes modernos, incluindo: *Porta do sol e Yalo*, do libanês Elias Khoury, e *Nós cobrimos seus olhos*, do egípcio Alaa Aswany (Prêmio de melhor tradução 2014, ABL). Verteu para o árabe *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, e atualmente trabalha na versão de *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar. É líder do Grupo de Pesquisa Tarjama: escola de tradução de literatura árabe moderna. Para a (n.t.) traduziu o poeta egípcio Tamîm Al-Barghout.

موسم الهجرة إلى الحرية
أيار ٢٠١٢

" وربّما لأنّ في العودة ذلًّا وظلال فشل"

لورا مقدسي

كالوحي الأبيض انبلج ضوء النهار منبسطًا فوق مدينة استوكهولم.

أشجار الحور في الغابة المجاورة تعلو بأغصانها العارية نحو السماء بابتهال، كأنّها تتلو صلاة الشكر. تساقط المطر سخيًّا طوال الليل، ناعمًا من دون صخب. تأخّر الربيع عن موعده هذا العام، وشقائق النعمان في حديقتها لم تزهر بعد.

ليلة أمس، لم يغمض لها جفن. في الحقيقة، كان نومها متقطّعًا، متوتّرًا. ظّلت تتقلّب في فراشها تستعيد في ذهنها مكالمة والدتها. اتّصلت بها لتتمنى لها عيد ميلاد سعيدًا. للسنة الثانية والعشرين على التوالي، تنسى ليلي يوم ميلادها، ولولا مثابرة والدتها لمرَّ الثامن عشر من أيار كأيّ يوم عادي آخر في حياتها.

أمس، سألتها أناهيد مجدّدًا، هل تحتفل بعيد ميلادها مع الأصدقاء. ضحكت ليلي باستهزاء وقالت:

-أيّ عيد يا أمّي؟

-لا ضير من الاحتفال بقليل من الرقص والنبيذ.

- ربّما تظنين أنّي بعد في العشرين؟

وأطلقت أناهيد ضحكة مكبوتة على الطرف الآخر من الهاتف.

ثمّ صمتت هنيهة، لتطلب من ابنتها بحذر، أن تأتي على عجل. ليس للاحتفال بعيد ميلادها الذي كبرت عليه منذ غادرت بيروت، بل لأنّ والدها يسعى إلى الموت، رغم أنّ الموت لا يرغب به. وفوجئت ليلي

بأنّها لم ترتبك. لم تحزن. كأنّما فكرة الموت لم تعد تهزّها. خُيّل إليها وهي تضغط بهاتفها الجوّال على أذنها أنّ الماضي الذي طردته من ذاكرتها منذ سنوات بعيدة، جاء يطاردها كما لو كانت له أجنحة تسبقها ولو إلى أقاصي الأرض.

كانت الساعة تشير إلى التاسعة حين استيقظت. قامت تعدّ قهوتها الصباحية وفي خياشيمها رائحة الشاي المغلي بالقرفة والقرنفل، والذي كان والدها يعدّه كلّ صباح، لتتناول منه كوبًا قبل الذهاب إلى المدرسة. كان هذا الشاي رائحة طفولتها. رائحة عائلتها. وبيتها الذي كان.

طلبت منها والدتها أن تأتي، لا أن تعود إلى بيروت. ربما لأنّها كانت تخشى أن تنكأ جراحًا لم تندمل بعد. ربّما لأنّ مدينتها التي غادرتها قبل إثنين وعشرين عامًا لم تعد مدينتها، وربّما لأنّ في العودة ذلًّا وظلال فشل.

وقفت خلف الباب الزجاجي لحديقتها المطلّة على غابة الحور القريبة ترشف القهوة الممزوجة بالحليب على مهل. تذكّرت أنّها كانت شابّة واعدة ذات يوم. قبل أن ينهار كلّ شيء، قبل أن تتعب من الحرب، وتهرب من المدينة التي أدمنت الموت.

ومرّت السنوات سريعًا.

نسيت الماضي. ربّما لأنّ الزمن الجديد سَدل غطاء على القديم، أو ربّما لأنّ الذاكرة مغروزة في التربة كالمنجل. حاولت أن تبني حياةً جديدة في المدينة البعيدة، وفي ظنّها أنّ السعادة تكمن في العلاقة الحميمة بالمكان، في الانتماء إليه، في الذوبان فيه. في إلغاء المسافة بينها وبينه. أوليست الحاجة إلى الانتماء كالحاجة إلى الحبّ؟

انتعلت حذاءها الرياضي ولفّت عنقها بشال قطني ومشت صوب الغابة التي كانت تقصدها كلّما احتاجت أن ترتّب أفكارها. سمعت صوت الحصى ينجرش تحت قدميها. جلست على المقعد الخشبي الرطب، رفعت ياقتها حتى لامست أذنيها، فانزلق نصف وجهها داخل سترتها المبطنة.

سقط قلبها.

تذكّرت والدها، وتلك الليالي التي أمضياها معًا يقرآن الصحف على ضوء الشمعة علّهما يفهمان ما الذي جاء بعفاريت الحرب والموت إلى بيروت ليخرّبوا على أهلها عيشتهم ومستقبلهم. فكّرت في شقيقها أنطوني. فكّرت في نديم. في حياتها والمرأة التي آلت إليها.

وتوالى شريط الأحداث في رأسها. تذكّرت ليلتها البيروتية الأخيرة، وشعرت بالاختناق. كانت تجلس وناهي حول سرير أناهيد، والثلاثة في حالة ذهول، لا يصدّقون حجم الفاجعة التي نزلت عليهم كاللعنة.

-لماذا نحن يا ربّ؟ ما الخطأ الذي ارتكبناه؟ تساءلت أناهيد والدموع تسيل على وجهها. كانت عيناها زائغتين، ووجهها مكفهرًّا.

تلك الليلة، عصفت بليلي مشاعر قوية. أزمة ضمير. تنظر إلى تفاصيل وجهين كهليْن لم يعد لهما ما يعيشان من أجله. كانت أملهما الوحيد. حبل النجاة الذي يقيهما تعاسة الانزلاق إلى متاهات الوهن والشيخوخة. تعرف وضاعة فعلتها لكنّها لا تستطيع العودة عن قرارها بالرحيل. كانت تريد أن تتحرّر من السجن الكبير لتهرب بعيدًا، إلى أبعد نقطة ممكنة في الشمال، لتنقذ نفسها، وتداوي جروحها ومشاعر الذنب التي تنهش قلبها: هي تعيش فيما أنطوني مات! هي في طريقها إلى الأمان ووالداها يعيشان وسط حرب دموية. ماذا حلّ بالفتاة الرقيقة، الطيّبة؟ كيف غدت قاسية القلب إلى هذا الحدّ؟ ألم شديد سرى في مفاصل جسدها وهي تفرغ محتويات حقيبة السفر وتعيدها فارغة إلى مكانها تحت السرير. كان يكفيها أن تحمل شنطة أنطوني الصغيرة التي حوت بضع كاسيتات وصور لتشعر أنّها ليست وحيدة في هذه الرحلة.

كتبها، مجلاتها، وأدوات زينتها المبعثرة في الغرفة... فقدت كلّها رونقها. جلست على حافة سريرها تفكّر في ما قد تحتاج إليه في البلاد البعيدة، وهالها أنّها لم تشعر بحاجة إلى أي شيء. تمنّت فقط لو كان في استطاعتها اصطحاب والدَيْها. ألا يمكنها تهريبهما في الحقيبة؟ أوليست رحلتها هذه، في نهاية المطاف، محاولة هرب غير شرعيّة دفعت من أجل القيام بها كلّ ما كانت تملك في رصيدها!

صباح اليوم التالي، اصطحبها ناهي وأناهيد إلى محيط المتحف الوطني.

المدينة نائمة. جلست ليلي في المقعد الخلفي تستمع إلى خفقات قلبها. كان للصمت دويٌّ مروّع في أذنيها.

حين توقّف ناهي عند أول حاجز مسلّح، استدار إلى الخلف وراح يمطر ليلي بالنصائح. طلب إليها الاعتناء بصحّتها والوقاية من البرد.

-وإذا تبيّن أنّ أوروبا غير ما كنتِ تتوقّعين، لا تتردّدي في أن تركبي أول طائرة عائدة إلى بيروت. بيتك هنا في انتظاركِ، هتف ناهي.

وضمّت ليلي أمّها إلى صدرها وانتحبتا معًا هنيهات قليلة قبل أن يقع نظرها على نديم يلوّح لها من بعيد بكلتا ذراعيه. وربّتت على كتف أناهيد، كفكفت دمعها بقفا يدها، وقالت:

-أتصل بكما حالما أصل.

وحملت حقيبتها وهرعت تركض بين الحواجز في اتجاه نديم. لم تجرؤ على الالتفاتِ إلى الوراء. كل تجعيدة في وجهيْ ناهي وأناهيد تحكي عن فظاعة المأساة.

المسلّحون على الحواجز تفرّسوا بليلي الراكضة بلا هوادة، وفي نظراتهم مفاجأة وحسد.

-إلى أين يا عروس؟ نادى أحدهم.

-إلى الحرّية، أجابت لاهثة.

-يا نيّالك.

كان نديم يتكئ إلى سيارته، وعلى شفتيه ابتسامة مشغوفة. رفع إبهامه ناحية سيّارة توقّفت إلى جانب الطريق وفي داخلها مسلّحون. أخذ الحقيبة من يد ليلي ورماها فوق المقعد الخلفي.

-خفيفة كالريشة!

-وهل نحتاج إلى أكثر للخطيفة معًا؟ قالت مازحة وقفزت في سيّارته الشيفروليه.

-كان ليكون هذا يوم سعدي، لكنّك اخترتِ تأجيل الحبّ إلى موعدٍ غير محدَّد.

وتحرَّكت سيّارة المسلحين. تبعها نديم قائلًا:

-هؤلاء شباب من الحيّ. يؤدّون لي خدمة مقابل حفنة من النقود.

وجالت ليلي نظرها في شوارع المدينة وشعرت بالحزن يكتسحها. أشجار الصنوبر غدت سودًا وقد غطّاها رماد القذائف، والمباني جثت على ركبتيها كالحيوانات الجريحة، وقالت بصوتٍ عابقٍ بالشجن:

-كيف يمكن مدينة جارها القمر أن تصير بهذه البشاعة؟

-في نظري هي جميلة كما دائمًا، تعرفين لماذا؟ لأنّها مدينتي ببساطة. لا أعرف كيف ستقوين على العيش بعيدًا عنها. هي موجودة تحت مسامات جلدكِ، في لون بشرتكِ، في بؤبؤي عينيكِ.

ولاح المبنى الرمادي من بعيد. وضع نديم ابتسامة متكلّفة على شفتيه حين توقّف عند الحاجز السوري. السيّارة المرافقة انتظرت على مسافة أمتار، والمسلّحون في داخلها يراقبون الوضع في المرآة العاكسة. قلّب الجندي السوري جوازَي ليلي ونديم ولوّح بيده إيذانًا بالمرور.

وركن نديم سيّارته على بعد خطوتين من المدخل. رفع إبهامه عاليًا شاكرًا المسلّحين، فغادروا ملوّحين بأكفّهم في الهواء. استدارت ليلي نحوه، وقالت بصوت هامس:

-لماذا تساعدني كي أرحل عنك؟

-لأني أحبّكِ. الحبّ لا يعيش في قفص، قال وراح يدندن أغنية

L'amour est un oiseau rebelle من أوبرا كارمن.

ضمّته ليلي إلى صدرها، وقالت إنّ حبّها له لا يموت، لأنّه أكبر من الحرب والموت.

-سأنتظر هنا حتى تقلع الطائرة، قال بصوت متهدّج. وإن أزعجكِ الضابط السوري في الداخل ناوليه خمسة دولارات فيتركك بسلام.

-أتشوّق إلى أن أعطيه لكمة على وجهه.

-خمسة دولارات، حبيبتي. خمسة دولارات فقط تقيك العفن في السجون السورية.

وطبعت ليلي قبلة حارّة على شفتي نديم، وفكّرت في سرّها أنّها بلا ريب مجنونة لتتركه وترحل بعد ثماني سنوات من العشق والغرام. وأخذ نديم يديها وقبّل راحتيها. عيناه كانتا تضجّان بالغضب والحنان معًا.

-أشعر بنفسي كالقحباء. أتركك لأذهب في رحلة لا أعرف أين ستحطّ بي. كان الأحرى بنا أن نتزوّج بدلًا من هذا الفراق الأليم.

وداعب نديم وجنتها بأصابعه وعلى شفتيه ابتسامة حبّ، وقال:

-قد نتزوّج في نهاية المطاف. لننتظر قليلًا ريثما تلتئم جراحك.

وضمّها إلى صدره هنيهات قليلة، لثمها في عنقها، وهمس في أذنها قائلًا إنّه سيحبّها حتى يفرّق الموت بينهما، وأنّ القحباء الحقيقية هي الحرب.

تفلّتت ليلي من بين ذراعَي نديم المطبقتين حول خصرها، حملت حقيبتها وتوجّهت بخطوات بطيئة، متردّدة نحو مدخل المطار. فكّرت في سرّها أنّها لو لم تكن غبية لما تخلّت عن رجل يحبّها كلّ هذا القدر. كان نديم حبّها الأول، وها هي الآن تتركه وتذهب في سبيل حالها لا لأن حبّه لا يكفيها، لا لأنّه أخطأ في حقها، بل لأنّه ينتمي إلى مدينة أمعنت في إيذائها، وهي لا تملك إلّا أن ترحل لتنسى.

توقّفت أمام الضابط السوري برأس مرفوع. رفضت أن تضع في طيّات جوازها ورقة الدولارات الخمسة، بل آثرت أن تتحدّى القدر. فهل يجوز بعد أربعة عشر عامًا من الحرب أن تدفع بالدولار الأميركي كي تدخل مطارها؟

الضابط السوري كان متجهّم الوجه. أخذ جوازها، دقّق في المعلومات الشخصيّة، قلّب صفحاته مرّة. مرّتين. ثلاث مرّات. ثمّ أعاده إلى ليلي وتلفّظ بشيء كالخوار لم تفقه منه إلّا تمنيّات برحلة سعيدة.

ووقف المسافرون مع أطفالهم في الطابور. إلى جانب حقائب السفر، أكياس نايلون تحدث هسهسة عند فتحها وإغلاقها. في الأكياس خبز وصعتر وبقلاوة. غريبٌ أمر علاقتنا ببيروت، فكّرت ليلي. نشعر بالاختناق بين أحضانها، وبقلق الفراق عند مغادرتها. لعلّ هؤلاء المسافرين يحتاجون إلى الخبز والبقلاوة كما هي تحتاج إلى كاسيتات أنطوني وصوره وحقيبته. صلة وصل مع الماضي ربّما، مع المدينة التي نشأت فيها والناس الذين أحبّتهم، تستمع إليها عند الضرورة لتسكب دمعاتٍ قليلة من الحنين؟

وانتابت ليلي رغبة جامحة في أن تحمل حقيبتها الصغيرة وتهرع إلى حضن نديم، لتمضي عمرها كلّه بين ذراعيه. كان حبّها لنديم نقطة الضوء الوحيدة في هذا الظلام الدامس الذي اكتسح بيروت، ولولا هذا الحبّ لما استطاعت أن تعيش، وتقاوم الحرب. لكنّ وجه أنطوني على فراش الموت ملأها عزمًا وإصرارًا على الرحيل عن مدينة أخذته منها.

وفكّرت في حياتها الجديدة. لم تكن تعرف ما كان ينتظرها في بلاد الشمال، ولا كيف ستكون أيّامها ولياليها في مواسم الصقيع. كانت تأمل أن يعوضّها المستقبل عن ذلك الشعور العميق بالفشل الذي ينخر قلبها منذ حادث اختطافها. ستّة وعشرون عامًا من حياتها راحت سدى، من أجل لا شيء!

لا شيء!

وأخيرًا صدح نداء المغادرة.

توجّه الركّاب إلى باب الطائرة. تمهّلت ليلي في الصعود حتى أخذ جميع المسافرين مقاعدهم. كان في يقينها أنّ وقتًا طويلًا سيمرّ قبل أن تزور هذا المكان مجدّدًا. حين بلغت مقعدها قرب النافذة، كانت المضيفة الروسية ذات الشفاه المطلية بالأحمر تستعدّ لشرح تدابير السلامة. وأحنت ليلي رأسها صوب حافّة النافذة وجالت بنظرها على المدرج الخالي. ألقت تحيّة وداع أخيرة قبل أن تنزلق الطائرة بانسيابٍ صوب الأفق المفتوح على احتمالاتٍ لا متناهية.

من فوق بدت بيروت جزيرةً معزولة، مهجورة. فجأة شعرت ليلي بأنهار من الحنان تتدفّق في داخلها. كيف يمكن لها أن تحبَّ هذه المدينة وتكرهها في آن؟ تهجرها لتتنشّق حرّية، ثمّ تشعر بالإثم على فعلتها؟

أغمضت عينيها تصيخ السمع إلى الصوت الهامس في رأسها:

أهلًا بالحرّية.

TEMPO DE MIGRAR PARA A LIBERDADE:
MAIO, 2012

"E talvez porque haja no retorno
humilhação e sombras de fracasso."

LAURA MACDISSI

Qual revelação branca, explodiu a amanhã, derramando sua luz sobre a cidade de Estocolmo.

No bosque ao lado, os salgueiros, com seus galhos erguidos para o céu, pareciam recitar uma prece de gratidão. Ao longo da noite, a generosa chuva caía suave sem alarde. Este ano, a primavera está atrasada: as anêmonas ainda não brotaram em seu jardim.

Não pregou o olho na noite passada. Na verdade, teve um sono interrupto, tenso; virava na cama repassando a ligação de sua mãe que telefonou para lhe desejar um feliz aniversário. Pelo vigésimo segundo ano consecutivo, Lilly se esquecia de seu aniversário; não fosse a perseverança da mãe, o dezoito de maio passaria em branco.

Ontem, Anahîd lhe perguntara novamente se ela comemorava seu aniversário como os amigos, mas Lilly riu com sarcasmo e disse:

"Que aniversário, mãe?"

"Não faz mal nenhum celebrar com um pouco de dança e vinho?"

"Talvez pense que ainda estou com vinte anos!"

Do outro lado da linha, Anahîd deixou escapar uma risada contida. Calou-se, porém, por instantes, antes de pedir à sua filha que fosse às pressas, não para celebrar o aniversário, para o qual já estava muito velha, afinal já havia passado muito tempo desde que deixara Beirute, mas por causa

de seu pai, que caminhava até a morte, sem que esta o desejasse. Lilly admirou-se por não ter ficado abalada nem triste, como se a ideia da morte não a perturbasse mais. Pensou, enquanto apertava seu celular contra a orelha, que o passado que ela expulsara do pensamento há anos estava voltando para persegui-la, e que se tivesse asas, lá estariam sempre à sua frente, mesmo se fosse para o fim do mundo.

Eram nove horas quando se despertou. Levantou para preparar o café da manhã, sentindo o aroma do chá de canela fervida com cravo, que o pai preparava toda manhã em um copo para ela tomar antes de ir à escola. Esse chá era o cheiro de sua infância, de sua família e de sua casa que já foi.

Sua mãe lhe pedira para que fosse, não para que voltasse a Beirute, temendo cutucar uma ferida ainda aberta. Talvez porque a cidade que ela havia deixado vinte anos atrás não fosse mais sua cidade e talvez porque haja no retorno humilhação e uma sombra de fracasso.

De pé, atrás da porta de vidro que a separava do jardim, vizinho do bosque de salgueiros, ela tomava devagar seu café com leite. Rememorou que um dia fora uma jovem promissora, antes de tudo desabar, antes de ela se cansar da guerra e fugir da cidade viciada em morte.

Os anos se passaram rapidamente.

Esqueceu-se do passado, talvez porque o novo tempo havia coberto o antigo, ou talvez porque a memória estava fincada na terra feito foice. Tentou construir uma vida nova na cidade distante, acreditando que a felicidade estaria na relação íntima com o lugar, de pertencer a ele, de se diluir nele, de abolir a distância entre ambos. Não seria a necessidade de pertencer parecida com a necessidade de amar?

Calçou seu tênis, contornou o pescoço com um xale de algodão e caminhou em direção ao bosque aonde se refugiava toda vez que necessitava organizar as ideias. Escutou o barulho dos pedregulhos despedaçarem sobre seus pés. Sentou-se no banco de madeira úmido, levantou a gola até tocar as orelhas, e logo, metade do rosto aninhou-se dentro do agasalho.

Seu coração sucumbiu.

Lembrou-se do pai e daquelas noites quando passaram juntos lendo os jornais à luz de vela, tentando entender quem era o responsável por trazer os demônios da guerra e da morte para Beirute, com a finalidade de arruinar a vida e o futuro de sua gente. Pensou em Antony, seu irmão; pensou em Nadîm, em sua vida e na mulher que se tornou.

Os eventos, assim como cenas de filme, se passavam em sua cabeça. Lembrou-se de sua última noite em Beirute, sentindo-se sufocada. Ela e Nâhi estavam sentados ao redor da cama de Anahîd, os três absortos, sem acreditar na desgraça que abateu sobre eles feito maldição.

- Deus! Por que nós? Que crime cometemos? Perguntava Anahîd e as lágrimas escorriam pelas faces; seus olhos perdidos e o rosto sombrio.

Naquela noite, Lilly foi varrida por emoções fortes. Crise de consciência. Contemplava a expressão de dois rostos velhos que não tinham mais motivo para viver. Ela era sua única esperança. A corda de salvação que lhes impedia de escorregar no labirinto da debilidade e da senilidade. Ela reconhecia a mesquinharia de seu ato, mas não conseguia voltar atrás da decisão de partir. Queria se libertar da grande prisão e fugir para longe, para o lugar mais distante do Norte, a fim de se salvar e curar as feridas e os sentimentos de culpa que lhe devoravam o coração: ela está viva enquanto Antony está morto! Ela está a caminho da segurança, mas seus pais vivem ao meio a uma guerra sangrenta. O que houve com a menina meiga e delicada? Como se tornou dura a esse ponto?

Sentia fortes dores no corpo enquanto esvaziava sua mala para guardá-la novamente embaixo da cama. Bastava-lhe carregar a malinha do Antony que continha algumas fitas cassete e fotografias para sentir que não estava sozinha nessa viagem.

Seus livros, revistas e produtos de maquiagem espalhados pelo quarto, tudo havia perdido o brilho. Sentou-se à beira da cama a pensar nas coisas que podia precisar em terras distantes e se assombrou com a constatação de que não precisaria de nada. Desejou apenas que seus pais pudessem acompanhá-la. Não poderia contrabandeá-los na mala? Mas não seria esta sua viagem. No fim das contas, era uma tentativa ilegal de fugir, e para realizá-la, acabou gastando tudo o que tinha em sua conta bancária!

Na manhã do dia seguinte, Nâhi e Anahîd acompanharam-na nas cercanias do Museu Nacional.

A cidade ainda dormia. Lilly sentou-se no banco traseiro, escutava as batidas de seu coração. O silêncio tinha um estrondo assustador em seu ouvido.

Quando Nâhi parou na primeira barreira de controle armada, olhou para trás e começou a inundar Lilly com conselhos. Pediu-lhe para cuidar da saúde e se proteger do frio.

"Se descobrir que a Europa não é o que você esperava, não hesite em pegar o primeiro avião de volta a Beirute; sua casa está aqui esperando" – Hanî gritou.

Lilly apertou a mãe contra o peito e ambas choraram por instantes antes de ela avistar Nadîm acenando para ela de longe com os dois braços. Deu umas batidinhas no ombro de Anahîd, secou suas lágrimas com o dorso da mão e disse:

"Entro em contato logo que chegar."

Pegou sua mala, correu entre as barreiras em direção a Nadîm. Não teve coragem de olhar para trás. Cada ruga nos rostos de Nâhi e Anahîd contava da tragédia terrível.

Os homens armados nas barreiras fixavam os olhos em Lilly que corria sem parar, e em seus olhares havia espanto e inveja.

"Para onde, princesa?" – um deles gritou

"Para a liberdade" – ofegante, respondeu.

"Quem me dera!"

Nadîm apoiava-se no carro com um sorriso amoroso. Apontou, com o dedo indicador, para um carro parado do outro lado da rua, ocupado por homens armados. Pegou a mala da mão de Lilly, jogou-a no banco traseiro e disse:

"Está leve como pena!"

"Por acaso, precisávamos de muitas coisas para fugir juntos? – Disse ela brincando, enquanto se enfiava rapidamente no Chevrolet."

"Teria sido o dia mais feliz de minha vida! Mas você escolheu prorrogar o amor por um prazo indeterminado."

O carro dos homens armados se movimentou e Nadîm explicou:

"É rapaziada do bairro. Fazem esse favor para mim em troca de um punhado de dinheiro."

Lilly passeava seu olhar pela cidade e uma tristeza a abateu. Os pinheiros, cobertos pelas cinzas dos morteiros, pareciam pretos, e os prédios, caídos sobre os joelhos, animais feridos.

"Como pode uma cidade que tem a lua como vizinha ficar tão feia? – Lamentou com uma voz carregada de angústia."

"Em meus olhos, ela está bonita como sempre foi, sabe por quê? Porque é simplesmente minha cidade. Não sei como suportará viver longe dela. Ela está sob sua pele, na cor de sua cútis, em suas pupilas."

Lá estava ele, o edifício cinza despontando ao longe. Nadîm pôs um sorriso forçado nos lábios quando parou no ponto de controle sírio. O carro que os acompanhava ficou parado, aguardando a poucos metros, enquanto seus ocupantes observavam a situação pelo espelho retrovisor. O soldado sírio revirou os passaportes de Lilly e Nadîm, e logo acenou, permitindo-lhes a passagem.

Nadîm estacionou seu carro a dois passos da entrada. Levantou seu indicador em agradecimento aos rapazes armados, que partiram acenando, varrendo o ar com as mãos. Lilly virou para ele e perguntou sussurrando:

"Por que está me ajudando a deixá-lo?"

"Porque a amo e o amor não vive em gaiola" – respondeu e começou a cantarolar "L'amour est un oiseau rebelle", da ópera de Carmen.

Lilly o abraçou fortemente e lhe disse que seu amor não morrerá porque é maior do que a guerra e a morte.

"Vou esperar aqui até o avião decolar" – disse com a voz embargada –, "e se o oficial sírio aí dentro incomodá-la, dê-lhe cinco dólares, que a deixará em paz."

"Gostaria de lhe dar um soco no nariz!"

"Cinco dólares, minha querida, cinco dólares apenas a livram de mofar nas prisões sírias."

Lilly selou os lábios do Nadîm com um beijo ardente e pensou em seu íntimo que certamente não passava de uma desvairada para deixá-lo e partir após oito anos de paixão e amor. Raiva e ternura se duelavam nos olhos dele.

"Estou me sentindo uma vadia. Estou largando você para partir em uma viagem sem saber onde vou parar. Deveríamos ter nos casado em vez desta separação doída."

Nadîm acariciou-lhe a bochecha e sorrindo amavelmente, lhe disse:

"Talvez casássemos no final, mas vamos aguardar um pouco até que suas feridas se curem."

Apertou-a contra o peito por instantes, beijou-lhe a nuca, dizendo em seu ouvido que vai amá-la até que a morte os separe e que a guerra era a verdadeira vadia.

Lilly se desvencilhou dos braços do Nadîm que lhe apertavam a cintura, carregou sua mala e caminhou com passos lentos e hesitantes até a entrada do aeroporto. Pensou que, se não fosse idiota, não largaria um homem que a

amasse tanto. Nadîm foi seu primeiro amor, e agora o deixa para seguir sozinha, não porque seu amor não era o bastante, nem porque ele havia errado com ela, mas sim porque ele pertence a uma cidade que insistiu em machucá-la, e ela não tem outra saída além de partir para esquecer.

Parou diante do oficial sírio com a cabeça erguida. Recusou-se a colocar a cédula de cinco dólares entre as folhas do passaporte, preferindo desafiar o destino. Era justo, após catorze anos de guerra, pagar em moeda americana para entrar no próprio aeroporto?

De cara amarrada, o oficial sírio pegou o passaporte, verificou as informações pessoais, virou suas páginas uma vez, duas, três vezes, depois lhe devolveu e balbuciou algo, que mais parecia um mugido, do qual conseguiu extrair nada além do desejo por uma boa viagem.

Os passageiros pararam em fila com suas crianças, ao lado das malas havia sacos plásticos que faziam barulho a cada abrir e fechar, enquanto que nos sacos havia pão, *zaatar* e *baclawa*. "É estranha a nossa relação com Beirute" – pensou Lilly –, "sentimo-nos sufocados em seus braços e intranquilos quando a deixamos". Talvez aquelas pessoas precisem de pão e *baclawa* da mesma forma que ela precisava das fitas de Antony, de suas fotografias e de sua mala. Seriam uma ligação com o passado ou, quem sabe, com a cidade onde crescera e viviam as pessoas que ela amava, e que iria escutá-las quando sentisse vontade de verter algumas lágrimas de saudade?

Teve uma vontade incontrolável de pegar sua pequena mala e correr de volta para o colo de Nadîm, e para passar a vida toda em seus braços. Seu amor por ele era o único ponto de luz na escuridão que invadiu Beirute, e se não fosse esse amor, não teria sobrevivido e resistido à guerra. O rosto de Antony no leito da morte a encheu de vontade e de determinação para deixar a cidade que o tirou dela.

Pensou em sua nova vida. Não sabia o que a esperava nas terras nórdicas, nem como seriam seus dias e noites nos tempos gélidos. Esperava que o futuro lhe compensasse por aquele sentimento profundo de fracasso que lhe carcomia o coração desde o acidente de seu sequestro. Vinte e seis anos de sua vida se passaram em vão, por nada!

Nada!

Finalmente ouviu o chamado de embarque.

Os passageiros se dirigiram até a porta do avião. Lilly esperou para que todos tomassem seus acentos. Estava certa que um longo tempo se passaria antes de voltar a ver este lugar novamente. Quando alcançou seu acento perto da janela, a comissária russa de lábios desenhados com batom vermelho

se preparava para dar as explicações de segurança. Lilly inclinou sua cabeça até a borda da janela e olhou para a escada vazia. Deu seu último adeus antes de o avião deslizar reto em direção ao horizonte aberto para infinitas possibilidades.

Do alto, Beirute parecia uma ilha isolada, abandonada. De repente, rios de ternura jorraram dentro de Lilly. "Como podia amar esta cidade e odiá-la ao mesmo tempo? Abandoná-la para respirar a liberdade e depois sentir-se culpada por fazê-lo?"

Fechou os olhos para escutar atentamente a voz que sussurrava dentro de sua cabeça.

"Bem-vinda à liberdade".

A MOSCA

RIICHI YOKOMITSU

O TEXTO: O conto "A Mosca" foi originalmente publicado na revista *Bungei Shunjû* (文藝春秋), em 1923. Um cocheiro corcunda, uma lavradora desesperada para rever o filho à beira da morte, dois jovens fugitivos, um provinciano metido a fidalgo, uma mãe com o filho e uma mosca, todos esses personagens se reúnem e partem juntos em direção à cidade.

Texto traduzido: 蠅. 横光利一. In. 日輪・春は馬車に乗って 他八篇」岩波文庫、岩波書店.

O AUTOR: Riichi Yokomitsu (1898-1947) foi um escritor modernista japonês conhecido por textos experimentais e um dos principais membros do movimento *Shinkankakuha* (neo-sensorialismo, 1924-1930) que, influenciado pelos movimentos de vanguarda europeus como o futurismo, o dadaísmo e o surrealismo, propunha uma sensibilidade estética na qual a realidade deveria ser apreendida de forma imediata e intuitiva pelo indivíduo.

A TRADUTORA: Karen Kazue Kawana é mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Para a (n.t.) traduziu Osamu Dazai e Nankichi Niimi.

蠅

「ただ眼の大きな一疋の蠅だけは、
薄暗い厩の隅の蜘蛛の巣にひっかかると。」

横光利一

一

真夏の宿場は空虚であった。ただ眼の大きな一疋の蠅だけは、薄暗い厩の隅の蜘蛛の巣にひっかかると、後肢で網を跳ねつつ暫くぶらぶらと揺れていた。と、豆のようにぼたりと落ちた。そうして、馬糞の重みに斜めに突き立っている藁の端から、裸体にされた馬の背中まで這い上った。

二

馬は一条の枯草を奥歯にひっ掛けたまま、猫背の老いた馭者の姿を捜している。

馭者は宿場の横の饅頭屋の店頭で、将棋を三番さして負け通した。

「何に？文句をいうな。もう一番じゃ。」

すると、廂を脱れた日の光は、彼の腰から、円い荷物のような猫背の上へ乗りかかって来た。

三

宿場の空虚な場庭へ一人の農婦が馳けつけた。彼女はこの朝早く、街に務めている息子から危篤の電報を受けとった。それから露に湿った三里の山路を馳け続けた。

「馬車はまだかのう？」

彼女は駅者部屋を覗いて呼んだが返事がない。

「馬車はまだかのう？」

歪んだ畳の上には湯飲みが一つ転っていて、中から酒色の番茶がひとり静に流れていた。農婦はうろうろと場庭を廻ると、饅頭屋の横からまた呼んだ。

「馬車はまだかの？」

「先刻出ましたぞ。」

答えたのはその家の主婦である。

「出たかのう。馬車はもう出ましたかのう。いつ出ましたな。もうちと早よ来ると良かったのじゃが、もう出ぬじゃろか？」

農婦は性急な泣き声でそういう中に、早や泣き出した。が、涙も拭かず、往還の中央に突き立っていてから、街の方へすたすたと歩き始めた。

「二番が出るぞ。」

猫背の駅者は将棋盤を見詰めたまま農婦にいった。農婦は歩みを停めると、くるりと向き返ってその淡い眉毛を吊り上げた。

「出るかの。直ぐ出るかの。悴が死にかけておるのじゃが、間に合わせておくれかの？」

「桂馬と来たな。」

「まアまア嬉しや。街までどれほどかかるじゃろ。いつ出しておくれるのう。」

「二番が出るわい。」と駅者はぽんと歩を打った。

「出ますかな、街までは三時間もかかりますかな。三時間はたっぷりかかりますやろ。悴が死にかけていますのじゃ、間に合せておくれかのう？」

四

野末の陽炎の中から、種蓮華を叩く音が聞えて来る。若者と娘は宿場の方へ急いで行った。娘は若者の肩の荷物へ手をかけた。

「持とう。」

「何アに。」

「重たかろうが。」

若者は黙っていかにも軽そうな容子を見せた。が、額から流れる汗は塩辛かった。

「馬車はもう出たかしら。」と娘は呟いた。

若者は荷物の下から、眼を細めて太陽を眺めると、

「ちょっと暑うなったな、まだじゃろう。」

二人は黙ってしまった。牛の鳴き声がした。

「知れたらどうしよう。」と娘はいうとちょっと泣きそうな顔をした。

種蓮華を叩く音だけが、幽かに足音のように追って来る。娘は後を向いて見て、それから若者の肩の荷物にまた手をかけた。

「私が持とう。もう肩が直ったえ。」

若者はやはり黙ってどしどしと歩き続けた。が、突然、「知れたらまた逃げるだけじゃ。」と呟いた。

五

宿場の場庭へ、母親に手を曳かれた男の子が指を銜えて這入って来た。

「お母ア、馬々。」

「ああ、馬々。」男の子は母親から手を振り切ると、厩の方へ馳けて来た。そうして二間ほど離れた場庭の中から馬を見ながら、「こりゃッ、こりゃッ。」と叫んで片足で地を打った。

馬は首を擡げて耳を立てた。男の子は馬の真似をして首を上げたが、耳が動かなかった。で、ただやたらに馬の前で顔を顰めると、再び、「こりゃッ、こりゃッ。」と叫んで地を打った。

馬は槽の手蔓に口をひっ掛けながら、またその中へ顔を隠して馬草を食った。

「お母ア、馬々。」

「ああ、馬々。」

六

「おっと、待てよ。これは悴の下駄を買うのを忘れたぞ。あ奴は西瓜が好きじゃ。西瓜を買うと、俺もあ奴も好きじゃで両得じゃ。」

田舎紳士は宿場へ着いた。彼は四十三になる。四十三年貧困と戦い続けた効あって、昨夜漸く春蚕の仲買で八百円を手に入れた。今彼の胸は未来の画策のために詰っている。けれども、昨夜銭湯へ行ったとき、八百円の札束を鞄に入れて、洗い場まで持って這入って笑われた記憶については忘れていた。

農婦は場庭の床几から立ち上ると、彼の傍へよって来た。

「馬車はいつ出るのでござんしょうな。悴が死にかかっていますので、早よ街へ行かんと死に目に逢えまい思いましてな。」

「そりゃいかん。」

「もう出るのでござんしょうな、もう出るって、さっきいわしゃったがの。」

「さアて、何しておるやらな。」

若者と娘は場庭の中へ入ってきた。農婦はまた二人の傍へ近寄った。

「馬車に乗りなさるのかな。馬車は出ませんぞな。」

「出ませんか？」と若者は訊き返した。

「出ませんの？」と娘はいった。

「もう二時間も待っていますのやが、出ませんぞな。街まで三時間かかりますやろ。もう何時になっていますかな。街へ着くと正午になりますやろか。」

「そりゃ正午や。」と田舎紳士は横からいった。農婦はくるりと彼の方をまた向いて、

「正午になりますかいな。それまでにゃ死にますやろな。正午になりますかいな。」

という中にまた泣き出した。が、直ぐ饅頭屋の店頭へ馳けて行った。

「まだかのう。馬車はまだなかなか出ぬじゃろか？」

猫背の駅者は将棋盤を枕にして仰向きになったまま、簀の子を洗っている饅頭屋の主婦の方へ頭を向けた。

「饅頭はまだ蒸さらんかいのう？」

七

馬車は何時になったら出るのであろう。宿場に集った人々の汗は乾いた。しかし、馬車は何時になったら出るのであろう。これは誰も知らない。だが、もし知り得ることの出来るものがあったとすれば、それは饅頭屋の竈の中で、漸く脹れ始めた饅頭であった。何ぜかといえば、この宿場の猫背の駅者は、まだその日、誰も手をつけない蒸し立ての饅頭に初手をつけるということが、それほどの潔癖から長い年月の間、独身で暮さねばならなかったという彼のその日その日の、最高の慰めとなっていたのであったから。

八

宿場の柱時計が十時を打った。饅頭屋の竈は湯気を立てて鳴り出した。

ザク、ザク、ザク。猫背の馭者は馬草を切った。馬は猫背の横で、水を充分飲み溜めた。ザク、ザク、ザク。

九

馬は馬車の車体に結ばれた。農婦は真先に車体の中へ乗り込むと街の方を見続けた。

「乗っとくれやア。」と猫背はいった。

五人の乗客は、傾く踏み段に気をつけて農婦の傍へ乗り始めた。

猫背の馭者は、饅頭屋の簀の子の上で、綿のように脹らんでいる饅頭を腹掛けの中へ押し込むと馭者台の上にその背を曲げた。喇叭が鳴った。鞭が鳴った。

眼の大きなかの一疋の蠅は馬の腰の余肉の匂いの中から飛び立った。そうして、車体の屋根の上にとまり直ると、今さきに、漸く蜘蛛の網からその生命をとり戻した身体を休めて、馬車と一緒に揺れていった。

馬車は炎天の下を走り通した。そうして並木をぬけ、長く続いた小豆畑の横を通り、亜麻畑と桑畑の間を揺れつつ森の中へ割り込むと、緑色の森は、漸く溜った馬の額の汗に映って逆さまに揺らめいた。

十

馬車の中では、田舎紳士の饒舌が、早くも人々を五年以来の知己にした。しかし、男の子はひとり車体の柱を握って、その生々した眼で野の中を見続けた。

「お母ア、梨々。」

「ああ、梨々。」

馭者台では鞭が動き停った。農婦は田舎紳士の帯の鎖に眼をつけた。

「もう幾時ですかいな。十二時は過ぎましたかいな。街へ着くと正午過ぎになりますやろな。」

馭者台では喇叭が鳴らなくなった。そうして、腹掛けの饅頭を、今や尽く胃の腑の中へ落し込んでしまった馭者は、一層猫背を張らせて居眠り出した。その居眠りは、馬車の上から、かの眼の大きな蠅が押し黙った数段の梨畑を眺め、真夏の太陽の光りを受けて真赤に栄えた赤土の断崖を仰ぎ、突然

に現れた激流を見下して、そうして、馬車が高い崖路の高低でかたかたときしみ出す音を聞いてもまだ続いた。しかし、乗客の中で、その馭者の居眠りを知っていた者は、僅かにただ蠅一疋であるらしかった。蠅は車体の屋根の上から、馭者の垂れ下った半白の頭に飛び移り、それから、濡れた馬の背中に留って汗を舐めた。

馬車は崖の頂上へさしかかった。馬は前方に現れた眼匿しの中の路に従って柔順に曲り始めた。しかし、そのとき、彼は自分の胴と、車体の幅とを考えることは出来なかった。一つの車輪が路から外れた。突然、馬は車体に引かれて突き立った。瞬間、蠅は飛び上った。と、車体と一緒に崖の下へ墜落して行く放埒な馬の腹が眼についた。そうして、人馬の悲鳴が高く一声発せられると、河原の上では、圧し重なった人と馬と板片との塊りが、沈黙したまま動かなかった。が、眼の大きな蠅は、今や完全に休まったその羽根に力を籠めて、ただひとり、悠々と青空の中を飛んでいった。

A Mosca

"*Uma única mosca de grandes olhos havia se enroscado*
na teia de aranha, no canto escuro do estábulo."

RIICHI YOKOMITSU

1.

A hospedaria estava vazia em pleno verão. Uma única mosca de grandes olhos havia se enroscado na teia de aranha, no canto escuro do estábulo. Ela batia as patas traseiras enquanto se balançava de um lado para o outro até que, por fim, foi ao chão como um grão de soja. Então, da ponta de um pedaço de feno espetado diagonalmente em um monte de bosta, ela subiu até as costas nuas de um cavalo.

2.

O cavalo buscava a figura do velho cocheiro corcunda com uma folha de grama seca presa entre os dentes dos fundos.

O cocheiro perdia a terceira partida de *shôgui*[1] sentado na frente da loja de *manjû*[2], ao lado da hospedaria.

– O quê? Pare de reclamar! Vamos jogar mais uma vez!

E, assim, os raios de sol que escapavam pela beirada do telhado se deslocaram de suas coxas e subiram até a corcunda que se assemelhava a um embrulho arredondado.

[1] Jogo de tabuleiro semelhante ao xadrez. (n.t.)
[2] Iguaria japonesa que consiste em uma massa recheada com doce de feijão cozida no vapor. (n.t.)

3.

A lavradora chegou correndo ao pátio da hospedaria vazia. De manhã cedo, ela havia recebido um telegrama informando que o filho que trabalhava na cidade estava gravemente enfermo. Ela percorrera os cinco quilômetros da estrada montanhosa umedecida pela névoa.

– O coche já saiu? – gritou, espiando o quarto do cocheiro, mas não houve resposta.

– O coche já saiu?

Um fio de chá escorria languidamente do interior de um copo caído sobre o tatame deformado. A lavradora deu uma volta no pátio e gritou mais uma vez ao lado da loja de *manjû*.

– O coche já saiu?

– Ele já saiu – quem respondeu foi a dona da loja.

– Saiu? O coche já saiu? Quando? Podia ter chegado um pouco mais cedo... Não vai sair mais nenhum?

A lavradora começou a chorar enquanto falava atropeladamente com a voz lamuriosa. Ela ficou parada, em pé, no meio da estrada. Em seguida, sem enxugar as lágrimas, começou a caminhar bruscamente na direção da cidade.

– O segundo coche vai sair – disse o cocheiro corcunda para a lavradora sem tirar os olhos do tabuleiro de *shôgui*. Ela parou de andar, voltou-se e levantou as sobrancelhas escassas:

– Vai sair? Vai sair logo? Meu filho está morrendo, será que chego a tempo?

– É a vez do cavalo.

– Ah, que bom! Quanto tempo leva até a cidade? Quando vamos sair?

– Agora é o segundo! – disse o cocheiro batendo o peão sobre o tabuleiro.

– Vai sair? São três horas até a cidade? São três horas inteiras até a cidade? Meu filho está morrendo, será que chego a tempo?

4.

O som do lótus sendo batido para a colheita das sementes chegava dos campos longínquos em meio ao calor bruxuleante. O rapaz e a moça ca-

minhavam apressadamente na direção da hospedaria. A moça colocou a mão sobre o embrulho no ombro do rapaz.

– Deixe-me carregar!

– Por quê?

– Deve estar pesado.

Sem dizer nada, o rapaz fez cara de que não sentia peso algum, no entanto, o suor que escorria de sua testa era salgado.

– Será que o coche já saiu? – murmurou a moça.

O rapaz espremeu os olhos observando o sol sobre a sua carga.

– Esquentou um pouco, né? Acho que ele ainda não saiu.

Os dois ficaram quietos. Uma vaca mugiu.

– O que faremos se descobrirem? – disse a moça com um leve ar de choro.

Apenas o som do lótus sendo batido seguia-os, lembrando vagamente o som de passos. A moça olhou para trás e depois colocou a mão novamente sobre o embrulho no ombro do rapaz.

– Deixe-me carregar. Meu ombro já melhorou.

O rapaz continuou a caminhar sem dizer nada. De repente, murmurou:

– Se descobrirem, só nos resta fugir outra vez.

5.

A mãe entrou no pátio da hospedaria puxando o menino pela mão. Ele trazia o dedo na boca.

– Mamãe, um cavalo! Olhe o cavalo!

O menino se desvencilhou da mão da mãe e correu até o estábulo. Ele observava o cavalo do interior do pátio a uma distância de três metros.

– Ei, ei! – gritou e bateu um dos pés no chão.

O cavalo espichou o pescoço e levantou as orelhas. O menino espichou o pescoço imitando o cavalo, mas não conseguiu mexer as orelhas. Então se limitou a fazer caretas na frente do cavalo, depois, voltou a gritar:

– Ei, ei! – gritou e bateu o pé no chão.

Enroscando a boca na alça do balde, o cavalo escondeu a cabeça outra vez em seu interior para comer forragem.

– Mamãe, um cavalo! Olhe o cavalo!

6.

– Oh, espere! Eu me esqueci de comprar chinelos para meu filho! Ele gosta de melancia. Eu também gosto de melancia, se comprar uma, nós dois vamos nos esbaldar!

Um provinciano metido a fidalgo chegou à hospedaria. Ele fará quarenta e três anos. Após lutar contra a penúria por quarenta e três anos, finalmente teve sucesso. Na noite anterior, finalmente conseguiu ganhar oitocentos ienes com a venda de bichos-da-seda. Seu peito está cheio de planos para o futuro. Ele até se esqueceu de que fora motivo de risadas ao ir se lavar no banho público carregando a bolsa onde enfiara o maço com os oitocentos ienes na noite anterior.

A lavradora se levantou do banco do pátio onde estava sentada e se aproximou.

– Quando será que o coche vai sair? Meu filho está morrendo, se não for logo para a cidade, não conseguirei vê-lo antes que morra.

– Isso é terrível!

– Será que ele já vai sair? O cocheiro disse que sairia daqui a pouco.

– Ora, o que será que ele está fazendo?

O rapaz e a moça entraram no pátio. A lavradora também se aproximou dos dois.

– Vocês vão pegar o coche? Ele não sai nunca!

– Não sai? – repetiu o rapaz.

– Ele não vai sair? – perguntou a moça.

– Estou esperando há duas horas e ele ainda não saiu. A viagem até a cidade leva três horas, não é mesmo? Que horas serão? Já passará do meio-dia quando chegarmos à cidade?

– Sim, já passará do meio-dia! – disse o provinciano metido a fidalgo. A lavradora se voltou em sua direção.

– Passará do meio-dia? Ele estará morto até lá. Passará do meio-dia? – disse e começou a chorar novamente, em seguida, correu até a frente da loja de *manjû.*

– Ainda vai demorar? O coche ainda não vai sair?

O cocheiro corcunda estava deitado de costas e usava o tabuleiro de *shôgui* como travesseiro. Ele voltou a cabeça na direção da dona da loja que lavava os estrados de madeira.

– Os *manjûs* ainda não ficaram prontos?

7.

Quando o coche sairia? As pessoas reunidas na hospedaria estavam impacientes. Qual era o horário do coche, afinal de contas? Isso ninguém sabia. Mas se havia alguém que poderia responder a essa questão, esse alguém eram os *manjûs* que finalmente começavam a inchar no interior da panela na loja. Por quê? Porque o cocheiro corcunda daquela hospedaria fazia questão de ser o primeiro a tocar nos *manjûs* quentinhos. Essa era uma prática que repetia meticulosamente há vários anos, todos os dias, o ponto alto e reconforto de sua vida de solteirão.

8.

O relógio na parede da hospedaria bateu dez horas. A panela da loja de *manjû* começou a chiar e a soltar vapor.

Sss... Ssss... Sss... O cocheiro corcunda cortou feno. Ao seu lado, o cavalo bebeu bastante água. Sss... Sss... Sss...

9.

O cavalo foi atado ao coche. A lavradora foi a primeira a subir e manteve os olhos fixos na direção da cidade.

– Subam! – disse o corcunda.

Tomando cuidado com os degraus inclinados, os cinco passageiros começaram a subir após a lavradora.

Os *manjûs* sobre o estrado da loja, inchados como pedaços de algodão, foram enfiados pelo cocheiro no interior de seu avental. Em seguida, ele subiu no banco do coche e curvou-se. A corneta soou. O chicote estalou.

A mosca de grandes olhos saiu voando do meio das fragrantes dobras de carne das coxas do cavalo. Ela pousou sobre o teto do coche e, repousando o

corpo que, há pouco, quase perdera a vida na teia de aranha, foi balançando junto com ele.

O coche corria sob o sol escaldante. Passou pelas fileiras de árvores, ao lado de plantações de feijão *azuki* que se estendiam por um bom pedaço e, quando ele entrou chacoalhando no bosque entre as plantações de linhaça e amoreiras, a imagem invertida e oscilante do bosque foi debilmente refletida pelo suor acumulado na fronte do cavalo.

10.

A tagarelice do provinciano metido a fidalgo rapidamente fez com que as pessoas no interior do coche sentissem que já se conheciam há uns cinco anos. Apenas o menino agarrava-se ao parapeito e observava os campos com olhos vivazes.

– Mamãe, peras! Olhe as peras!

O chicote ficou quieto no banco do cocheiro. Os olhos da lavradora se detiveram na corrente na cintura do provinciano metido a fidalgo.

– Que horas são? Já passou das dez? Acho que chegaremos à cidade depois do meio-dia, não é mesmo?

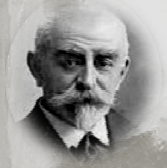
A corneta parou de soar no banco do cocheiro. Naquele momento, os *manjû*s do avental estavam todos enfiados no interior do estômago do cocheiro que, ainda mais corcunda, cochilava. Do teto do coche, aquela mosca de grandes olhos observava a grande plantação de peras em completo silêncio. Ela levantou os olhos para o despenhadeiro tingido de vermelho vibrante pelo brilho do sol de verão e os baixou quando uma corredeira surgiu subitamente. O cochilo continuou mesmo depois que o coche começou a ranger com o sobe e desce da estrada no alto do despenhadeiro. A única criatura que tinha conhecimento do cochilo do cocheiro dentre os passageiros parecia ser aquela insignificante mosca. Ela desceu do teto do coche até a cabeça cinzenta e pendente do cocheiro, depois, parou sobre as costas molhadas do cavalo e lambeu seu suor.

O coche se aproximou do topo do despenhadeiro. O cavalo começou a fazer a curva seguindo o caminho que surgia na frente de seus antolhos com docilidade. Entretanto, naquele momento, não levou em conta a diferença entre a largura de seu tronco e do coche. Uma das rodas saiu da estrada. O cavalo foi puxado repentinamente e erguido pelo coche. A mosca levantou voo num piscar de olhos. Ela viu a barriga do bom cavalo caindo no fundo do

despenhadeiro junto com o coche. Homens e cavalo emitiram um grito agudo. O monte formado por homens, cavalo e pedaços de madeira na margem da corredeira permaneceu em silêncio, sem qualquer movimento. Já a mosca de grandes olhos, com as forças das asas completamente recuperadas, voava sozinha e despreocupada pelo céu azul.

A APOSENTADORIA DE SENHOR BOUGRAN

JORIS-KARL HUYSMANS



O TEXTO: Escrito pelo autor em sua fase naturalista, o conto narra a história de Sr. Bougran, trabalhador fiel e meticuloso que, aos cinquenta anos, é aposentado por "invalidez moral" e passa a procurar uma tarefa para preencher o vazio em sua vida. Inicialmente, o manuscrito datado de 1888 teve sua publicação recusada, permanecendo guardado até ser salvo de um incêndio. Foi publicado postumamente, em 1964.

Texto traduzido: Huysmans, Joris-Karl. "La Retraite de Monsieur Bougran". In. *Trois Nouvelles Naturalistes*. Paris: Éditions Flammarion, 2014.

O AUTOR: Joris-Karl Huysmans (1848-1907), escritor e crítico de arte francês, transitou entre diversos movimentos literários, identificando-se, primeiro, com o Naturalismo, e depois, com o Decadentismo. Empreendeu uma jornada espiritual que refletiu diretamente em sua escrita, passando do Satanismo e convergindo no Catolicismo. É possível observar essas mudanças em suas principais obras, *À rebours* (1884), *Là-bas* (1891) e *La cathédrale* (1898).

A TRADUTORA: Marina Donato Scardoelli é bacharela em Letras, com habilitação de tradutora pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Ibilce). Atualmente, cursa mestrado em Estudos da Tradução pela mesma instituição.

LA RETRAITE DE MONSIEUR BOUGRAN

"Ainsi, c'était vrai ; il était mis à la retraite à cinquante ans !"

JORIS-KARL HUYSMANS

I

M. Bougran regardait accablé les fleurs inexactes du tapis.

« Oui, poursuivit, d'un ton paterne, le chef de bureau M. Devin, oui, mon cher collaborateur, je vous ai très énergiquement défendu, j'ai tâché de faire revenir le bureau du personnel sur sa décision, mes efforts ont échoué ; vous êtes, à partir du mois prochain, mis à la retraite pour infirmités résultant de l'exercice de vos fonctions.

– Mais je n'ai pas d'infirmités, je suis valide !

– Sans doute, mais je n'apprendrai rien à un homme qui possède aussi bien que vous la législation sur cette matière ; la loi du 9 juin 1853 sur les pensions civiles permet, vous le savez... cette interprétation ; le décret du 9 novembre de la même année, qui porte règlement d'administration publique pour l'exécution de ladite loi, dispose dans l'un de ses articles...

– L'article 30, soupira M. Bougran.

– ... J'allais le dire... que les employés de l'État pourront être mis à la retraite, avant l'âge, pour cause d'invalidité morale, inappréciable aux hommes de l'art. »

M. Bougran n'écoutait plus. D'un œil de bête assommée il scrutait ce cabinet de chef de bureau où il pénétrait d'habitude sur la pointe des pieds, comme dans une chapelle, avec respect. Cette pièce sèche et froide, mais familière, lui semblait devenue soudain maussade et bouffie, hostile, avec son papier d'un vert mat à raies veloutées, ses bibliothèques vitrées peintes

en chêne et pleines de bulletins des lois, de « recueils des actes administratifs », conservés dans ces reliures spéciales aux ministères, des reliures en veau jaspé, avec plats en papier couleur bois et tranches jaunes, sa cheminée ornée d'une pendule-borne, de deux flambeaux Empire, son canapé de crin, son tapis à roses en formes de choux, sa table en acajou encombrée de paperasses et de livres et sur laquelle posait un macaron hérissé d'amandes pour sonner les gens, ses fauteuils aux ressorts chagrins, son siège de bureau à la canne creusée aux bras, par l'usage, en demi-lune.

Ennuyé de cette scène, M. Devin se leva et se posa, le dos contre la cheminée, dont il éventa, avec les basques de son habit, les cendres.

M. Bougran revint à lui et, d'une voix éteinte, demanda :

« Mon successeur est-il désigné, afin que je puisse le mettre au courant, avant mon départ ?

– Pas que je sache ; je vous serai donc obligé de continuer jusqu'à nouvel ordre votre service. »

Et, pour hâter le départ, M. Devin quitta la cheminée, s'avança doucement vers son employé qui recula vers la porte ; là, M. Devin l'assura de ses profonds regrets, de sa parfaite estime.

M. Bougran rentra dans sa pièce et s'affaissa, anéanti, sur une chaise. Puis il eut l'impression d'un homme qu'on étrangle ; il mit son chapeau et sortit pour respirer un peu d'air. Il marchait dans les rues, et, sans même savoir où il était, il finit par échouer sur un banc, dans un square.

Ainsi, c'était vrai ; il était mis à la retraite à cinquante ans ! lui qui s'était dévoué jusqu'à sacrifier ses dimanches, ses jours de fête pour que le travail dont il était chargé ne se ralentît point. Et voilà la reconnaissance qu'on avait de son zèle ! Il eut un moment de colère, rêva d'intenter un recours devant le Conseil d'État, puis, dégrisé, se dit : je perdrai ma cause et cela me coûtera cher. Lentement, posément, il repassa dans sa tête les articles de cette loi ; il scrutait les routes de cette prose, tâtait ses passerelles jetées entre chaque article; au premier abord ces voies semblaient sans danger, bien éclairées et droites, puis, peu à peu, elles se ramifiaient, aboutissaient à des tournants obscurs, à de noires impasses où l'on se cassait subitement les reins.

Oui, le législateur de 1853 a partout ouvert dans un texte indulgent des chausse-trapes ; il a tout prévu, conclut-il ; le cas de la suppression d'emploi qui est un des plus usités pour se débarrasser des gens ; on supprime l'em-

ploi du titulaire, puis on rétablit l'emploi quelques jours après, sous un autre nom, et le tour est joué. Il y a encore les infirmités physiques contractées dans l'exercice des fonctions et vérifiées par la complaisance pressée des médecins ; il y a, enfin – le mode le plus simple, en somme – la soi-disant invalidité morale, pour laquelle il n'est besoin de recourir à aucun praticien, puisqu'un simple rapport, signé par votre directeur et approuvé par la direction du personnel, suffit.

C'est le système le plus humiliant. Être déclaré gâteux ! c'est un peu fort, gémissait M. Bougran.

Puis il réfléchissait. Le ministre avait sans doute un favori à placer, car les employés ayant réellement droit à leur retraite se faisaient rares. Depuis des années, l'on avait pratiqué de larges coupes dans les bureaux, renouvelant tout un vieux personnel dont il était l'un des derniers débris. Et M. Bougran hochait la tête.

De mon temps, disait-il, nous étions consciencieux et remplis de zèle : maintenant tous ces petits jeunes gens, recrutés on ne sait où, n'ont plus la foi. Ils ne creusent aucune affaire, n'étudient à fond aucun texte. Ils ne songent qu'à s'échapper du bureau, bâclent leur travail, n'ont aucun souci de cette langue administrative que les anciens maniaient avec tant d'aisance ; tous écrivent comme s'ils écrivaient leurs propres lettres ! Les chefs mêmes, racolés pour la plupart au-dehors, laissés pour compte par des séries de ministres tombés du pouvoir, n'ont plus cette tenue, tout à la fois amicale et hautaine, qui les distinguait autrefois des gens du commun ; et, oubliant sa propre mésaventure, en une respectueuse vision, il évoqua l'un de ses anciens chefs, M. Desrots des Bois, serré dans sa redingote, la boutonnière couverte, comme par le disque d'arrêt des trains, par un énorme rond rouge, le crâne chauve ceint d'un duvet de poule, aux tempes, descendant droit, sans regarder personne, un portefeuille sous le bras, chez le directeur.

Toutes les têtes s'inclinaient sur son passage. Les employés pouvaient croire que l'importance de cet homme rejaillissait sur eux et ils se découvraient, pour eux-mêmes, plus d'estime.

Dans ce temps-là, tout était à l'avenant, les nuances, maintenant disparues, existaient. Dans les lettres administratives, l'on écrivait en parlant des pétitionnaires : « Monsieur », pour une personne tenant dans la société un rang honorable, « le sieur » pour un homme de moindre marque, « le nommé » pour les artisans et les forçats. Et quelle ingéniosité pour varier le vocabulaire, pour ne pas répéter les mêmes mots ; on désignait tour à tour le pétitionnaire : « le postulant », « le suppliant », « l'impétrant », « le re-

quérant ». Le préfet devenait, à un autre membre de phrase, « ce haut fonctionnaire » ; la personne dont le nom motivait la lettre se changeait en « cet individu », en « le prénommé », en « le susnommé » ; parlant d'elle-même l'administration se qualifiait tantôt de « centrale » et tantôt de « supérieure », usait sans mesure des synonymes, ajoutait, pour annoncer l'envoi d'une pièce, des « ci-joints », des « ci-inclus », des « sous ce pli ». Partout s'épandaient les protocoles ; les salutations de fins de lettres variaient à l'infini, se dosaient à de justes poids, parcouraient une gamme qui exigeait, des pianistes de bureau, un doigté rare. Ici, s'adressant au sommet des hiérarchies, c'était l'assurance « de la haute considération », puis la considération baissait de plusieurs crans, devenait, pour les gens n'ayant pas rang de ministre, la « plus distinguée », la « très distinguée », la « distinguée », la « parfaite », pour aboutir à la considération sans épithète, à celle qui se niait elle-même, car elle représentait simplement le comble du mépris.

Quel employé savait maintenant manipuler ce délicat clavier des fins de lettres, choisir ces révérences très difficiles à tirer souvent, alors qu'il s'agissait de répondre à des gens dont la situation n'avait pas été prévue par les dogmes imparfaitement imposés des protocoles ! Hélas ! les expéditionnaires avaient perdu le sens des formules, ignoraient le jeu habile du compte-gouttes ! – et ! qu'importait au fond – puisque tout se délitait, tout s'effondrait depuis des ans. Le temps des abominations démocratiques était venu et le titre d'Excellence que les ministres échangeaient autrefois entre eux avait disparu. L'on s'écrivait d'un ministère à l'autre, de pair à compagnon, comme des négociants et des bourgeois. Les faveurs mêmes, ces rubans en soie verte ou bleue ou tricolore, qui attachaient les lettres alors qu'elles se composaient de plus de deux feuilles, étaient remplacées par de la ficelle rose, à cinq sous la pelote !

Quelle platitude et quelle déchéance ! Je me sentais bien mal à l'aise dans ces milieux sans dignité authentique et sans tenue, mais... mais... de là, à vouloir les quitter... et, soupirant, M. Bougran revint à sa propre situation, à lui-même.

Mentalement, il supputait la retraite proportionnelle à laquelle il aurait droit : dix-huit cents francs au plus ; avec les petites rentes qu'il tenait de son père ; c'était tout juste de quoi vivre. Il est vrai, se dit-il, que ma vieille bonne Eulalie et moi, nous vivons de rien.

Mais, bien plus que la question des ressources personnelles, la question du temps à tuer l'inquiéta. Comment rompre, du jour au lendemain, avec

cette habitude d'un bureau vous enfermant dans une pièce toujours la même, pendant d'identiques heures, avec cette coutume d'une conversation échangée, chaque matin, entre collègues. Sans doute, ces entretiens étaient peu variés ; ils roulaient tous sur le plus ou moins d'avancement qu'on pouvait attendre à la fin de l'année, supputaient de probables retraites, escomptaient même de possibles morts, supposaient d'illusoires gratifications, ne déviaient de ces sujets passionnants que pour s'étendre en d'interminables réflexions sur les événements relatés par le journal. Mais ce manque même d'imprévu était en si parfait accord avec la monotonie des visages, la platitude des plaisanteries, l'uniformité même des pièces !

Puis n'y avait-il pas d'intéressantes discussions dans le bureau du chef ou du sous-chef, sur la marche à imprimer à telle affaire ; par quoi remplacer désormais ces joutes juridiques, ces apparents litiges, ces gais accords, ces heureuses noises ; comment se distraire d'un métier qui vous prenait aux moelles, vous possédait, tout entier, à fond ?

Et M. Bougran secouait désespérément la tête, se disant : je suis seul, célibataire, sans parents, sans amis, sans camarades ; je n'ai aucune aptitude pour entreprendre des besognes autres que celles qui, pendant vingt ans, me tinrent. Je suis trop vieux pour recommencer une nouvelle vie. Cette constatation le terrifia.

Voyons, reprit-il, en se levant, il faut pourtant que je retourne à mon bureau ! – ses jambes vacillaient. Je ne me sens pas bien, si j'allais me coucher. Il se força à marcher, résolu à mourir, s'il le fallait, sur la brèche. Il rejoignit le ministère et rentra dans sa pièce.

Là, il faillit s'évanouir et pour tout de bon. Il regardait, ahuri, les larmes aux yeux, cette coque qui l'avait, pendant tant d'années, couvert ; – quand, doucement, ses collègues, à la queue leu leu, entrèrent.

Ils avaient guetté la rentrée et les condoléances variaient avec les têtes. Le commis d'ordre, un grand sécot, à tête de marabout, peluchée de quelques poils incolores sur l'occiput, lui secoua vivement les mains, sans dire mot ; il se comportait envers lui comme envers la famille d'un défunt, à la sortie de l'église, devant le corps, après l'absoute. Les expéditionnaires hochaient la tête, témoignaient de leur douleur officielle, en s'inclinant.

Les rédacteurs, ses collègues, plus intimes avec lui, esquissèrent quelques propos de réconfort.

« Voyons, il faut se faire une raison – et puis, mon cher, songez qu'en somme, vous n'avez ni femme, ni enfants, que vous pourriez être mis à la

retraite dans des conditions infiniment plus dures, en ayant, comme moi, par exemple, une fille à marier. Estimez-vous donc aussi heureux qu'on peut être en pareil cas.

– Il convient aussi d'envisager dans toute affaire le côté agréable qu'elle peut présenter, fit un autre. Vous allez être libre de vous promener, vous pourrez manger au soleil vos petites rentes.

– Et aller vivre à la campagne où vous serez comme un coq en pâte », ajouta un troisième.

M. Bougran fit doucement observer qu'il était originaire de Paris, qu'il ne connaissait personne en province, qu'il ne se sentait pas le courage de s'exiler, sous prétexte d'économies à réaliser, dans un trou ; tous n'en persistèrent pas moins à lui démontrer qu'en fin de compte, il n'était pas bien à plaindre.

Et comme aucun d'eux n'était menacé par son âge d'un semblable sort, ils exhibaient une résignation de bon aloi, s'indignaient presque de la tristesse de M. Bougran.

L'exemple de la réelle sympathie et du véridique regret, ce fut Baptiste, le garçon de bureau, qui le servit ; l'air onctueux et consterné, il s'offrit à porter lui-même chez M. Bougran les petites affaires, telles que vieux paletot, plumes, crayons, etc, que celui-ci possédait à son bureau, laissa entendre que ce serait ainsi la dernière occasion que M. Bougran aurait de lui donner un bon pourboire.

« Allons, messieurs, fit le chef qui entra dans la pièce. Le directeur demande le portefeuille pour 5 heures. »

Tous se dispersèrent ; et, hennissant comme un vieux cheval, M. Bougran se mit au travail, ne connaissant plus que la consigne, se dépêchant à rattraper le temps qu'il avait, dans ses douloureuses rêveries sur un banc, perdu.

II

Les premiers jours furent lamentables. Réveillé, à la même heure que jadis, il se disait à quoi bon se lever, traînait contrairement à ses habitudes dans son lit, prenait froid, bâillait, finissait par s'habiller. Mais à quoi s'occuper, Seigneur ! Après de mûres délibérations, il se décidait à aller se

promener, à errer dans le jardin du Luxembourg qui n'était pas éloigné de la rue de Vaugirard où il habitait.

Mais ces pelouses soigneusement peignées, sans tache de terre ni d'eau, comme repeintes et vernies, chaque matin, dès l'aube ; ces fleurs remontées comme à neuf sur les fils de fer de leurs tiges ; ces arbres gros comme des cannes, toute cette fausse campagne, plantée de statues imbéciles, ne l'égayait guère.

Il allait se réfugier, au fond du jardin, dans l'ancienne pépinière sur laquelle maintenant tombaient les solennelles ombres des constructions de l'École de pharmacie et du lycée Louis-le-Grand. La verdure n'y était ni moins apprêtée, ni moins étique. Les gazons y étalaient leurs cheveux coupés ras et verts, les petits arbres y balançaient les plumeaux ennuyés de leurs têtes, mais la torture infligée, dans certaines plates-bandes, aux arbres fruitiers l'arrêtait. Ces arbres n'avaient plus forme d'arbres. On les écartelait le long de tringles, on les faisait ramper le long de fils de fer sur le sol ; on leur déviait les membres dès leur naissance et l'on obtenait ainsi des végétations acrobates et des troncs désarticulés, comme en caoutchouc. Ils couraient, serpentaient ainsi que des couleuvres, s'évasaient en forme de corbeilles, simulaient des ruches d'abeilles, des pyramides, des éventails, des vases à fleurs, des toupets de clown. C'était une vraie cave des tortures végétales que ce jardin où, à l'aide de chevalets, de brodequins d'osier ou de fonte, d'appareils en paille, de corsets orthopédiques, des jardiniers herniaires tentaient, non de redresser des tailles déviées comme chez les bandagistes de la race humaine, mais au contraire de les contourner et de les disloquer et de les tordre, suivant un probable idéal japonais de monstres !

Mais quand il avait bien admiré cette façon d'assassiner les arbres, sous le prétexte de leur extirper de meilleurs fruits, il traînait, désœuvré, sans même s'être aperçu que cette chirurgie potagère présentait le plus parfait symbole avec l'administration telle qu'il l'avait pratiquée pendant des ans. Dans les bureaux, comme dans le jardin du Luxembourg, l'on s'ingéniait à démantibuler des choses simples ; l'on prenait un texte de droit administratif dont le sens était limpide, net, et aussitôt, à l'aide de circulaires troubles, à l'aide de précédents sans analogie, et de jurisprudences remontant au temps des Messidors et des Ventôses, l'on faisait de ce texte un embrouillamini, une littérature de Magot, aux phrases grimaçantes, rendant les arrêts les plus opposés à ceux que l'on pouvait prévoir.

Puis, il remontait, allait sur la terrasse du Luxembourg où les arbres semblent moins jeunes, moins fraîchement époussetés, plus vrais. Et il

passait entre les chaises, regardant les gamins faire des pâtés avec du sable et de petits seaux, tandis que leurs mères causaient, coude à coude, échangeant d'actives réflexions sur la façon d'apprêter le veau et d'accommoder, pour le déjeuner du matin, les restes.

Et il rentrait, harassé, chez lui, remontait, bâillait, se faisait rabrouer par sa servante Eulalie, qui se plaignait qu'il devînt « bassin », qu'il se crût le droit de venir « trôler » dans sa cuisine.

Bientôt l'insomnie s'en mêla ; arraché à ses habitudes, transporté dans une atmosphère d'oisiveté lourde, le corps fonctionnait mal ; l'appétit était perdu ; les nuits jadis si bonnes sous les couvertures s'agitèrent et s'assombrirent, alors que, dans le silence noir, tombaient, au loin, les heures.

Il s'avisa de lire, dans la journée, quand il plut, et alors, fatigué de ses insomnies, il s'endormit ; et la nuit qui suivait ces somnolences devenait plus longue, plus éveillée, encore. Il dut, quand le temps se gâta, se promener quand même, pour se lasser les membres, et il échoua dans les musées, – mais aucun tableau ne l'intéressait ; il ne connaissait aucune toile, aucun maître, ambulait lentement, les mains derrière le dos, devant les cadres, s'occupant des gardiens, assoupis sur les banquettes, supputant la retraite qu'eux aussi, en leur qualité d'employés de l'État, ils auraient un jour.

Il se promena, las de couleurs et de statues blanches, dans les passages de Paris, mais il en fut rapidement chassé ; on l'observait ; les mots de mouchard, de roussin, de vieux poirot, s'entendirent. Honteux il fuyait sous l'averse et retournait se cantonner dans son chez lui.

Et plus poignant que jamais, le souvenir de son bureau l'obséda. Vu de loin, le ministère lui apparaissait tel qu'un lieu de délices. Il ne se rappelait plus les iniquités subies, son sous-chèfat dérobé par un inconnu entré à la suite d'un ministre, l'ennui d'un travail mécanique, forcé ; tout l'envers de cette existence de cul-de-jatte s'était évanoui ; la vision demeurait, seule, d'une vie bien assise, douillette, tiède, égayée par des propos de collègues, par de pauvres plaisanteries, par de minables farces.

Décidément, il faut aviser, se dit mélancoliquement M. Bougran. Il songea, pendant quelques heures, à chercher une nouvelle place qui l'occuperait et lui ferait même gagner un peu d'argent ; mais, même en admettant qu'on consentît à prendre dans un magasin un homme de son âge, alors il devrait trimer, du matin au soir et il n'aurait que des appointements ridicules puisqu'il était incapable de rendre de sérieux services, dans un métier dont il ignorait les secrets et les ressources.

Et puis ce serait déchoir ! – Comme beaucoup d'employés du Gouvernement, M. Bougran se croyait, en effet, d'une caste supérieure et méprisait les employés des commerces et des banques. II admettait même des hiérarchies parmi ses congénères, jugeait l'employé d'un ministère supérieur à l'employé d'une préfecture, de même que celui-ci était, à ses yeux, d'un rang plus élevé que le commis employé dans une mairie.

Alors, que devenir ? que faire ? et cette éternelle interrogation restait sans réponse.

De guerre lasse, il retourna à son bureau, sous le prétexte de revoir ses collègues, mais il fut reçu par eux comme sont reçus les gens qui ne font plus partie d'un groupe – froidement. L'on s'inquiéta d'une façon indifférente de sa santé ; d'aucuns feignirent de l'envier, vantèrent la liberté dont il jouissait, les promenades qu'il devait aimer à faire.

M. Bougran souriait, le cœur gros. Un dernier coup lui fut inconsciemment porté. Il eut la faiblesse de se laisser entraîner dans son ancienne pièce ; il vit l'employé qui le remplaçait, un tout jeune homme ! Une colère le prit contre ce successeur parce qu'il avait changé l'aspect de cette pièce qu'il aimait, déplacé le bureau, poussé les chaises dans un autre coin, mis les cartons dans d'autres cases ; l'encrier était à gauche maintenant et le plumier à droite !

Il s'en fut navré. – En route, soudain, une idée germa qui grandit en lui. – Ah! fit-il, je suis sauvé peut-être, et sa joie fut telle qu'il mangea, en rentrant, de bon appétit, ce soir-là, dormit comme une taupe, se réveilla, guilleret, dès l'aube.

III

Ce projet qui l'avait ragaillardi était facile à réaliser. D'abord M. Bougran courut chez les marchands de papiers de tentures, acquit quelques rouleaux d'un infâme papier couleur de chicorée au lait qu'il fit apposer sur les murs de la plus petite de ses pièces ; puis, il acheta un bureau en sapin peint en noir, surmonté de casiers, une petite table sur laquelle il posa une cuvette ébréchée et un savon la guimauve dans un vieux verre, un fauteuil canné, en hémicycle, deux chaises. Il fit mettre contre les murailles des casiers de bois blanc qu'il remplit de cartons verts à poignées de cuivre, piqua avec une épingle un calendrier le long de la cheminée dont il fit enlever la glace et sur la tablette de laquelle il entassa des boîtes à fiches, jeta

un paillasson, une corbeille sous son bureau et, se reculant un peu, s'écria ravi: « M'y voilà, j'y suis ! »

Sur son bureau, il rangea, dans un ordre méthodique, toute la série de ses porte-plume et de ses crayons, porte-plume en forme de massue, en liège, porte-plume à cuirasses de cuivre emmanchés dans un bâton de palissandre, sentant bon quand on le mâche, crayons noirs, bleus, rouges, pour les annotations et les renvois. Puis il disposa, comme jadis, un encrier en porcelaine, cerclé d'éponges, à la droite de son sous-main, une sébille remplie de sciure de bois à sa gauche ; en face, une grimace contenant sous son couvercle de velours vert, hérissé d'épingles, des pains à cacheter et de la ficelle rose. Des dossiers de papier jaunâtre un peu partout ; au-dessus des casiers, les livres nécessaires : Le *Dictionnaire d'Administration* de Bloch, Le Code et les Lois usuelles, le Béquet, le Blanche ; il se trouvait, sans avoir bougé de place, revenu devant son ancien bureau, dans son ancienne pièce.

Il s'assit, radieux, et dès lors revécut les jours d'antan. Il sortait, le matin, comme jadis, et d'un pas actif, ainsi qu'un homme qui veut arriver à l'heure, il filait le long du boulevard Saint-Germain, s'arrêtait à moitié chemin de son ancien bureau, revenait sur ses pas, rentrait chez lui, tirant dans l'escalier sa montre pour vérifier l'heure, et il enlevait la rondelle de carton qui couvrait son encrier, retirait ses manchettes, y substituait des manchettes en gros papier bulle, le papier qui sert à couvrir les dossiers, changeait son habit propre contre la vieille redingote qu'il portait au Ministère, et au travail !

Il s'inventait des questions à traiter, s'adressait des pétitions, répondait, faisait ce qu'on appelle « l'enregistrement », en écrivant sur un gros livre la date des arrivées et des départs. Et, la séance de bureau close, il flânait comme autrefois une heure dans les rues avant que de rentrer pour dîner.

Il eut la chance, les premiers temps, de s'inventer une question analogue à celles qu'il aimait à traiter jadis, mais plus embrouillée, plus chimérique, plus follement niaise. Il peina durement, chercha dans les arrêts du Conseil d'État et de la Cour de cassation ces arrêts qu'on y trouve, au choix, pour défendre ou soutenir telle ou telle cause. Heureux de patauger dans les chinoiseries juridiques, de tenter d'assortir à sa thèse les ridicules jurisprudences qu'on manie dans tous les sens, il suait sur son papier, recommençant plusieurs fois ses minutes ou ses brouillons, les corrigeant dans la marge laissée blanche sur le papier, comme le faisait son chef, jadis,

n'arrivant pas, malgré tout, à se satisfaire, mâchant son porte-plume, se tapant sur le front, étouffant, ouvrant la croisée pour humer de l'air.

Il vécut, pendant un mois, de la sorte ; puis un malaise d'âme le prit. Il travaillait jusqu'à 5 heures, mais il se sentait harassé, mécontent de lui-même, distrait de pensées, incapable de s'abstraire, de ne plus songer qu'à ses dossiers. Au fond, il *sentait maintenant* la comédie qu'il se jouait ; il avait bien restitué le milieu de l'ancien bureau, la pièce même. Il la laissait, au besoin, fermée pour qu'elle exhalât cette odeur de poussière et d'encre sèche qui émane des chambres des Ministères, – mais le bruit, la conversation, les allées et venues de ses collègues manquaient. Pas une âme à qui parler. Ce bureau solitaire n'était pas, en somme, un vrai bureau. Il avait beau avoir repris toutes ses habitudes, ce n'était plus cela. – Ah! il aurait donné beaucoup pour pouvoir sonner et voir le garçon de bureau entrer et faire, pendant quelques minutes, la causette.

Et puis... et puis... d'autres trous se creusaient dans le sol factice de cette vie molle ; le matin, alors qu'il dépouillait le courrier qu'il s'envoyait la veille, il savait ce que contenaient les enveloppes ; il reconnaissait son écriture, le format de l'enveloppe dans laquelle il avait enfermé telle ou telle affaire, et cela lui enlevait toute illusion ! Il eut au moins fallu qu'une autre personne fît les suscriptions et usât d'enveloppes qu'il ne connaîtrait point!

Le découragement le prit ; il s'ennuya tellement qu'il se donna un congé de quelques jours et erra par les rues.

« Monsieur a mauvaise mine », disait Eulalie en regardant son maître. Et, les mains dans les poches de son tablier, elle ajoutait : « Je comprends vraiment pas qu'on se donne tant de mal à travailler, quand ça ne rapporte aucun argent ! »

Il soupirait et, quand elle sortait, se contemplait dans la glace. C'était pourtant vrai qu'il avait mauvaise mine et comme il était vieilli ! Ses yeux d'un bleu étonné, dolent, ses yeux toujours écarquillés, grand ouverts, se ridaient et les pinceaux de ses sourcils devenaient blancs. Son crâne se dénudait, ses favoris étaient tout gris, sa bouche même soigneusement rasée rentrait sous le menton en vedette ; enfin son petit corps boulot dégonflait, les épaules arquaient, ses vêtements semblaient élargis et plus vieux. Il se voyait ruiné, caduc, écrasé par cet âge de cinquante ans qu'il supportait si allègrement, tant qu'il travaillait dans un vrai bureau.

« Monsieur devrait se purger, reprenait Eulalie quand elle le revoyait. Monsieur s'ennuie, pourquoi donc qu'il irait pas à la pêche ; il nous rapporterait une friture de Seine, ça le distraierait. »

M. Bougran secouait doucement la tête, et sortait.

Un jour que le hasard d'une promenade l'avait conduit, sans même qu'il s'en fût aperçu, au Jardin des Plantes, son regard fut tout à coup attiré par un mouvement de bras passant près de sa face. Il s'arrêta, se récupéra, vit l'un de ses anciens garçons de bureau qui le saluait.

Il eut un éclair; presqu'un cri de joie.

« Huriot », dit-il. L'autre se retourna, enleva sa casquette, mit une pipe qu'il tenait à la main au port d'armes.

« Eh bien, mon ami, voyons, que devenez-vous ?

– Mais rien, Monsieur Bougran, je bricole, par ci, par là, pour gagner quelques sous en plus de ma retraite ; mais, sauf votre respect, je foutimasse, car je suis bien plus bon à grand-chose, depuis que mes jambes, elles ne vont plus !

– Écoutez, Huriot, avez-vous encore une de vos tenues de garçon de bureau du ministère ?

– Mais, Monsieur, oui, j'en ai une vieille que j'use chez moi pour épargner mes vêtements quand je sors.

– Ah ! »

M. Bougran était plongé dans une méditation délicieuse. Le prendre à son service, en habit de bureau, chez lui. Tous les quarts d'heure, il entrerait comme autrefois dans sa pièce en apportant des papiers. Et puis, il pourrait faire le départ, écrire l'adresse sur les enveloppes. Ce serait peut-être le bureau enfin !

« Mon garçon, voici, écoutez-moi bien, reprit M. Bougran. Je vous donne cinquante francs par mois pour venir chez moi, absolument, vous entendez, absolument comme au bureau. Vous aurez en moins les escaliers à monter et à descendre ; mais vous allez raser votre barbe et porter comme jadis des favoris et remettre votre costume. Cela vous va-t-il?

– Si ça me va ! – et, en hésitant, il cligna de l'œil; vous allez donc monter un établissement, quelque chose comme une banque, M. Bougran?

– Non, c'est autre chose que je vous expliquerai quand le moment sera venu ; en attendant voici mon adresse. Arrangez-vous comme vous pourrez, mais venez chez moi, demain, commencer votre travail. »

Et il le quitta et galopa, tout rajeuni, jusque chez lui.

« Bien, voilà comme Monsieur devrait être, tous les jours », dit Eulalie qui l'observait et se demandait quel évènement avait pu surgir dans cette vie plate.

Il avait besoin de se débonder, d'exhaler sa joie, de parler. Il raconta à la bonne sa rencontre, puis il demeura inquiet et coi devant le regard sévère de cette femme.

« Alors qu'il viendrait, ce Monsieur, pour rien faire, comme ça manger votre argent ! dit-elle, d'un ton sec.

– Mais non, mais non, Eulalie, il aura sa tâche, et puis c'est un brave homme, un vieux serviteur bien au courant de son service.

– La belle avance ! tiens pour cinquante francs il serait là à se tourner les pouces, alors que moi qui fais le ménage, qui fais la cuisine, moi qui vous soigne, je ne touche que quarante francs par mois. – C'est trop fort, à la fin des fins ! – Non, Monsieur Bougran, ça ne peut pas s'arranger comme cela ; prenez ce vieux bureau d'homme et faites-vous frotter vos rhumatismes avec de la flanelle et de ce baume qui pue la peinture, moi, je m'en vais ; c'est pas à mon âge qu'on supporte des traitements pareils ! »

M. Bougran la regardait atterré.

« Voyons, ma bonne Eulalie, il ne faut pas vous fâcher ainsi, voyons, je vais si vous le voulez augmenter un petit peu vos gages...

– Mes gages ! oh ce n'est pas pour ces cinquante francs que vous m'offrez maintenant par mois, que je me déciderais à rester ; c'est à cause de la manière dont vous agissez avec moi que je veux partir ! »

M. Bougran se fit la réflexion qu'il ne lui avait pas du tout offert des gages de cinquante francs, son intention étant simplement de l'augmenter de cinq francs par mois ; mais devant la figure irritée de la vieille qui déclarait que, malgré tout, elle allait partir, il courba la tête et fit des excuses, essayant de l'amadouer par des gracieusetés et d'obtenir d'elle qu'elle ne fît pas, comme elle l'en menaçait, ses malles.

« Et où que vous le mettrez, pas dans ma cuisine toujours ? demanda Eulalie qui, ayant acquis ce qu'elle voulait, consentit à se détendre.

– Non, dans l'antichambre ; vous n'aurez ni à vous en occuper, ni à le voir ; vous voyez bien, ma fille, qu'il n'y avait pas de quoi vous emporter comme vous l'avez fait !

– Je m'emporte comme je veux et je ne l'envoie pas dire », cria-t-elle, remontant sur ses ergots, décidée à rester, mais à mater ces semblants de reproches.

Harassé, M. Bougran n'osa plus la regarder quand elle sortit, d'un air insolent et fier, de la pièce.

IV

« Le courrier n'est pas bien fort, ce matin !

– Non, Huriot, nous nous relâchons ; j'ai eu une grosse affaire à traiter, hier, et comme je suis seul, j'ai dû délaisser les questions moins importantes et le service en souffre !

– Nous mollissons, comme disait ce pauvre Monsieur de Pinaudel. Monsieur l'a connu ?

– Oui, mon garçon. Ah ! c'était un homme bien capable. Il n'avait pas son pareil pour rédiger une lettre délicate. Encore un honnête serviteur, qu'on a mis, comme moi, à la retraite, avant l'âge !

– Aussi, faut voir leur administration maintenant, des petits jeunes gens qui songent à leur plaisir, qui n'ont que la tête à ça. Ah ! Monsieur Bougran, les bureaux baissent ! »

M. Bougran eut un soupir. Puis, d'un signe, il congédia le garçon et se remit, au travail.

Ah ! cette langue administrative qu'il fallait soigner ! Ces « exciper de », ces « En réponse à la lettre que vous avez bien voulu m'adresser, j'ai l'honneur de vous faire connaître que », ces « Conformément à l'avis exprimé dans votre dépêche relative à... ». Ces phraséologies coutumières « l'esprit sinon le texte de la loi », « sans méconnaître l'importance des considérations que vous invoquez à l'appui de cette thèse... ». Enfin ces formules destinées au ministère de la Justice où l'on parlait de « l'avis émané de sa Chancellerie », toutes ces phrases évasives et atténuées, les « j'inclinerais à croire », les « il ne vous échappera pas », les « j'attacherais du prix à », tout ce vocabulaire de tournures remontant au temps de Colbert, donnait un terrible tintouin à M. Bougran.

La tête entre ses poings, il relisait les premières phrases dont il achevait le brouillon. Il était actuellement occupé aux exercices de haute école, plongé dans le pourvoi au Conseil d'État.

Et il ânonnait l'inévitable formule du commencement :

« Monsieur le Président,

« La Section du Contentieux m'a transmis, à fins d'avis, un recours formé devant le Conseil d'État par M. un tel, à l'effet de faire annuler pour excès de pouvoirs ma décision en date du... »

Et la seconde phrase :

« Avant d'aborder la discussion des arguments que le pétitionnaire fait valoir à l'appui de sa cause, je rappellerai sommairement les faits qui motivent le présent recours. »

C'est ici que cela devenait difficile.

« Il faudrait envelopper cela, ne pas trop s'avancer, murmurait M. Bougran. La réclamation de M. un tel est en droit fondée. Il s'agit de sortir habilement de ce litige, de ruser, de négliger certains points. En somme, j'ai, aux termes de la loi, quarante jours pour répondre, je vais y songer, cuire cela dans ma tête, ne pas défendre le ministère à l'aveuglette...

– Voici encore du courrier qui arrive, dit Huriot en apportant deux lettres.

– Encore ! – ah la journée est dure ! comment, il est déjà 4 heures. – C'est étonnant tout de même, se dit-il, en humant une prise d'air quand le garçon fut sorti, comme ce Huriot pue et l'ail et le vin ! – Tout comme au bureau, ajouta-t-il, satisfait. Et de la poussière partout, jamais il ne balaye – toujours comme au bureau. – Est-ce assez nature ! »

Ce qui était bien nature aussi, mais dont il ne s'apercevait guère, c'était l'antagonisme croissant d'Eulalie et d'Huriot. Encore qu'elle eût obtenu ses cinquante francs par mois, la bonne ne pouvait s'habituer à ce pochard qui était cependant serviable et doux et dormait, dans l'antichambre, sur une chaise, en attendant que l'employé le sonnât.

« Feignant, disait-elle, en remuant ses casseroles et ses cuivres ; quand on pense que ce vieux bureau ronfle toute la journée, sans rien faire ! »

Et pour témoigner son mécontentement à son maître, elle rata volontairement des sauces, n'ouvrit plus la bouche, ferma violemment les portes.

Timide, M. Bougran baissait le nez, se fermait les oreilles pour ne pas entendre les abominables engueulades qui s'échangeaient entre ses deux domestiques, sur le seuil de la cuisine ; des bribes lui parvenaient cependant où, unis dans une opinion commune, Eulalie et Huriot le traitaient ensemble : de fou, de braque, de vieille bête.

Il en conçut une tristesse qui influa sur son travail. Il ne pouvait plus maintenant s'asseoir en lui-même. Alors qu'il lui eût fallu, pour rédiger ce pourvoi, réunir toute l'attention dont il était capable, il éprouvait une évagation d'esprit absolue ; ses pensées se reportaient à ces scènes de ménage, à l'humeur massacrante d'Eulalie, et comme il tentait de la désarmer par l'implorante douceur de son regard moutonnier, elle se rebiffait davantage, sûre de le vaincre en frappant fort. Et lui, désespéré, restait, seul, chez lui, le soir, mâchant un exécrable dîner, n'osant se plaindre.

Ces tracas accélérèrent les infirmités de la vieillesse qui pesait maintenant sur lui ; il avait le sang à la tête, étouffait après ses repas, dormait avec des sursauts atroces.

Il eut bientôt du mal à descendre les escaliers et à sortir pour *aller à son bureau*; mais il se roidissait, partait quand même le matin, marchait une demi-heure avant que de rentrer chez lui.

Sa pauvre tête vacillait ; quand même, il s'usait sur ce pourvoi commencé et dont il ne parvenait plus à se dépêtrer. Tenacement, alors qu'il se sentait l'esprit plus libre, il piochait encore cette question fictive qu'il s'était posée.

Il la résolut enfin, mais il eut une contention de cerveau telle que son crâne chavira, dans une secousse. Il poussa un cri. Ni Huriot, ni la bonne ne se dérangèrent. Vers le soir, ils le trouvèrent tombé sur la table, la bouche bredouillante, les yeux vides. Ils amenèrent un médecin qui constata l'apoplexie et déclara que le malade était perdu.

M. Bougran mourut dans la nuit, pendant que le garçon et que la bonne s'insultaient et cherchaient réciproquement à s'éloigner pour fouiller les meubles.

Sur le bureau, dans la pièce maintenant déserte, s'étalait la feuille de papier sur laquelle M. Bougran avait, en hâte, se sentant mourir, griffonné les dernières lignes de son pourvoi :

« Pour ces motifs, je ne puis, Monsieur le Président, qu'émettre un avis défavorable sur la suite à donner au recours formé par M. un tel. »

A APOSENTADORIA DE SENHOR BOUGRAN

"Então, era verdade; estava aposentado aos cinquenta anos!"

JORIS-KARL HUYSMANS

I

Sr. Bougran olhava desolado as flores inexatas do tapete.

"Sim, continuava, em um tom paterno, o chefe de escritório Sr. Devin, sim, meu caro colaborador, defendi-lhe com grande afinco, fiz de tudo para que o departamento de pessoal reconsiderasse sua decisão; meus esforços foram em vão. No próximo mês, o senhor será aposentado por enfermidades resultantes do exercício de suas funções.

– Mas não tenho enfermidades, sou saudável!

– Sem dúvidas, mas nada posso ensinar a um homem que conhece tão bem quanto o senhor a legislação sobre esse caso; a lei de 9 de junho de 1853 sobre as pensões civis permite, o senhor sabe... essa interpretação; o decreto de 9 de novembro do mesmo ano, que regulamenta a administração pública para execução da dita lei, dispõe em um de seus artigos...

– O artigo 30, suspirou Sr. Bougran.

– ... Exatamente... que os empregados do Estado poderão ser aposentados antes da idade por invalidez moral, inapreciável para os homens da arte[1]."

Sr. Bougran não ouvia mais nada. Com olhos de um animal abatido, examinava seu gabinete de chefe de escritório, onde adentrava, frequentemente, na ponta dos pés, como em uma capela, com respeito. Esse cômodo seco e frio, porém familiar, de repente lhe parecia grosseiro e maçante, hostil,

[1] *Hommes de l'art* : médicos. A doença de Sr. Bougran é "moral" e, portanto, fisiologicamente indetectável. (n.t.)

com seu papel de parede verde opaco com listras suaves, suas estantes de livros em carvalho e vitrines pintadas, repletas de códigos e decretos[2], de "registro dos atos administrativos", conservados nessas encadernações especiais dos ministérios, encadernação em couro jaspeado, e capa em papel cor de madeira e bordas amarelas, sua chaminé ornada com um relógio carrilhão, dois candelabros Império, seu sofá de pele animal, seu tapete de rosas em forma de repolho, sua mesa em acaju tomada de papéis e livros, sobre a qual descansava um guizo de pedras para anunciar as pessoas, suas poltronas de molas, sua cadeira de escritório gasta no braço, pelo uso, em meia-lua.

Incomodado com essa cena, Sr. Devin levantou-se e pôs-se de costas para a chaminé, abanando, com as abas de sua sobrecasaca, as cinzas.

Sr. Bougran virou-se para ele e, com a voz embargada, perguntou:

"Já designaram meu sucessor, para que eu possa instruí-lo antes de partir?

– Não que eu saiba; serei eu o encarregado por continuar com os seus serviços até segunda ordem."

E, odiando despedidas, Sr. Devin deixou a chaminé, avançou suavemente até o seu empregado, que se afastou até a porta. Ali, Sr. Devin assegurou-o de seu profundo pesar, de sua grande estima.

Sr. Bougran entrou em sua sala e afundou, arrasado, em uma cadeira. Depois, sentiu como se o estrangulassem; colocou o chapéu e saiu para tomar um pouco de ar. Caminhava pelas ruas e, sem mesmo saber onde estava, acabou desabando em um banco, em uma praça.

Então, era verdade; estava aposentado aos cinquenta anos! Ele que era devoto, sacrificava seus domingos, seus dias de festa, para que o trabalho do qual estava encarregado não perdesse o ritmo. E era esse o reconhecimento por todo o seu zelo! Teve um momento de raiva, sonhou em tentar um recurso frente ao Conselho de Estado, depois, desiludido, disse a si mesmo: perderei minha causa e isso me custará caro. Lentamente, refletidamente, repassou de cabeça os artigos da lei; examinava os caminhos da prosa, tateava as passarelas espalhadas entre cada artigo; à primeira vista, suas ruas pareciam inofensivas, bem iluminadas e retas; depois, pouco a pouco, elas se ramificavam, chegando a esquinas obscuras, negros becos onde subitamente podia ser apunhalado pelas costas.

[2] *Bulletin de lois*: publicação oficial do Estado francês, criada em 1793, no Período do Terror da Revolução Francesa; perdurou até a primeira metade do século XX. (n.t.)

Sim, o legislador de 1853 espalhou armadilhas em um texto absolutamente indulgente; ele previu tudo, concluiu Sr. Bougran. O caso da supressão de emprego é um dos mais usados para livrar-se dos outros; suprime-se o emprego do titular, restabelecendo-o dias depois, sob um novo nome, e está feito. Há, ainda, as enfermidades físicas contraídas no exercício da função e verificadas pela complacência apressada dos médicos; há, por fim – o modo mais simples, no geral –, a suposta invalidez moral, para a qual não é necessário recorrer a nenhum especialista, já que basta um simples relatório assinado por seu diretor e aprovado pela direção de pessoal.

É o sistema mais humilhante. Ser declarado um velho demente! É um pouco forte – gemia Sr. Bougran.

Depois, refletia. O ministro tinha, sem dúvidas, um favorito para empossar, já que são raros os empregados que realmente se aposentam de forma correta. Faz alguns anos, haviam feito vários cortes no escritório, renovado todo o velho pessoal, do qual ele era um dos últimos remanescentes. E Sr. Bougran balançava a cabeça.

No meu tempo, dizia, éramos conscienciosos e cheios de zelo: agora todos esses jovenzinhos, recrutados não se sabe onde, nem mesmo fiéis são. Não investigam nenhum caso, não estudam a fundo nenhum texto. Só pensam em escapar do escritório, mal fazem seu trabalho, não têm nenhuma preocupação com a linguagem administrativa que os antigos operavam com tanta naturalidade; todos escrevem como se escrevessem suas próprias cartas!

Os próprios chefes trazidos de fora, abandonados por uma série de ministros destituídos do poder, não têm mais essa conduta, ao mesmo tempo amigável e altiva, que outrora os distinguia das pessoas comuns; e, esquecendo sua própria desventura, em uma respeitosa visão, evocou um de seus antigos chefes, Sr. Desrots des Bois, comprimido em sua sobrecasaca, com a botoeira coberta por um enorme círculo vermelho, parecido com um disco de freio de trens, e o cocuruto calvo rodeado de penugem nas têmporas, passando reto, sem olhar para ninguém, com uma pasta de documentos debaixo do braço, a caminho da sala do diretor.

Todos baixavam a cabeça quando ele passava. Era como se os empregados acreditassem que a importância daquele homem derramava-se sobre eles; sentiam maior estima por si mesmos.

Naquele tempo, tudo estava em ordem; as nuances, agora perdidas, existiam. Nas cartas administrativas, escrevia-se para tratar os peticionários: "cavalheiro" para alguém que tivesse uma posição respeitável; "senhor" para um homem de menor classe; "o supracitado" para os artesãos e os escravos. E

que engenhosidade para variar o vocabulário, para não repetir as mesmas palavras! Alternadamente, designava-se o peticionário de "postulante", "suplicante", "impetrante", "requerente". Em outra parte da sentença, o oficial do Estado tornava-se "este alto funcionário"; a pessoa cujo nome motivava a carta mudava de "este indivíduo" para "o acima mencionado", "o supracitado"; tratando-se da própria administração, podia-se classificá-la tanto como "central" quanto "superior"; não se economizavam sinônimos; para anunciar o envio de um documento adicionava-se "anexo", "incluído", "nesta missiva". Por toda parte, espalhavam-se os protocolos; as saudações de término de cartas variavam infinitamente, dosavam-se em medidas justas, percorriam uma gama que exigia rara destreza dos pianistas de escritório. Aqui, dirigindo-se ao topo das hierarquias, garantia-se "a alta consideração"; depois a consideração baixava em vários níveis: para quem não tivesse título de ministro, tornava-se "a mais distinta", "a mui distinta", "a distinta", "a perfeita", para chegar à consideração sem epíteto, àquela que negava a si mesma, visto que representava simplesmente o cúmulo da indiferença.

Qual empregado saberia atualmente manipular esse delicado piano dos finais de cartas, escolher essas deferências dificílimas de empregar com frequência, para responder a pessoas cuja situação não tivesse sido prevista pelos dogmas imperfeitamente impostos pelos protocolos! Que desgraça! Os escreventes tinham perdido o sentido das fórmulas, ignoravam o habilidoso jogo do conta-gotas! – e, no fundo, que importava isso?! – Já que tudo se desintegrava, tudo desmoronava havia anos. O tempo das abominações democráticas havia chegado e o título de Excelência que os ministros outrora trocavam entre si havia desaparecido. Escrevia-se de um ministério a outro, de par a companheiro, como negociantes ou burgueses. Os próprios fitilhos, essas fitas de seda verde, azul ou tricolor, que fechavam as cartas quando consistiam em mais de duas folhas, foram substituídos por cordões rosa, a cinco centavos o novelo!

Quanta banalidade e quanta decadência! Sentia-me muito desconfortável nesse meio sem autêntica dignidade e sem elegância, mas... mas... daí, a querer ir embora... E, suspirando, Sr. Bougran retornou à sua própria situação, a si mesmo.

Mentalmente, calculava a aposentadoria proporcional à qual teria direito, mil e oitocentos francos no máximo; com a pequena pensão que recebia por causa de seu pai, seria o suficiente para viver. É verdade, disse a si mesmo, que minha velha empregada Eulalie e eu vivemos com nada.

Porém, bem mais que a questão da renda pessoal, a questão do tempo a matar o inquietou. Como quebrar, da noite para o dia, essa rotina de escritório que lhe aprisionava em uma sala sempre igual durante horas idênticas, esse costume de trocar uma conversa, toda manhã, entre colegas. Sem dúvida, esses diálogos eram pouco variados; tratavam todos, mais ou menos, do adiantamento que talvez conseguissem até o fim do ano, calculavam prováveis aposentadorias, discorriam ainda sobre possíveis mortes, supunham ilusórias gratificações; só desviavam desses temas apaixonantes para dirigir-se às intermináveis reflexões sobre os eventos relatados pelo jornal. Mas essa falta de imprevistos estava em tão perfeito acordo com a monotonia dos rostos, a insignificância das piadas, mesmo a uniformidade das salas!

E não é verdade que havia discussões interessantes no escritório do chefe ou do subchefe sobre o andamento de um caso? Como substituir agora essas disputas jurídicas, esses aparentes litígios, esses radiantes acordos, essas felizes querelas? Como se distrair de uma profissão que o tomava por suas entranhas, possuía-o a fundo e por inteiro?

E Sr. Bougran sacudia desesperadamente a cabeça, dizendo para si: estou sozinho, solteiro, sem família, sem amigos, sem camaradas; não tenho nenhuma aptidão para iniciar um trabalho diferente daquele que, durante vinte anos, me prendeu. Estou muito velho para começar uma vida nova. Essa constatação aterrorizou-o.

Ora, retomou, levantando-se, é preciso voltar a meu escritório! – suas pernas tremiam. Não me sentiria bem se fosse me deitar. Forçou-se a andar, decidido a morrer em combate, se necessário. Retornou ao ministério e entrou novamente em sua sala.

Lá, quase desmaiou, de verdade. Olhava, assombrado, com lágrimas nos olhos, aquela bolha que o envolvera por todos esses anos; – quando, pouco a pouco, seus colegas, em fila indiana, entraram.

Tinham observado seu retorno e as condolências variavam conforme as cabeças. O contínuo, um grande magricela, com chapéu de penas, coberto por pelugem incolor sob o occipício, apertava-lhe as mãos, sem dizer nada; comportava-se diante dele como diante da família de um defunto, na saída da igreja, frente ao corpo, depois da indulgência. Os escreventes balançavam a cabeça, testemunhando suas dores oficiais, inclinando-se.

Os redatores, seus colegas, mais íntimos com ele, ensaiaram algumas palavras de conforto.

"Olhe, verdade seja dita... – e aliás, meu caro, pense em tudo, o senhor não tem esposa, nem filhos, poderia aposentar-se em condições muito piores, tendo, como eu, por exemplo, uma filha para casar. Então, considere-se sortudo por não ser esse o seu caso.

– Convém, também, sempre considerar o lado bom que as coisas podem apresentar, avaliando o todo. Estará livre para passear, poderá comer ao sol com sua pequena renda.

– E ir viver no campo, onde o senhor será como um marajá" – adicionou um terceiro.

Sr. Bougran observou de forma cortês que era natural de Paris, não conhecia ninguém no interior, não tinha coragem de exilar-se em um buraco, sob o pretexto de economizar; todos insistiram, pelo menos para demonstrar que, no fim das contas, não tinha por que reclamar.

E como nenhum deles estava ameaçado pela idade a um destino semelhante, exibiam uma respeitosa resignação, quase se indignavam com a tristeza de Sr. Bougran.

Exemplo de real simpatia e de verídico pesar foi Baptiste, o subordinado que o serviu; com ar adulador e consternado, ofereceu-se para carregar, ele próprio, as coisas de Sr. Bougran, como o velho casaco, as penas, os lápis, etc., que este tinha em seu escritório; deu a entender que aquela seria a última ocasião que Sr. Bougran teria para dar-lhe uma boa gorjeta.

"Vamos, senhores, disse o chefe que entrou na sala. O diretor exige os documentos até às cinco horas."

Todos se dispersaram; e, relinchando como um cavalo velho, Sr. Bougran começou a trabalhar, a par apenas das diretivas, correndo para recuperar o tempo que tinha, em seus dolorosos devaneios sobre um banco, perdido.

II

Os primeiros dias foram lamentáveis. Acordando no mesmo horário de costume, perguntava a si mesmo para que se levantar, remanchava na cama contrariamente a seus hábitos, passava frio, bocejava, terminava por se vestir. Mas como se ocupar, Senhor! Depois de aprofundadas deliberações, decidia ir passear, vagar pelo Jardim de Luxemburgo, que não era longe da Rua de Vaugirard, onde morava.

Mas esse gramado cuidadosamente aparado, sem marcas de terra nem de água, como se repintado e envernizado a cada manhã, desde o amanhecer; essas flores altivas como novas sobre as hastes metálicas de seus caules; essas árvores grandes como caniços, todo esse falso campo, repleto de estátuas imbecis, dificilmente o animava.

Ia refugiar-se no fundo do jardim, no antigo canteiro sobre o qual agora caíam as solenes sombras das construções da Faculdade de Farmácia e do Liceu Louis-le-Grand. A folhagem não estava nem menos cuidada, nem menos ressequida. A relva espalhava sua cabeleira aparada curta e verde, as pequenas árvores balançavam a plumagem entediada de suas copas, mas, em alguns canteiros, a tortura infligida às árvores frutíferas detinha-o. Essas árvores não tinham mais forma de árvores. Desmembravam-nas com varas metálicas, faziam-nas rastejar pelas hastes sobre o solo; desviavam seus membros desde o nascimento e obtinham, assim, vegetações acrobatas e troncos desarticulados, como de borracha. Estes corriam, serpenteavam como cobras, abriam-se em forma de cestas, simulavam cachos de abelhas, pirâmides, leques, vasos de flores, topetes de palhaço. Tal jardim era um verdadeiro porão de torturas vegetais, onde, com ajuda de cavaletes, botas de vime ou de ferro, aparelhos de palha, espartilhos ortopédicos, jardineiros cirúrgicos tentavam não corrigir as dimensões deturpadas, como médicos da raça humana, mas, ao contrário, contorná-las, deslocá-las e torcê-las, seguindo um provável ideal japonês de monstros!

Mas, depois de ter admirado essa forma de assassinar as árvores, sob o pretexto de extrair os melhores frutos, passava o tempo sem ter o que fazer, sem mesmo perceber que essa cirurgia herbácea representava o mais perfeito símbolo da administração tal qual havia praticado durante anos. No escritório, como no Jardim de Luxemburgo, tentava-se desmantelar coisas simples; pegava-se um texto de direito administrativo cujo sentido era límpido, claro, e imediatamente, com a ajuda de memorandos confusos, de precedentes sem analogia e jurisprudências que vinham do tempo[3] da Revolução Francesa, fazia-se desse texto uma bagunça, uma literatura de Bárbaros[4], grotesca, com frases contorcidas, tornando as deliberações jurídicas opostas a tudo o que se podia prever.

Em seguida, voltava, ia até o terraço do Luxemburgo, onde as árvores pareciam menos novas, menos recentemente espanadas, mais verdadeiras. E passava entre as cadeiras, olhando as crianças que faziam montes de areia

[3] *Messidors* e *ventôses*: meses do calendário revolucionário.
[4] *Magot*: povo bárbaro, rude e violento. A palavra vem de *Magog* (Magogue), que na Bíblia representa um povo conduzido por Satanás contra Israel.

com baldinhos, enquanto suas mães batiam papo, lado a lado, trocando reflexões intensas sobre o modo de preparar a carne de vitela e de aproveitar, para o café da manhã, as sobras.

E entrava em casa exausto, subia, bocejava, era rejeitado por sua empregada Eulalie, a qual reclamava que ele havia ficado "chato", que pensava ter o direito de vir "perambular" em sua cozinha.

Logo a insônia chegava. Arrancado de seus hábitos, transportado para uma atmosfera de pesada ociosidade, o corpo funcionava mal: o apetite tinha se perdido; as noites, outrora tão boas sob as cobertas, agitavam-se e obscureciam-se, enquanto no silêncio negro caíam, ao longe, as horas.

Pegou-se lendo, durante o dia, quando lhe convinha, e então, cansado de suas insônias, adormeceu; e a noite que se seguia a essas sonolências ficava mais longa, ainda mais agitada. Quando o tempo piorou, teve que passear ainda assim para cansar as pernas, e acabou nos museus – mas nenhum quadro lhe interessava; não conhecia nenhuma tela, nenhum mestre, deambulava lentamente, com as mãos para trás, em frente aos quadros, atento aos guardas que cochilavam nos bancos, calculando a aposentadoria que, em sua qualidade de empregados do Estado, também teriam um dia.

Passeou, cansado das cores e estátuas brancas, pelas passagens cobertas de Paris, mas foi rapidamente mandado embora; observavam-no; ouviam-se palavras como dedo-duro, milico, velho sargento. Envergonhado, fugia debaixo da chuva e confinava-se novamente em sua casa.

E, mais angustiado do que nunca, a lembrança de seu escritório o obcecou. Visto de longe, o ministério parecia-lhe um lugar de delícias. Não se lembrava mais das iniquidades sofridas, sua subchefia roubada por um desconhecido que entrou junto com um ministro, o tédio de um trabalho mecânico, forçado; todo o outro lado de sua existência de estropiado tinha se dissipado; a visão persistia, sozinha, de uma vida bem fundada, confortável, calorosa, animada pelas palavras dos colegas, pelas pobres piadas, pelas patéticas anedotas.

Decididamente, é preciso fazer alguma coisa, disse Sr. Bougran a si mesmo, com melancolia. Pensou, durante algumas horas, em procurar um novo lugar que o ocupasse e o fizesse até ganhar um pouco de dinheiro; mas, mesmo admitindo que aceitassem contratar, em uma loja, um homem de sua idade, então deveria se empenhar de manhã até à noite, e só teria ordenados ridículos, pois era incapaz de dedicar-se a um serviço sério, a uma profissão cujos segredos e expedientes desconhecia.

E ainda, isso seria uma decadência! – Como muitos empregados do Governo, Sr. Bougran acreditava que era, na verdade, de uma casta superior e desprezava os empregados do comércio e dos bancos. Admitia hierarquias mesmo entre seus pares, julgava o empregado de um ministério superior ao empregado de uma prefeitura, e do mesmo modo, este era, a seus olhos, de uma ordem mais elevada que o secretário de uma câmara.

E então, transformar-se no quê? O que fazer? E essa eterna interrogação ficava sem resposta.

Entregando os pontos, retornou a seu escritório, sob o pretexto de rever os colegas, mas foi recebido por eles como são recebidas as pessoas que não fazem mais parte de um grupo – friamente. Indagaram de modo indiferente sobre a sua saúde. Alguns fingiram invejá-lo, valorizar a liberdade da qual gozava, os passeios que deveria adorar fazer.

Sr. Bougran sorria com o coração apertado. Um último golpe foi-lhe inconscientemente desferido. Teve a fraqueza de deixar-se entrar em sua antiga sala; viu o empregado que o substituía, um homem novíssimo! Uma raiva contra seu sucessor tomou-o, porque este tinha mudado a aparência daquela sala que amava, substituído a escrivaninha, colocado as cadeiras em outro canto, as pastas em outras gavetas; o tinteiro agora estava à esquerda e o estojo à direita!

Foi embora desolado – no caminho, de repente, uma ideia brotou e cresceu. – Ah! disse, talvez esteja salvo, e sua alegria foi tanta que comeu, novamente, com bom apetite. Naquela noite, dormiu como uma toupeira, acordou, radiante, desde o amanhecer.

III

Esse projeto que lhe havia dado novo ânimo era fácil de realizar. Primeiro, Sr. Bougran correu aos vendedores de papel de parede, adquiriu alguns rolos de um infame papel cor de chicória com leite que aplicou sobre a parede do menor de seus cômodos; depois, comprou uma escrivaninha de pinho pintada de preto, com gaveteiro superior, uma pequena mesa sobre a qual colocou um pote vazado e um sabonete de malva em um copo velho, uma poltrona de palha em semicírculo, duas cadeiras. Mandou pendurar nas paredes caixas de madeira branca que encheu de pastas verdes com alças de cobre; com um alfinete, espetou um calendário na chaminé, de onde removeu o espelho e em cuja prateleira empilhou fichários; jogou um capacho, uma

lixeira debaixo de sua escrivaninha e, recuando um pouco, exclamou extasiado: "Pronto, aqui estou!"

Sobre a escrivaninha, organizou, em uma ordem metódica, toda a série de suas canetas-tinteiro e lápis; caneta-tinteiro em forma de bastão, em cortiça, caneta-tinteiro de revestimento de cobre combinado com pau-rosa, que cheirava bem quando mascado, lápis pretos, azuis, vermelhos, para as notas e observações. Depois dispôs, como antes, um tinteiro de porcelana, cercado de esponjas, à direita de seu mata-borrão, um pote de madeira cheio de serragem à sua esquerda; em frente, uma caixa[5] contendo, sob sua tampa de veludo verde coberta de alfinetes, obreias e cordão rosa. Processos em papel amarelado em quase todo lugar; em cima das caixas, os livros necessários: o Dicionário de Administração de Bloch, o Código e as Leis usuais, Béquet, Blanche; encontrava-se, sem ter mudado de lugar, de volta a seu antigo escritório, à sua antiga sala.

Sentou-se radiante, e assim, reviveu os dias de outrora. Saía, de manhã, como antes, e com um passo agitado, como um homem que quer chegar na hora, corria ao longo do bulevar Saint-Germain, parava na metade do caminho de seu antigo escritório, refazia seus passos, entrava em casa, retirando na escada seu relógio para verificar a hora; levantava a rodela de cartão que cobria seu tinteiro, retirava os punhos de sua camisa e substituía-os por muito papel manilha, o papel que serve para cobrir os processos, trocava sua roupa limpa pela velha sobrecasaca que vestia no Ministério, e ao trabalho!

Inventava questões a tratar, enviava a si mesmo petições, respondia, fazia o que chamamos de "registro", escrevendo em um grande livro a data dos recebimentos e envios. E, com a sessão de escritório terminada, vagava, como antes, uma hora nas ruas antes de retornar para jantar.

Teve sorte, nas primeiras vezes, de inventar uma questão análoga àquelas que adorava tratar, porém mais confusa, mais quimérica, mais inteiramente simplória. Trabalhou duramente, procurou nas deliberações do Conselho de Estado e do Tribunal de Segunda Instância essas deliberações que lá se encontram, à sua escolha, para defender ou sustentar esta ou aquela causa. Feliz de patinar pelos papelórios jurídicos, de tentar combinar à sua tese as ridículas jurisprudências que vão para todos os lados, suava sobre o papel, recomeçando muitas vezes os processos ou minutas, corrigia-os na margem em branco, como antes fazia seu chefe, não chegando, apesar de tudo, a sa-

[5] *Grimace*: caixa de obreias cuja tampa é uma almofada de alfinetes. (n.t.)

tisfazer-se, mordendo a caneta-tinteiro, batendo-se na testa, sufocando, abrindo a janela para o ar entrar.

Viveu, durante um mês, desse modo; depois uma fraqueza de espírito o pegou. Trabalhava até às cinco horas, mas se sentia exausto, descontente consigo mesmo, distraído, incapaz de abstrair-se, de sonhar apenas com seus processos. No fundo, *agora sentia* a comédia em que atuava; havia reconstituído perfeitamente o ambiente do antigo escritório, a própria sala. Deixava-a, se preciso, fechada para que exalasse aquele cheiro de poeira e tinta seca que emana das salas dos Ministérios – mas o barulho, a conversação, faltavam os vais e vens de seus colegas. Nenhuma alma para conversar. Seu escritório solitário não era, no fim das contas, um escritório de verdade. Mesmo que tivesse tentado em vão retomar todos os seus hábitos, não era a mesma coisa. – Ah! faria de tudo para poder tocar o sino e ver seu subordinado entrar e, por alguns minutos, bater um papo.

E depois... e depois... outros buracos abriam-se no solo fictício dessa vida fraca. De manhã, enquanto recebia as cartas que enviava para si mesmo na véspera, sabia o que continham os envelopes; reconhecia sua caligrafia, o formato do envelope em que tinha colocado este ou aquele documento, e isso tirava toda a ilusão! Precisava ao menos que outra pessoa escrevesse as cartas e utilizasse envelopes que não conhecesse!

O desencorajamento o tomou; entediou-se tanto, que se deu folga de alguns dias e vagou pelas ruas.

"O senhor está com uma aparência ruim", dizia Eulalie, olhando o patrão. E, com as mãos nos bolsos do avental, acrescentava: "Não entendo mesmo por que perder tempo trabalhando, quando isso não traz dinheiro algum!"

Suspirava e, quando ela saía, contemplava-se no espelho. Mas era verdade que parecia mal, e que estava velho! Seus olhos de um azul surpreso, doloridos, seus olhos sempre arregalados, bem abertos, enrugavam-se; e os tufos de suas sobrancelhas ficavam brancos. Sua cabeça se desnudava, suas costeletas estavam grisalhas, a própria boca cuidadosamente barbeada se infiltrava sob o queixo saliente; enfim, seu pequeno corpo rechonchudo murchava, os ombros arqueavam, as roupas pareciam largas e mais velhas. Via-se arruinado, caduco, esmagado por esses cinquenta anos que suportara com tanto entusiasmo enquanto trabalhava em um verdadeiro escritório.

"O senhor deveria tomar um purgante – repetia Eulalie quando o via de novo. O senhor está entediado, porque não vai então pescar; traria peixinhos fritos do Sena, isso o distrairia."

Sr. Bougran balançou suavemente a cabeça, e saiu.

Em um dia em que o acaso de um passeio o conduzira, sem que mesmo notasse, ao Jardim das Plantas, seu olhar atraiu-se, de repente, por um movimento de braço passando perto de seu rosto. Parou, recuperou-se, viu um de seus antigos subordinados que o cumprimentava.

Teve uma luz; quase um grito de alegria.

"Huriot", disse. O outro se virou, tirou o chapéu, pôs em riste um cachimbo que segurava.

"Ora, ora, meu amigo, o que anda fazendo?

– Nada, Senhor Bougran, faço uns consertos por aqui, por ali, para ganhar algum dinheiro além da minha aposentadoria; mas, com todo o respeito, não faço nada que preste, já que não sirvo para nada. E minhas pernas também não ajudam mais.

– Escute, Huriot, você ainda tem um de seus uniformes de subordinado do ministério?

– Sim, senhor. Tenho um velho que uso em casa para não gastar as roupas quando saio.

– Ah!"

Sr. Bougran estava mergulhado em uma meditação deliciosa. Colocá-lo a seu serviço, em roupa de escritório, em sua casa. A cada quinze minutos, ele entraria como antes em sua sala, trazendo papéis. E depois, poderia fazer o despacho, escrever o endereço nos envelopes. Seria, talvez, um escritório finalmente!

– Meu rapaz, aqui, ouça bem, respondeu Sr. Bougran. Dou-lhe cinquenta francos por mês para ir à minha casa, exatamente, perceba, exatamente como no escritório. Você terá menos degraus a subir e a descer, mas fará sua barba e deixará costeletas como antes, e vestirá novamente seu uniforme. Tudo bem?

– Sim, tudo bem! – E, hesitando, deu uma piscadela; o senhor vai, então, montar um estabelecimento, alguma coisa como um banco, Sr. Bougran?

– Não, é outra coisa que lhe explicarei quando chegar o momento; aqui está meu endereço. Arrume-se como puder, mas venha à minha casa, amanhã, começar seu trabalho.

E o deixou a trotes largos, rumo à sua casa."

“Bem, é assim que o senhor deveria estar todos os dias”, disse Eulalie, que o observava e se perguntava o que poderia ter acontecido nessa vida monótona.

Tinha que extravasar, exprimir sua felicidade, falar. Contou à empregada seu encontro, depois ficou inquieto e cismado diante do olhar severo da mulher.

“Então ele viria, esse senhor, para não fazer nada, e ainda comer seu dinheiro! disse ela, em tom seco.

– Não, não, Eulalie, ele terá trabalho; e depois é um homem valente, um velho servidor completamente ciente de seu serviço.

– Grande coisa! Por cinquenta francos ficará lá, de braços cruzados, enquanto faço a faxina, faço a comida; eu, que cuido do senhor, não ganho nem quarenta francos por mês. – É demais, no fim das contas! – Não, Senhor Bougran, isso não pode funcionar assim: pegue esse velho rapaz de escritório e faça-o massagear seus reumatismos com a flanela e esse creme que fede a tinta, eu vou embora; na minha idade, não se suporta esse tipo de tratamento!”

Sr. Bougran olhava-a chocado.

“Ora, minha cara Eulalie, não precisa ficar nervosa assim; veja, se quiser, aumento um pouco o seu salário...

– Meu salário! Não é por cinquenta francos por mês que o senhor me oferecer agora, que decidirei ficar; é pela maneira como o senhor age comigo que quero ir embora!”

Sr. Bougran refletiu que de modo algum havia lhe oferecido cinquenta francos de salário, sua intenção era simplesmente aumentar-lhe cinco francos por mês; mas diante da figura irritada da velha que declarava que partiria apesar de tudo, baixou a cabeça e pediu desculpas, tentando persuadi-la com cortesias e convencê-la a não fazer, como ameaçava, as malas.

“E onde o senhor o colocará, não na minha cozinha? perguntou Eulalie que, tendo conseguido o que queria, aceitou acalmar-se.

– Não, na antessala; nem terá que se preocupar, nem vê-lo; veja bem, minha filha, não tinha nem por que perder a calma, como fez!

– Perco a calma quando quero e lhe digo tudo na cara! – gritou ela, agressiva de novo, decidida a ficar, mas a manter o semblante de reprovação.

Exausto, Sr. Bougran não ousou mais olhá-la até que saiu, com um ar insolente e orgulhoso, da sala.

IV

– Não tem muita correspondência esta manhã!

– Não, Huriot, nós relaxamos; ontem tive um grande caso para tratar, e como estou sozinho, tive que negligenciar as questões menos importantes e o serviço sofre com isso!

– Nós estamos fracos, como dizia o pobre Senhor de Pinaudel. O senhor o conheceu?

– Sim, meu rapaz. Ah! Era um homem muito capaz. Não havia ninguém como ele para redigir uma carta delicada. Um honesto servidor, que foi aposentado, como eu, antes da idade!

– Também é preciso ver a administração deles agora, dos pequenos jovens que só pensam em seu próprio prazer, que só têm a cabeça para isso. Ah, Senhor Bougran! Os escritórios estão decaindo!

Sr. Bougran deu um suspiro. Depois, com um sinal, dispensou o rapaz e voltou ao trabalho.

Ah, essa língua administrativa da qual deveria cuidar! Esses "respaldar-se de", "em resposta à carta que recebi, tenho a honra de informar que", esses "conforme o parecer apresentado em sua missiva relativa a...". Essas frases costumeiras "o espírito, senão o texto da lei", "sem desmerecer a importância das considerações invocadas para sustentar esta tese...". Enfim, essas fórmulas destinadas ao ministério da Justiça em que se falava do "parecer emanado de sua Chancelaria". Todas essas frases evasivas e atenuadas, os "estou inclinado a acreditar", "não lhe escapará", "fixarei o preço em", todo esse vocabulário de volteios que remonta ao tempo de Colbert deixava Sr. Bougran agoniado.

Com a cabeça entre as mãos, relia as primeiras frases cujo rascunho concluía. Estava atualmente ocupado com exercícios de estilo, mergulhado na apelação contra o Conselho do Estado.

E salmodiava a inevitável fórmula de início:

"Senhor Presidente,

"A seção do Contencioso transmitiu-me, a fim de apreciação, um recurso formado diante do Conselho de Estado por um cavalheiro tal, a fim de anular por excesso de poder nossa deliberação datada de..."

E a segunda frase:

"Antes de iniciar a discussão dos argumentos que o peticionário apresenta em apoio à sua causa, lembro sumariamente os fatos que motivam o presente recurso."

É aqui que ficava difícil.

"Seria preciso camuflar isso, não avançar muito, murmurava Sr. Bougran. A reclamação de um cavalheiro tal é em direito fundado. Trata-se de sair habilmente desse litígio, de fazer uso da astúcia, de negligenciar certos pontos. Em suma, tenho, nos termos da lei, quarenta dias para responder; vou pensar nisso, cozinhar a ideia na minha cabeça, não defender o ministério às cegas...

– Aqui está a correspondência – disse Huriot trazendo duas cartas.

– Em tempo! – ah, o dia está duro! como, já são quatro horas! – É mesmo impressionante, disse a si mesmo, inspirando um pouco de ar, quando o rapaz saiu, como esse Huriot fede a alho e vinho! – Tudo como no escritório, acrescentou, satisfeito. E a poeira em todo lugar, nunca a limpava, sempre como no escritório. – É muito natural!"

O que era muito natural também, mas que quase não reparava, era o antagonismo crescente entre Eulalie e Huriot. Ainda que tivesse obtido seus cinquenta francos por mês, a empregada não se acostumava com esse bêbado que, embora servil e doce, dormia em uma cadeira da antessala, esperando que o chefe o chamasse.

"Preguiçoso, dizia, remexendo as caçarolas e a louça; e pensar que esse velho barrigudo ronca o dia todo, sem fazer nada!"

E para demonstrar seu descontentamento ao patrão, errou voluntariamente nos molhos, não abriu mais a boca, fechou violentamente as portas.

Tímido, Sr. Bougran baixava o nariz, tampava os ouvidos para evitar escutar as abomináveis discussões que travavam seus dois empregados, na entrada da cozinha; no entanto, chegavam-lhe algumas partes em que, unidos por uma opinião comum, Eulalie e Huriot referiam-se a ele juntos: louco, miolo mole, velho idiota.

Isso lhe trouxe uma tristeza que influenciou o trabalho. Agora não podia mais sentar-se tranquilo. Agora que precisava, para redigir essa apelação, reunir toda a atenção de que era capaz, sentia uma falta de concentração absoluta; os pensamentos se reportavam a essas cenas domésticas, ao humor massacrante de Eulalie, e quanto mais tentava desarmá-la com a suplicante

gentileza de seu olhar de cordeiro, mais ela se rebelava, certa de vencê-lo teimando ainda mais. E ele, desesperado, ficava sozinho, em casa, à noite, mastigando um execrável jantar, sem ousar reclamar.

Esses problemas aceleraram as enfermidades da velhice que pesava agora sobre ele; estava obcecado, engasgava depois das refeições, acordava com sobressaltos atrozes.

Logo começou a ter dificuldade para descer as escadas e sair para *ir a seu escritório*; mas aprumava-se, partia ainda pela manhã, andava uma meia hora antes de voltar para casa.

A pobre cabeça vacilava; mesmo assim, gastava-a com essa apelação que tinha começado e da qual nunca conseguia se livrar. Persistentemente, agora que sentia a mente mais livre, caçava ainda essa questão fictícia que se tinha proposto.

Resolveu-a enfim, mas fez um esforço tão grande com o cérebro, que este soçobrou, com um solavanco. Deu um grito. Nem Huriot, nem a empregada se mexeram. À noite, encontraram-no caído em cima da mesa, com a boca meio-aberta, os olhos vazios. Trouxeram um médico que constatou uma apoplexia e declarou que o doente estava perdido.

Sr. Bougran morreu durante a noite, enquanto o rapaz e a empregada se insultavam e procuravam reciprocamente afastar-se para remexer nos móveis.

Em cima da escrivaninha, na sala agora deserta, via-se a folha de papel sobre a qual Sr. Bougran tinha escrito, rapidamente, ao sentir que morria, as últimas linhas de sua apelação:

"Por esses motivos, não posso, senhor Presidente, senão emitir um parecer desfavorável sobre dar continuidade ao recurso formado por um cavalheiro tal."

O Ônibus Celestial

E. M. Forster

O texto: Escrito e publicado em 1908, no periódico mensal *The Albany Review*, esta narrativa deu título ao primeiro livro de contos de E. M. Forster, *The Celestial Omnibus and Other Stories* (1911). Como na maioria dos primeiros contos do autor, o protagonista é um adolescente, cuja experiência diante de um acontecimento inusitado (no caso em questão, o contato com um mundo fantástico) põe em evidência e questiona as convenções, os valores, crenças, hábitos e desejos da sociedade vitoriana do início do século XX. Isoladas, essas personagens passam a perceber que os liames que constituem o grupo social a que ainda pertencem são instáveis e capciosos, funcionando sob uma aparência de urbanidade e refinamento, aqui representados pela personagem do Sr. Bons, o presidente da Sociedade Literária.

Texto traduzido: Forster, E. M. "The Celestial Omnibus" In. *The Celestial Omnibus and Other Stories*. New York: Alfred A. Knopf, 1923.

O autor: Edward Morgan Forster (1879-1970) é um dos principais romancistas ingleses do século XX. Sua escrita se caracteriza pelo uso de uma fina ironia em frases de sóbria elegância, tendo por alvo a sociedade burguesa de classe média alta da Inglaterra do início do século XX. Fez parte do Bloomsbury Group, composto por intelectuais e artistas, dos quais se destacam nomes como Virginia Woolf, John Maynard Keynes e G. E. Moore. Além de romances, dedicou-se a outros gêneros literários, como narrativas curtas, ensaios, discursos e biografias.

Os tradutores: Helvio Moraes é professor de Língua Inglesa e Literatura na Uni-versidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT; membro do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGEL/Unemat; doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Para a (n.t.) traduziu o ensaio "No que acre-dito", de E. M. Forster.

Autajan Geocasta de Araújo Carvalho é graduada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso.

THE CELESTIAL OMNIBUS

"'Omnibus est,' said the driver, without turning round."

E. M. FORSTER

I

The boy who resided at Agathox Lodge, 28, Buckingham Park Road, Surbiton, had often been puzzled by the old sign-post that stood almost opposite. He asked his mother about it, and she replied that it was a joke, and not a very nice one, which had been made many years back by some naughty young men, and that the police ought to remove it. For there were two strange things about this sign-post: firstly, it pointed up a blank alley, and, secondly, it had painted on it in faded characters, the words, "To Heaven."

"What kind of young men were they?" he asked.

"I think your father told me that one of them wrote verses, and was expelled from the University and came to grief in other ways. Still, it was a long time ago. You must ask your father about it. He will say the same as I do, that it was put up as a joke."

"So it doesn't mean anything at all?"

She sent him upstairs to put on his best things, for the Bonses were coming to tea, and he was to hand the cake-stand.

It struck him, as he wrenched on his tightening trousers, that he might do worse than ask Mr. Bons about the sign-post. His father, though very kind, always laughed at him–shrieked with laughter whenever he or any other child asked a question or spoke. But Mr. Bons was serious as well as kind. He had a beautiful house and lent one books, he was a churchwarden, and a candidate for the County Council; he had donated to the Free Library

enormously, he presided over the Literary Society, and had Members of Parliament to stop with him–in short, he was probably the wisest person alive.

Yet even Mr. Bons could only say that the sign-post was a joke–the joke of a person named Shelley.

"Off course!" cried the mother; "I told you so, dear. That was the name."

"Had you never heard of Shelley?" asked Mr. Bons.

"No," said the boy, and hung his head.

"But is there no Shelley in the house?"

"Why, yes!" exclaimed the lady, in much agitation. "Dear Mr. Bons, we aren't such Philistines as that. Two at the least. One a wedding present, and the other, smaller print, in one of the spare rooms."

"I believe we have seven Shelleys," said Mr. Bons, with a slow smile. Then he brushed the cake crumbs off his stomach, and, together with his daughter, rose to go.

The boy, obeying a wink from his mother, saw them all the way to the garden gate, and when they had gone he did not at once return to the house, but gazed for a little up and down Buckingham Park Road.

His parents lived at the right end of it. After No. 39 the quality of the houses dropped very suddenly, and 64 had not even a separate servants entrance. But at the present moment the whole road looked rather pretty, for the sun had just set in splendour, and the inequalities of rent were drowned in a saffron afterglow. Small birds twittered, and the breadwinners' train shrieked musically down through the cutting–that wonderful cutting which has drawn to itself the whole beauty out of Surbiton, and clad itself, like any Alpine valley, with the glory of the fir and the silver birch and the primrose. It was this cutting that had first stirred desires within the boy–desires for something just a little different, he knew not what, desires that would return whenever things were sunlit, as they were this evening, running up and down inside him, up and down, up and down, till he would feel quite unusual all over, and as likely as not would want to cry. This evening he was even sillier, for he slipped across the road towards the sign-post and began to run up the blank alley.

The alley runs between high walls–the walls of the gardens of "Ivanhoe" and "Belle Vista" respectively. It smells a little all the way, and is scarcely twenty yards long, including the turn at the end. So not unnaturally the boy soon came to a standstill. "I'd like to kick that Shelley," he exclaimed, and

glanced idly at a piece of paper which was pasted on the wall. Rather an odd piece of paper, and he read it carefully before he turned back. This is what he read:

S. AND C.R.C.C.
Alteration in Service.

Owing to lack of patronage the Company are regretfully compelled to suspend the hourly service, and to retain only the

Sunrise and Sunset Omnibuses,

which will run as usual. It is to be hoped that the public will patronize an arrangement which is intended for their convenience. As an extra inducement, the Company will, for the first time, now issue

Return Tickets!

(available one day only), which may be obtained of the driver. Passengers are again reminded that *no tickets are issued at the other end*, and that no complaints in this connection will receive consideration from the Company. Nor will the Company be responsible for any negligence or stupidity on the part of Passengers, nor for Hailstorms, Lightning, Loss of Tickets, nor for any Act of God.

For the Direction.

Now he had never seen this notice before, nor could he imagine where the omnibus went to. S. of course was for Surbiton, and R.C.C. meant Road Car Company. But what was the meaning or the other C.? Coombe and Maiden, perhaps, of possibly "City." Yet it could not hope to compete with the South-Western. The whole thing, the boy reflected, was run on hopelessly unbusiness-like lines. Why no tickets from the other end? And what an hour to start! Then he realized that unless the notice was a hoax, an omnibus must have been starting just as he was wishing the Bonses goodbye. He peered at the ground through the gathering dusk, and there he saw what might or might not be the marks of wheels. Yet nothing had come out of the alley. And he had never seen an omnibus at any time in the Buck-

ingham Park Road. No: it must be a hoax, like the sign-posts, like the fairy tales, like the dreams upon which he would wake suddenly in the night. And with a sigh he stepped from the alley–right into the arms of his father.

Oh, how his father laughed! "Poor, poor Popsey!" he cried. "Diddums! Diddums! Diddums think he'd walky-palky up to Evvink!" And his mother, also convulsed with laughter, appeared on the steps of Agathox Lodge. "Don't, Bob!" she gasped. "Don't be so naughty! Oh, you'll kill me! Oh, leave the boy alone!"

But all that evening the joke was kept up. The father implored to be taken too. Was it a very tiring walk? Need one wipe one's shoes on the doormat? And the boy went to bed feeling faint and sore, and thankful for only one thing–that he had not said a word about the omnibus. It was a hoax, yet through his dreams it grew more and more real, and the streets of Surbiton, through which he saw it driving, seemed instead to become hoaxes and shadows. And very early in the morning he woke with a cry, for he had had a glimpse of its destination.

He struck a match, and its light fell not only on his watch but also on his calendar, so that he knew it to be half-an-hour to sunrise. It was pitch dark, for the fog had come down from London in the night, and all Surbiton was wrapped in its embraces. Yet he sprang out and dressed himself, for he was determined to settle once for all which was real: the omnibus or the streets. "I shall be a fool one way or the other," he thought, "until I know." Soon he was shivering in the road under the gas lamp that guarded the entrance to the alley.

To enter the alley itself required some courage. Not only was it horribly dark, but he now realized that it was an impossible terminus for an omnibus. If it had not been for a policeman, whom he heard approaching through the fog, he would never have made the attempt. The next moment he had made the attempt and failed. Nothing. Nothing but a blank alley and a very silly boy gaping at its dirty floor. It *was* a hoax. "I'll tell papa and mamma," he decided. "I deserve it. I deserve that they should know. I am too silly to be alive." And he went back to the gate of Agathox Lodge.

There he remembered that his watch was fast. The sun was not risen; it would not rise for two minutes. "Give the bus every chance," he thought cynically, and returned into the alley.

But the omnibus was there.

II

It had two horses, whose sides were still smoking from their journey, and its two great lamps shone through the fog against the alley's walls, changing their cobwebs and moss into tissues of fairyland. The driver was huddled up in a cape. He faced the blank wall, and how he had managed to drive in so neatly and so silently was one of the many things that the boy never discovered. Nor could he imagine how ever he would drive out.

"Please," his voice quavered through the foul brown air, "Please, is that an omnibus?"

"Omnibus est," said the driver, without turning round. There was a moment's silence. The policeman passed, coughing, by the entrance of the alley. The boy crouched in the shadow, for he did not want to be found out. He was pretty sure, too, that it was a Pirate; nothing else, he reasoned, would go from such odd places and at such odd hours.

"About when do you start?" He tried to sound nonchalant.

"At sunrise."

"How far do you go?"

"The whole way."

"And can I have a return ticket which will bring me all the way back?"

"You can."

"Do you know, I half think I'll come." The driver made no answer. The sun must have risen, for he unhitched the brake. And scarcely had the boy jumped in before the omnibus was off.

How? Did it turn? There was no room. Did it go forward? There was a blank wall. Yet it was moving–moving at a stately pace through the fog, which had turned from brown to yellow. The thought of warm bed and warmer breakfast made the boy feel faint. He wished he had not come. His parents would not have approved. He would have gone back to them if the weather had not made it impossible. The solitude was terrible; he was the only passenger. And the omnibus, though well-built, was cold and somewhat musty. He drew his coat round him, and in so doing chanced to feel his pocket. It was empty. He had forgotten his purse.

"Stop!" he shouted. "Stop!" And then, being of a polite disposition, he glanced up at the painted notice-board so that he might call the driver by name. "Mr. Browne! stop; O, do please stop!"

Mr. Browne did not stop, but he opened a little window and looked in at the boy. His face was a surprise, so kind it was and modest.

"Mr. Browne, I've left my purse behind. I've not got a penny. I can't pay for the ticket. Will you take my watch, please? I am in the most awful hole."

"Tickets on this line," said the driver, "whether single or return, can be purchased by coinage from no terrene mint. And a chronometer, though it had solaced the vigils of Charlemagne, or measured the slumbers of Laura, can acquire by no mutation the double-cake that charms the fangless Cerberus of Heaven!" So saying, he handed in the necessary ticket, and, while the boy said "Thank you," continued: "Titular pretensions, I know it well, are vanity. Yet they merit no censure when uttered on a laughing lip, and in an homonymous world are in some sort useful, since they do serve to distinguish one Jack from his fellow. Remember me, therefore, as Sir Thomas Browne."

"Are you a Sir? Oh, sorry!" He had heard of these gentlemen drivers. "It *is* good of you about the ticket. But if you go on at this rate, however does your bus pay?"

"It does not pay. It was not intended to pay. Many are the faults of my equipage; it is compounded too curiously of foreign woods; its cushions tickle erudition rather than promote repose; and my horses are nourished not on the evergreen pastures of the moment, but on the dried bents and clovers of Latinity. But that it pays!–that error at all events was never intended and never attained."

"Sorry again," said the boy rather hopelessly. Sir Thomas looked sad, fearing that, even for a moment, he had been the cause of sadness. He invited the boy to come up and sit beside him on the box, and together they journeyed on through the fog, which was now changing from yellow to white. There were no houses by the road; so it must be either Putney Heath or Wimbledon Common.

"Have you been a driver always?"

"I was a physician once."

"But why did you stop? Weren't you good?"

"As a healer of bodies I had scant success, and several score of my patients preceded me. But as a healer of the spirit I have succeeded beyond my hopes and my deserts. For though my draughts were not better nor subtler than those of other men, yet, by reason of the cunning goblets

wherein I offered them, the queasy soul was ofttimes tempted to sip and be refreshed."

"The queasy soul," he murmured; "if the sun sets with trees in front of it, and you suddenly come strange all over, is that a queasy soul?"

"Have you felt that?"

"Why yes."

After a pause he told the boy a little, a very little, about the journey's end. But they did not chatter much, for the boy, when he liked a person, would as soon sit silent in his company as speak, and this, he discovered, was also the mind of Sir Thomas Browne and of many others with whom he was to be acquainted. He heard, however, about the young man Shelley, who was now quite a famous person, with a carriage of his own, and about some of the other drivers who are in the service of the Company. Meanwhile the light grew stronger, though the fog did not disperse. It was now more like mist than fog, and at times would travel quickly across them, as if it was part of a cloud. They had been ascending, too, in a most puzzling way; for over two hours the horses had been pulling against the collar, and even if it were Richmond Hill they ought to have been at the top long ago. Perhaps it was Epsom, or even the North Downs; yet the air seemed keener than that which blows on either. And as to the name of their destination, Sir Thomas Browne was silent.

Crash!

"Thunder, by Jove!" said the boy, "and not so far off either. Listen to the echoes! It's more like mountains."

He thought, not very vividly, of his father and mother. He saw them sitting down to sausages and listening to the storm. He saw his own empty place. Then there would be questions, alarms, theories, jokes, consolations. They would expect him back at lunch. To lunch he would not come, nor to tea, but he would be in for dinner, and so his day's truancy would be over. If he had had his purse he would have bought them presents–not that he should have known what to get them.

Crash!

The peal and the lightning came together. The cloud quivered as if it were alive, and torn streamers of mist rushed past. "Are you afraid?" asked Sir Thomas Browne.

"What is there to be afraid of? Is it much farther?"

The horses of the omnibus stopped just as a ball of fire burst up and exploded with a ringing noise that was deafening but clear, like the noise of a blacksmith's forge. All the cloud was shattered.

"Oh, listen. Sir Thomas Browne! No, I mean look; we shall get a view at last. No, I mean listen; that sounds like a rainbow!"

The noise had died into the faintest murmur, beneath which another murmur grew, spreading stealthily, steadily, in a curve that widened but did not vary. And in widening curves a rainbow was spreading from the horses' feet into the dissolving mists.

"But how beautiful! What colours! Where will it stop? It is more like the rainbows you can tread on. More like dreams."

The colour and the sound grew together. The rainbow spanned an enormous gulf. Clouds rushed under it and were pierced by it, and still it grew, reaching forward, conquering the darkness, until it touched something that seemed more solid than a cloud.

The boy stood up. "What is that out there?" he called. "What does it rest on, out at that other end?"

In the morning sunshine a precipice shone forth beyond the gulf A precipice–or was it a castle? The horses moved. They set their feet upon the rainbow.

"Oh, look!" the boy shouted. "Oh, listen! Those caves–or are they gateways? Oh, look between those cliffs at those ledges. I see people! I see trees!"

"Look also below," whispered Sir Thomas. "Neglect not the diviner Acheron."

The boy looked below, past the flames of the rainbow that licked against their wheels. The gulf also had cleared, and in its depths there flowed an everlasting river. One sunbeam entered and struck a green pool, and as they passed over he saw three maidens rise to the surface of the pool, singing, and playing with something that glistened like a ring.

"You down in the water–" he called.

They answered, "You up on the bridge–" There was a burst of music. "You up on the bridge, good luck to you. Truth in the depth, truth on the height."

"You down in the water, what are you doing?"

Sir Thomas Browne replied: "They sport in the mancipiary possession of their gold"; and the omnibus arrived.

III

The boy was in disgrace. He sat locked up in the nursery of Agathox Lodge, learning poetry for a punishment. His father had said, "My boy! I can pardon anything but untruthfulness," and had caned him, saying at each stroke, "There is *no* omnibus, *no* driver, *no* bridge, *no* mountain; you are a *truant*, *guttersnipe*, a *liar*." His father could be very stern at times. His mother had begged him to say he was sorry. But he could not say that. It was the greatest day of his life, in spite of the caning, and the poetry at the end of it.

He had returned punctually at sunset–driven not by Sir Thomas Browne, but by a maiden lady who was full of quiet fun. They had talked of omnibuses and also of barouche landaus. How far away her gentle voice seemed now! Yet it was scarcely three hours since he had left her up the alley.

His mother called through the door. "Dear, you are to come down and to bring your poetry with you."

He came down, and found that Mr. Bons was in the smoking-room with his father. It had been a dinner party.

"Here is the great traveller!" said his father grimly. "Here is the young gentleman who drives in an omnibus over rainbows, while young ladies sing to him." Pleased with his wit, he laughed.

"After all," said Mr. Bons, smiling, "there is something a little like it in Wagner. It is odd how, in quite illiterate minds, you will find glimmers of Artistic Truth. The case interests me. Let me plead for the culprit. We have all romanced in our time, haven't we?"

"Hear how kind Mr. Bons is," said his mother, while his father said, "Very well. Let him say his Poem, and that will do. He is going away to my sister on Tuesday, and she will cure him of this alley-slopering." (Laughter.) "Say your Poem."

The boy began. "'Standing aloof in giant ignorance.'"

His father laughed again–roared. "One for you, my son! 'Standing aloof in giant ignorance!' I never knew these poets talked sense. Just describes you. Here, Bons, you go in for poetry. Put him through it, will you, while I fetch up the whisky?"

"Yes, give me the Keats," said Mr. Bons. "Let him say his Keats to me."

So for a few moments the wise man and the ignorant boy were left alone in the smoking-room.

"'Standing aloof in giant ignorance, of thee I dream and of the Cyclades, as one who sits ashore and longs perchance to visit–'"

"Quite right. To visit what?"

"'To visit dolphin coral in deep seas,'" said the boy, and burst into tears.

"Come, come! why do you cry?"

"Because–because all these words that only rhymed before, now that I've come back they're me."

Mr. Bons laid the Keats down. The case was more interesting than he had expected. "*You?*" he exclaimed, "This sonnet, *you*?"

"Yes–and look further on: 'Aye, on the shores of darkness there is light, and precipices show untrodden green.' It *is* so, sir. All these things are true."

"I never doubted it," said Mr. Bons, with closed eyes.

"You–then you believe me? You believe in the omnibus and the driver and the storm and that return ticket I got for nothing and–"

"Tut, tut! No more of your yarns, my boy. I meant that I never doubted the essential truth of Poetry. Some day, when you read more, you will understand what I mean."

"But Mr. Bons, it *is* so. There *is* light upon the shores of darkness. I have seen it coming. Light and a wind."

"Nonsense," said Mr. Bons.

"If I had stopped! They tempted me. They told me to give up my ticket–for you cannot come back if you lose your ticket. They called from the river for it, and indeed I was tempted, for I have never been so happy as among those precipices. But I thought of my mother and father, and that I must fetch them. Yet they will not come, though the road starts opposite our house. It has all happened as the people up there warned me, and Mr. Bons has disbelieved me like every one else. I have been caned. I shall never see that mountain again."

"What's that about me?" said Mr. Bons, sitting up in his chair very suddenly.

"I told them about you, and how clever you were, and how many books you had, and they said, 'Mr. Bons will certainly disbelieve you.'"

"Stuff and nonsense, my young friend. You grow impertinent. I–well–I will settle the matter. Not a word to your father. I will cure you. To-morrow evening I will myself call here to take you for a walk, and at sunset we will go up this alley opposite and hunt for your omnibus, you silly little boy."

His face grew serious, for the boy was not disconcerted, but leapt about the room singing, "Joy! joy! I told them you would believe me. We will drive together over the rainbow. I told them that you would come." After all, could there be anything in the story? Wagner? Keats? Shelley? Sir Thomas Browne? Certainly the case was interesting.

And on the morrow evening, though it was pouring with rain, Mr. Bons did not omit to call at Agathox Lodge.

The boy was ready, bubbling with excitement, and skipping about in a way that rather vexed the President of the Literary Society. They took a turn down Buckingham Park Road, and then–having seen that no one was watching them–slipped up the alley. Naturally enough (for the sun was setting) they ran straight against the omnibus.

"Good heavens!" exclaimed Mr. Bons. "Good gracious heavens!"

It was not the omnibus in which the boy had driven first, nor yet that in which he had returned. There were three horses–black, gray, and white, the gray being the finest. The driver, who turned round at the mention of goodness and of heaven, was a sallow man with terrifying jaws and sunken eyes. Mr. Bons, on seeing him, gave a cry as if of recognition, and began to tremble violently.

The boy jumped in.

"Is it possible?" cried Mr. Bons. "Is the impossible possible?"

"Sir; come in, sir. It is such a fine omnibus. Oh, here is his name–Dan some one."

Mr. Bons sprang in too. A blast of wind immediately slammed the omnibus door, and the shock jerked down all the omnibus blinds, which were very weak on their springs.

"Dan.... Show me. Good gracious heavens! we're moving."

"Hooray!" said the boy.

Mr. Bons became flustered. He had not intended to be kidnapped. He could not find the door-handle, nor push up the blinds. The omnibus was quite dark, and by the time he had struck a match, night had come on outside also. They were moving rapidly.

"A strange, a memorable adventure," he said, surveying the interior of the omnibus, which was large, roomy, and constructed with extreme regularity, every part exactly answering to every other part. Over the door (the handle of which was outside) was written, "Lasciate ogni baldanza voi che entrate"–at least, that was what was written, but Mr. Bons said that it was Lashy arty something, and that baldanza was a mistake for speranza. His voice sounded as if he was in church. Meanwhile, the boy called to the cadaverous driver for two return tickets. They were handed in without a word. Mr. Bons covered his face with his hand and again trembled. "Do you know who that is!" he whispered, when the little window had shut upon them. "It is the impossible."

"Well, I don't like him as much as Sir Thomas Browne, though I shouldn't be surprised if he had even more in him."

"More in him?" He stamped irritably. "By accident you have made the greatest discovery of the century, and all you can say is that there is more in this man. Do you remember those vellum books in my library, stamped with red lilies? This–sit still, I bring you stupendous news!–*this is the man who wrote them*."

The boy sat quite still. "I wonder if we shall see Mrs. Gamp?" he asked, after a civil pause.

"Mrs. –?"

"Mrs. Gamp and Mrs. Harris. I like Mrs. Harris. I came upon them quite suddenly. Mrs. Gamp's bandboxes have moved over the rainbow so badly. All the bottoms have fallen out, and two of the pippins off her bedstead tumbled into the stream."

"Out there sits the man who wrote my vellum books!" thundered Mr. Bons, "and you talk to me of Dickens and of Mrs. Gamp?"

"I know Mrs. Gamp so well," he apologized. "I could not help being glad to see her. I recognized her voice. She was telling Mrs. Harris about Mrs. Prig."

"Did you spend the whole day in her elevating company?"

"Oh, no. I raced. I met a man who took me out beyond to a race-course. You run, and there are dolphins out at sea."

"Indeed. Do you remember the man's name?"

"Achilles. No; he was later. Tom Jones."

Mr. Bons sighed heavily. "Well, my lad, you have made a miserable mess of it. Think of a cultured person with your opportunities! A cultured person

would have known all these characters and known what to have said to each. He would not have wasted his time with a Mrs. Gamp or a Tom Jones. The creations of Homer, of Shakespeare, and of Him who drives us now, would alone have contented him. He would not have raced. He would have asked intelligent questions."

"But, Mr. Bons," said the boy humbly, "you will be a cultured person. I told them so."

"True, true, and I beg you not to disgrace me when we arrive. No gossiping. No running. Keep close to my side, and never speak to these Immortals unless they speak to you. Yes, and give me the return tickets. You will be losing them."

The boy surrendered the tickets, but felt a little sore. After all, he had found the way to this place. It was hard first to be disbelieved and then to be lectured. Meanwhile, the rain had stopped, and moonlight crept into the omnibus through the cracks in the blinds.

"But how is there to be a rainbow?" cried the boy.

"You distract me," snapped Mr. Bons. "I wish to meditate on beauty. I wish to goodness I was with a reverent and sympathetic person."

The lad bit his lip. He made a hundred good resolutions. He would imitate Mr. Bons all the visit. He would not laugh, or run, or sing, or do any of the vulgar things that must have disgusted his new friends last time. He would be very careful to pronounce their names properly, and to remember who knew whom. Achilles did not know Tom Jones–at least, so Mr. Bons said. The Duchess of Malfi was older than Mrs. Gamp–at least, so Mr. Bons said. He would be self-conscious, reticent, and prim. He would never say he liked any one. Yet when the Wind flew up at a chance touch of his head, all these good resolutions went to the winds, for the omnibus had reached the summit of a moonlit hill, and there was the chasm, and there, across it, stood the old precipices, dreaming, with their feet in the everlasting river. He exclaimed, "The mountain! Listen to the new tune in the water! Look at the camp fires in the ravines," and Mr. Bons, after a hasty glance, retorted, "Water? Camp fires? Ridiculous rubbish. Hold your tongue. There is nothing at all."

Yet, under his eyes, a rainbow formed, compounded not of sunlight and storm, but of moonlight and the spray of the river. The three horses put their feet upon it. He thought it the finest rainbow he had seen, but did not dare to say so, since Mr. Bons said that nothing was there. He leant out–the window had opened–and sang the tune that rose from the sleeping waters.

"The prelude to Rhinegold?" said Mr. Bons suddenly. "Who taught you these *leit motifs*?" He, too, looked out of the window. Then he behaved very oddly. He gave a choking cry, and fell back on to the omnibus floor. He writhed and kicked. His face was green.

"Does the bridge make you dizzy?" the boy asked.

"Dizzy!" gasped Mr. Bons. "I want to go back. Tell the driver."

But the driver shook his head.

"We are nearly there," said the boy, "They are asleep. Shall I call? They will be so pleased to see you, for I have prepared them."

Mr. Bons moaned. They moved over the lunar rainbow, which ever and ever broke away behind their wheels. How still the night was! Who would be sentry at the Gate?

"I am coming," he shouted, again forgetting the hundred resolutions. "I am returning–I, the boy."

"The boy is returning," cried a voice to other voices, who repeated, "The boy is returning."

"I am bringing Mr. Bons with me."

Silence.

"I should have said Mr. Bons is bringing me with him."

Profound silence.

"Who stands sentry?"

"Achilles."

And on the rocky causeway, close to the springing of the rainbow bridge, he saw a young man who carried a wonderful shield.

"Mr. Bons, it is Achilles, armed."

"I want to go back," said Mr. Bons.

The last fragment of the rainbow melted, the wheels sang upon the living rock, the door of the omnibus burst open. Out leapt the boy–he could not resist–and sprang to meet the warrior, who, stooping suddenly, caught him on his shield.

"Achilles!" he cried, "let me get down, for I am ignorant and vulgar, and I must wait for that Mr. Bons of whom I told you yesterday."

But Achilles raised him aloft. He crouched on the wonderful shield, on heroes and burning cities, on vineyards graven in gold, on every dear passion, every joy, on the entire image of the Mountain that he had discovered, en-

circled, like it, with an everlasting stream. "No, no," he protested, "I am not worthy. It is Mr. Bons who must be up here."

But Mr. Bons was whimpering, and Achilles trumpeted and cried, "Stand upright upon my shield!"

"Sir, I did not mean to stand! something made me stand. Sir, why do you delay? Here is only the great Achilles, whom you knew."

Mr. Bons screamed, "I see no one. I see nothing. I want to go back." Then he cried to the driver, "Save me! Let me stop in your chariot. I have honoured you. I have quoted you. I have bound you in vellum. Take me back to my world."

The driver replied, "I am the means and not the end. I am the food and not the life. Stand by yourself, as that boy has stood. I cannot save you. For poetry is a spirit; and they that would worship it must worship in spirit and in truth."

Mr. Bons–he could not resist–crawled out of the beautiful omnibus. His face appeared, gaping horribly. His hands followed, one gripping the step, the other beating the air. Now his shoulders emerged, his chest, his stomach. With a shriek of "I see London," he fell–fell against the hard, moonlit rock, fell into it as if it were water, fell through it, vanished, and was seen by the boy no more.

"Where have you fallen to, Mr. Bons? Here is a procession arriving to honour you with music and torches. Here come the men and women whose names you know. The mountain is awake, the river is awake, over the race-course the sea is awaking those dolphins, and it is all for you. They want you–"

There was the touch of fresh leaves on his forehead. Some one had crowned him.

TELOS

From the *Kingston Gazette, Surbiton Times,* and *Paynes Park Observer*.

The body of Mr. Septimus Bons has been found in a shockingly mutilated condition in the vicinity of the Bermondsey gas-works. The deceased's pockets contained a sovereign-purse, a silver cigar-case, a bijou

pronouncing dictionary, and a couple of omnibus tickets. The unfortunate gentleman had apparently been hurled from a considerable height. Foul play is suspected, and a thorough investigation is pending by the authorities.

THE END

O Ônibus Celestial

"'Omnibus est', disse o condutor, sem se virar."

E. M. FORSTER

I

O garoto que residia em Agathox Logde, número 28, Buckingham Parque Road, Surbiton, intrigava-se amiúde com a velha placa que se encontrava como que diante de sua porta. Perguntou à mãe sobre aquilo, e ela lhe respondeu que era uma brincadeira, e não muito boa, que tinha sido feita há muitos anos por alguns jovens malcriados, e que a polícia já deveria ter removido aquilo. Pois havia duas coisas estranhas sobre esta placa: primeiro, ela indicava um beco deserto e, segundo, nela haviam sido escritas, em caracteres desbotados, as palavras "Para o céu".

"Que tipo de jovens eram eles?" – perguntou.

"Acho que seu pai me disse que um deles escrevia versos, foi expulso da Universidade e veio a fracassar por alguma razão. No entanto, isso aconteceu muitos anos atrás. Você deve perguntar ao seu pai sobre isto. Ele dirá o mesmo que eu disse, que foi colocada por brincadeira".

"Então não significa nada?"

Ela o mandou subir para vestir sua melhor roupa, pois os Bons viriam para o chá e era ele quem deveria carregar a bandeja do bolo.

Ocorreu-lhe, enquanto se retorcia em suas calças apertadas, que melhor seria perguntar ao sr. Bons sobre a placa. Seu pai, embora muito gentil, sempre ria dele – gargalhava sempre que ele ou qualquer outra criança fazia uma pergunta ou falava. Mas o sr. Bons era sério e também gentil. Ele tinha uma casa bonita e emprestava livros para as pessoas, era um clérigo e se candidatara para o Conselho do Município. Havia feito muitas doações para a

Free Library, presidia a Sociedade Literária, e conseguia fazer com que Membros do Parlamento parassem para conversar com ele – em resumo, era provavelmente o ser vivente mais sábio.

No entanto, mesmo o sr. Bons só pôde dizer que a placa era uma brincadeira – a brincadeira de alguém chamado Shelley[1].

"Claro!" – exclamou sua mãe – "Eu lhe disse, querido. Esse era o nome".

"Você nunca tinha ouvido falar de Shelley?" – perguntou o sr. Bons.

"Não" – disse o garoto, e baixou a cabeça.

"Mas não há nenhum Shelley na casa?"

"Oh, sim!" – exclamou a senhora, em grande agitação. "Caro sr. Bons, não somos tão filisteus assim. Pelo menos dois. Um, como presente de casamento, e o outro, em edição menor, num dos quartos vagos."

"Acredito que temos sete Shelleys" – disse o sr. Bons, com um sorriso lento. Em seguida, limpou as migalhas de bolo de sua barriga e, junto com a filha, levantou-se para sair.

O garoto, obedecendo a uma piscadela de sua mãe, mostrou-lhes o caminho do portão do jardim, e quando eles se foram, não voltou imediatamente para a casa, mas ficou, por um instante, observando Buckingham Park Road de cima a baixo.

Seus pais viviam à direita no fim da rua. Depois do nº 39, a qualidade das casas caía bruscamente, e o número 64 sequer tinha uma entrada separada para empregados. Mas, naquele momento, a rua toda parecia muito bonita, o sol acabara de se pôr, radioso, e as desigualdades econômicas foram suprimidas por um fulgor de açafrão. Pequenos pássaros gorjeavam, e o trem dos proletários[2] guinchou musicalmente através daquela passagem – aquela maravilhosa passagem que tinha absorvido para si mesma toda a beleza de Surbiton, e se revestido, como qualquer vale alpino, com a glória do abeto, da bétula prata e da prímula. Foi esta passagem que, anteriormente, movera os desejos do menino – desejos apenas por algo um pouco diferente, ele não sabia o quê, desejos que retornavam sempre que as coisas se acendiam à luz do sol, como neste entardecer, dentro dele, correndo para cima e para baixo, para cima e para baixo, para cima e para baixo, até que ele se sentisse muito estranho e se visse prestes a chorar. Esta tarde ele se sentia ainda mais abo-

[1] Alusão a Percy Bysshe Shelley (1792-1822), poeta romântico inglês. (n.t.)
[2] No original, "breadwinners": ganha-pão; aquele que provê o sustento da família. Optamos por "proletários". (n.t.)

balhado, pois atravessou a rua em direção à placa e começou a percorrer o beco deserto.

O beco estende-se por entre muros altos – os muros dos jardins de "Ivanhoe"[3] e "Belle Vista" respectivamente. Há um pouco de mau cheiro por todo o caminho, que mal chega a 20 jardas de comprimento, incluindo a curva no fim. Por isso, o garoto logo se deparou com um obstáculo. "Gostaria de chutar aquele Shelley" – exclamou –, e observou indolentemente um pedaço de papel que estava colado na parede. Um pedaço de papel bastante estranho, que ele leu cuidadosamente antes de voltar. Eis o que leu:

S. e C.T.T.C.
Alteração no Serviço

Devido à falta de patrocínio, a Empresa lamentavelmente sente-se compelida a suspender o serviço de hora em hora, e a manter apenas o horário do

Nascer e do Pôr do Sol,

que funcionará como de costume. Espera-se que o público chegue a um acordo para sua melhor conveniência. Como um incentivo a mais, a Empresa irá, pela primeira vez, emitir

Bilhetes de regresso!

(disponíveis somente por um dia), que podem ser obtidos do condutor. Lembramos novamente aos passageiros que *não emitimos bilhetes na outra extremidade da linha,* e nenhuma reclamação a este respeito será considerada pela Empresa. A Empresa tampouco irá se responsabilizar por qualquer negligência ou estupidez por parte dos Passageiros, assim como por causa de Granizo, Relâmpago, Perda de Bilhetes, ou por qualquer ato de Deus.

A Direção.

Ele nunca vira o aviso antes, nem podia imaginar para onde o ônibus ia. S., obviamente, significava Surbiton, e C.T.T. significava Companhia de Transportes Terrestres. Mas qual era o significado do outro C? Coombe e

[3] Alusão ao romance do escritor escocês Walter Scott, publicado em 1820 e considerado o primeiro do romantismo. (n.t.)

Malden[4], talvez, ou possivelmente "Cidade". No entanto, não poderia esperar competir com a South-Western. A coisa toda, o garoto refletiu, funcionava com linhas extraordinariamente não comerciais. Por que não há bilhetes na outra extremidade? E que hora é essa para começar! Então ele percebeu que, a menos que o aviso fosse uma farsa, o ônibus devia ter partido justamente no momento em que se despedia dos Bons. Ele examinou o chão através da escuridão que se formava, e viu o que podia ou não podia ser marcas de rodas. Nada ainda tinha surgido do beco. E ele jamais tinha visto um ônibus, em momento algum, em Buckingham Park Road. Não, devia ser uma farsa, como as placas, como os contos de fada, como os sonhos que o faziam acordar de repente no meio da noite. E com um suspiro ele saiu do beco – direto para os braços de seu pai.

Oh, como seu pai se riu! "Oh, pobre criancinha!" – exclamou. "Bobinho! Bobinho! O bobinho, enfim, acha que vai pro céu assim!". E sua mãe, também convulsionada pelo riso, apareceu nos degraus de Agathox Logde. "Não, Bob!" – disse ofegante. "Não seja tão perverso! Você vai me matar! Oh, deixe o garoto em paz!"

Mas por toda aquela noite a brincadeira foi mantida. O pai implorou para ser levado também. Era uma caminhada muito cansativa? Era preciso limpar os sapatos no capacho? E o garoto foi para a cama sentindo-se fraco e magoado, agradecido por uma única coisa – não ter dito palavra alguma sobre o ônibus. Era uma farsa, ainda que em seus sonhos se tornasse mais e mais real, e as ruas de Surbiton, através das quais viu o ônibus ser conduzido, agora pareciam tornar-se embustes e sombras. E bem cedo, pela manhã, ele acordou com um grito, pois tivera um vislumbre de seu itinerário.

Acendeu um fósforo e a luz não caiu apenas no seu relógio, mas também em seu calendário, e assim percebeu que faltava meia hora para o nascer do sol. Estava escuro como breu, pois um nevoeiro havia descido sobre Londres durante a noite, e todo Surbiton estava envolto em seu abraço. No entanto, ele deu um salto e se vestiu, pois estava determinado a descobrir de uma vez por todas o que era real: o ônibus ou as ruas. "Serei um tolo de uma forma ou de outra" – pensou –, "até que eu saiba". Daí a pouco, estava tremendo na rua sob a lâmpada de gás que guardava a entrada do beco.

Para entrar no beco era preciso um pouco de coragem. Não estava apenas terrivelmente escuro, mas ele também percebeu de imediato que era um terminal impossível para comportar um ônibus. Não fosse por um policial, que

[4] Estação ferroviária de Londres, a atual estação de *New Malden,* situada no burgo real de Kingston-upon-Thames. *Coombe and Malden* era como se chamava no início do século XX. (n.t.)

ele ouviu aproximando-se através do nevoeiro, nunca teria feito a tentativa. No instante seguinte, teria feito a tentativa e fracassado. Nada. Nada além de um beco deserto e um menino muito tolo embasbacado diante de um chão sujo. *Era* uma farsa. "Vou dizer ao papai e à mamãe" – decidiu. "Eu mereço isso. Mereço que eles saibam. Sou muito tolo para estar vivo". E voltou para o portão de Agathox Lodge.

Lá, lembrou-se que seu relógio estava adiantado. O sol não tinha nascido; nasceria dentro de dois minutos. "Dê ao ônibus todas as chances" – pensou cinicamente, e regressou ao beco.

Mas o ônibus estava lá.

II

Ele tinha dois cavalos, cujos flancos ainda estavam fumegantes pela viagem, e seus dois grandes faróis brilhavam através do nevoeiro contra o muro do beco, transformando suas teias e musgos em tecido do país das fadas. O condutor tinha uma capa por agasalho. Olhava para o muro branco, e como havia conseguido chegar ali tão bem e tão silenciosamente foi uma das muitas coisas que o garoto jamais descobriu. Nem podia imaginar como sairia dali.

"Por favor", sua voz tremia através do ar turvo e acastanhado. "Por favor, isso é um ônibus?"

"Omnibus est", disse o condutor, sem se virar. Houve um momento de silêncio. O policial passou, tossindo, pela entrada do beco. O garoto agachou-se na sombra, para não ser descoberto. Também tinha certeza de que era um pirata. "Nada mais", pensou, "partiria de lugares tão estranhos em horas tão estranhas".

"Quando você começa, aproximadamente?", tentou parecer indiferente.

"Ao nascer do sol."

"Até onde você vai?"

"Todo o caminho".

"E eu posso comprar o bilhete de regresso que me trará de volta?"

"Pode".

"Sabe de uma coisa? Eu quase acho que vou". O condutor não respondeu. O sol deve ter subido, pois ele desengatou o freio. E o garoto mal conseguiu pular para dentro do ônibus antes que ele partisse.

Como? Ele girava? Não havia espaço. Ele seguia adiante? Havia um muro branco. No entanto, movia-se – movia-se num ritmo imponente através do nevoeiro, que tinha mudado de marrom para amarelo. A lembrança do calor da cama e do café da manhã bem quente fez o garoto sentir-se fraco. Desejava não ter vindo. Seus pais não teriam aprovado. Teria voltado para eles se o tempo não tivesse tornado isto impossível. A solidão era terrível; ele era o único passageiro. E o ônibus, embora bem construído, estava frio e com um pouco de mofo. Apertou o casaco contra si e, ao fazer isso, pode sentir seu bolso. Estava vazio. Havia esquecido sua bolsa.

"Pare!", ele gritou. "Pare!" E, então, por ser de temperamento cortês, percebeu, pela placa de aviso, que podia chamar o condutor pelo nome. "Sr. Browne![5] Pare; oh, por favor, pare!"

O Sr. Browne não parou, mas abriu uma pequena janela e olhou para o garoto. Seu rosto o surpreendeu, pois muito amável e modesto se mostrava.

"Sr. Browne, eu deixei minha bolsa para trás. Eu não tenho um centavo sequer. Eu não posso pagar pelo bilhete. Você aceita meu relógio, por favor? Eu estou na mais total penúria".

"Bilhetes nesta linha", disse o condutor, "simples ou de retorno, não podem ser comprados com moedas cunhadas na Terra. E um cronômetro, embora tenha consolado as vigílias de Carlos Magno[6], ou medido o repouso de Laura[7], não pode adquirir, por nenhuma mutação, o bolo duplo que encanta o desdentado Cérbero do Céu!" Assim dizendo, entregou o bilhete necessário ao garoto e, enquanto este dizia "Obrigado", continuou: "Pretensões titulares, bem sei, são vaidades. Mas não merecem censura quando proferidas por um lábio ridente, e em um mundo homônimo são de algum modo úteis, desde que sirvam para distinguir um fulano de seu companheiro. Lembre-se de mim, portanto, como *Sir* Thomas Browne".

"Você é um *Sir*? Oh, desculpe!" Ele tinha ouvido falar destes cavalheiros condutores. "Quanto ao bilhete, é gentileza sua. Mas se você continuar assim, seu ônibus paga as despesas?"

"Não paga. Não foi planejado para pagar. Muitas são as falhas de minha equipagem; é construído, muito curiosamente, com madeira estrangeira; suas almofadas comicham erudição ao invés de promover repouso; e meus cavalos

[5] Alusão a Thomas Browne (1605-1687), escritor inglês cujas obras abrangem a medicina, a filosofia moral, as ciências naturais, entre outras disciplinas (n.t.).
[6] Em 797 (ou 801), o califa de Bagdá, Haroun AL-Rashid, presenteou Carlos Magno com um elefante asiático chamado Abul Abbas e um relógio mecânico de onde saía um cavaleiro que anunciava as horas. (n.t.)
[7] Alusão a Petrarca. Em vários de seus poemas, o eu lírico, em estado de vigília, contempla a beleza de sua amada, Laura, ao mesmo tempo que sente, tragicamente, a passagem do tempo. (n.t.)

se alimentam, não dos pastos verdes do momento, mas do feno e do trevo da Latinidade. Mas isso vale a pena! – que o erro, de todo modo, nunca foi intencional nem completo."

"Desculpe novamente", disse o garoto, exasperado. *Sir* Thomas pareceu triste, temendo, mesmo por um momento, que ele tivesse sido causa de tristeza. Convidou o garoto para sentar-se a seu lado na cabine, e juntos viajaram através do nevoeiro, que agora mudava do amarelo para o branco. Não havia casas pelo caminho; então devia ser Putney Heath ou Wimbledon Common.

"Você sempre foi condutor?"

"Eu já fui médico".

"Mas por que parou? Você não era bom?"

"Como curador de corpos, tive pouco sucesso, e muitos de meus pacientes me superaram. Mas como curador de espíritos, consegui superar minhas esperanças e méritos. Pois embora minha cerveja[8] não fosse melhor nem mais sutil que a dos outros homens, ainda assim, devido aos cálices de lucidez em que a servia, a alma nauseada frequentemente sentia-se tentada a sorver e se refrescar".

"A alma nauseada", murmurou, "Se o sol se põe com árvores pela frente, e você de súbito se sente todo estranho, isto é uma alma nauseada?"

"Você já sentiu isto?"

"Oh, sim".

Depois de uma pausa ele falou pouco, muito pouco, com o garoto, sobre o fim da jornada. Mas não conversaram muito, pois o garoto, quando gostava de uma pessoa, preferia sentar-se em silêncio em sua companhia do que falar, e esta, como descobriu, era também a disposição de *Sir* Thomas Browne e de muitos outros com quem estava prestes a se familiarizar.

No entanto, obteve informações sobre o jovem Shelley, que agora era uma pessoa bastante famosa, com seu próprio vagão, e sobre alguns dos outros condutores que estão a serviço da companhia. Neste ínterim, a luz ficou mais forte, embora o nevoeiro não se dispersasse. Agora era mais como uma neblina do que uma névoa, e às vezes podia passar rapidamente por eles, como se fosse parte de uma nuvem. Eles estiveram subindo também, de uma forma muito intrigante: por mais de duas horas, os cavalos avançavam penosamente, e mesmo que fosse Richmond Hill, deviam ter alcançado o topo há

[8] No original, "draughts", que pode significar tanto "rascunhos", "esboços", quanto "cerveja". Não é possível encontrar um termo único em língua portuguesa que compreenda ambas acepções. (n.t.)

muito tempo. Talvez fosse Epsom, ou mesmo North Downs; no entanto, o ar parecia mais cortante do que aquele que sopra em qualquer um destes lugares. E quanto ao nome de seu destino, *Sir* Thomas Browne mantinha-se em silêncio.

Barulho!

"Um trovão, por Júpiter!" – disse o garoto, "e não muito distante. Ouça o eco! É mais como montanhas".

Pensou, não muito nitidamente, em seu pai e sua mãe, e os viu sentados, comendo salsichas, ouvindo a tempestade. Viu o seu próprio lugar vazio. Então haveria perguntas, alarmes, teorias, piadas, consolações. Eles o esperariam de volta para o almoço. Ele não viria para o almoço, nem para o chá, mas lá estaria para o jantar, e então seu dia de ausência escolar teria terminado. Se estivesse com sua bolsa, teria lhes comprado presentes – não que soubesse o que lhes comprar.

Barulho!

O ribombo e o relâmpago vieram juntos. A nuvem estremeceu como se estivesse viva, e flâmulas rasgadas de neblina passaram correndo. "Você está com medo?" perguntou *Sir* Thomas Browne.

"O que há a temer? É muito mais longe?"

Os cavalos pararam assim que uma bola de fogo irrompeu e explodiu com barulho metálico ensurdecedor, mas claro, como o barulho da forja de um ferreiro. A nuvem se estilhaçou completamente.

"Oh, escute, *Sir* Thomas Browne! Não, quero dizer, veja: poderemos ver, finalmente. Não, quero dizer, escute: soa como um arco-íris!"

O barulho se dissipara no mais débil murmúrio, sob o qual outro murmúrio nasceu, expandindo-se furtivamente, firmemente, em uma curva que se alargava, mas não se desviava. E em curvas amplas, um arco-íris foi se expandindo dos pés dos cavalos, adentrando as névoas que se dissolviam.

"Mas que bonito! Que cores! Onde irá parar? É mais como um arco-íris em que você pode pisar. Mais como sonhos."

A cor e o som cresceram juntos. O arco-íris estendeu-se sobre um enorme golfo. Nuvens lhe passavam por baixo e eram atravessadas por ele, que continuou crescendo, avançando, conquistando a escuridão, antes de tocar alguma coisa que parecia mais sólida que uma nuvem.

O garoto levantou-se. "O que é aquilo lá?" – gritou. "Sobre o quê se mantém, lá na outra extremidade?"

No brilho do sol da manhã, um precipício fulgurou para além do golfo. Um precipício – ou era um castelo? Os cavalos se moveram. Colocaram suas patas sobre o arco-íris.

"Oh, olhe!" – o garoto gritou. "Oh, escute! Aquelas cavernas – ou são portões? Oh, olhe em meio às falésias naquelas bordas. Eu vejo pessoas! Eu vejo árvores!".

"Olhe para baixo também" – sussurrou *Sir* Thomas. "Não desprezes o ainda mais divino Aqueronte." O garoto olhou para baixo, para além das chamas do arco-íris que lambiam as rodas. O golfo também se iluminara, e em suas profundezas fluía um rio eterno. Um raio do sol penetrou e atingiu um poço verde, e quando passaram sobre ele, viu três donzelas na superfície do poço, cantando e brincando com algo que brilhava como um anel[9].

"Vocês aí embaixo, na água..." – gritou.

Elas responderam: "Vocês aí em cima, na ponte -".

Houve uma explosão de música. "Vocês aí em cima, na ponte, boa sorte para vocês. Verdade nas profundezas, verdade nas alturas."

"Vocês aí embaixo na água, o que estão fazendo?"

Sir Thomas Browne respondeu: "Elas se entretêm na posse de seu ouro"; e o ônibus chegou.

III

O garoto estava numa situação deplorável. Ficou trancado no quarto em Agathox Lodge, decorando poesia como castigo. Seu pai havia dito, "Meu filho! Eu posso perdoar tudo, menos a mentira," e o havia surrado, dizendo a cada golpe, "*Não há* ônibus, *não há* condutor, *não há* ponte, *não há* montanha; você é um *vadio*, um *vagabundo*, um *mentiroso*". Seu pai podia ser muito severo às vezes. Sua mãe havia lhe implorado para dizer que estava arrependido. Mas ele não podia dizer isto. Havia sido o melhor dia da sua vida, apesar da surra e da poesia no fim.

Havia retornado pontualmente ao por do sol – conduzido, não por *Sir* Thomas Browne, mas, sim, por uma donzela cheia de uma graça serena[10]. Eles tinham conversado sobre ônibus e sobre o *barouche landau*[11] também.

---

[9] Alusão à última parte de *O Ouro do Reno*, ópera de Wagner que faz parte da tetralogia *O Anel de Nibelungo.* (n.t.)
[10] Alusão a Jane Austen (1775-1817), romancista inglesa, uma das escritoras mais admiradas por Forster. (n.t.)
[11] Tipo de carruagem inventada em 1804. (n.t.)

Quão longe sua voz parecia agora! No entanto, fazia pouco mais de três horas desde que ele a tinha deixado no beco.

Sua mãe chamou-o através da porta: "Querido, você deve descer e trazer consigo sua poesia."

Ele desceu e viu que o sr. Bons estava na sala de fumantes com seu pai. Havia sido um jantar.

"Aqui está o grande viajante!", disse seu pai cruelmente. "Aqui está o jovem cavalheiro que anda em um ônibus sobre o arco-íris, enquanto damas cantam pra ele." Satisfeito com sua ironia, ele riu.

"No fim das contas", sr. Bons disse, sorrindo, "há algo um pouco parecido em Wagner. É estranho como, em mentes tão iliteratas, pode-se encontrar vislumbres da Verdade Artística. O caso me interessa. Deixe-me implorar pelo acusado. Todos nós já urdimos fantasias em nosso tempo, não?

"Veja quão gentil é o sr. Bons," disse sua mãe, enquanto seu pai disse, "Muito bem. Deixe-o recitar seu poema, e será o bastante. Ele viajará para a casa de minha irmã na terça-feira, e *ela* irá curá-lo desse beco profundo." (Risos.) "Recite seu poema."

O garoto começou. "Afastado, à distância, em gigante ignorância!"

Seu pai riu novamente – rugiu. "Esta é para você, meu filho! "Afastado, à distância, em gigante ignorância"! Jamais soube que estes poetas falavam coisas coerentes. Descreve você perfeitamente. Aqui, Bons, você entende de poesia. Ensaie com ele, por favor, enquanto eu vou buscar o uísque?"

"Sim, dê-me o Keats[12]," disse o sr. Bons. "Deixe que ele recite seu Keats pra mim".

Então, por alguns momentos, o homem sábio e o garoto ignorante foram deixados sozinhos na sala de fumantes.

"Afastado, à distância, em gigante ignorância, contigo sonho e também com as Cíclades, como alguém que se senta na praia e por acaso anseia, visitar..."

"Muito bem. Visitar o que?"

"Visitar corais de golfinhos no fundo do mar[13]", disse o garoto, e explodiu em lágrimas.

---

[12] John Keats (1795-1821), poeta romântico inglês. (n.t.)

[13] Tradução livre dos primeiros versos do poema "To Homer", de Keats: "Standing aloof in giant ignorance, / Of thee I hear and of the Cyclades, / As one who sits ashore and longs perchance / To visit dolphin-coral in deep seas." Note-se que o garoto substitui o verbo "hear" por "dream". (n.t.)

"Ora, vamos lá! Por que você chora?"

"Porque, porque todas essas palavras somente rimavam antes, mas agora que voltei elas são o que sou".

O sr. Bons deixou Keats de lado. O caso era mais interessante do que ele esperava. "*Você*?", exclamou. "Este soneto, *você*"?

"Sim, olhe mais adiante: "Sim, nas orlas da escuridão há luz, e os precipícios mostram um verde imaculado[14]". É *assim* mesmo, senhor. Todas essas coisas são verdade".

"Nunca duvidei disso", disse o sr. Bons, com os olhos fechados.

"Você – então você acredita em mim? Você acredita no ônibus e no condutor e no trovão e naquele bilhete de retorno que eu obtive por nada e..."

"Tsc, tsc! Chega de lorotas, meu garoto. Eu disse que nunca duvidei da verdade essencial da Poesia. Um dia, quando você tiver lido mais, entenderá o que eu quero dizer."

"Mas, sr. Bons, *é assim*. *Há* luz sobre as orlas da escuridão. Eu vi isto acontecer. Luz e um vento."

"Absurdo", disse o sr. Bons.

"Se eu tivesse parado! Elas me tentaram. Elas me disseram para desistir do meu bilhete – pois você não pode voltar se perder o bilhete. Lá debaixo, do rio, elas me pediram o bilhete e, de fato, fiquei tentado, pois nunca fui tão feliz como entre aqueles abismos. Mas pensei na minha mãe e no meu pai e achei que deveria buscá-los. Mas eles não virão, embora a estrada comece do outro lado da nossa casa. Tudo isso aconteceu como as pessoas de lá me avisaram, e o sr. Bons não acredita em mim, como todos os outros. Eu fui açoitado. Acho que jamais verei aquela montanha novamente."

"O que há sobre mim?" disse o sr. Bons, erguendo-se repentinamente em sua poltrona.

"Eu lhes falei sobre você, e como era inteligente, e quantos livros tinha, e me disseram, "o sr. Bons, com certeza, não acreditará em você."

"Coisa absurda, meu jovem amigo. Está se tornando insolente. Eu – bem – eu resolverei o problema. Nenhuma palavra para seu pai. Eu curarei você. Amanhã ao entardecer eu mesmo virei aqui para levá-lo a um passeio, e ao pôr do sol iremos até o beco aí em frente em busca de seu ônibus, garotinho tolo."

---

[14] "Aye on the shores of darkness there is light, / And precipices show untrodden green". (n.t.)

Seu rosto ficou sério, pois o garoto não se desconcertara, mas dava saltos pela sala cantando, "Alegria! Alegria! Eu lhes disse que você acreditaria em mim. Nós passaremos juntos sobre o arco-íris. Eu lhes disse que você viria". Afinal de contas, poderia haver algo na história? Wagner? Keats? Shelley? *Sir* Thomas Browne? Seguramente, o caso era interessante.

E no dia seguinte, ao entardecer, embora chovesse, o sr. Bons não deixou de comparecer a Agathox Lodge.

O garoto estava pronto, radiante de alegria, pulando de um modo que afligia o Presidente da Sociedade Literária. Eles desceram por Buckingham Park Road, e então – após notar que ninguém os via – entraram no beco. Naturalmente (pois o sol estava se pondo) deram de cara com o ônibus.

"Céus!", exclamou o sr. Bons. "Oh, céus!"

Não era o ônibus que o garoto havia tomado anteriormente, nem mesmo aquele em que havia retornado. Havia três cavalos – preto, cinza e branco, sendo o cinza o mais belo. O condutor, que se virou à menção de Deus e dos céus, era um homem pálido, com uma mandíbula apavorante e olhos encovados. O sr. Bons, ao vê-lo, deu um grito como se de reconhecimento, e começou a tremer violentamente.

O garoto pulou no ônibus.

"É possível?", exclamou o sr. Bons. "É possível o impossível?"

"Senhor, venha, senhor. Este é um ônibus muito bom. Oh, aqui está seu nome – Dan[15] alguma coisa.

O sr. Bons saltou no ônibus também. Um sopro de vento imediatamente fez bater a porta, e com a batida, baixaram todas as persianas, cujas molas eram muito fracas.

"Dan... mostre-me. Oh, céus! Estamos nos movendo".

"Hooray!" disse o garoto.

O sr. Bons ficou aturdido. Não tinha em mente ser sequestrado. Não podia encontrar a maçaneta da porta nem levantar as persianas. O ônibus estava bastante escuro, e no momento em que ele acendeu um fósforo, a escuridão tinha envolvido a parte externa também. Eles se moviam rapidamente.

"Uma aventura estranha e memorável," disse, observando o interior do ônibus, que era grande, espaçoso e construído com uma regularidade ex-

[15] Alusão a Dante Alighieri (1265-1321). Os três cavalos, obviamente, representam os três livros de seu maior poema, *A Divina Comédia*. (n.t.)

trema, todas as partes encaixando-se com perfeição. Sobre a porta (cuja maçaneta estava do lado de fora) estava escrito, "Lasciate ogni baldanza voi che entrate"[16] – ao menos, era o que estava escrito, mas o sr. Bons disse que era *Lashy arty* alguma coisa, e que *baldanza* era um equívoco para *speranza*. Sua voz soava como se ele estivesse na igreja. Entrementes, o garoto solicitou ao cadavérico condutor dois bilhetes de retorno. Eles foram entregues sem uma palavra. O sr. Bons cobriu seu rosto com suas mãos e tremeu novamente. "Você sabe quem é ele?!", sussurrou quando a pequena janela já tinha se fechado sobre eles. "É o impossível."

"Bem, eu não gosto dele tanto quanto de *Sir* Thomas Browne, mas não ficaria surpreso se houvesse algo de mais nele".

"Algo de mais nele?", bateu o pé com irritação. "Por um acidente, você fez a maior descoberta do século, e tudo que pode dizer é que há algo de mais neste homem. Lembra-se daqueles livros em velino na minha biblioteca, estampados com lírios vermelhos? Este – sente-se direito, tenho uma notícia estupenda para você! – *este é o homem que os escreveu*."

O garoto permaneceu calmamente sentado. "Pergunto-me se veremos a Sra. Gamp[17]", ele disse, depois de uma pausa cortês.

"Sra. ...?"

"Sra. Gamp e Sra. Harris. Eu gosto da Sra. Harris. Deparei-me com elas de modo repentino. As caixinhas da sra. Gamp se esparramaram pelo arco-íris de forma terrível. Os fundos se abriram e duas das maçãs da cabeceira de sua cama[18] despencaram no riacho."

"Ali está sentado o homem que escreveu meus livros de velino!", rugiu o sr. Bons, "e você vem me falar de Dickens e da sra. Gamp?"

"Eu conheço a sra. Gamp muito bem," ele se desculpou. "Não poderia deixar de me sentir feliz em vê-la. Reconheci a sua voz. Ela contava para a sra. Harris algo sobre a sra. Prig[19]".

"Você passou o dia inteiro em sua edificante companhia?"

---

16 Alusão ao nono verso do Canto III do Inferno. No poema de Dante, as palavras finais são "lasciate ogni speranza voi che entrate" ["abandonai toda espança vós que entrais"]. A ironia desta passagem está no fato de que Forster substitui "speranza" por "baldanza" ["audácia; coragem"], equívoco que o sr. Bons percebe. (n.t.)

17 Alusão a Sarah ou Sairey Gamp, uma enfermeira do romance *Martin Chuzzlewit*, de Charles Dickens (1812-1870). (n.t.)

18 Alusão a uma passagem do capítulo 49 de *Martin Chuzzlewit*, em que é descrita a cabeceira da cama de um quarto onde está hospedada a Sra. Gamp. A cabeceira é esculpida com pequenas maçãs, que caem ao menor movimento. A Sra. Gamp tampouco consegue fazer com que sua caixa entre no vão debaixo da cama. (n.t.)

19 Outra personagem do romance de Dickens, Betsy Prig. (n.t.)

"Oh não, também corri. Conheci um homem que me levou para bem longe, a uma pista de corridas. Você corre e há golfinhos no mar."

"É mesmo? Você lembra o nome do homem?"

"Aquiles. Não, esse foi mais tarde. Tom Jones[20]."

O sr. Bons suspirou profundamente. "Bem, meu jovem, você fez uma terrível confusão. Pense em uma pessoa culta com as suas oportunidades! Uma pessoa culta teria conhecido todas estas personagens e sabido o que dizer a cada uma. Não teria desperdiçado seu tempo com uma Sra. Gamp ou um Tom Jones. As criações de Homero, de Shakespeare, e Daquele que agora nos conduz, por si só, teriam lhe contentado. Ela não teria apostado corrida. Ela teria feito perguntas inteligentes."

"Mas, sr. Bons," disse o garoto humildemente, "você será essa pessoa culta. Eu lhes disse."

"É verdade, é verdade, e eu lhe peço que não me envergonhe quando chegarmos. Nada de mexericos, nada de corridas. Mantenha-se perto de mim e nunca fale com esses Imortais a menos que eles falem com você. Sim, e dê-me os bilhetes de retorno. Você irá perdê-los."

O garoto entregou os bilhetes, mas se sentiu um pouco ofendido. Afinal, ele tinha encontrado o caminho para esse lugar. Era difícil, primeiro, ser desacreditado, e depois, repreendido. Entrementes, a chuva tinha cessado e o luar penetrou no ônibus através das fendas das persianas.

"Mas como haverá um arco-íris?", perguntou o garoto.

"Você me distrai", redarguiu o sr. Bons. "Desejo meditar sobre a beleza. Quisera tanto estar com uma pessoa reverente e solidária."

O garoto mordeu seu lábio. Fez uma centena de boas decisões. Imitaria o sr. Bons durante toda a visita. Não iria rir, ou correr, ou cantar, ou fazer qualquer das coisas vulgares que deviam ter aborrecido seus novos amigos da última vez. Teria muito cuidado em pronunciar seus nomes corretamente e lembrar quem conhecia quem. Aquiles não conhecia Tom Jones – pelo menos, assim disse o sr. Bons. A Duquesa de Malfi[21] era mais velha do que a Sra. Gamp – pelo menos, assim disse o sr. Bons. Ele seria autoconsciente, lacônico e decoroso. Nunca diria que gostava de alguém. No entanto, quando a persiana se abriu a um toque casual de sua cabeça, todas essas boas resoluções voaram ao vento, pois o ônibus tinha alcançado o cume de uma colina à luz do luar, e lá estava o abismo, e lá, do outro lado dele, estavam os

[20] Herói do romance homônimo de Henry Fielding. (n.t.)
[21] Alusão à tragédia escrita por John Webster (c.1580- c.1584). (n.t.)

velhos precipícios, sonhando, com seus pés no rio eterno. Ele exclamou: "A montanha! Ouça a nova canção na água! Olhe para as fogueiras nas ravinas," e o sr. Bons, depois de um olhar ligeiro, retrucou: "Água? Fogueiras? Coisa ridícula. Segure sua língua. Não há nada disso."

No entanto, sob seus olhos, um arco-íris se formou, composto não de luz solar e tempestade, mas de luar e de orvalho do rio. Os três cavalos puseram suas patas por cima dele. Achou que era o mais belo arco-íris que jamais havia visto, mas não se atreveu a dizer, pois o sr. Bons disse que não havia nada lá. Ele inclinou-se para fora – a janela se abrira – e cantou a música que surgia das águas adormecidas.

"O prelúdio do *Ouro do Reno*?", disse subitamente o sr. Bons. "Quem te ensinou esses *leit motifs*?" Ele, também, olhou para fora da janela. Então, portou-se de modo muito estranho. Deu um grito sufocante, e caiu de costas no chão do ônibus. Ele se contorcia e chutava. Seu rosto estava esverdeado.

"A ponte lhe deixa atordoado?", perguntou o garoto.

"Atordoado!", arquejou o sr. Bons. "Eu quero voltar. Diga ao condutor."

Mas o condutor balançou a cabeça.

"Nós estamos quase lá", disse o garoto. "Eles estão adormecidos. Devo chamar? Eles ficarão muito contentes em vê-lo, pois eu já os preparei."

O sr. Bons gemeu. Eles se moviam sobre o arco-íris lunar, que se estendia longamente por trás das rodas. Quão tranquila estava a noite! Quem estaria de sentinela no portão?

"Estou chegando," ele gritou, esquecendo-se novamente das cem resoluções. "Estou de volta – Eu, o garoto."

"O garoto está de volta", gritou uma voz para outras vozes, que repetiram: "O garoto está de volta".

"Estou trazendo o sr. Bons comigo".

Silêncio.

"Deveria ter dito que o sr. Bons está me trazendo com ele."

Silêncio profundo.

"Quem está de sentinela?"

"Aquiles."

E na passagem rochosa, perto de onde surgia a ponte de arco-íris, ele viu um jovem que portava um maravilhoso escudo.

"Sr. Bons, aquele é Aquiles, armado."

“Eu quero voltar”, disse o sr. Bons.

O último fragmento do arco-íris se derreteu, as rodas cantaram sobre a rocha viva, a porta do ônibus abriu-se com fragor. O garoto pulou para fora – não podia resistir – e saltou para encontrar o guerreiro, que, inclinando-se subitamente, pegou-o em seu escudo.

“Aquiles!”, ele gritou, “deixe-me descer, pois sou ignorante e vulgar, e devo esperar por aquele sr. Bons, de quem lhe falei ontem.”

Mas Aquiles o ergueu no alto. Ele se agachou sobre o escudo maravilhoso, sobre heróis e cidades em chamas, sobre vinhedos esculpidos em ouro, sobre toda dileta paixão, toda alegria, sobre a inteira imagem da Montanha que ele havia descoberto, cercada, como ali, por um regato eterno. “Não, não”, protestou, “Eu não sou digno. É o sr. Bons que merece estar aqui em cima.”

Mas o sr. Bons se lamuriava. Aquiles, então, trombeteou e gritou, “Fique de pé em cima do meu escudo!”

“Senhor, eu não queria ficar! Algo me fez ficar de pé. Senhor, por que você demora? Aqui está somente o grande Aquiles, que você conheceu.”

O sr. Bons gritou: “Eu não vejo ninguém. Eu não vejo nada. Eu quero voltar.” Então, gritou para o condutor: “Salve-me! Deixe-me ficar em sua carruagem. Sempre o honrei. Sempre o citei. Eu o encadernei em velino. Leve-me de volta ao meu mundo.”

O condutor respondeu: “Eu sou o meio e não o fim. Eu sou o alimento e não a vida. Levante-se por si, assim como aquele garoto o fez. Não posso lhe salvar. Porque a poesia é um espírito; e aqueles que devem adorá-la, precisam adorá-la em espírito e verdade”.

O Sr. Bons – ele não podia resistir – rastejou-se para fora do belo ônibus. Seu rosto apareceu horrivelmente estupefato. Suas mãos seguiam, uma agarrando o degrau e a outra golpeando o ar. Então seus ombros emergiram, seu peito, seu estômago. Com um grito de “Eu vejo Londres”, ele caiu – caiu contra a dura rocha enluarada, caiu sobre ela como se fosse água, caiu através dela, desapareceu, e não mais foi visto pelo garoto.

“Onde você caiu, sr. Bons? Eis que chega um séquito para honrá-lo com música e tochas. Aí vêm os homens e as mulheres cujos nomes você conhece. A montanha está desperta, o rio está desperto, por sobre o campo de corridas o mar está despertando os golfinhos, e tudo é para você. Eles querem você...”

Houve um toque de folhas frescas em sua testa. Alguém o havia coroado.

TELOS

Extraído de: *Kingston Gazzete*, *Surbiton Times* e *Raynes Park Observer.*

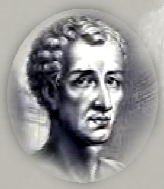
O corpo do sr. Septimus Bons foi encontrado em condição horrivelmente mutilada nas imediações da fábrica de gás de Bermondsey. Os bolsos do falecido continham uma carteira, uma cigarreira de prata, um dicionário de pronúncia em miniatura e um par de bilhetes de ônibus. O infeliz cavalheiro fora aparentemente arremessado de uma altura considerável. Há suspeita de homicídio, e uma investigação minuciosa encontra-se pendente por parte das autoridades.

ensaios

n.t.)| Luang Prabang

Elogio da Mosca

Luciano de Samósata



O texto: Os estudiosos da obra de Luciano e do movimento retórico-filosófico do qual ele participara, a Segunda Sofística, costumam classificar o *Elogio da Mosca* como um elogio paradoxal. Trata-se de um desafio retórico (havia concursos voltados a esse tipo de texto) cujo intuito é pegar um objeto o mais ordinário, o mais inusitado, desprezível mesmo, para se fazer dele um elogio, um encômio, e ressaltar seus caracteres, inventar suas histórias, intrincá-lo a ponto de se fazerem sentir os efeitos cômicos do paradoxo.

Texto traduzido: Μυιασ Εγκωμιον (*Praise of the Fly*). In. Lucian. *A Selection*. Ed. Neil Hopkinson. Cambridge: Cambridge UP, 2008, pp.35-38.

O autor: Luciano nasceu em Samósata, província romana da Síria, em 125 d.C., de família artesã, e morreu em 181 d.C., provavelmente em Alexandria. De origem semita, escrevia e fazia seu trabalho na língua grega antiga, mais precisamente no dialeto ático, da Atenas clássica. A edição atualmente melhor reputada, de M. D. Macleod (Oxford, 1972-87), divide-se em 4 tomos e 86 títulos, entre diálogos, romances, exercícios de retórica, sátiras religiosas e filosóficas, etc.

O tradutor: Guilherme Ivo é tradutor e doutorando em Filosofia e Tradução pela Universidade de Campinas.

ΜΥΙΑΣ ΕΓΚΩΜΙΟΝ

Ὅσον σάλπιγγος καὶ κυμβάλων αὐλοὶ μελιχρότεροι."

ΛΟΥΚΙΑΝΟΣ ὁ ΣΑΜΟΣΑΤΕΥΣ

Ἡ μυῖα ἔστι μὲν οὐ τὸ σμικρότατον τῶν ὀρνέων, ὅσον ἐμπίσι καὶ κώνωψι καὶ τοῖς ἔτι λεπτοτέροις παραβάλλειν, ἀλλὰ τοσοῦτον ἐκείνων μεγέθει προὔχει ὅσον αὐτὴ μελίττης ἀπολείπεται. ἐπτέρωται δὲ οὐ κατὰ τὰ αὐτὰ τοῖς ἄλλοις, ὡς τοῖς μὲν ἁπανταχόθεν κομᾶν τοῦ σώματος, τοῖς δὲ ὠκυπτέροις χρῆσθαι, ἀλλὰ κατὰ τὰς ακρίδας καὶ τέττιγας καὶ μελίττας ἐστὶν ὑμενόπτερος, τουσοῦτον ἁπαλώτερα ἔχουσα τὰ πτερὰ ὅσον τῆς Ἑλληνικῆς ἐστῆτος ἡ Ἰνδικὴ λεπτοτέρα καὶ μαλακωτέρα· καὶ μὴν διήνθισται κατὰ τοὺς ταῶνας, εἴ τις ἀτενὲς βλέποι ἐς αὐτήν, ὁπόταν ἐκπετάσασα πρὸς τὸν ἥλιον πτερύσσηται.

Ἡ δὲ πτῆσις οὔτε κατὰ τὰς νυκτερίδας εἰρεσίᾳ συνεχεῖ τῶν πτερῶν οὔτε κατὰ τὰς ακρίδας μετὰ πηδήματος οὔτε ὡς οἱ σφῆκες μετὰ ῥοιζήματος, ἀλλ' εὐκαμπὴς πρὸς ὅ τι ἂν μέρος ὁρμήσῃ τοῦ ἀέρος. καὶ μὴν κἀκεῖνο πρόσεστιν αὐτῇ, τὸ μὴ καθ' ἡσυχίαν, ἀλλὰ μετ' ᾠδῆς πέτεσθαι οὐκ ἀπηνοῦς οἵα κωνώπων καὶ ἐμπίδων, οὐδὲ τὸ βαρύβρομον τῶν μελλιτῶν ἢ τῶν σφηκῶν τὸ φοβερὸν καὶ ἀπειλητικὸν ἐνδεικνυμένης, ἀλλὰ τουσοῦτόν ἐστι λιγυρωτέρα, ὅσον σάλπιγγος καὶ κυμβάλων αὐλοὶ μελιχρότεροι.

Τὸ δὲ ἄλλο σῶμα ἡ μὲν κεφαλὴ λεπτότατα τῷ αὐχένι συνέχεται καὶ ἔστιν εὐπεριάγωγος, οὐ συμπεφυκυῖα ὡς ἡ τῶν ἀκρίδων· ὀφθαλμοὶ δὲ προπαλεῖς, πολὺ τοῦ κέρατος ἔχοντες· στέρνον εὐπαγές, καὶ ἐμπεφύκασιν αὐτῇ τῇ ἐντομῇ οἱ πόδες οὐ κατὰ τοὺς σφῆκας πάνυ ἐσφιγμένῃ· ἡ γαστὴρ δὲ ὠχύρωται καὶ αὐτὴ καὶ θώρακι ἔοικεν ζώνας πλατείας καὶ φολίδας ἔχουσα. ἀμύνεται μέντοι οὐ κατὰ τοὐρροπύγιον ὡς σφὴξ καὶ μέλιττα, ἀλλὰ τῷ στόματι καὶ τῇ προβοσκίδι, ἣν κατὰ τὰ αὐτὰ τοῖς ἐλέφασι καὶ αὐτὴ ἔχουσα προνομεύει τε καὶ ἐπιλαμβάνεται καὶ προσφῦσα κατέχει κοτυληδόνι κατὰ τὸ

ἄκρον ἐοικυῖαν. ἐκ δὲ αὐτῆς ὀδοῦς προκύπτει ᾧ κεντοῦσα πίνει τοῦ αἵματος – πίνει μὲν γὰρ καὶ γάλακτος, ἡδὺ δὲ αὐτῇ καὶ τὸ αἷμα – οὐ μετὰ μεγάλης ὀδύνης τῶν κεντουμένων. ἑξάπους δὲ οὖσα τοῖς μὲν τέσσαρσι βαδίζει μόνοις, τοῖς δὲ προσθίοις δυσὶ καὶ ὅσα χερσὶ χρῆται. ἴδοις ἂν οὖν αὐτὴν ἐπὶ τεττάρων βεβηκυῖαν ἔχουσάν τι ἐν τοῖν χεροῖν μετέωρον ἐδώδιμον, ἀνθρωπίνως πάνυ καὶ καθ' ἡμᾶς.

Γίνεται δὲ οὐκ εὐθὺς τοιαύτη, ἀλλὰ σκώληξ τὸ πρῶτον ἤτοι ἐξ ἀνθρώπων ἢ ἄλλων ζῴων ἀποηανόντων· εἶτα κατ' ὀλίγον πόδας τε ἐκφέρει καὶ φύει τὰ πτερὰ καὶ ἐξ ἑρπετοῦ ὄρνεον γίνεται καὶ κυοφορεῖ δὲ καὶ ἀποτίκτει σκώληκα μικρὸν τὴν μυῖαν ὕστερον. σύντροφος δὲ ἀνθρώποις ὑπάρχουσα καὶ ὁμοδίαιτος καὶ ὁμοτράπεζος ἁπάντων γεύεται πλὴν ἐλαίου· θάνατος γὰρ αὐτῇ τοῦτο πιεῖν. καὶ μέντοι ὠκύμορος οὖσα – πάνυ γὰρ ἐς στενὸν ὁ βίος αὐτῆς συμμεμέτρηται – τῷ φωτὶ χαίρει μάλιστα κἀν τούτῳ πολιτεύεται· νυκτὸς δὲ εἰρήνην ἄγει καὶ οὔτε πέτεται οὔτε ᾄδει, ἀλλ'ὑπέπτηχε καὶ ἀτρεμεῖ.

Σύνεσιν δὲ οὐ μικρὰν αὐτῆς εἰπεῖν ἔχω, ὁπόταν τὸν ἐπίβουλον καὶ πολέμιον αὐτῇ τὸν ἀράχνην διαδιδράσκῃ· λοχῶντά τε γὰρ ἐπιτηρεῖ καὶ ἀντίον αὐτῷ ὁρᾷ ἐκκλίνουσα τὴν ὁρμήν, ὡς μὴ ἁλίσκοιτο σαγηνευθεῖσα καὶ περιπεσοῦσα ταῖς τοῦ θηρίου πλεκτάναις. τὴν μὲν γὰρ ἀνδρείαν καὶ τὴν αλκὴν αὐτῆς οὐχ ἡμᾶς χρὴ λέγειν, ἀλλ' ὃς μεγαλοφωνότατος τῶν ποιητῶν Ὅμηρος· τὸν γὰρ ἄριστον τῶν ἡρώων ἐπαινέσαι ζητῶν οὐ λέοντι ἢ παρδάλει ἢ ὑΐ τὴν ἀλκὴν αὐτοῦ εἰκάζει, ἀλλὰ τῷ θάρσει τῆς μυῖας καὶ τῷ ἀτρέστῳ καὶ λιπαρεῖ τῆς ἐπιχειρήσεως· οὐδὲ γὰρ θράσος ἀλλὰ θάρσος φησὶν αὐτῇ προσεῖναι. καὶ γὰρ εἰργομένη, φησίν, ὅμως οὐκ ἀφίσταται, ἀλλ' ἐφίεται τοῦ δήγματος. οὕτω δὲ πάνυ ἐπαινεῖ καὶ ἀσπάζεται τὴν μυῖαν, ὥστε οὐχ ἅπαξ οὐδ' ἐν ὀλίγοις μέμνηται αὐτῆς, ἀλλὰ πολλάκις· οὕτω κοσμεῖ τὰ ἔπη μνημονευομένη. ἄρτι μὲν τὴν ἀγελαίαν πτῆσιν αὐτῆς ἐπὶ τὸ γάλα διέρχεται, ἄρτι δὲ τὴν Ἀθηνᾶν, ὁπότε τοῦ Μενέλεω τὸ βέλος ἀποκρούεται, ὡς μὴ ἐπὶ τὰ καιριώτατα ἐμπέσοι, εἰκάζων μητρὶ κηδομένῃ κοιμωμένου αὐτῇ τοῦ βρέφους, τὴν μυῖαν αὖθις ἐπεισάγει τῷ παραδείγματι. καὶ μὴν καὶ ἐπιθέτῳ καλλίστῳ αὐτὰς ἐκόσμησεν ἀδινὰς προσειπὼν καὶ τὴν ἀγέλην αὐτῶν ἔθνη καλῶν.

Οὕτω δὲ ἰσχυρά ἐστιν, ὥσθ' ὁπόταν τι δάκνῃ, τιτρώσκει οὐκ ἀνθρώπου δέρμα μόνον, ἀλλὰ καὶ βοὸς καὶ ἵππου, καὶ ἐλέθαντα λυπεῖ ἐς τὰς ῥυτίδας αὐτοῦ παρεισδυομένη καὶ τῇ αὐτῆς προνομαίᾳ κατὰ λόγον τοῦ μεγέθους ἀμύσσουσα. μίξεως δὲ καὶ ἀφροδισίων καὶ γάμων πολλὴ αὐταῖς ἡ ἐλευθερία, καὶ ὁ ἄρρην οὐ κατὰ τοὺς ἀλεκτρυόνας ἐπιβὰς εὐθὺς ἀπεπήδησεν, ἀλλ' ἐποχεῖται τῇ θηλείᾳ ἐπὶ πολύ, κἀκείνη φέρει τὸν νυμφίον, καὶ συμπέτονται τὴν ἐναέριον ἐκείνην μῖξιν τῇ πτήσει μὴ διαφθείρουσαι. ἀποτμηθεῖσα δὲ τὴν κεφαλὴν μυῖα ἐπὶ πολὺ ζῇ τῷ σώματι καὶ ἔμπνους ἐστίν.

Ὃ δὲ μέγιστον ἐν τῇ φύσει αὐτῶν ὑπάρχει, τοῦτο δὴ βούλομαι εἰπεῖν. καί μοι δοκεῖ ὁ Πλάτων μόνον αὐτὸ παριδεῖν ἐν τῷ περὶ ψυχῆς καὶ ἀθανασίας αὐτῆς λόγῳ. ἀποθανοῦσα γὰρ μυῖα τέφρας ἐπιχυθείσης ἀνίσταται καὶ παλιγγενεσία τις αὐτῇ καὶ βίος ἄλλος ἐξ ὑπαρχῆς γίνεται, ὡς ἀκριβῶς πεπεῖσθαι πάντας, ὅτι κἀκείνων ἀθάνατός ἐστιν ἡ ψυχή, εἴ γε καὶ ἀπελθοῦσα ἐπανέρχεται πάλιν καὶ γνωρίζει καὶ ἐπανίστησι τὸ σῶμα καὶ πέτεσθαι τὴν μυῖαν ποιεῖ, καὶ ἐπαληθεύει τὸν περὶ Ἑρμοτίμου τοῦ Κλαζομενίου μῦθον, ὅτι πολλάκις ἀφιεῖσα αὐτὸν ἡ ψυχὴ ἀπεδήμει καθ᾽ἑαυτήν, εἶτα ἐπανελθοῦσα ἐπλήρου αὖθις τὸ σῶμα καὶ ἀνίστα τὸν Ἑρμότιμον.

Ἀργὸς δὲ αὐτὴ καὶ ἄνετος οὖσα τὰ ὑπὸ τῶν ἄλλων πονούμενα καρποῦται καὶ πλήρης αὐτῇ πανταχοῦ τράπεζα· καὶ γὰρ αἱ αἶγες αὐτῇ ἀμέλγονται, καὶ ἡ μέλιττα οὐχ ἥκιστα, μυίαις καὶ ἀνθρώποις ἐργάζεται, καὶ οἱ ὀψοποιοὶ ταύτῃ τὰ ὄψα ἡδύνουσι, καὶ βασιλέων αὐτῶν προγεύεται καὶ ταῖς τραπέζαις ἐμπεριπατοῦσα συνεστιᾶται αὐτοῖς καὶ συναπολαύει πάντων.

Νεοττιὰν δὲ ἢ καλιὰν οὐκ ἐν ἑνὶ τόπῳ κατεστήσατο, ἀλλὰ πλάνητα τὴν πτῆσιν κατὰ τοὺς Σκύθας ἐπανῃρημένη, ὅπου ἂν τύχῃ ὑπὸ τῆς νυκτὸς καταληφθεῖσα, ἐκεῖ καὶ ἑστίαν καὶ εὐνὴν ποιεῖται. ὑπὸ σκότῳ μέντοι, ὡς ἔφην, οὐδὲν ἐργάζεται οὐδὲ ἀξιοῖ λανθάνειν τι πράττουσα, οὐδὲ ἡγεῖταί τι αἰσχρὸν ποιεῖν, ὃ ἐν φωτὶ δρώμενον αἰσχυνεῖ αὐτήν.

Φησὶν δὲ ὁ μῦθος καὶ ἄνθρωπόν τινα Μυῖαν τὸ ἀρχαῖον γενέσθαι πάνυ καλήν, λάλον μέντοι γε καὶ στωμύλον καὶ ᾠδικήν, καὶ ἀντερασθῆναί γε τῇ Σελήνῃ κατὰ τὸ αὐτὸ ἀμφοτέρας τοῦ Ἐνδυμίωνος. εἶτ᾽ ἐπειδὴ κοιμώμενον τὸ μειράκιον. συνεχὲς ἐπήγειρεν ἐρεσχηλοῦσα καὶ ᾄδουσα καὶ κωμάζουσα ἐπ᾽ αὐτόν, τὸν μὲν ἀγανακτῆσαι, τὴν δὲ Σελήνην ὀργισθεῖσαν εἰς τοῦτο τὴν Μυῖαν μεταβαλεῖν· καὶ διὰ τοῦτο πᾶσι νῦν τοῖς κοιμωμένοις αὐτὴν τοῦ ὕπνου φθονεῖν μεμνημένην ἔτι τοῦ Ἐνδυμίωνος, καὶ μάλιστα τοῖς νέοις καὶ ἁπαλοῖς· καὶ τὸ δῆγμα δὲ αὐτὸ καὶ ἡ τοῦ αἵματος ἐπιθυμία οὐκ ἀγριότητος, ἀλλ᾽ ἔρωτός ἐστι σημεῖον καὶ φιλανθρωπίας· ὡς γὰρ δυνατὸν ἀπολαύει καὶ τοῦ κάλλους τι ἀπανθίζεται.

Ἐγένετο κατὰ τοὺς παλαιοὺς καὶ γυνή τις ὁμώνυμος αὐτῇ, ποιήτρια, πάνυ καλὴ καὶ σοφή, καὶ ἄλλη ἑταίρα τῶν Ἀττικῶν ἐπιφανής, περὶ ἧς καὶ ὁ κωμικὸς ποιητὴς ἔφη,

ἡ Μυῖα ἔδακνεν αὐτὸν ἄχρι τῆς καρδίας·

οὕτως οὐδὲ ἡ κωμικὴ χάρις ἀπηξίωσεν οὐδὲ ἀπέκλεισε τῆς σκηνῆς τὸ τῆς μυίας ὄνομα, οὐδ᾽ οἱ γονεῖς ἠδοῦντο τὰς θυγατέρας οὕτω καλοῦντες. ἡ μὲν γὰρ τραγῳδία καὶ σὺν μεγάλῳ ἐπαίνῳ μέμνηται τῆς μυίας, ὡς ἐν τούτοις,

δεινόν γε τὴν μὲν μυῖαν ἀλκίμῳ σθένει
πηδᾶν ἐπ᾽ ἀνδρῶν σώματ᾽, ὡς πλησθῇ φόνου,
ἄνδρας δ᾽ ὁπλίτας πολέμιον ταρβεῖν δόρυ.

πολλὰ δ᾽ ἂν εἶχον εἰπεῖν καὶ περὶ Μυίας τῆς Πυθαγορικῆς, εἰ μὴ γνώριμος ἦν ἅπασιν ἡ κατ᾽ αὐτὴν ἱστορία.

Γίγνονται δὲ καὶ μέγισταί τινες μυῖαι, ἃς στρατιώτιδας οἱ πολλοὶ καλοῦσιν, οἱ δὲ κύνας, τραχύταται τὸν βόμβον καὶ τὴν πτῆσιν ὠκύταται, αἵ γε καὶ μακροβιώταται εἰσιν καὶ τοῦ χειμῶνος ὅλου ἄσιτοι διακαρτεροῦσιν ὑπεπτηχυῖαι τοῖς ὀρόφοις μάλιστα, ἐφ᾽ ὧν κἀκεῖνο θαυμάζειν ἄξιον, ὅτι ἀμφότερα, καὶ τὰ θηλειῶν καὶ τὰ ἀρρένων, δρῶσιν καὶ βαινόμεναι καὶ βαίνοντες ἐν τῷ μέρει κατὰ τὸν Ἑρμοῦ καὶ Ἀφροδίτης παῖδα τὸν μικτὸν τὴν φύσιν καὶ διττὸν τὸ κάλλος. πολλὰ δ᾽ ἔτι ἔχων εἰπεῖν καταπαύσω τὸν λόγον, μὴ καὶ δόξω κατὰ τὴν παροιμίαν ἐλέφαντα ἐκ μυίας ποιεῖν.

Elogio da Mosca

"Seu som é tão brando quanto o das flautas
é melífluo ao lado de trompetas e címbalos."

LUCIANO DE SAMÓSATA

A mosca não é o menor dos pássaros, contanto que se a compare com o mosquito, com o pernilongo e outros ainda mais miúdos; mas ela tanto possui de grandeza para com aqueles quanto é deixada para trás pela abelha. Emplumada não à guisa de outros, nos quais há cabelo em todas as partes do corpo, e que usam como ágeis asas; mas com membranas iguais às do gafanhoto, da cigarra e da abelha, sendo tão graciosa com essas asas quanto é leve e suave a veste indiana em cotejo à grega. Se alguém atento a observar, é florida de nuanças como o pavão, quando porventura bate as asas ostentando-se para o sol.

Seu voo não é conforme ao do morcego, as asas remando convictamente, nem ao do gafanhoto, salteado, nem ao das vespas, silvante, mas com oblíqua ondulação para qualquer pedaço do ar que venha a se mover. E há também a seu dispor, não um voar envolto em silêncio, mas símile a um canto. Não é estrídulo ao jeito do pernilongo e do mosquito, e ela nem se exibe com o grave ronco das abelhas ou com o terrífico e ameaçante proceder das vespas. Seu som é tão brando quanto o das flautas é melífluo ao lado de trompetas e címbalos.

Quanto ao corpo, a cabeça está delicadamente firmada no pescoço e é de fácil circumeneio, não crescida conjuntamente a ele, como no gafanhoto. Os olhos são proeminentes, maiores que os chavelhos; o peito é firme, estando os pés implantados em ranhuras próprias, e não apertadinhos, como nas vespas. A barriga é fortificada, e tanto ela quanto o busto têm como que uma larga e escamada cinta. Defende-se, todavia, não por meio do traseiro, como

a vespa e a abelha, mas com a boca e a tromba, da qual está armada como os elefantes e com a qual busca alimento, pega coisas e, ficando grudada, com o biquinho aferrenha-se nelas, como se fosse sugadouro. Dessa tromba, salienta-se um dente com o qual ela pica, bebendo o sangue (embora beba também leite, o sangue lhe é mais doce), e os que são picados não sentem muita dor. Tendo seis pés, anda somente com quatro e o par da frente faz tão somente as vezes de mãos. Decerto poderias vê-la, apoiada sobre os quatro pés, elevando com ambas as mãos um petisco, numa feição toda humana, como nós.

Ela não nasce assim de uma só vez, mas na verdade é primeiro uma larva saída de cadáveres de homens ou de outros animais. Então, pouco a pouco, vão emergindo as patinhas, desabrolham-se as asas, e o rastejante passa a ser pássaro. Fica prenhe e dá à luz uma larvinha, a futura mosca. Crescendo junto com os homens – mesmo teto, mesma mesa –, ela prova de tudo exceto óleo – bebê-lo seria sua morte. Embora tenha Moira-breve – sua vida é mensurada sob estreitíssimo alcance –, regozija-se sobremaneira com a luz, sentindo-se em casa quando sob ela. Recolhe-se, pois, ao sossego da noite e não voa nem canta, mas enguruja-se e aqueda.

Eu posso falar de sua manha, que não é pouca, sempre que consegue escapulir da aranha, seu traiçoeiro inimigo. Enquanto a aranha prepara a emboscada, a mosca fica de olho e, observando-a cara a cara, esquiva-se do assalto, de modo a não ser capturada, como peixe que na rede fica à mercê, na teia espiralada da fera. Ora, falar de sua valentia e coragem não é dado a nós, mas a Homero, o grandiloquente-mor dos poetas. Ele retrata a coragem do mais excelente dos heróis buscando não equipará-lo com o leão, o leopardo ou o javali, mas com a firmeza da mosca, o destemor e a persistência do seu ataque. É com a firmeza e não com a afoiteza que ele a vincula. E ainda diz que ela, ao ser espantada, não se arreda por isso, mas se lança em uma mordida. Em tão subido grau ele enaltece e corteja a mosca, que não é uma nem três as vezes que dela se lembra, mas a toda hora, e lembrando-a desse modo embeleza suas palavras. Aqui discorre sobre seu voo que vai em enxame pra cima do leite; ali sobre quando Atena rechaça de Menelau a flecha, de modo a não ir de encontro ao mais fatal dos instantes, retratando a mãe zelosa que junto a si nina o recém-nascido, e de novo introduz a mosca em comparação. Além disso tudo, ataviou-as com belíssimos epítetos, a elas se referindo como a um conglomerado e vendo em seu enxame as mais belas nações[1].

[1] Os episódios aludidos podem ser encontrados na *Ilíada*: II, 469-471; IV, 130-1; XVI, 641-3; XIX, 31. (n.t.)

Ela é tão forte que, quando quer que morda algo, machuca não só a pele humana, mas a do boi e a do cavalo, e aflige o elefante, penetrando em suas rugas, na medida do possível lacerando-o com sua própria tromba. As moscas têm muita liberdade no sexo, nos prazeres carnais e no casamento. É que o macho não faz como o galo, que monta e logo em seguida apeia, mas cavalga a fêmea sem parar, com o que ela segura seu esposo e, no meio da transa, saem voando pelo ar, sem que nada degringole. E uma vez decepada sua cabeça, a mosca vive com o corpo por ainda muito tempo, mantendo o sopro da vida.

Na natureza delas há um traço ainda maior, do qual quero falar agora. É que a mim parece que Platão deixou-o de lado na doutrina da alma e sua imortalidade. A mosca, quando morta, com um pouco de cinza esparramada sobre ela, levanta-se, regenera-se e começa de novo uma outra vida. E assim todos estão devidamente convencidos de que a alma dela é imortal, sendo que, uma vez tendo partido, volta ao corpo, reconhece-o e reanima-o, assim provando o mito sobre Hermótimo Clazomênio, de que sua alma repetidamente o abandonava, viajando ao seu sabor, para então voltar e novamente encher o corpo e levantar Hermótimo.

Por ser preguiçosa e relaxada, ela se aproveita do fruto do trabalho alheio e encontra mesa farta em tudo quanto é lugar. Tanto que as cabras leiteiras deixam que ela as sugue, as abelhas trabalham não menos às moscas que aos homens, e cozinheiros temperam seus pratos a ela. Chega até a provar os quitutes antes mesmo que os reis e, perambulando pelas mesas, participa do banquete deles, deliciando-se com tudo. Não firma ninho tampouco abrigo em canto algum, mas, puxando aos Citas, ziguezagueia afora e à toa, ficando entregue ao que de fortuito a noite der, fazendo aí sua cama e aconchego. Na escuridão, contudo, como eu já dizia, ela não se mexe: acha indigno agir sorrateiramente e não pratica infâmias, das quais se vexaria caso estivesse em plena luz.

A narrativa segue dizendo que havia ainda uma criatura, uma certa Musca[2], por demais bela, malgrado faladeira, tagarela e cantante, que virou rival de Luna, pois ambas se apaixonaram por Endímion. Aí então, como ela vinha com chocarrices, brincadeirinhas e, cantarolando, tirava-o do sono, tirando-o do sério, Luna ficou nervosa e transformou Musca nisso que conhecemos. É por isso que hoje, em lembrança de Endímion, ela não deixa ninguém dormir, principalmente os que estão na tenra idade. Daí sua própria mordida e seu apetite por sangue serem um sinal não de selvageria, mas de

[2] Aqui se inventou uma tradução, Musca, como nome próprio feminino inspirado em Mosca. (n.t.)

amor e de benquerer. Ela se beneficia do que pode e colhe de qualquer coisa a frescura da beleza.

Segundo os antigos, também existiram duas mulheres com esse mesmo nome, uma poetisa deveras bonita e inventiva[3], e uma famosa cortesã de Atenas, sobre a qual o poeta cômico disse:

"A Musca o mordeu bem no coração."

Daí se vê que o gracejo cômico não desdenhou o nome da mosca e nem o tolheu dos palcos. Tampouco os pais se envergonhavam de chamar suas filhas assim. E a tragédia – como não! – lembrou-se da mosca com grande estima. Por exemplo:

"E a mosca – é espantoso! – em força e audácia
Que ávida de sangue assalte um morto,
Enquanto à lança hostil soldados fogem."[4]

Eu bem que poderia dizer muitas coisas sobre a pitagórica Musca, se sua história já não fosse conhecida por todos[5].

Há ainda algumas moscas enormes que muitos chamam de soldadinhas, ou ainda de cadelas. São de um zumbido escabroso, de um voo veloz, e é incrível como duram! Resistem um inverno inteiro sem comida, quase sempre encolhidas debaixo de toldos. Sobre elas vale a pena admirar o fato de tanto o macho quanto a fêmea ficarem invertendo os papéis, igual ao filho de Hermes e de Afrodite, que é de uma natureza mista e de dupla beleza. Mesmo que eu tenha ainda muito a dizer, vou botar um fim nessa conversa, pra não ficar parecendo que estou, como diz o provérbio, fazendo da mosca um elefante.

[3] Poetisa lírica, identificada à célebre Corina da Beócia, professora e depois rival do poeta Píndaro. (n.t.)
[4] Essas duas citações (o verso do poeta cômico e os três versos trágicos) são de autores desconhecidos. Alguns escoliastas, no entanto, sugerem autoria de Eurípides para os versos trágicos, oriundos de uma peça perdida. (n.t.)
[5] Filha de Pitágoras, foi casada com o atleta Mílon de Cróton. Além disso, nada se sabe hoje em dia sobre ela. (n.t.)

Êxtase e Arte

Hanns Heinz Ewers

O texto: Publicado originalmente em 1906, na revista alemã *Das Blaubuch*, o ensaio reflete a respeito da influência de estados extasiados, induzidos por drogas como o haxixe ou a mescalina, sobre a produção artística.

Texto traduzido: Ewers, H. H. "Rausch und Kunst". In. *Das Blaubuch*, Berlin, 8 nov. 1906, p. 1726-1730.

O autor: Hanns Heinz Ewers (1871-1943), escritor alemão, estudou direito, dedicando-se depois à escrita. Admirador de Wilde e Poe, escreveu desde poesia, drama, versos para cabarés, libretos, contos, romances, tratados científicos, além de relatos de experiências próprias com drogas ou impressões de diversas viagens pelo mundo, incluindo o Brasil, a Argentina e o Paraguai. Tornou-se conhecido do público por seus textos de horror e elementos fantásticos e por sua autoencenação de *dandy* e boêmio *par excellence*. Seu romance *Alraune* (1911) foi traduzido para 28 línguas e filmado quatro vezes. Após certo declínio profissional e pessoal nos anos 1920, aproximou-se de círculos nacional-socialistas, contudo, mais tarde, o regime proibiria a venda de quase todos os seus livros, considerados decadentes e doentis.

Os tradutores: Michael Korfmann é professor de Literatura Alemã no Instituto de Letras da UFRGS. É cotradutor, entre outros, dos romances *O porco entre os peixes* e *A cozinha da alma*, ambos de Jasmin Ramadan, e dos *grafic novels*, publicados pela editora 8Inverso, *Castro* e *Elvis*.

Raquel Ribas Meneguzzo é graduanda do Bacharelado em Letras – Tradutor Português e Alemão da UFRGS. Estudou na Alemanha, na Universidade de Erlangen, e atualmente é bolsista de iniciação científica.

RAUSCH UND KUNST

"Auf das eine kommt es an: vermag ein durch ein Narkotikum her-vorgerufener Rausch zum Schaffen eines Kunstwerkes zu verhelfen?"

HANNS HEINZ EWERS

Indem ich nun das Ergebnis dieser Versuche auf Grund der Autorität der genannten Gelehrten als durchaus feststehend hinnehme, also die Überzeugung teile, daß Alkoholgenuß eine Herabsetzung der Fähigkeiten des Individuums im Allgemeinen – unter Umständen nach einer kurzen spontanen Steigerung – hervorruft, stelle ich jedoch die Behauptung auf, daß für ein künstlerisches Schaffen kaum einen wichtigeren Faktor geben kann, als der durch ein Narkotikum hervorgerufene Rausch.

Wie ein kluger Richter, der nur durch die Art der Fragestellung aus ungeschickten, juristisch nicht geschulten Zeugen alles das herausholen kann, was er hören will, hat D. van Bleuten seine Fragen gestellt; er hätte sie nur ein wenig modeln können und er würde von manchen Befragten eine ganz genau gegenteilige Antwort erhalten haben. Aber zunächst muß schon die ganze Art der Rundfrage diese für wissenschaftlich-statistische Zwecke als völlig unbrauchbar erscheinen lassen. Einen wieviel größeren Wert haben nicht die Rundfragen, die beispielsweise Dr. M. Hirschfeld zur Feststellung des Sexualgefühls beim Metallarbeiterverband, bzw. bei der Charlottenburger Studentenschaft veranstaltet hat! Jeder Befragte erhielt da eine Karte mit den Fragen, er hatte sie nur auszufüllen und ohne Namensnennung wieder in den Postkasten zu werfen. Es ist anzunehmen, daß kaum 10% der Befragten sich einen Ulk – der ja bei der Anonymität der Antworten völlig zwecklos war – erlaubten, daß der große Rest der Wahrheit gemäß seine Antworten machte. Bei van Bleutens Rundfrage aber war die Veröffentlichung mit vollem Namen von vornherein vorgesehen; es handelte sich

nicht um eine wissenschaftlich diskrete Bearbeitung des eingelaufenen Materials, sondern darum, ein breiteres Publikum mit der Stellung einer Reihe von Schriftstellern zur Alkoholfrage bekannt zu machen. Bedenkt man weiter, daß kaum eine andere Berufsklasse so sehr mit dem großen Publikum in Berührung steht, als gerade die der Schriftsteller, daß ein großer Teil dieser Schriftsteller auf dieses Publikum, von dessen Gunst man materiell abhängig ist, eine übertrieben große Rücksicht nehmen zu müssen glaubt, so braucht man kein Prophet zu sein, um vorher zu wissen, daß eine ganze Reihe von Antworten auf den "guten Eindruck" zum mindesten zurechtgeschnitten sein würde. Und nun kann man nicht leugnen, daß die Temperenzbewegung – zum Glück für unser Land – außerordentliche Fortschritte macht, daß ihr wahrscheinlich die Zukunft gehört – was wunder, daß die überwältigende Mehrzahl der Antworten zu ihren Gunsten ausfallen mußte! Leider aber hat uns die Abstinenzbewegung von England aus eine üble Genossin mit hinübergeschmuggelt, die sich ihr von jeher eng an die Fersen geheftet hat: die Heuchelei. Wer möchte all die artigen Teehäuser in England und den Staaten zählen, in denen in verschwiegenen Hinterzimmern die Honoratioren, Vorstände der Mäßigkeitsverbände, insgeheim ihren Whisky schlürfen? Sie sind längst ein stehendes Besitztum aller englischen Witzblätter geworden. Gewiß ist der offene Trunkenbold sympathischer, als der Heuchler, der Wasser predigt und heimlich Schnaps trinkt! – Und diese Heuchelei mußte durch van Bleutens für die Öffentlichkeit bestimmte Rundfrage hervorgerufen werden: daß das in so erschreckender Weise geschah, hätte ich nicht gedacht. Bei manchen Antworten freilich ist das Eintreten für die Enthaltsamkeit nur ein grotesker Witz. Wenn z.B. der geniale Dichter des Kosmos, Paul Scheerbart sich den Satz leistet: "von einer Wechselwirkung zwischen Alkohol und Dichtung sollte man nach meiner Meinung nicht sprechen – eine solche Wechselwirkung würde ja die Dichtung kompromittieren," so ist das genau derselbe blutige Ulk als wenn der Dichter sich im Kürschner als "ultramontanen" Schriftsteller bezeichnet. Es ist ein Hohn auf die an ihn gerichtete Frage, den nur der nicht merkt, der weder die Werke noch die starke Persönlichkeit unseres besten deutschen Humoristen kennt.

Ein anderes aber ist es, wenn manche trinkfeste Dichtersleute sich ganz ernsthaft in das Unschuldsmäntelein der Abstinenz hüllen. Und da wurden ihnen eben die Gewandstücke durch die geschickten Fragen van Bleutens freundlichst geliefert. Diese Fragen lauteten: 1. Nehmen Sie regelmäßig vor der künstlerischen Arbeit Alkohol in irgend einer Form zu sich, und welche Wirkungen schreiben Sie dem zu? 2. Haben Sie, falls Sie nicht regelmäßig

vor der künstlerischen Arbeit Alkohol nehmen, es aber gelegentlich doch einmal getan haben, dann eine Steigerung oder eine Hemmung Ihrer Arbeitsleistung beobachtet? 3. Sehr dankenswert wäre eine Mitteilung Ihres Standpunktes zur Alkoholfrage im allgemeinen, besonders aber Ihre Beobachtungen über die Wechselwirkung zwischen Alkohol und Dichtung.

Nun aber ist der Alkohol nur eines der vielen mehr oder weniger angewandten Narkotika. Wollte van Bleuten trotzdem seine Rundfrage auf den Alkohol beschränken, so mußte er sagen, weshalb, mußte ferner vor allen Dingen die Unterfrage stellen: "Bedienen Sie sich außer oder statt des Alkohols eines anderen Narkotikums?" Denn es liegt doch auf der Hand, daß Antworten von Antialkoholikern, die beispielsweise Kokainisten sind, für das Ergebnis ganz wertlos sind. Eine wenige der Beantworter der Rundfrage fühlen diesen Mangel. Sie kommen von selbst auf den Nikotingenuß usw. zu sprechen; die meisten aber klammern sich an die engbegrenzte Frage und fühlen sich als berufene Temperenzapostel. Es wirkt für den Eingeweihten geradezu lächerlich, wenn einer der Herren, ein ausgesprochener Morphinist, sich ganz stolz in seine Toga hüllt und gegen den Alkohol wettert. Wenn man hundert Mark hat, ist es doch einerlei, ob man das Geld in Papier oder Gold, in Nickel Silber oder Kupfer besitzt, ebenso gleichgültig ist es für die Tatsache des Rausches, ob dieser durch Alkohol oder Haschisch, durch Kokain oder Mescal hervorgerufen wurde. Der Frager durfte also seine Frage keineswegs auf den Alkohol beschränken, er mußte versuchen, Antworten über die Wechselwirkung zwischen "Narkotikum und Dichtung" (nicht nur zwischen Alkohol und Dichtung) zu erlangen und mußte zu verstehen geben, daß zu den Narkotika auch harmlose Gifte, wie Tee und Kaffee gehören. Nicht der ist "enthaltsam", der sich des Alkohols enthält, sondern nur der, der eines jeden Narkotikums durchaus entsagt! – Ich bin überzeugt, die Antworten wären ganz andere geworden, ja vielleicht wenn sie alle ehrlich gewesen wäre, würde kaum eine darunter sein, deren Schreiber nicht irgend ein kleines Rauschmittelchen – bewußt oder unbewußt genommen – hätte zugestehen müssen.

Des weiteren berührt D. van Bleuten mit keinem Wort den Unterschied zwischen dem Genuß von Rauschmitteln als Stimulans zum Schaffen und dem künstlerischen Schaffen aus dem Rausche selbst, und natürlich beachtet die weitaus große Mehrzahl der Beantworter diesen Unterschied ebensowenig. Die Stimulantien sind nun so außerordentlich verschieden, wechseln bei einzelnen Individuen so oft, daß es schlechterdings unmöglich erscheint, darüber irgend etwas festzustellen. Alkohol kommt kaum in Betracht: Frage 1 wurde denn auch von fast allen Befragten negativ

beantwortet. Die faulen Äpfel Schillers, die Spitzen Wagners, der Schlafrock Balzacs bei Wilde, das violette Papier des einen, die Katze auf dem Schreibtisch des anderen, ein Schälchen Mokka, eine Tanagrafigur, ein Busch Chrysanthemen – das alles und hundert andere sind Stimulantien. Sie haben mit dem künstlerischen Schaffen an sich garnichts zu tun, sind stets individuell verschieden und lassen sich nur selten aus der Psyche des einzelnen heraus erklären. Nun aber sind die Fragen van Bleutens so aufgeabut, daß die Mehrzahl der Angefragten sie auf den Alkohol als Stimulans bezog – mit einem guten Rechte konnten sie also abgelehnt werden. Jeder, der nicht neben das Tintenfaß die Weinflasche hinstellt, konnte stolz die erste Frage verneinen. So schreibt Herbert Eulenberg mit einem köstlich naiven Humor: "Ich trinke niemals unmittelbar vor oder während der Arbeit Alkohol". Dieses "unmittelbar" ist ehrlich, man kann es ruhig bei fünfzig anderen Antworten einschieben. In der Tat, als Stimulans ist Alkohol – oder ein anderes Narkotikum – ganz irrelevant, wenn es hin und wieder gebraucht wird, erweckt es nicht mehr Interesse als jedes andere Zufallsstimulans.

Auf das eine kommt es an: vermag ein durch ein Narkotikum hervorgerufener Rausch unter Umständen zum Schaffen eines Kunstwerkes zu verhelfen? Und ich beantworte diese Frage dahin: Es vermag nicht nur das, sondern es kann sogar unter Umständen völlig neue Kunstwerke hervorbringen. Vermag ich das es beweisen, so ist damit für den Künstler die "Alkoholfrage" gerichtet, sie geht ihn für seine Person ebensowenig etwas an, wie alle möglichen anderen Sitten und Gesetze, über denen er steht.

Nun ist gewiß, daß ein jedes Individuum das höchste was seine Intelligenz überhaupt zu leisten imstande ist, in der Ekstase leistet. Durch welche Mittel eine solche Ekstase hervorgerufen wird, ist für den Wert des in der Ekstase geleisteten völlig gleichgültig, mögen sie noch so verwerflich sein. Wenn der Schöpfer ein herrlicher Mensch ist, wenn die Art seines Schaffens eine herrliche ist... um so besser; aber die Erhabenheit seines Werkes wird um kein Deutchen geringer, wenn das nicht der Fall ist. Das trifft immer zu, am meisten aber beim künstlerischen Schaffen. Nun sind die Ursachen, die eine künstlerische Ekstase hervorzurufen geeignet sind, nicht so billig wie Brombeeren. Die inneren Erlebnisse, die jedes Menschenleben kennt, werden immer seltner, je gereifter der Mensch wird, vermögen immer weniger eine Ekstase hervorzurufen. Der Jüngling schwimmt in Ekstasen, aber er weiß damit nichts anzufangen; der gereifte Mann weiß es genau, aber die Ekstasen bleiben aus. Sterile Monate, Jahre. Daher die innere Berechtigung der Phrasen: der Rausch der Jugend, die Ruhe des Mannesalters. Der

Lauf des begabten Durchschnittkünstlers: Jugend, Ekstase ohne Können; Alter, Können ohne Ekstase! Und niemals ein volles Kunstwerk! Nun ist aber der durch Narkotika bewirkte Rausch zweifellos geeignet, unter gewissen Umständen späterhin einmal eine Ekstase hervorzurufen – warum soll man sich also dieses Mittels nicht bedienen? Etwa weil es nicht "natürlich" ist? Das in Eisfabriken hergestellte Eis macht gerade so kalt wie das auf dem Teiche gefrorene; und ob die zum Schaffen nötige Ekstase aus einer großen Liebe hervorgeht oder aus einer Weinflasche, erscheint völlig gleichgültig für den Wert des Kunstwerkes. Im Grunde ist das auch nicht der Unterschied: "natürlich und künstlich" sondern das: bewußt und unbewußt.

Von einem Schaffen im Rausche selbst kann fast nie die Rede sein, ebenso selten von einem Schaffen im Jammer. Aber beide, der Rausch sowohl wie die Reaktion sind geeignet, Saiten in dem Künstler anklingen zu lassen, deren Schwingungen – vielleicht irgendwenn später einmal – eine Ekstase herzurufen vermögen. Diese Schaffensekstase ist stets in einem physisch durchaus nüchternen Zustande. Freilich vermag auch der schönste Rausch nie und nimmer aus einem Menschen etwas herauszuholen, das nicht in ihm steckt. Man kann irgendeinen Philister in den herrlichsten Haschischrausch und er wird doch niemals in der Folge ein Kunstwerk schaffen können. Und da lange nicht alle Maler und Bildhauer, Dichter und Tondichter – Künstler sind, so wird auch bei sehr vielen ein Experimentieren mit dem Rausche völlig zwecklos sein.

Ganz zu verwerfen ist jedenfalls eine Gewöhnung für lange Zeit an ein bestimmtes Narkotikon. Der Gewohnheitstrinker kennt in den meisten Fällen keinen Rausch mehr, ebensowenig der Gewohnheitsraucher, der Morphinist, der Kokainist, der Haschischist. Allein das Opium scheint fast stets einen Rausch hervorzurufen, es ist auch das einzige Gift, das lediglich um des Rausches willen genommen wird, während bei allen anderen narkotischen Mitteln die Rauschwirkung selbst von den Gewohnheitsnehmern durchaus nicht beabsichtigt wird. Es kommt demnach für die Zwecke des Künstlers lediglich ein gelegentliches – nicht aber bloß einmaliges – Genießen von Narkotiken in Betracht, mit der ausgesprochenen Absicht der Rauschwirkung. Das künstlerische Verarbeiten des im Rausche gewonnenen und erschauten hat erst später nach dem Rausche und nach der folgenden Reaktion zu geschehen. Kurze Sätze, ja nur Worte, die man in der Erinnerung des Rausches niedergeschrieben hat, werden oft noch nach Jahren genügen, um ein ganzes Rauschbild wieder wachzurufen.

Hier sind einige Momente, die der Künstler aus dem Rausche gewinnen und später in Kunstwerken werten kann: Eminente Steigerung des

Gedächtnisses, eine Erinnerung bis in die allerfrüheste Kindheit (Haschisch), Überfülle von Bilder, unerhörte Farbenskalen (Peyote), groteske Verzerrung alles Gesehenen, Entstehung toller neuer Formen (Muscarin), das tiefe Erfassen einer Stimmung, die Wochen lang nachschwingt, Teilung der Persönlichkeit, Leben in zwei und mehr Ich's (Haschisch), rhythmisches Sein, Erfassen der inneren Notwendigkeit des Tanzes (Kawa-Kawa), unbegrenzte Verfeinerung aller Sinne, reichste Aufnahmefähigkeit, die den Prozeß des künstlerischen Schaffens bedingt, reines Glück (Haschisch), plastisches Sehen, unerhörte Wollust (Opium), Verschiebung des Zeitbegriffes, Fliegen, (Bilsenkraut in allen Verbindungen) usw. usw.

Im Allgemeinen: in den Narkotiken liegen für den Künstler ungeheure Schätze verborgen. Es ist ein fast unbetretenes Goldland, aus dem der kluge und glückliche Finder immer und immer wieder neue Kunstwerke herausschlagen mag. Freilich wird das künstlerische Schaffen durch das bewußte Arbeiten mit den Hilfsmitteln des Rausches keineswegs erleichtert. Im Gegenteil: des Künstlers stets nachträgliche Arbeit ist im allgemeinen sehr viel schwieriger, oft ungemein erschwert: der Durchschnittsschriftsteller oder Maler wird schließlich überhaupt nichts mit dem etwa gefundenen anfangen können, da ihm das beliebte "Klischee" völlig fehlt. – Der Philister sagt: "Das künstlerische Schaffen ist überhaupt keine Arbeit, es ist ein Vergnügen!" Das ist die schmälichste Lüge, die je ein satter Bürger ausgedacht; der, der es zuerst aussprach, und die große Masse, die es gedankenlos nachplappert, haben nie einen Hauch der Ekstase verspürt, die allein künstlerisches Schaffen bedingt. Und diese Ekstase ist immer eine Qual, ein Leiden, selbst dann, wenn – in seltenen Fällen – der Grund, der sie hervorrief, ein Genuß war.

So ist also der Rausch nicht etwa eine Art Pianola, das jedem in kurzer Zeit prächtig zu dichten, zu malen oder zu komponieren ermöglicht. Im Gegenteil: Die Umwertung des im Rausche erfaßten Unbewußten in das Bewußte ist eine Arbeit, die nur ein Individuum, das große Intelligenz mit starkem Talente verbindet, zu leisten imstande ist.

Êxtase e Arte

"A verdadeira pergunta é: o efeito causado por determinado narcótico é capaz de contribuir para o processo de criação artística?"

HANNS HEINZ EWERS

Ainda que eu aceite, em decorrência da autoridade dos eruditos citados, o resultado desses experimentos como irrefutável, isso quer dizer, ainda que eu compartilhe da certeza de que a ingestão de álcool provoque uma redução das capacidades do indivíduo – em certas circunstâncias após um curto e espontâneo aumento das mesmas –, ainda assim, defendo que, para a criação artística, não há fator mais importante do que o êxtase induzido por um narcótico.

D. van Bleuten conduziu suas perguntas como um juiz astuto, que consegue espremer de suas testemunhas desamparadas, leigas na língua jurídica, tudo aquilo que quer ouvir, valendo-se apenas do modo como as formula. Se as houvesse remodelado um pouco que fosse, teria recebido a resposta precisamente contrária de alguns entrevistados. Portanto, a forma como o questionário é conduzido é completamente inválida para fins científicos e estatísticos. Muito mais valiosos são os estudos de Dr. M. Hirschfeld sobre a sexualidade, por exemplo, realizados na Associação dos Metalúrgicos e entre os universitários de Charlottenburg. Para tal estudo, cada entrevistado ganhou um cartão com as perguntas, que devia ser apenas preenchido e devolvido por correio anonimamente. É possível presumir que nem 10% dos entrevistados tenham escrito pilhérias nas respostas, inúteis frente ao anonimato do procedimento, e que boa parte tenha respondido tão somente a verdade. No questionário do D. van Bleuten, no entanto, previa-se a publicação com nome completo. Não se tratava de realizar um processamento científico e discreto dos dados coletados, mas de tornar público o

posicionamento de uma gama de escritores sobre a questão do álcool. E se levarmos em conta que nenhum tipo de profissão mantém tanto contato com o público quanto o escritor, e que boa parte desses escritores, que depende financeiramente da benevolência de seus leitores, acredita ter a necessidade de lhes dar exagerada importância, então não é preciso ser nenhum profeta para saber antecipadamente que uma série de respostas seria aparada para caber minimamente nos moldes da "boa impressão". E não é possível negar que o movimento da temperança, para a sorte de nosso país, faz avanços incríveis, e que provavelmente reinará no futuro; assim, não é nenhuma surpresa que a esmagadora maioria das respostas penda em seu favor! No entanto, infelizmente, o movimento pela abstinência trouxe consigo da Inglaterra uma companheira nociva, que se acorrentou aos seus pés logo de início: a hipocrisia. É só contar todas as virtuosas casas de chá na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde os dignitários e líderes das associações que defendem a sobriedade sorvem seu uísque nas salas de fundo. Eles são há muito matéria permanente em todos os jornais satíricos da Inglaterra. Certamente o beberrão assumido é mais simpático do que o hipócrita que prega água e, escondido, bebe aguardente. Era óbvio que essa hipocrisia ficaria evidente através de enquete de D. van Bleuten, destinada ao público leigo. Mas eu nunca teria pensado que isso aconteceria de forma tão assustadora. Em algumas respostas, a menção à abstinência é nada mais do que uma piada grotesca. Quando, por exemplo, Paul Scheerbart, o brilhante poeta do cosmos, dá-se o direito de proferir uma sentença como "na minha opinião, não se deveria falar de uma reciprocidade entre o álcool e a poesia; tal interação comprometeria a produção artística", podemos dizer que isso é uma besteira tão grande quanto um poeta afirmar-se ultramontano na Enciclopédia de Kürschner[1]. Na verdade, tal resposta escarnece da pergunta, e apenas quem não conhece o trabalho e a forte personalidade de nosso melhor humorista é incapaz de percebê-lo.

Outra coisa é quando poetas bons de copo se abrigam sinceramente sob o inocente manto da abstinência. E tais vestes lhes foram entregues gentilmente, graças às engenhosas perguntas de van Bleuten. Eram tais as perguntas: 1. Você ingere alguma bebida alcoólica regularmente antes do trabalho artístico? Quais efeitos você atribui à sua ingestão? 2. Caso você não ingira álcool regularmente antes do processo de criação artística, mas já o tenha feito em algum momento, você observou então algum estímulo ou bloqueio na qualidade de seu trabalho? 3. Algumas linhas sobre sua posição

[1] Obra de referência acerca de escritores e tradutores de língua alemã. (n.t.)

em relação ao tema álcool de maneira geral seriam de grande valia, e de especial interesse suas observações em relação à interação entre álcool e produção poética.

No entanto, o álcool é apenas um dentre inúmeros narcóticos utilizados com maior ou menor frequência. Se ainda assim van Bleuten quisesse restringir sua enquete ao consumo de álcool, então ele deveria explicar por que, e mais, antes de tudo deveria fazer a seguinte pergunta: "Você utiliza algum outro narcótico além de bebidas alcoólicas ou em seu lugar?". Pois é óbvio que respostas de abstêmios que usam cocaína, por exemplo, são inúteis para os resultados. Alguns poucos entrevistados perceberam essa falha. Eles abordam o uso de nicotina etc., por iniciativa própria. No entanto, a maioria se restringe às perguntas tacanhas e se sente um apóstolo da temperança. É ridículo para os iniciados assistir a um dos senhores, conhecido por seu uso de morfina, vestir seu manto de inocência vaidosamente e censurar o consumo de álcool. Quando se tem cem marcos, não importa se essa quantia é em papel, ouro, moedas de prata ou cobre; assim como não importa para o êxtase, o estado alterado de consciência, se esse foi induzido por álcool ou haxixe, por cocaína ou mescalina. O entrevistador não deveria, portanto, sob hipótese alguma, ter reduzido sua pergunta ao álcool; ele deveria ter tentado obter respostas sobre a interação entre "narcóticos e criação artística" (e não apenas entre "álcool e criação artística") e deveria também ter deixado claro que por narcóticos entendem-se também drogas inofensivas, como café ou chá. Não é abstêmio aquele que se abstém apenas de álcool, mas apenas aquele que se abstém de todos os tipos de narcóticos! Estou convencido de que as respostas teriam sido bem diferentes; sim, talvez se todos tivessem sido honestos, não haveria praticamente nenhum escritor dentre os entrevistados que não tivesse de admitir o uso – deliberado ou não – de ao menos uma substância que fosse.

Além do mais, D. van Bleuten não faz diferença entre a ingestão de entorpecentes como estimulantes para o momento da criação e a criação artística resultante do próprio efeito da droga, e é claro que a maior parte dos entrevistados também não percebe tal diferença. Os estimulantes são tão distintos entre si, divergem tanto de pessoa para pessoa, que parece simplesmente impossível chegar a quaisquer constatações categóricas sobre o assunto. Nesse contexto, o álcool não é um fator relevante, tanto que a pergunta 1 obteve resposta negativa de quase todos os entrevistados. As maçãs podres de Schiller, as rendas de Wagner, o camisolão de Balzac em

Wilde[2], o papel violeta de um, o gato sobre a escrivaninha de outro, uma caneca de café, uma estatueta de Tânagra, um arbusto de crisântemos: tudo isso e outras centenas de coisas são estimulantes. Eles não têm nenhuma relação com o processo de criação em si, atuam diferentemente sobre cada indivíduo e raramente podem ser explicados a partir da psique da pessoa. No entanto, a forma como as perguntas de van Bleuten são formuladas levou a maioria dos entrevistados a se referir ao álcool como estimulante – assim, puderam com toda a razão, negá-las. Todo aquele que não mantém uma garrafa de vinho ao lado do tinteiro pode orgulhosamente negar a primeira pergunta. É assim que Herbert Eulenberg escreve com um delicioso e ingênuo senso de humor: "Eu nunca bebo imediatamente antes ou durante o trabalho". Esse "imediatamente" é sincero e pode tranquilamente ser inserido em pelo menos mais cinquenta das outras respostas. De fato, como estimulante, o álcool é completamente irrelevante (bem como outros narcóticos), e, quando ingerido, não causa mais interesse do que qualquer outro estimulante casual.

A verdadeira pergunta é: o efeito causado por determinado narcótico é capaz, sob certas circunstâncias, de contribuir para o processo de criação artística? E eu a respondo da seguinte maneira: não só é capaz disso, como também pode levar, sob certas circunstâncias, a obras de arte inovadoras. Se eu puder comprová-lo, então o veredito referente à questão do álcool para o artista pode ser proferido: para ele, o álcool é tão irrelevante quanto todos os outros costumes e leis sobre os quais se eleva.

Ora, é certo que é durante o êxtase que um indivíduo alcança o ponto máximo de que sua inteligência é capaz. A substância responsável por desencadear tal êxtase é completamente irrelevante para quem o experiencia, ainda que tais meios sejam repreensíveis. Quando o criador é um homem magnífico, quando seu processo de criação é magnífico... tanto melhor. Mas a grandeza de seu trabalho de forma alguma diminui se não for esse o caso. Isso vale para tudo, mas principalmente para a produção artística. No entanto, os princípios capazes de induzir ao êxtase artístico não são tão baratos quanto amoras-silvestres. Conforme a pessoa amadurece, suas experiências interiores se tornam cada vez mais raras e são cada vez menos capazes de levá-la ao êxtase. O jovem está imerso em êxtase, mas não sabe tirar-lhe proveito; o homem experiente bem o sabe, mas a ele falta o êxtase. Meses, anos de esterilidade. Daí a razão de ser das expressões: o delírio da

[2] Schiller mantinha maçãs podres na gaveta de sua escrivaninha, pois o cheiro o estimulava a escrever. Wagner gostava de trabalhar em ambientes decorados com rendas. Wilde vestia uma camisola à moda de Balzac para se inspirar. (n.t.)

juventude, a tranquilidade da maturidade. Eis a vida de um artista medíocre: Juventude, êxtase sem habilidade; maturidade, habilidade sem êxtase! E nunca uma obra de arte completa! No entanto, os efeitos produzidos por narcóticos são, sem sombra de dúvida, e sob determinadas circunstâncias, capazes de levar o homem maduro ao êxtase – por que então abnegar-se de seu uso? Por não ser um meio "natural"? O gelo produzido em fábricas tem a mesma capacidade de resfriar quanto aquele congelado sobre o lago; e para a qualidade de uma obra artística parece ser indiferente se o êxtase que levou à sua produção provém de um grande amor ou de uma garrafa de vinho. No fundo, a diferença que importa não é "natural" ou "artificial", e sim, consciente ou inconsciente.

Quase nunca se pode falar de uma produção durante o efeito de uma droga, bem como raramente se pode falar de uma produção durante o sofrimento. Mas ambos, tanto o estado alterado de consciência quanto a reação a ele, são capazes de fazer ressoar certas cordas no artista, cujas vibrações, talvez em algum momento posterior, possam vir a causar um momento de êxtase. Esse êxtase produtivo ocorre sempre em um estado físico completamente sóbrio. Mas, com certeza, mesmo a mais intensa experiência extática nunca é capaz de despertar em um homem algo que ele já não o tenha. Pode-se induzir um filisteu à mais magnífica experiência com haxixe, mas ele nunca será capaz de produzir arte em sua decorrência. E como nem todos os pintores e escultores, poetas e músicos são artistas, da mesma forma experimentações com entorpecentes serão, para muitos, completamente inúteis.

Deve-se evitar completamente o hábito de utilizar um determinado narcótico por longos períodos de tempo. Quem bebe por costume, na maior parte das vezes, não experimenta mais o êxtase da embriaguez, bem como quem fuma por costume não mais experimenta os efeitos do cigarro, e assim com quem usa morfina, cocaína ou haxixe regularmente. Apenas o ópio parece capaz de produzir sempre os seus efeitos, mas ele também é a única droga tomada com o objetivo exclusivo de se lhe aproveitar os efeitos, enquanto, no caso das outras drogas, os efeitos não são mais o objetivo de quem as usa por hábito. Para o artista interessa, portanto, a apreciação ocasional – mas não única – de narcóticos, com a intenção explícita de experimentar seus efeitos. O processamento artístico daquilo que se viu e viveu sob o efeito da droga deve acontecer quando este termina. Frases curtas, até mesmo palavras soltas escritas durante o estado alterado de consciência são suficientes para reavivar, mesmo após anos, tal sensação.

Seguem algumas experiências induzidas por entorpecentes das quais o artista pode tirar proveito e se utilizar em suas obras: ampliação significativa da memória, lembrança até mesmo da mais tenra infância (haxixe), profusão de imagens, escalas de cores incríveis (peiote), distorções grotescas de visão, surgimento de formas completamente novas (muscarina), apreensão profunda de determinado estado de espírito, que reverbera durante semanas, dissociação de personalidade, vida em dois ou mais egos (haxixe), existência rítmica, percepção da necessidade interna da dança (Kawa kawa), aguçamento dos sentidos, aumento da capacidade receptiva, necessária para o processo de criação artística, felicidade pura (haxixe), plasticidade visual, volúpia extrema (ópio), distorção da percepção de tempo, sensação de capacidade de voar (plantas do gênero Hyoscyamus), etc. etc.

No geral: nos entorpecentes residem valiosos tesouros para os artistas. É um mundo de maravilhas parcamente explorado, de onde o explorador afortunado pode sempre tirar proveito para novas obras. Mas de modo algum o processo de criação é facilitado pelo trabalho consciente com tais substâncias. Pelo contrário: normalmente o trabalho posterior é ainda mais difícil, com frequência um grande desafio. O escritor ou pintor medíocre normalmente não é capaz de aproveitar essas experiências de qualquer modo que seja, já que lhe fazem falta os tão adorados "clichês". O filisteu afirma: "A criação artística não dá trabalho, ela é um prazer!" Essa é a mentira mais infame que um burguês condescendente já concebeu. Aquele que por primeiro afirmou tal disparate e a multidão que o perpetuou irrefletidamente jamais gozaram sequer de um vestígio do êxtase necessário à criação artística. E esse êxtase é sempre um tormento, um suplício, mesmo quando, em raros casos, sua causa tenha sido um deleite.

A experiência com drogas não é, portanto, uma espécie de pianola, que ajuda qualquer pessoa a aprender a arte da poesia, da pintura ou da composição em um curto período de tempo. Do contrário: a transposição da experiência extática do nível inconsciente para o nível consciente é uma tarefa que só pode ser cumprida por um indivíduo de inteligência aguda e de talento excepcional.

memória

(n.t.) | Lop Buri

Traduções d'Assis

Antologia poética

O texto: Ao longo de quatro décadas, o ofício da tradução ocupou um espaço importante na obra do "Tradutor d'Assis". Ao todo, considera-se que Machado verteu 46 textos entre 1856 e 1894, estreando com o poema "Minha mãe", "uma imitação" de William Cowper. A partir daí, o escritor daria início a uma série de traduções, de poemas a peças de teatro, de ensaios a romances, a partir do francês, italiano, inglês e espanhol, e indiretamente, do alemão e polonês. Cumpre notar que Machado é de uma época que ainda não havia o consenso de que a tradução deveria se ater ao original, o que explica suas licenças em relação ao texto de partida, seja alterando o original de um poema ou trecho de prosa, seja valendo-se do recurso da "paráfrase" ou "imitação". Dos 24 poemas vertidos pelo escritor, reunimos aqui 18 deles, ao lado de seus respectivos originais, para acompanhar o processo empregado por ele em suas traduções, imitações e paráfrases. Esta seleção inclui suas primeiras traduções em jornais da época e em seus primeiros livros: De *Dispersas* (1854-1939): "Minha mãe", de W. Cowper; "Prólogo do Intermezzo", de H. Heine; "Souvenirs d'Exil", de C. Ribeyrolles; "O primeiro beijo", de Blest Gana. De *Crisálidas* (1864): "Lúcia", de Musset; "A jovem cativa", de A. Chénier; "Cleópatra", de Emile de Girardin; "As Ondinas", de H. Heine; "Maria Duplessis", de Dumas Filho; "Alpujarra", de A. Mickiewicz. De *Falenas* (1870): "A Elvira", de Lamartine; "Os deuses da Grécia", de F. Schiller; "Cegonhas e rodovalhos", de L. Bouilhet; "Estâncias a Ema", de Dumas Filho. E de *Ocidentais* (1901): "O Corvo", de Poe; "Ser ou não ser", de Shakespeare; "Os animais iscados da peste", de La Fontaine; e "Inferno", de Dante.

Textos consultados: Assis, Machado de. *Obra Completa*. Vols. II e III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994; Massa, Jean-Michel. *Machado de Assis tradutor*. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

Os autores: William Cowper (1781-1800); Heinrich Heine (1797-1856); Charles Ribeyrolles (1812-1860); Guillermo Blest Gana (1829-1904); Alfred de Musset (1810-1857); André Chénier (1762-1794); Mme. Emile de Girardin (1804-1855); Heinrich Heine (1797-1856); Alexandre Dumas Filho (1824-1895); Adam Mickiewicz (1798-1855); Alphonse de Lamartine (1790-1869); Friedrich Schiller (1759-1805); Louis Bouilhet (1822-1869); Edgar Allan Poe (1809-1849); William Shakespeare (1564-1616); Jean de La Fontaine (1621-1695); Dante Alighieri (1265-1321).

TRADUCTIONS D'ASSIS

"A literatura, como Proteu, troca de formas,
e nisso está a condição de sua vitalidade."

ANTHOLOGIE POÉTIQUE

Dispersas
(1854-1913)

ON THE RECEIPT OF MY MOTHER'S PICTURE OUT OF NORFOLK
William Cowper

Oh that those lips had language! Life has pass'd
With me but roughly since I heard thee last.
Those lips are thine.... thy own sweet smiles I see,
The same that oft in childhood solaced me;
Voice only fails, else, how distinct they say,
"Grieve not, my child, chase all thy fears away!"
The meek intelligence of those dear eyes
(Blest be the art that can immortalize,
The art that baffles time's tyrannic claim
To quench it) here shines on me still the same.
    Faithful remembrancer of one so dear,
Oh welcome guest, though unexpected, here!
Who bidd'st me honour with an artless song,
Affectionate, a mother lost so long,
I will obey, not willingly alone,
But gladly, as the precept were her own;

And, while that face renews my filial grief,
Fancy shall weave a charm for my relief....
Shall steep me in Elysian reverie,
A momentary dream, that thou art she.
My mother! when I learn'd that thou wast dead,
Say, wast thou conscious of the tears I shed?
Hover'd thy spirit o'er thy sorrowing son,
Wretch even then, life's journey just begun?
Perhaps thou gav'st me, though unseen, a kiss;
Perhaps a tear, if souls can weep in bliss....
Ah that maternal smile! it answers....Yes.
I heard the bell toll'd on thy burial day,
I saw the hearse that bore thee slow away,
And, turning from my nurs'ry window, drew
A long, long sigh, and wept a last adieu!
But was it such?....It was....Where thou art gone
Adieus and farewells are a sound unknown.
May I but meet thee on that peaceful shore,
The parting sound shall pass my lips no more!
Thy maidens griev'd themselves at my concern,
Oft gave me promise of a quick return.
What ardently I wish'd, I long believ'd,
And, disappointed still, was still deceiv'd;
By disappointment every day beguil'd,
Dupe of *to-morrow* even from a child.
Thus many a sad to-morrow came and went,
Till, all my stock of infant sorrow spent,
I learn'd at last submission to my lot;
But, though I less deplor'd thee, ne'er forgot.
Where once we dwelt our name is heard no more,
Children not thine have trod my nurs'ry floor;
And where the gard'ner Robin, day by day,
Drew me to school along the public way,
Delighted with my bauble coach, and wrapt
In scarlet mantle warm, and velvet capt,
'Tis now become a history little known,
That once we call'd the past'ral house our own.
Short-liv'd possession! but the record fair

That mem'ry keeps of all thy kindness there,
Still outlives many a storm that has effac'd
A thousand other themes less deeply trac'd.
Thy nightly visits to my chamber made,
That thou might'st know me safe and warmly laid;
Thy morning bounties ere I left my home,
The biscuit, or confectionary plum;
The fragrant waters on my cheeks bestow'd
By thy own hand, till fresh they shone and glow'd;
All this, and more endearing still than all,
Thy constant flow of love, that knew no fall,
Ne'er roughen'd by those cataracts and brakes
That humour interpos'd too often makes;
All this still legible in mem'ry's page,
And still to be so, to my latest age,
Adds joy to duty, makes me glad to pay
Such honours to thee as my numbers may;
Perhaps a frail memorial, but sincere,
Not scorn'd in heav'n, though little notic'd here.
Could time, his flight revers'd, restore the hours,
When, playing with thy vesture's tissued flow'rs,
The violet, the pink, and jessamine,
I prick'd them into paper with a pin,
(And thou wast happier than myself the while,
Would'st softly speak, and stroke my head and smile)
Could those few pleasant hours again appear,
Might one wish bring them, would I wish them here?
I would not trust my heart....the dear delight
Seems so to be desir'd, perhaps I might....
But no....what here we call our life is such,
So little to be lov'd, and thou so much,
That I should ill requite thee to constrain
Thy unbound spirit into bonds again.
Thou, as a gallant bark from Albion's coast
(The storms all weather'd and the ocean cross'd)
Shoots into port at some well-haven'd isle,
Where spices breathe and brighter seasons smile,
There sits quiescent on the floods that show

Her beauteous form reflected clear below,
While airs impregnated with incense play
Around her, fanning light her streamers gay;
So thou, with sails how swift! hast reach'd the shore
"Where tempests never beat nor billows roar,"
And thy lov'd consort on the dang'rous tide
Of life, long since, has anchor'd at thy side.
But me, scarce hoping to attain that rest,
Always from port withheld, always distress'd....
Me howling winds drive devious, tempest toss'd,
Sails ript, seams op'ning wide, and compass lost,
And day by day some current's thwarting force
Sets me more distant from a prosp'rous course.
But oh the thought, that thou art safe, and he!
That thought is joy, arrive what may to me.
My boast is not that I deduce my birth
From loins enthron'd, and rulers of the earth;
But higher far my proud pretensions rise....
The son of parents pass'd into the skies.
And now, farewell....time, unrevok'd, has run
His wonted course, yet what I wish'd is done.
By contemplation's help, not sought in vain,
I seem t' have liv'd my childhood o'er again;
To have renew'd the joys that once were mine,
Without the sin of violating thine:
And, while the wings of fancy still are free,
And I can view this mimic shew of thee,
Time has but half succeeded in his theft....
Thyself remov'd, thy power to sooth me left.

Fonte: Cowper, William. *Poems*, Vol.1. Philadelphia: R. Johnson, 1803, p. 261-265.

LYRISCHES INTERMEZZO

Heinrich Heine

1822-1823

Prolog
Es war' mal ein Ritter trübselig und stumm,
Mit hohen, schneeweissen Wangen;
Er schwankte und schlenderte schlotternd herum,
In dumpfen Träumen befangen.
Er war so hölzern, so täppisch, so links,
Die Blümlein und Mägdlein, die kicherten rings,
Wenn er stolpernd vorbeigegangen.

Oft sass er im finstersten Winkel zu Haus;
Er hatt sich vor Menschen verkrochen.
Da streckte er sehnend die Arme aus,
Doch hat er kein Wörtlein gesprochen.
Kam aber die Mitternachtstunde heran,
Ein seltsames Singen und Klingen begann –
An die Türe da hört er es pochen.

Da kommt seine Liebste geschlichen herein
Im rauschenden Wellenschaumkleide,
Sie blüht und glüht wie ein Röselein,
Ihr Schleier ist eitel Geschmeide.
Goldlocken umspielen die schlanke Gestalt,
Die Äuglein grüssen mit süsser Gewalt –
In die Arme sinken sich beide.

Der Ritter umschlingt sie mit Liebesmacht,
Der Hölzerne steht jetzt in Feuer,
Der Blasse errötet, der Träumer erwacht,
Der Blöde wird freier und freier.
Sie aber, sie hat ihn gar schalkhaft geneckt,
Sie hat ihm ganz leise den Kopf bedeckt
Mit dem weissen, demantenen Schleier.

In einem kristallenen Wasserpalast
Ist plötzlich gezaubert der Ritter.
Er staunt, und die Augen erblinden ihm fast
Vor alle dem Glanz und Geflitter.
Doch hält ihn die Nixe umarmet gar traut,
Der Ritter ist Bräutgam, die Nixe ist Braut,
Ihre Jungfrauen spielen die Zither.

Sie spielen und singen, und singen so schön,
Und heben zum Tanze die Füsse;
Dem Ritter, dem wollen die Sinne vergehn,
Und fester umschliesst er die Süsse –
Da löschen auf einmal die Lichter aus,
Der Ritter sitzt wieder ganz einsam zu Haus,
In dem düstern Poetenstübchen.

Fonte: Heine, Heinrich. *Gedichte*. Altenmünster: Jazzybee Verlag, 2015, p. 50-51.

SOUVENIRS D'EXIL
Charles Ribeyrolles

Un enfant nous est né, dans l'exil; tête blonde,
Fleur qui s'ouvre, il est là. Qu'en ferons nous? Les Dieux,
Autour de son berceau, guettent et font la ronde,
Chacun lui veut donner sa carte pour les cieux.

Le baptisera-t-on Romain ou Calviniste?
Chérubin de Luther ou fils en Loyola?
Sera-t-il juif ou Turc, et quel saint sur la liste
Lui donnera son nom? – C'est la règle – …halte-là!

Le baptême, chez nous, est le baiser des mères,
Ce long et doux regard qui nous berce en naissant;
Nous n'aimons point le dogme aux pieuses colères,
Et nous ne suivons pas les Dieux buveurs de sang.

Nous baptisons nos fils en toi, Liberté sainte!
Descends, âme des forts, sur ce berceau d'un jour;
Mets au cœur tes fiertés, au front ta chaste empreinte;
Et les vieux s'en iront te bénissant d'amour.

O les petits enfants! menez bien vos années:
Sur nos vieux os blanchis que de gerbes croitront!
Mais gardez bien la foi, gagnez les destinées:
Le combat est devoir; – souviens-toi, CHARLES FROND.

Rio de Janeiro, 27 Janvier 1859.

Fonte: *Courrier du Brésil*, n. 49, 2 décembre 1860, p. 4.

EL PRIMER BESO
Guillermo Blest Gana

Recuerdos de aquélla edad
De inocencia y de candor,
No turbéis la soledad
De mis noches de dolor:
Pasad, pasad,
Recuerdos de aquélla edad.

Mi prima era muy bonita,
No sé por qué razón
Al recordarla palpita
Con violencia el corazón.
Era, es cierto, tan bonita,
Tan gentil, tan seductora,
Que al pensar en ello ahora,
Algo como una ilusión
Aquí en el pecho se agita,
Y hasta mi fría razón
Me dice: ¡era muy bonita!

Ella, como yo, contaba
Catorce años, me parece,
Mas mi tía aseguraba
Que eran solamente trece
Los que mi prima contaba.
Dejo a mi tía esa gloria,
Pues mi prima en mi memoria
Jamás, jamás envejece,
Y siempre está como estaba
Cuando, según me parece,
Ya sus catorce contaba.

¡Cuántas horas, cuántas horas
De dicha pasé a su lado!
¡Pasamos cuántas auroras
Los dos corriendo en el prado,

Ligeros como esas horas!
¿Nos amábamos? Lo ignoro:
Sólo sé lo que hoy deploro,
Lo que jamás he olvidado,
Que en pláticas seductoras,
Cuando me hallaba a su lado,
Se me dormían las horas.

De cómo le di yo un beso,
Es peregrina la historia;
Hasta ahora, lo confieso,
Con placer hago memoria
De cómo la di yo un beso.
Un dial solos los dos,
Cual la pareja de Dios,
Cuya inocencia es notoria,
Nos fuimos a un bosque espeso,
Y allí comenzó la historia
De cómo la di yo un beso.

Crecía una hermosa flor
Cerca de un despeñadero;
Mirándola con amor
Ella me dijo: "Me muero,
Me muero por esa flor".
Yo a cogerla me lancé,
Más faltó tierra a mi pie;
Ella, un grito lastimero
Dando, llena de terror,
Corrió hasta el despeñadero...
Y yo me alcé con la flor...

Dos lágrimas de alegría
Surcaron su rostro bello,
Y diciendo: "¡Vida mía!",
Me echó los brazos al cuello
Con infantil alegría.
Fuego y hielo sentí yo

Que por mis venas corrió,
Y no sé cómo fue aquello,
Pero un beso nos unía...,
Dejando en su rostro bello
Dos lágrimas de alegría.

Después... ¡Revoltoso mar
Es nuestra pobre existencia!
Yo me tuve que ausentar,
Y aquella flor de inocencia
Quedó a la orilla del mar.
Del mundo entre los engaños
He vivido muchos años,
Y a pesar de mi experiencia,
Suelo a veces exclamar:
¡La dicha de mi existencia
Quedó a la orilla del mar!

Recuerdos de aquella edad
De inocencia y de candor,
Alegrad la soledad
De mis noches de dolor:
¡Llegad, llegad,
Recuerdos de aquella edad!

Fonte: Gana, G. Blest. *Obras completas*. Tomo segundo. Santiago de Chile, Imprenta Cervantes, 1907, p. 206-209. Revisto.

Crisálidas
(1864)

LUCIE
Alfred de Musset

ÉLÉGIE

Mes chers amis, quand je mourrai,
Plantez un saule au cimetière.
J'aime son feuillage éploré ;
La pâleur m'en est douce et chère,
Et son ombre sera légère
À la terre où je dormirai.

Un soir, nous étions seuls, j'étais assis près d'elle ;
Elle penchait la tête, et sur son clavecin
Laissait, tout en rêvant, flotter sa blanche main.
Ce n'était qu'un murmure ; on eût dit les coups d'aile
D'un zéphyr éloigné glissant sur des roseaux,
Et craignant en passant d'éveiller les oiseaux.
Les tièdes voluptés des nuits mélancoliques
Sortaient autour de nous du calice des fleurs.
Les marronniers du parc et les chênes antiques
Se berçaient doucement sous leurs rameaux en pleurs.
Nous écoutions la nuit ; la croisée entr'ouverte
Laissait venir à nous les parfums du printemps ;
Les vents étaient muets, la plaine était déserte ;
Nous étions seuls, pensifs, et nous avions quinze ans.
Je regardais Lucie. – Elle était pâle et blonde.
Jamais deux yeux plus doux n'ont du ciel le plus pur
Sondé la profondeur et réfléchi l'azur.

Sa beauté m'enivrait ; je n'aimais qu'elle au monde.
Mais je croyais l'aimer comme on aime une sœur,
Tant ce qui venait d'elle était plein de pudeur !
Nous nous tûmes longtemps ; ma main touchait la sienne.
Je regardais rêver son front triste et charmant,

Et je sentais dans l'âme, à chaque mouvement,
Combien peuvent sur nous, pour guérir toute peine,
Ces deux signes jumeaux de paix et de bonheur,
jeunesse de visage et jeunesse de cœur.
La lune, se levant dans un ciel sans nuage,
D'un long réseau d'argent tout à coup l'inonda.
Elle vit dans mes yeux resplendir son image ;
Son sourire semblait d'un ange : elle chanta.

. . . . . .

Fille de la douleur, harmonie ! harmonie !
Langue que pour l'amour inventa le génie !
Qui nous vint d'Italie, et qui lui vint des cieux !
Douce langue du cœur, la seule où la pensée,
Cette vierge craintive et d'une ombre offensée,
Passe en gardant son voile et sans craindre les yeux !
Qui sait ce qu'un enfant peut entendre et peut dire
Dans tes soupirs divins, nés de l'air qu'il respire,
Tristes comme son cœur et doux comme sa voix ?
On surprend un regard, une larme qui coule ;
Le reste est un mystère ignoré de la foule,
Comme celui des flots, de la nuit et des bois !

– Nous étions seuls, pensifs ; je regardais Lucie.
L'écho de sa romance en nous semblait frémir.
Elle appuya sur moi sa tête appesantie…
Sentais-tu dans ton cœur Desdemona gémir,

Pauvre enfant ? Tu pleurais ; sur ta bouche adorée
Tu laissas tristement mes lèvres se poser,
Et ce fut ta douleur qui reçut mon baiser.
Telle je t'embrassai, froide et décolorée,
Telle, deux mois après, tu fus mise au tombeau ;
Telle, ô ma chaste fleur ! tu t'es évanouie.
Ta mort fut un sourire aussi doux que ta vie,
Et tu fus rapportée à Dieu dans ton berceau.

. . . . . .

Mes chers amis, quand je mourrai,
Plantez un saule au cimetière.
J'aime son feuillage éploré ;
La pâleur m'en est douce et chère,
Et son ombre sera légère
À la terre où je dormirai.

Fonte: Musset, Alfred de. *Poésies nouvelles* (1836-1852). Paris: Charpentier, 1857, p. 41-44.

LA JEUNE CAPTIVE

André Chénier

L'épi naissant mûrit de la faux respecté ;
Sans crainte du pressoir, le pampre tout l'été
Boit les doux présents de l'aurore ;
Et moi, comme lui belle, et jeune comme lui,
Quoi que l'heure présente ait de trouble et d'ennui,
Je ne veux point mourir encore.

Qu'un stoïque aux yeux secs vole embrasser la mort,
Moi je pleure et j'espère ; au noir souffle du nord
Je plie et relève ma tête.
S'il est des jours amers, il en est de si doux !
Hélas ! quel miel jamais n'a laissé de dégoûts ?
Quelle mer n'a point de tempête ?

L'illusion féconde habite dans mon sein.
D'une prison sur moi les murs pèsent en vain,
J'ai les ailes de l'espérance ;
Échappée aux réseaux de l'oiseleur cruel,
Plus vive, plus heureuse, aux campagnes du ciel
Philomèle chante et s'élance.

Est-ce à moi de mourir ? Tranquille je m'endors,
Et tranquille je veille, et ma veille aux remords
Ni mon sommeil ne sont en proie.
Ma bienvenue au jour me rit dans tous les yeux ;
Sur des fronts abattus mon aspect dans ces lieux
Ranime presque de la joie.

Mon beau voyage encore est si loin de sa fin !
Je pars, et des ormeaux qui bordent le chemin
J'ai passé les premiers à peine.
Au banquet de la vie à peine commencé,
Un instant seulement mes lèvres ont pressé
La coupe en mes mains encor pleine.

Je ne suis qu'au printemps, je veux voir la moisson ;
Et comme le soleil, de saison en saison,
Je veux achever mon année.
Brillante sur ma tige et l'honneur du jardin,
Je n'ai vu luire encor que les feux du matin :
Je veux achever ma journée.

Ô mort ! tu peux attendre ; éloigne, éloigne-toi ;
Va consoler les cœurs que la honte, l'effroi,
Le pâle désespoir dévore.
Pour moi Palès encore a des asiles verts,
Les Amours des baisers, les Muses des concerts ;
Je ne veux point mourir encore.

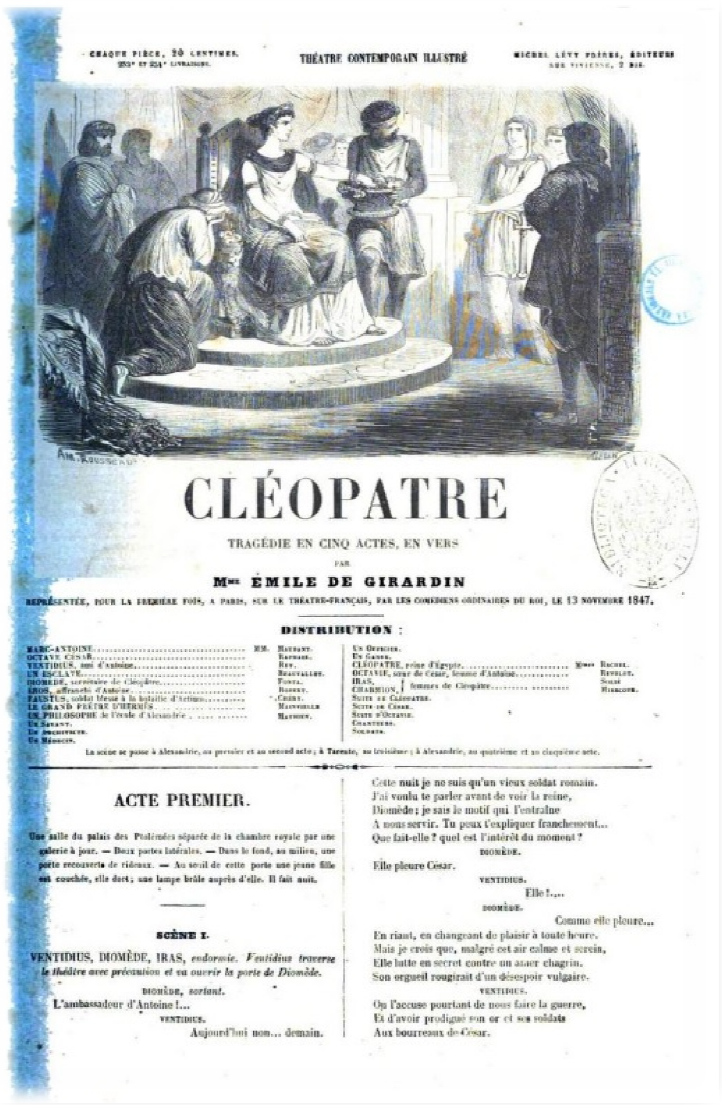
Ainsi, triste et captif, ma lyre toutefois
S'éveillait, écoutant ces plaintes, cette voix,
Ces vœux d'une jeune captive ;
Et secouant le faix de mes jours languissants,
Aux douces lois des vers je pliai les accents
De sa bouche aimable et naïve.

Ces chants, de ma prison témoins harmonieux,
Feront à quelque amant des loisirs studieux
Chercher quelle fut cette belle :
La grâce décorait son front et ses discours,
Et, comme elle, craindront de voir finir leurs jours
Ceux qui les passeront près d'elle.

Fonte: Chénier, André. *Œuvres poétiques*. Vol. 2. Paris: Garnier, 1889, p. 282-284.

CLÉOPATRE

Mme. Emile de Girardin



CHAQUE PIÈCE, 20 CENTIMES.
253e ET 254e LIVRAISONS.

THÉATRE CONTEMPORAIN ILLUSTRÉ

MICHEL LÉVY FRÈRES, ÉDITEURS
RUE VIVIENNE, 2 BIS.

CLÉOPATRE

TRAGÉDIE EN CINQ ACTES, EN VERS

PAR

Mme ÉMILE DE GIRARDIN

REPRÉSENTÉE, POUR LA PREMIÈRE FOIS, A PARIS, SUR LE THÉATRE-FRANÇAIS, PAR LES COMÉDIENS ORDINAIRES DU ROI, LE 13 NOVEMBRE 1847.

DISTRIBUTION :

MARC-ANTOINE	MM. Maurant.	Un Officier.	
OCTAVE CÉSAR	Raphael.	Un Garde.	
VENTIDIUS, ami d'Antoine	Rey.	CLÉOPATRE, reine d'Égypte	Mmes Rachel.
UN ESCLAVE	Beauvallet.	OCTAVIE, sœur de César, femme d'Antoine	Revelot.
DIOMÈDE, serviteur de Cléopâtre	Fonta.	IRAS, femmes de Cléopâtre	Solié
IROS, affranchi d'Antoine	Bossey.	CHARMION, femmes de Cléopâtre	Miercoure.
FAUSTUS, soldat blessé à la bataille d'Actium	Chéry.	Suite de Cléopâtre.	
LE GRAND PRÊTRE D'HERMÈS	Mainvielle	Suite de César.	
UN PHILOSOPHE de l'école d'Alexandrie	Mathieu.	Suite d'Octavie.	
Un Savant.		Chanteurs.	
Un Mathématicien.		Soldats.	
Un Médecin.			

La scène se passe à Alexandrie, au premier et au second acte ; à Tarente, au troisième ; à Alexandrie, au quatrième et au cinquième acte.

ACTE PREMIER.

Une salle du palais des Ptolémées séparée de la chambre royale par une galerie à jour. — Deux portes latérales. — Dans le fond, au milieu, une porte recouverte de rideaux. — Au seuil de cette porte une jeune fille est couchée, elle dort ; une lampe brûle auprès d'elle. Il fait nuit.

SCÈNE I.

VENTIDIUS, DIOMÈDE, IRAS, *endormie. Ventidius traverse le théâtre avec précaution et va ouvrir la porte de Diomède.*

DIOMÈDE, *sortant.*

L'ambassadeur d'Antoine !...

VENTIDIUS.

Aujourd'hui non... demain.

Cette nuit je ne suis qu'un vieux soldat romain.
J'ai voulu te parler avant de voir la reine,
Diomède ; je sais le motif qui l'entraîne
A nous servir. Tu peux t'expliquer franchement...
Que fait-elle ? quel est l'intérêt du moment ?

DIOMÈDE.

Elle pleure César.

VENTIDIUS.

Elle !...

DIOMÈDE.

Comme elle pleure...
En riant, en changeant de plaisir à toute heure.
Mais je crois que, malgré cet air calme et serein,
Elle lutte en secret contre un amer chagrin.
Son orgueil rougirait d'un désespoir vulgaire.

VENTIDIUS.

On l'accuse pourtant de nous faire la guerre,
Et d'avoir prodigué son or et ses soldats
Aux bourreaux de César.

Folhetim de *Cléopatre - Tragedie en cinq actes*,
escrita em versos por Mme. Emile de Girardin, em 1847.

DIE NIXEN
Heinrich Heine

Am einsamen Strande plätschert die Fluth,
Der Mond ist aufgegangen,
Auf weißer Dühne der Ritter ruht,
Von bunten Träumen befangen.

Die schönen Nixen, im Schleiergewand,
Entsteigen der Meerestiefe.
Sie nahen sich leise dem jungen Fant,
Sie glaubten wahrhaftig er schliefe.

Die eine betastet mit Neubegier
Die Federn auf seinem Barette.
Die Andre nestelt am Bandelier
Und an der Waffenkette.

Die Dritte lacht und ihr Auge blitzt,
Sie zieht das Schwert aus der Scheide,
Und auf dem blanken Schwert gestützt
Beschaut sie den Ritter mit Freude.

Die Vierte tänzelt wohl hin und her
Und flüstert aus tiefem Gemüthe:
„O, daß ich doch Dein Liebchen wär',
Du holde Menschenblüthe!"

Die Fünfte küßt des Ritters Händ',
Mit Sehnsucht und Verlangen;
Die Sechste zögert und küßt am End
Die Lippen und die Wangen.

Der Ritter ist klug, es fällt ihm nicht ein,
Die Augen öffnen zu müssen;
Er läßt sich ruhig im Mondenschein
Von schönen Nixen küssen.

Fonte: Heine, Heinrich. *Neue Gedichte*. Hamburg: Hoffmann und Campe, 1844, p. 188-189.

M. D.
Alexandre Dumas Fils

Dédié a Théophile Gautier

Nous nous étions brouillés, et pourquoi ?... Je l'ignore.
Pour rien... pour le soupçon d'un amour inconnu.
Et, moi qui vous ai fuie, aujourd'hui je déplore
De vous avoir quittée et d'être revenu.

Je vous avais écrit que je viendrais, madame,
Pour chercher mon pardon, vous voir à mon retour !
Car je croyais devoir, et du fond de mon âme,
Ma première visite à ce dernier amour.

Et, quand mon âme accourt, depuis longtemps absente,
Votre fenêtre est close et votre seuil fermé ;
Et voilà qu'on me dit qu'une tombe récente
Couvre à jamais le front que j'avais tant aimé.

On me dit froidement qu'après une agonie
Qui dura quatre mois, le mal fut le plus fort ;
Et la fatalité jette, avec ironie,
A mon espoir trop prompt le mot de votre mort.

J'ai revu, me courbant sous mes lourdes pensées,
L'escalier bien connu, le seuil foulé souvent,
Et les murs qui, témoins des choses effacées,
Pour lui parler du mort, arrêtent le vivant !

Je montai, je rouvris en pleurant cette porte
Que nous avions ouverte en riant tous les deux,
Et, dans mes souvenirs, j'évoquai, chère morte,
Le fantôme voilé de tous nos jours heureux.

Je m'assis à la table où, l'un auprès de l'autre,
Noue revenions souper aux beaux soirs du printemps,
Et de l'amour joyeux, qui jadis fut le nôtre,
J'entendais chaque objet parler en même temps.

Je revis piano dont mon oreille avide
Vous écouta souvent éveiller le concert :
Votre mort a laissé l'instrument froid et vide,
Comme, en partant, l'été laisse l'arbre désert.

J'entrai dans le boudoir, cette oasis divine
Qui nous réjouissait de ses mille couleurs ;
Je revis vos tableaux, vos grands vases de Chine,
Où se mouraient encore quelques bouquets de fleurs !

J'ai retrouvé la chambre à la fois douce et sombre ;
Et, là, le souvenir veillait fort et sacré.
Un rayon éclairait le lit dormant dans l'ombre,
Mais vous ne dormiez plus dans le lit éclairé !

Je m'assis à côté de la couche déserte,
Triste à voir comme un nid d'hiver au fond des bois,
Et je rivai mes yeux à cette porte ouverte
Que vous aviez franchie une dernière fois.

La chambre s'emplissait de chaleur odorante,
De souvenirs joyeux et pâles : j'entendais
Le murmure alterné de l'horloge ignorante,
Qui sonnait autrefois l'heure que j'attendais !

Je rouvris les rideaux qui, faits de satin rose,
Et voilant le matin le soleil à demi,
Permettaient seulement ce rayon qui dépose
La joie et le réveil sur le front endormi.

Or, c'est là qu'autrefois, ma chère ombre envolée,
Nous restions tous les deux lorsque venait minuit ;
Et, depuis ce moment jusqu'à l'aube éveillée,
Nous écoutions passer les heures de la nuit.

Alors vous regardiez, éclairée à sa flamme,
Le feu comme un serpent dans le foyer courir :
Car le sommeil fuyait de vos yeux, et votre âme
Souffrait déjà du mal qui vous a fait mourir.

Vous souvient-il encor, dans le monde où vous êtes,
Des choses de la terre ? – et sur les froids tombeaux,
Entendez vous passer ce cortège de fêtes
Où vous vous épuisiez pour trouver le repos ?

Vous souvient-il des nuits où, brûlante, amoureuse,
Tordant sous les baisers votre corps éperdu
Vous trouviez, consumée à cette ardeur fiévreuse,
Dans vos sens fatigués le sommeil attendu ?

Ainsi qu'un ver rongeant une fleur qui se fane,
L'incessante insomnie étiolait vos jours,
Et c'est ce qui faisait de vous la courtisane
Prompte à tous les plaisirs, prête à tous les amours.

Maintenant, vous avez parmi les fleurs, Marie,
Sans crainte du réveil, le repos désiré :
Le Seigneur a soufflé sur votre âme flétrie
Et payé d'un seul coup le sommeil arriéré.

Pauvre fille ! on m'a dit qu'à votre heure dernière,
Un seul homme était là pour vous fermer les yeux,
Et que, sur le chemin qui mène au cimetière,
Vos amis d'autrefois étaient réduits à deux !

Eh bien, soyez bénis, vous deux qui, tête nue,
Méprisant les conseils de ce monde insolent,
Avez jusques au bout, de la femme connue,
En vous donnant la main, mené le convoi blanc !

Vous qui l'aviez aimée et qui l'avez suivie,
Qui n'êtes point de ceux qui, duc, marquis ou lord,
Se faisant un orgueil d'entretenir sa vie,
N'ont pas compris l'honneur d'accompagner sa mort.

Février 1847.

Fonte: Dumas Fils, A. *Péchés de jeunesse*. Paris: Fellens et Dufour, 1847, p. 390-398. Revisto.

BALLADA ALPUHARA

Adam Mickiewicz

Już w gruzach leżą Maurów posady,
Naród ich dźwiga żelaza,
Bronią się jeszcze twierdze Grenady,
Ale w Grenadzie zaraza.

Broni się jeszcze z wież Alpuhary
Almanzor z garstką rycerzy,
Hiszpan pod miastem zatknął sztandary,
Jutro do szturmu uderzy.

O wschodzie słońca ryknęły spiże,
Rutą się okopy, mur wali,
Już z minaretów błysnęły krzyże,
Hiszpanie zamku dostali.

Jeden Almanzor, widząc swe roty
Zbite w upornej obronie,
Przerznął się między szable i groty,
Uciekł i zmylił pogonie.

Hiszpan na świeżej zamku ruinie,
Pomiędzy gruzy i trupy,
Zastawia ucztę, kąpie się w winie,
Rozdziela brańce i łupy.

Wtem straż oddźwierna wodzom donosi,
Że rycerz z obcej krainy
O posłuchanie co rychlej prosi,
Ważne przywożąc nowiny.

Był to Almanzor, król muzułmanów,
Rzucił bezpieczne ukrycie,
Sam się oddaje w ręce Hiszpanów
I tylko błaga o życie.

“Hiszpanie – woła – na waszym progu
Przychodzę czołem uderzyć,
Przychodzę służyć waszemu Bogu,
Waszym prorokom uwierzyć.

“Niechaj rozgłosi sława przed światem,
Że Arab, że król zwalczony,
Swoich zwycięzców chce zostać bratem,
Wasalem obcej korony”.

Hiszpanie męstwo cenić umieją;
Gdy Almanzora poznali,
Wódz go uścisnął, inni koleją
Jak towarzysza witali.

Almanzor wszystkich wzajemnie witał,
Wodza najczulej uścisnął,
Objął za szyję, za ręce chwytał,
Na ustach jego zawisnął.

A wtem osłabnął, padł na kolana,
Ale rękami drżącemi
Wiążąc swój zawój do nóg Hiszpana,
Ciągnął się za nim po ziemi.

Spójrzał dokoła, wszystkich zadziwił,
Zbladłe, zsiniałe miał lice,
Śmiechem okropnym usta wykrzywił,
Krwią mu nabiegły źrenice.

“Patrzcie, o giaury! jam siny, blady,
Zgadnijcie, czyim ja posłem? -
Jam was oszukał, wracam z Grenady,
Ja wam zarazę przyniosłem.

“Pocałowaniem wszczepiłem w duszę
Jad, co was będzie pożerać,

Pójdźcie i patrzcie na me katusze:
Wy tak musicie umierać!”

Rzuca się, krzyczy, ściąga ramiona,
Chciałby uściśnieniem wiecznym
Wszystkich Hiszpanów przykuć do łona;
Śmieje się – śmiechem serdecznym.

Śmiał się – już skonał – jeszcze powieki,
Jeszcze się usta nie zwarły,
I śmiech piekielny został na wieki
Do zimnych liców przymarły.

Hiszpanie trwożni z miasta uciekli,
Dżuma za nimi w ślad biegła;
Z gór Alpuhary nim się wywlekli,
Reszta ich wojska poległa.

Fonte: Mickiewicz, Adam. *Konrad Wallenrod*. Petersburg: Drukiem Karola Kraya, 1828.

Falenas
(1870)

À ELVIRE
Alphonse de Lamartine

Oui, l'Anio murmure encore
Le doux nom de Cinthie aux rochers de Tibur ;
Vaucluse a retenu le nom chéri de Laure ;
Et Ferrare au siècle futur
Murmurera toujours celui d'Éléonore.
Heureuse la beauté que le poëte adore !
Heureux le nom qu'il a chanté !
Toi qu'en secret son culte honore,
Tu peux, tu peux mourir ! dans la postérité
Il lègue à ce qu'il aime une éternelle vie ;
Et l'amante et l'amant, sur l'aile du génie,
Montent d'un vol égal à l'immortalité.
Ah ! si mon frêle esquif, battu par la tempête,
Grâce à des vents plus doux, pouvait surgir au port ;
Si des soleils plus beaux se levaient sur ma tête ;
Si les pleurs d'une amante, attendrissant le sort,
Écartaient de mon front les ombres de la mort ;
Peut-être… oui, pardonne, ô maître de la lyre !
Peut-être j'oserais (et que n'ose un amant ?)
Égaler mon audace à l'amour qui m'inspire,
Et, dans des chants rivaux célébrant mon délire,
De notre amour aussi laisser un monument !
Ainsi le voyageur qui, dans son court passage,
Se repose un moment à l'abri du vallon,
Sur l'arbre hospitalier dont il goûta l'ombrage,
Avant que de partir, aime à graver son nom.

Vois-tu comme tout change ou meurt dans la nature ?
La terre perd ses fruits, les forêts leur parure ;
Le fleuve perd son onde au vaste sein des mers ;
Par un souffle des vents la prairie est fanée ;

Et le char de l'automne, au penchant de l'année,
Roule, déjà poussé par la main des hivers !
Comme un géant armé d'un glaive inévitable,
Atteignant au hasard tous les êtres divers,
Le Temps avec la Mort, d'un vol infatigable,
Renouvelle en fuyant ce mobile univers !
Dans l'éternel oubli tombe ce qu'il moissonne :
Tel un rapide été voit tomber sa couronne
Dans la corbeille des glaneurs ;
Tel un pampre jauni voit la féconde automne
Livrer ses fruits dorés au char des vendangeurs.
Vous tomberez ainsi, courtes fleurs de la vie,
Jeunesse, amour, plaisir, fugitive beauté ;
Beauté, présent d'un jour que le ciel nous envie,
Ainsi vous tomberez, si la main du génie
Ne vous rend l'immortalité !

Vois d'un œil de pitié la vulgaire jeunesse,
Brillante de beauté, s'enivrant de plaisir :
Quand elle aura tari sa coupe enchanteresse,
Que restera-t-il d'elle ? à peine un souvenir :
Le tombeau qui l'attend l'engloutit tout entière,
Un silence éternel succède à ses amours ;
Mais les siècles auront passé sur ta poussière,
Elvire, et tu vivras toujours !

Fonte: Lamartine, Alphonse de. "Méditations poétiques". In. *Œuvres complètes de Lamartine*, Tome 1. Paris: Chez l'auteur, 1860, p. 91-93.

DIE GÖTTER GRIECHENLANDS
Friedrich Schiller

Da ihr noch die schöne Welt regiertet,
an der Freude leichtem Gängelband
glücklichere Menschenalter führtet,
schöne Wesen aus dem Fabelland!
Ach! da euer Wonnedienst noch glänzte,
wie ganz anders, anders war es da!
Da man deine Tempel noch bekränzte,
Venus Amathusia!

Da der Dichtkunst mahlerische Hülle
sich noch lieblich um die Wahrheit wand! –
Durch die Schöpfung floß da Lebensfülle,
und, was nie empfinden wird, empfand.
An der Liebe Busen sie zu drücken,
gab man höhern Adel der Natur.
Alles wies den eingeweyhten Blicken
alles eines Gottes Spur.

Wo jezt nur, wie unsre Weisen sagen,
seelenlos ein Feuerball sich dreht,
lenkte damals seinen goldnen Wagen
Helios in stiller Majestät.
Diese Höhen füllten Oreaden,
eine Dryas starb mit jenem Baum,
aus den Urnen lieblicher Najaden
sprang der Ströme Silberschaum.

Jener Lorbeer wand sich einst um Hilfe
Tantals Tochter schweigt in diesem Stein,
Syrinx Klage tönt' aus jenem Schilfe,
Philomelens Schmerz in diesem Hayn.
Jener Bach empfieng Demeters Zähre,
die sie um Persephonen geweint,
und von diesem Hügel rief Cythere
ach vergebens! ihrem schönen Freund.

Zu Deukalions Geschlechte stiegen
damals noch die Himmlischen herab,
Pyrrha's schöne Töchter zu besiegen,
nahm Hyperion den Hirtenstab.
[252] Zwischen Menschen, Göttern und Heroen
knüpfte Amor einen schönen Bund.
Sterbliche mit Göttern und Heroen
huldigten in Amathunt.

Betend an der Grazien Altären
kniete da die holde Priesterinn,
sandte stille Wünsche an Cytheren
und Gelübde an die Charitinn.
Hoher Stolz, auch droben zu gebieten,
lehrte sie den göttergleichen Rang,
und des Reizes heilgen Gürtel hüten,
der den Donn'rer selbst bezwang.

Himmlisch und unsterblich war das Feuer,
das in Pindars stolzen Hymnen floß,
niederströmte in Arions Leier,
in den Stein des Phidias sich goß.
Beßre Wesen, edlere Gestalten
kündigten die hohe Abkunft an.
Götter, die vom Himmel niederwallten,
sahen hier ihn wieder aufgethan.

Werther war von eines Gottes Güte
theurer jede Gabe der Natur.
Unter Iris schönem Bogen blühte
reizender die perlenvolle Flur.
Prangender erschien die Morgenröthe
in Himerens rosigtem Gewand,
schmelzender erklang die Flöte
in des Hirtengottes Hand.

Liebenswerther mahlte sich die Jugend,
blühender in Ganymeda's Bild,

heldenkühner göttlicher die Tugend
mit Tritoniens Medusenschild.
Sanfter war, da Hymen es noch knüpfte,
heiliger der Herzen ew'ges Band.
Selbst des Lebens zarter Faden schlüpfte
weicher durch der Parzen Hand.

Das Evoe muntrer Thyrsusschwinger,
und der Panther prächtiges Gespann
meldeten den großen Freudebringer.
Faun und Satyr taumeln ihm voran,
um ihn springen rasende Mänaden,
ihre Tänze loben seinen Wein,
und die Wangen des Bewirthers laden
lustig zu dem Becher ein.

Höher war der Gabe Werth gestiegen,
die der Geber freundlich mit genoß,
näher war der Schöpfer dem Vergnügen,
das im Busen des Geschöpfes floß.
Nennt der Meinige sich dem Verstande?
Birgt ihn etwa der Gewölke Zelt?
Mühsam späh' ich im Ideenlande,
fruchtlos in der Sinnenwelt.

Eure Tempel lachten gleich Pallästen,
euch verherrlichte das Heldenspiel
an des Isthmus kronenreichen Festen,
und die Wagen donnerten zum Ziel.
Schön geschlungne seelenvolle Tänze
kreisten um den prangenden Altar,
eure Schläfe schmückten Siegeskränze,
Kronen euer duftend Haar.

Seiner Güter schenkte man das Beste,
seiner Lämmer liebstes gab der Hirt,
und der Freudetaumel seiner Gäste
lohnte dem erhabnen Wirth.
Wohin tret ich? Diese traurge Stille

kündigt sie mir meinen Schöpfer an?
Finster, wie er selbst, ist seine Hülle,
mein Entsagen – was ihn feiern kann.

Damals trat kein gräßliches Gerippe
vor das Bett des Sterbenden. Ein Kuß
nahm das lezte Leben von der Lippe,
still und traurig senkt' ein Genius
seine Fackel. Schöne lichte Bilder
scherzten auch um die Nothwendigkeit,
und das ernste Schicksal blickte milder
durch den Schleyer sanfter Menschlichkeit.

Nach der Geister schrecklichen Gesetzen
richtete kein heiliger Barbar,
dessen Augen Thränen nie benetzen,
zarte Wesen, die ein Weib gebahr.
[256] Selbst des Orkus strenge Richterwaage
hielt der Enkel einer Sterblichen,
und des Thrakers seelenvolle Klage
rührte die Erinnyen.

Seine Freuden traf der frohe Schatten
in Elysiens Haynen wieder an;
Treue Liebe fand den treuen Gatten
und der Wagenlenker seine Bahn;
Orpheus Spiel tönt die gewohnten Lieder,
in Alcestens Arme sinkt Admet,
seinen Freund erkennt Orestes wieder,
seine Waffen Philoktet.

Aber ohne Wiederkehr verloren
bleibt, was ich auf dieser Welt verließ,
jede Wonne hab ich abgeschworen,
alle Bande die ich selig prieß.
Fremde, nie verstandene Entzücken
schaudern mich aus jenen Welten an,
und für Freuden, die mich jetzt beglücken,
tausch' ich neue, die ich missen kann.

Höh're Preise stärkten da den Ringer
auf der Tugend arbeitvoller Bahn:
Großer Thaten herrliche Vollbringer
klimmten zu den Seligen hinan;
Vor dem Wiederforderer der Todten
neigte sich der Götter stille Schaar.
Durch die Fluthen leuchtet dem Piloten
vom Olymp das Zwillingspaar.

Schöne Welt, wo bist du? – Kehre wieder,
holdes Blüthenalter der Natur!
Ach! nur in dem Feenland der Lieder
lebt noch deine goldne Spur.
Ausgestorben trauert das Gefilde,
keine Gottheit zeigt sich meinem Blick,
Ach! von jenem lebenwarmen Bilde
blieb nur das Gerippe mir zurück.

Alle jene Blüthen sind gefallen
von des Nordes winterlichem Wehn.
Einen zu bereichern, unter allen,
mußte diese Götterwelt vergehn.
Traurig such ich an dem Sternenbogen,
dich, Selene, find ich dort nicht mehr;
Durch die Wälder ruf ich, durch die Wogen,
ach! sie wiederhallen leer!

Unbewußt der Freuden, die sie schenket,
nie entzückt von ihrer Treflichkeit,
nie gewahr des Armes, der sie lenket,
reicher nie durch meine Dankbarkeit,
fühllos selbst für ihres Künstlers Ehre,
gleich dem todten Schlag der Pendeluhr,
dient sie knechtisch dem Gesetz der Schwere
die entgötterte Natur!

Morgen wieder neu sich zu entbinden,
wühlt sie heute sich ihr eignes Grab,

und an ewig gleicher Spindel winden
sich von selbst die Monde auf und ab.
Müßig kehrten zu dem Dichterlande
heim die Götter, unnütz einer Welt
die, entwachsen ihrem Gängelbande,
sich durch eignes Schweben hält.

Freundlos, ohne Bruder, ohne Gleichen,
keiner Göttinn, keiner Irrd'schen Sohn,
Herrscht ein Andrer in des Aethers Reichen
auf Saturnus umgestürztem Thron.
Selig, eh sich Wesen um ihn freuten,
selig im entvölkerten Gefild,
sieht er in dem langen Strom der Zeiten
ewig nur – sein eignes Bild.

Bürger des Olymps konnt' ich erreichen,
jenem Gotte, den sein Marmor preißt,
konnte einst der hohe Bildner gleichen;
Was ist neben Dir der höchste Geist
derer, welche Sterbliche gebohren?
Nur der Würmer Erster, Edelster.
Da die Götter menschlicher noch waren,
waren Menschen göttlicher.

Dessen Stralen mich darnieder schlagen,
Werk und Schöpfer des Verstandes! dir
nach zu ringen, gib mir Flügel, Waagen
dich zu wägen – oder nimm von mir
nimm die ernste strenge Göttin wieder,
die den Spiegel blendend vor mir hält;
Ihre sanft're Schwester sende nieder,
spare jene für die andre Welt.

Fonte: Schiller, F. *Gedichte*. Leipzig: Crusius, 1800, p. 281-287.

CIGOGNES ET TURBOTS

Louis Bouilhet

À Asinius Sempronins Rufus.

Salut, Sempronius, mortel inimitable !
Ô toi qui le premier fis servir sur ta table
La cigogne au pied rouge et le turbot marin.
L'artiste, éternisant ta divine effigie,
Devait tailler pour toi les marbres de Phrygie
Et graver tes traits sur l'airain.

Pour te montrer plus grand aux nations béantes,
Père des bons festins et des sauces piquantes,
Ton siècle s'épuisa dans ton enfantement.
Les destins dès longtemps préparaient ta venue,
Et quelque astre inconnu dut briller sous la nue
À ton premier vagissement !

Avant toi, les Romains, dans leur instinct vulgaire,
De la chair des troupeaux et des fruits de la terre
Rassasiaient leur faim, digne de vils pasteurs ;

Et l'écuelle de bois et la salière antique
Ornèrent, trois cents ans, cette table rustique
Où ruminaient les sénateurs.

Quand ils se rassemblaient pour sauver la patrie,
Souvent l'odeur de l'ail emplissait la curie,
Jusqu'au portique sombre où s'inclinaient les rois,
Et laissant à moitié quelque brouet immonde,
Ils s'élançaient, d'un bond, à l'empire du monde,
Gorgés de raves et de pois.

Au retour des combats, après quelque victoire,
Leur nef jetait au port sa cargaison de gloire,
Tétrarques, chefs vaincus, étendards en lambeaux…
Mais ils se trompaient tous, honneur à toi, grand homme,
Ta voile triomphante a rapporté dans Rome
Des cigognes et des turbots !

Plus fort que ce marin dont le croc d'abordage
Éventrait à grand bruit les vaisseaux de Carthage,
Aux hérissons de mer tu lanças tes réseaux,
Et, conquérant gourmet, ceint de myrte et de lierre,
Avec tes cuisiniers tu parcourus la terre,
Pour assiéger des nids d'oiseaux !

Rome alors, ô Rufus, méconnut ton génie,
Et l'on dit que le peuple, avec ignominie,
Refusa la préture à tes vœux obstinés…

Mais que t'importe, à toi, le bruit que fait la foule ?
Sa rumeur éphémère est un flot qui s'écoule,
Tes beaux jours ne sont pas sonnés !

Ils viendront, ils viendront, quand, sur la capitale,
Soufflera mollement la brise orientale ;
Quand, sous sa mitre d'or, le pale citoyen
Traînant par le forum sa démarche indolente,
Secoûra les parfums de sa robe volante,
Comme un satrape assyrien.

Ils viendront quand, la nuit, l'impériale orgie
Jettera sous les cieux sa lueur élargie
Ou de sa chaude haleine embaumera les mers ;
Et tu t'éveilleras, et ton ombre sacrée
Viendra planer parfois sur les rocs de Caprée,
Au bruit des nocturnes concerts.

Ô martyr des festins ! le luxe d'Italie
Vengera largement ta mémoire avilie,
Et tu pourras surgir de la poudre du sol,
Le jour où fumera, sur la table romaine,
Un sanglier sauvage, à la sauce troyenne,
Plein de langues de rossignol.

Fonte: Bouilhet, Louis. *Œuvres*. Paris: Alphonse Lemerre, éditeur, 1880, p. 63-65.

SAINT-CLOUD

Alexandre Dumas Fils

I

Hier, nous sommes partis au fond d'une voiture,
Enlacés l'un à l'autre, ainsi que deux frileux,
Emportant, à travers une sombre nature,
Le printemps éternel qui suit les amoureux.

Nous avions confié le sort de la journée
Au cocher, qui devait nous mener au hasard,
Où bon lui semblerait, et notre destinée
Reposait dans ses mains à compter du départ.

Cet homme pour Saint-Cloud avait des préférences !
Eh bien, va pour Saint-Cloud, c'est un charmant pays.
D'ailleurs, quand nous mêlons nos douces confidences.
Peu m'importe l'endroit, je suis bien où je suis.

À la grille du parc il nous fit donc descendre.
Le parc était désert, triste et silencieux ;
Le vent roulait au ciel des nuages de cendre,
Les arbres étaient noirs et les chemins boueux.

Nous nous mîmes à rire. En vérité, madame,
C'était risible à voir ; mais on ne voyait pas,
Et j'en suis enchanté, la belle et noble dame
Qui relevait sa robe et laissait voir ses bas.

Vous aviez l'embarras, embarras plein de grâce,
Des femmes comme il faut qui marchent, n'ayant pas
L'habitude d'aller à pied, et votre race
Aurait pu se prouver rien que par vos faux pas.

Vous teniez d'une main votre robe de soie,
Relevée en deux plis par devant ; vos jupons,
Dentelés et brodés, se donnaient cette joie
De rire avec la boue en battant vos talons.

Vos pieds, à chaque instant, s'enfonçaient dans la terre,
Comme si cette terre eût voulu vous garder.
Pour les ravoir après, c'était toute une affaire,
Et vous n'aviez pas trop de moi pour vous aider.

La belle promenade ! et l'agréable chose
Que l'amour dans les bois, par un temps pluvieux !
La bise vous faisait un petit nez tout rosé,
Empourprait votre joue et mouillait vos grands yeux.

Eh bien, c'était charmant plus qu'en la saison verte.
Le parc était à nous, à nous seuls, à nous deux ;
Pas un visage humain sur la route déserte ;
Pas d'importun témoin qui nous cherchât des yeux.

Nous avons traversé les longues avenues,
Que terminait toujours le même horizon gris,
Sans même regarder les Déesses connues,
Posant, en marbre blanc, sous les arbres maigris.

Nous sommes arrivés près d'un bassin où rôde
Un cygne encor plus blanc que le lait, et nageant
Silencieusement ; et, comme une émeraude,
L'eau verte reflétait le bel oiseau d'argent.

Il vint nous demander quelque chose, une miette
De pain ; et, pour nous plaire, il tordait son beau cou.
Vous lui dites alors : « Pauvre petite bête,
Je ne le savais pas, et je n'ai rien du tout. »

Si bien qu'il nous quitta, nous méprisant sans doute,
Et s'en alla, rayant le miroir du bassin,
À côté du jet d'eau, qui, tombant goutte à goutte,
Faisait, à lui tout seul, tout le bruit du jardin.

Nous, restâmes alors appuyés l'un sur l'autre,
Regardant le beau cygne, écoutant le jet d'eau.
La tristesse du bois faisait cadre à la nôtre ;
Et le soir commença d'étendre son rideau.

Dans ma poche je pris une clef de ma chambre,
Et, sur un piédestal, plein de mots au crayon,
À mon tour j'incrustai ces mots : Trente décembre ;
Puis auprès de ces mots je gravai votre nom.

Maintenant, quand l'été va rire dans les arbres,
Quand les gais promeneurs repeupleront le bois,
Quand les feuilles auront leurs reflets sur les marbres,
Quand le parc sera plein de lumière et de voix ;

À la saison des fleurs, enfin, j'irai, madame,
Revoir le piédestal portant le nom tracé,
Ce doux nom dans lequel j'emprisonne mon âme,
Et que le vent d'hier a peut-être effacé.

Qui sait où vous serez alors, ma voyageuse ?
Car, moi, je serai seul ; car vous m'aurez quitté ;
Car vous aurez repris votre route joyeuse,
En me laissant l'hiver au milieu de l'été.

Car l'hiver, ce n'est pas la bise et la froidure,
Et les chemins déserts qu'hier nous avons vus ;
C'est le cœur sans rayons, c'est l'âme sans verdure ;
C'est ce que je serai quand vous n'y serez plus.

II

Un an s'est accompli depuis cette journée
Où nous fûmes au bois nous promener tous deux.
Hélas ! j'avais prévu la triste destinée
Qui devait succéder à quelques jours heureux.

Notre amour ne vit pas la saison près de naître !
À peine un doux rayon de soleil luisait-il,
Que l'on nous séparaît ; et, pour toujours peut-être,
A commencé le double et douloureux exil.

Moi, j'ai vu ce printemps sur la terre lointaine,
Sans parents, sans amis, sans espoir, sans amour,
Les yeux toujours fixés sur la route prochaine
Par où tu m'avais dit que tu viendrais un jour.

Que de fois mon regard a sondé cette route
Qui se perdait parmi des forêts de sapins,
Moins obscurs, moins épais, moins tristes que le doute
Qui m'escortait depuis un mois sur les chemins !

À quoi bon ce soleil qui fleurissait les branches,
Réchauffait la nature et les champs assoupis ?
Marguerites, à quoi servaient vos têtes blanches,
Plus hautes en avril que les jeunes épis ?

À quoi bon les senteurs de la colline grasse ?
À quoi bon les oiseaux égrenant leurs chansons ?
Que me faisaient, à moi, le cœur pris sous la glace,
La chaleur de la terre et les nids des buissons ?

Qu'à jamais le soleil se voile, s'il éclaire
En vain le long chemin au bout duquel j'attends
S'il ne ramène pas ce que mon âme espère,
Il n'est pas le soleil, il n'est pas le printemps !

Marguerites, tombez et mourez dans la plaine,
Perdez vos doux parfums et vos fraîches couleurs.
Si celle que j'attends n'aspire votre haleine,
Vous n'êtes pas l'été, vous n'êtes pas les fleurs !

Oh ! je préfère à vous l'hiver morose et sombre,
Avec ses arbres noirs et ses sentiers déserts,
Avec son œil éteint qui s'entr'ouvre dans l'ombre,
Et qui, sans nous toucher, expire dans les airs.

C'est là le vrai soleil des âmes désolées :
Rendez-moi donc l'hiver, nous nous connaissons bien,
Ma tristesse est la sœur de ses sombres allées,
Et le feu de mon cœur est froid comme le sien.

C'est ainsi que, dès l'aube, assis à ma fenêtre,
Je parlais, maudissant et le soleil et Dieu ;
Puis le jour commençait, j'espérais une lettre
Qui m'eût fait pardonner au ciel d'être si bleu.

Et le jour s'enfuyait comme avait fui la veille.
Rien ! – Pas un mot de vous ! – L'horizon bien fermé
Ne laissait même pas venir à mon oreille
L'écho doux et lointain de votre nom aimé.

Un morceau de papier, c'est pourtant peu de chose ;
Quatre lignes dessus, ce n'est pourtant pas long.
Si l'on ne veut écrire, on peut prendre une rose
Éclose le matin dans un pli du vallon ;

On la peut effeuiller au fond d'une enveloppe,
La jeter à la poste, et l'exilé, venu
Du fond de son pays jusqu'au bout de l'Europe,
Peut sourire en voyant que l'on s'est souvenu.

Que de fois vous avez oublié de le faire !
Et, chaque jour, c'était un désespoir nouveau.
Mon cœur se desséchait, comme ces fruits qu'on serre
À la fin de l'été, dans l'ombre d'un caveau.

Si l'on pressait ce cœur aujourd'hui, c'est à peine
S'il en pourrait jaillir une goutte de sang.
Il n'y reste plus rien : c'était la coupe pleine
Qu'un enfant maladroit fait tomber en passant.

Nous voici revenus à la fin de l'année,
Et le Temps patient, qui ne s'arrête à rien,
Nous rend le même mois et la même journée
Où vous parliez d'amour, votre front près du mien.

C'est le même ciel gris : les routes sont désertes ;
Le givre de nouveau gerce les étangs bleus.
Les arbres ont usé leurs belles robes vertes,
Le cygne rôde encor triste et silencieux.

Voilà votre doux nom que ma main vient d'écrire ;
Il est là qui sourit, dans le marbre incrusté !
Allons ! j'ai fait un rêve, et j'étais en délire ;
Allons ! j'étais un fou ! Tu ne m'as pas quitté.

La voiture là-bas nous attend à la grille ;
Partons ! Et, s'il fait beau, nous reviendrons demain.
Baisse ce voile noir sur ton regard qui brille ;
Prends garde de glisser, et donne-moi la main ;

Car il a plu. La pluie a détrempé les terres.
Approche donc ! – Hélas ! Mes sens sont égarés !
Les feuilles que je foule, aux chemins solitaires,
Sont celles du printemps qui nous a séparés.

Non, non, tu n'es plus là, toi que j'appelle et j'aime,
J'ai pris le souvenir pour la réalité ;
Et, tout à cet amour, encor, toujours le même,
J'ai vécu deux hivers de suite sans été.

Car l'été, ce n'est pas cette saison qui dure
Six mois, et que Novembre éteint d'un pied transi,
C'est du cœur rayonnant l'éternelle verdure ;
C'est ce que je serai quand tu seras ici.

Fontes: Dumas Fils, Alexandre. *Théatre complet*. Paris: Michel Lévy Frères, 1868, p. 487-493; Dumas, Alexandre. *Causeries*. Paris: Michel Lévy Frères, 1860, p. 7-52.

Ocidentais
(1901)

THE RAVEN
Edgar Allan Poe

Once upon a midnight dreary, while I pondered weak and weary,
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore,–
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,
As of some one gently rapping, rapping at my chamber door.
" 'T is some visiter," I muttered, "tapping at my chamber door–
· Only this, and nothing more."

Ah, distinctly I remember it was in the bleak December,
And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor.
Eagerly I wished the morrow;–vainly I had tried to borrow
From my books surcease of sorrow–sorrow for the lost Lenore–
For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore–
· Nameless here for evermore.

And the silken sad uncertain rustling of each purple curtain
Thrilled me–filled me with fantastic terrors never felt before;
So that now, to still the beating of my heart, I stood repeating
" 'Tis some visiter entreating entrance at my chamber door–
Some late visiter entreating entrance at my chamber door;–
· This it is, and nothing more."

Presently my soul grew stronger; hesitating then no longer,
"Sir," said I, "or Madam, truly your forgiveness I implore;
But the fact is I was napping, and so gently you came rapping,
And so faintly you came tapping, tapping at my chamber door,
That I scarce was sure I heard you"–here I opened wide the door;–
· Darkness there, and nothing more.

Deep into that darkness peering, long I stood there wondering, fearing,
Doubting, dreaming dreams no mortal ever dared to dream before;
But the silence was unbroken, and the darkness gave no token,

And the only word there spoken was the whispered word, “Lenore!”
This I whispered, and an echo murmured back the word, “Lenore!”
· Merely this and nothing more.

Back into the chamber turning, all my soul within me burning,
Soon again I heard a tapping, somewhat louder than before.
“Surely,” said I, “surely that is something at my window lattice;
Let me see, then, what thereat is, and this mystery explore–
Let my heart be still a moment and this mystery explore;–
· ‘T is the wind and nothing more!”

Open here I flung the shutter, when, with many a flirt and flutter,
In there stepped a stately Raven of the saintly days of yore.
Not the least obeisance made he; not an instant stopped or stayed he;
But, with mien of lord or lady, perched above my chamber door–
Perched upon a bust of Pallas just above my chamber door–
· Perched, and sat, and nothing more.

Then this ebony bird beguiling my sad fancy into smiling,
By the grave and stern decorum of the countenance it wore,
“Though thy crest be shorn and shaven, thou,” I said, “art sure no craven,
Ghastly grim and ancient raven wandering from the Nightly shore,–
Tell me what thy lordly name is on the Night’s Plutonian shore!”
· Quoth the Raven, “Nevermore.”

Much I marvelled this ungainly fowl to hear discourse so plainly,
Though its answer little meaning–little relevancy bore;
For we cannot help agreeing that no living human being
Ever yet was blessed with seeing bird above his chamber door–
Bird or beast upon the sculptured bust above his chamber door,
· With such name as “Nevermore.”

But the Raven, sitting lonely on the placid bust, spoke only
That one word, as if his soul in that one word he did outpour.
Nothing farther then he uttered–not a feather then he fluttered–
Till I scarcely more than muttered, “Other friends have flown before–
On the morrow he will leave me, as my hopes have flown before.”
· Then the bird said, “Nevermore.”

Startled at the stillness broken by reply so aptly spoken,
"Doubtless," said I, "what it utters is its only stock and store,
Caught from some unhappy master whom unmerciful Disaster
Followed fast and followed faster till his songs one burden bore–
Till the dirges of his Hope that melancholy burden bore
· Of 'Never–Nevermore!' "

But the raven still beguiling all my sad soul into smiling,
Straight I wheeled a cushioned seat in front of bird and bust and door;
Then, upon the velvet sinking, I betook myself to linking
Fancy unto fancy, thinking what this ominous bird of yore–
What this grim, ungainly, ghastly, gaunt, and ominous bird of yore
· Meant in croaking "Nevermore."

This I sat engaged in guessing, but no syllable expressing
To the fowl whose fiery eyes now burned into my bosom's core;
This and more I sat divining, with my head at ease reclining
On the cushion's velvet lining that the lamplight gloated o'er,
But whose velvet violet lining with the lamplight gloating o'er,
· She shall press, ah, nevermore!

Then, methought, the air grew denser, perfumed from an unseen censer
Swung by seraphim whose faint foot-falls tinkled on the tufted floor.
"Wretch," I cried, "thy God hath lent thee–by these angels he hath sent thee
Respite–respite and nepenthe from thy memories of Lenore!
Quaff, oh quaff this kind nepenthe and forget this lost Lenore!"
· Quoth the Raven, "Nevermore."

"Prophet!" said I, "thing of evil!–prophet still, if bird or devil!–
Whether Tempter sent, or whether tempest tossed thee here ashore,
Desolate yet all undaunted, on this desert land enchanted–
On this home by Horror haunted–tell me truly, I implore–
Is there–is there balm in Gilead?–tell me–tell me, I implore!"
· Quoth the Raven, "Nevermore."

"Prophet!" said I, "thing of evil!–prophet still, if bird or devil!
By that Heaven that bends above us–by that God we both adore–
Tell this soul with sorrow laden if, within the distant Aidenn,

It shall clasp a sainted maiden whom the angels name Lenore–
Clasp a rare and radiant maiden whom the angels name Lenore."
· Quoth the Raven, "Nevermore."

"Be that word our sign of parting, bird or fiend!" I shrieked, upstarting–
"Get thee back into the tempest and the Night's Plutonian shore!
Leave no black plume as a token of that lie thy soul hath spoken!
Leave my loneliness unbroken!–quit the bust above my door!
Take thy beak from out my heart, and take thy form from off my door!"
· Quoth the Raven, "Nevermore."

And the Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting
On the pallid bust of Pallas just above my chamber door;
And his eyes have all the seeming of a demon's that is dreaming,
And the lamplight o'er him streaming throws his shadow on the floor;
And my soul from out that shadow that lies floating on the floor
· Shall be lifted–nevermore!

Fonte: Poe, Edgar Allan. *The Raven*. New York: Harper & Brothers, 1884, p. 19-23.

HAMLET
William Shakespeare

Act 3, Scene 1

To be, or not to be: that is the question:
Whether 'tis nobler in the mind to suffer
The slings and arrows of outrageous fortune,
Or to take arms against a sea of troubles,
And by opposing end them? To die: to sleep;
No more; and by a sleep to say we end
The heart-ache and the thousand natural shocks
That flesh is heir to, 'tis a consummation
Devoutly to be wish'd. To die, to sleep;
To sleep: perchance to dream: ay, there's the rub;
For in that sleep of death what dreams may come
When we have shuffled off this mortal coil,
Must give us pause: there's the respect
That makes calamity of so long life;
For who would bear the whips and scorns of time,
The oppressor's wrong, the proud man's contumely,
The pangs of despised love, the law's delay,
The insolence of office and the spurns
That patient merit of the unworthy takes,
When he himself might his quietus make
With a bare bodkin? who would fardels bear,
To grunt and sweat under a weary life,
But that the dread of something after death,
The undiscover'd country from whose bourn
No traveller returns, puzzles the will
And makes us rather bear those ills we have
Than fly to others that we know not of?
Thus conscience does make cowards of us all;
And thus the native hue of resolution
Is sicklied o'er with the pale cast of thought,
And enterprises of great pith and moment
With this regard their currents turn awry,
And lose the name of action. –Soft you now!

The fair Ophelia! Nymph, in thy orisons
Be all my sins remember'd.

Fonte: Shakespeare, William. "Hamlet", Act 3, Scene 1. In. *The Complete Works*. Oxford: Clarendon Press/The Oxford Shakespeare, 1988.

LES ANIMAUX MALADES DE LA PEſTE

La Fontaine

Un mal qui répand la terreur,
Mal que le Ciel en ſa fureur
Inventa pour punir les crimes de la terre,

La Peſte (puis qu'il faut l'appeller par ſon nom)
Capable d'enrichir en un jour l'Acheron,
Faiſoit aux animaux la guerre.
Ils ne mouroient pas tous, mais tous eſtoient frappez.
On n'en voyoit point d'occupez
À chercher le ſoûtien d'une mourante vie ;
Nul mets n'excitoit leur envie.
Ni Loups ni Renards n'épioient
La douce & l'innocente proye.
Les Tourterelles ſe fuyoient :
Plus d'amour, partant plus de joye.
Le Lion tint conſeil, & dit ; Mes chers amis,
Je crois que le Ciel a permis
Pour nos pechez cette infortune ;
Que le plus coupable de nous
Se ſacrifie aux traits du celeſte courroux,
Peut-eſtre il obtiendra la gueriſon commune.
L'hiſtoire nous apprend qu'en de tels accidens
On fait de pareils dévoûmens :
Ne nous flatons donc point, voyons ſans indulgence
L'état de noſtre conſcience.
Pour moy, ſatisfaiſant mes appetits gloutons
J'ay devoré force moutons ;
Que m'avoient-ils fait ? nulle offenſe :
Meſme il m'eſt arrivé quelquefois de manger
Le Berger.
Je me dévoûray donc, s'il le faut ; mais je penſe
Qu'il eſt bon que chacun ſ'accuſe ainſi que moy :
Car on doit ſouhaiter ſelon toute juſtice
Que le plus coupable periſſe.
Sire, dit le Renard, vous eſtes trop bon Roy ;

Vos ſcrupules font voir trop de delicateſſe ;
Et bien, manger moutons, canaille, ſotte eſpece,
Eſt-ce un peché ? Non non : Vous leur fiſtes Seigneur
En les croquant beaucoup d'honneur.
Et quant au Berger l'on peut dire
Qu'il eſtoit digne de tous maux,
Eſtant de ces gens-là qui ſur les animaux
Se font un chimerique empire.
Ainſi dit le Renard, & flateurs d'applaudir.
On n'oſa trop approfondir.
Du Tigre, ni de l'Ours, ni des autres puiſſances,
Les moins pardonnables offenſes.
Tous les gens querelleurs, juſqu'aux ſimples maſtins,
Au dire de chacun eſtoient de petits ſaints.
L'Aſne vint à ſon tour & dit : J'ay ſouvenance
Qu'en un pré de Moines paſſant,
La faim, l'occaſion, l'herbe tendre, & je penſe
Quelque diable auſſi me pouſſant,
Je tondis de ce pré la largeur de ma langue.
Je n'en avois nul droit, puis qu'il faut parler net.
A ces mots on cria haro ſur le baudet.
Un Loup quelque peu clerc prouva par ſa harangue
Qu'il faloit dévoüer ce maudit animal,
Ce pelé, ce galeux, d'où venoit tout leur mal.
Sa peccadille fut jugée un cas pendable.
Manger l'herbe d'autruy ! quel crime abominable !
Rien que la mort n'eſtoit capable
D'expier ſon forfait : on le luy fit bien voir.
Selon que vous ſerez puiſſant ou miſerable,
Les jugemens de Cour vous rendront blanc ou noir.

Fonte: La Fontaine, Jean de. In. *Fables de La Fontaine*. Vol. 3. Paris: Claude Barbin et Denys Thierry, 1678, p. 9-14.

INFERNO
Dante Alighieri

Canto Venticinquesimo

Canto XXV, dove si tratta di quella medesima materia che detta è nel capitolo dinanzi a questo, e tratta contr' a' fiorentini, ma in prima sgrida contro a la città di Pistoia; ed è quella medesima bolgia.

Al fine de le sue parole il ladro
le mani alzò con amendue le fiche,
gridando: "Togli, Dio, ch'a te le squadro!".

Da indi in qua mi fuor le serpi amiche,
perch'una li s'avvolse allora al collo,
come dicesse 'Non vo' che più diche';

e un'altra a le braccia, e rilegollo,
ribadendo sé stessa sì dinanzi,
che non potea con esse dare un crollo.

Ahi Pistoia, Pistoia, ché non stanzi
d'incenerarti sì che più non duri,
poi che 'n mal fare il seme tuo avanzi?

Per tutt'i cerchi de lo 'nferno scuri
non vidi spirto in Dio tanto superbo,
non quel che cadde a Tebe giù da' muri.

El si fuggì che non parlò più verbo;
e io vidi un centauro pien di rabbia
venir chiamando: "Ov'è, ov'è l'acerbo?".

Maremma non cred'io che tante n'abbia,
quante bisce elli avea su per la groppa
infin ove comincia nostra labbia.

Sovra le spalle, dietro da la coppa,
con l'ali aperte li giacea un draco;
e quello affuoca qualunque s'intoppa.

Lo mio maestro disse: "Questi è Caco,
che, sotto 'l sasso di monte Aventino,
di sangue fece spesse volte laco.

Non va co' suoi fratei per un cammino,
per lo furto che frodolente fece
del grande armento ch'elli ebbe a vicino;

onde cessar le sue opere biece
sotto la mazza d'Ercule, che forse
gliene diè cento, e non sentì le diece".

Mentre che sì parlava, ed el trascorse,
e tre spiriti venner sotto noi,
de' quai né io né 'l duca mio s'accorse,

se non quando gridar: "Chi siete voi?";
per che nostra novella si ristette,
e intendemmo pur ad essi poi.

Io non li conoscea; ma ei seguette,
come suol seguitar per alcun caso,
che l'un nomar un altro convenette,

dicendo: "Cianfa dove fia rimaso?";
per ch'io, acciò che 'l duca stesse attento,
mi puosi 'l dito su dal mento al naso.

Se tu se' or, lettore, a creder lento
ciò ch'io dirò, non sarà maraviglia,
ché io che 'l vidi, a pena il mi consento.

Com'io tenea levate in lor le ciglia,
e un serpente con sei piè si lancia
dinanzi a l'uno, e tutto a lui s'appiglia.

Co' piè di mezzo li avvinse la pancia
e con li anterïor le braccia prese;
poi li addentò e l'una e l'altra guancia;

li diretani a le cosce distese,
e miseli la coda tra 'mbedue
e dietro per le ren sù la ritese.

Ellera abbarbicata mai non fue
ad alber sì, come l'orribil fiera
per l'altrui membra avviticchiò le sue.

Poi s'appiccar, come di calda cera
fossero stati, e mischiar lor colore,
né l'un né l'altro già parea quel ch'era:

come procede innanzi da l'ardore,
per lo papiro suso, un color bruno
che non è nero ancora e 'l bianco more.

Li altri due 'l riguardavano, e ciascuno
gridava: "Omè, Agnel, come ti muti!
Vedi che già non se' né due né uno".

Già eran li due capi un divenuti,
quando n'apparver due figure miste
in una faccia, ov'eran due perduti.

Fersi le braccia due di quattro liste;
le cosce con le gambe e 'l ventre e 'l casso
divenner membra che non fuor mai viste.

Ogne primaio aspetto ivi era casso:
due e nessun l'imagine perversa
parea; e tal sen gio con lento passo.

Come 'l ramarro sotto la gran fersa
dei dì canicular, cangiando sepe,
folgore par se la via attraversa,

sì pareva, venendo verso l'epe
de li altri due, un serpentello acceso,
livido e nero come gran di pepe;

e quella parte onde prima è preso
nostro alimento, a l'un di lor trafisse;
poi cadde giuso innanzi lui disteso.

Lo trafitto 'l mirò, ma nulla disse;
anzi, co' piè fermati, sbadigliava
pur come sonno o febbre l'assalisse.

Elli 'l serpente e quei lui riguardava;
l'un per la piaga e l'altro per la bocca
fummavan forte, e 'l fummo si scontrava.

Taccia Lucano omai là dov'e' tocca
del misero Sabello e di Nasidio,
e attenda a udir quel ch'or si scocca.

Taccia di Cadmo e d'Aretusa Ovidio,
ché se quello in serpente e quella in fonte
converte poetando, io non lo 'nvidio;

ché due nature mai a fronte a fronte
non trasmutò sì ch'amendue le forme
a cambiar lor matera fosser pronte.

Insieme si rispuosero a tai norme,
che 'l serpente la coda in forca fesse,
e 'l feruto ristrinse insieme l'orme.

Le gambe con le cosce seco stesse
s'appiccar sì, che 'n poco la giuntura
non facea segno alcun che si paresse.

Togliea la coda fessa la figura
che si perdeva là, e la sua pelle
si facea molle, e quella di là dura.

Io vidi intrar le braccia per l'ascelle,
e i due piè de la fiera, ch'eran corti,
tanto allungar quanto accorciavan quelle.

Poscia li piè di rietro, insieme attorti,
diventaron lo membro che l'uom cela,
e 'l misero del suo n'avea due porti.

Mentre che 'l fummo l'uno e l'altro vela
di color novo, e genera 'l pel suso
per l'una parte e da l'altra il dipela,

l'un si levò e l'altro cadde giuso,
non torcendo però le lucerne empie,
sotto le quai ciascun cambiava muso.

Quel ch'era dritto, il trasse ver' le tempie,
e di troppa matera ch'in là venne
uscir li orecchi de le gote scempie;

ciò che non corse in dietro e si ritenne
di quel soverchio, fé naso a la faccia
e le labbra ingrossò quanto convenne.

Quel che giacëa, il muso innanzi caccia,
e li orecchi ritira per la testa
come face le corna la lumaccia;

e la lingua, ch'avëa unita e presta
prima a parlar, si fende, e la forcuta
ne l'altro si richiude; e 'l fummo resta.

L'anima ch'era fiera divenuta,
suffolando si fugge per la valle,
e l'altro dietro a lui parlando sputa.

Poscia li volse le novelle spalle,
e disse a l'altro: "I' vo' che Buoso corra,
com' ho fatt'io, carpon per questo calle".

Così vid'io la settima zavorra
mutare e trasmutare; e qui mi scusi
la novità se fior la penna abborra.

E avvegna che li occhi miei confusi
fossero alquanto e l'animo smagato,
non poter quei fuggirsi tanto chiusi,

ch'i' non scorgessi ben Puccio Sciancato;
ed era quel che sol, di tre compagni
che venner prima, non era mutato;

l'altr'era quel che tu, Gaville, piagni.

Fonte: Dante, Alighieri. "Inferno - Canto venticinquesimo". In. *La Commedia secondo l'antica vulgata*. Firenze: Casa Editrice Le Lettere, 1994.

TRADUÇÕES D'ASSIS

"A literatura, como Proteu, troca de formas,
e nisso está a condição de sua vitalidade."

ANTOLOGIA POÉTICA

Dispersas
(1854-1913)

MINHA MÃE
William Cowper

(Imitação de Cowper)

Quanto eu, pobre de mim! quanto eu quisera
Viver feliz com minha mãe também!
C. A. DE SÁ

Quem foi que o berço me embalou da infância
Entre as doçuras que do empíreo vêm?
E nos beijos de célica fragrância
Velou meu puro sono? Minha mãe!
Se devo ter no peito uma lembrança
É dela que os meus sonhos de criança
Dourou: – é minha mãe!

Quem foi que no entoar canções mimosas
Cheia de um terno amor – anjo do bem
Minha fronte infantil – encheu de rosas
De mimosos sorrisos? – Minha mãe!

Se dentro do meu peito macilento
O fogo da saudade me arde lento

É dela: minha mãe.
Qual anjo que as mãos me uniu outrora
E as rezas me ensinou que da alma vêm?
E a imagem me mostrou que o mundo adora,
E ensinou a adorá-la? – Minha mãe!
Não devemos nós crer num puro riso
Desse anjo gentil do paraíso

Que chama-se uma mãe?
Por ela rezarei eternamente
Que ela reza por mim no céu também;
Nas santas rezas do meu peito ardente
Repetirei um nome: – minha mãe!
Se devem louros ter meus cantos d'alma
Oh! do porvir eu trocaria a palma
Para ter minha mãe!

Original: *Marmota Fluminense*, nº 767, 2 set., 1856.
Fonte: *Obra Completa*, vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

PRÓLOGO DO *INTERMEZZO*

Heinrich Heine

Um cavalheiro havia, taciturno,
Que o rosto magro e macilento tinha.
Vagava como quem de algum noturno
Sonho levado, trépido caminha.
Tão alheio, tão frio, tão soturno,
Que a moça em flor e a lépida florinha,
Quando passar tropegamente o viam,
Às escondidas dele escarneciam.

A miúdo buscava a mais sombria
Parte da casa, por fugir à gente;
Daquele posto os braços estendia
Tomado de desejo impaciente.
Uma palavra só não proferia.
Mas, pela meia-noite, de repente,
Estranho canto e música escutava,
E logo alguém que à porta lhe tocava.

Furtivamente então entrava a amada
O vestido de espumas arrastando,
Tão vivamente fresca e tão corada
Como a rosa que vem desabrochando;
Brilha o véu; pela esbelta e delicada
Figura as tranças soltas vão brincando;
Os meigos olhos dela os dele fitam,
E um ao outro de ardor se precipitam.

Com a força que amor somente gera,
O peito a cinge, agora afogueado;
O descorado as cores recupera,
E o retraído acaba namorado,
O sonhador desfaz-se da quimera...
Ela o excita, com gesto calculado;
Na cabeça lhe lança levemente
O adamantino véu alvo e luzente.

Ei-lo se vê em sala cristalina
De aquático palácio. Com espanto
Olha, e de olhar a fábrica divina
Quase os olhos lhe cegam. Entretanto,
Junto ao úmido seio a bela ondina
O aperta tanto, tanto, tanto, tanto...
Vão as bodas seguir-se. As notas belas
Vêm tirando das cítaras donzelas.

As notas vêm tirando, e deleitosas
Cantam, e cada uma a dança tece
Erguendo ao ar as plantas graciosas.
Ele, que todo e todo se embevece,
Deixa-se ir nessas horas amorosas...
Mas o clarão de súbito fenece,
E o noivo torna à pálida tristura
Da antiga, solitária alcova escura.

Original: *A Semana*, 14 abril 1894.
Fonte: *Obra Completa*, vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SOUVENIRS D'EXIL
Charles Ribeyrolles

Flor a abrir entre nós, surge agora um infante;
Fronte loura a sorrir em nossa proscrição,
Os numes vêm cercá-lo em seu berço galante,
E para erguê-lo ao céu todos lhe abrem a mão.

Mas ele que será? Calvinista ou romano?
Ou turco, ou querubim de Lutero, ou judeu?
E que santo do céu a este lírio humano,
Ao costume fiel, dará o nome seu?

É o beijo das mães, entre nós... o batismo,
Esse amoroso olhar que nos embala então!
Nós não temos por dogma a fé do barbarismo
E nem numes fatais de sangue e de opressão.

Batizamo-lo em ti, ó liberdade santa,
Alma dos bravos desce – eis um berço infantil.
O teu signo de luz, tua altivez lhe implanta,
Os velhos bendirão a tua mão viril!

Espírito de luz – eia, marchar – avante!
Nossos ossos em pó reflorirão por dom!
Mas conservai a fé, e o futuro radiante,
Lutar é um dever – lembra-te, CHARLES FROND!

Tradutor d'ASSIS

Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1859.

Original: *Courrier du Brésil*, n. 49, 2 décembre 1860, p. 4.
Fonte: *Obra Completa*, vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

O PRIMEIRO BEIJO
Guillermo Blest Gana

Lembranças daquela idade
De inocência e de candor,
Não turbeis a soledade
Das minhas noites de dor;
Passai, passai,
Lembranças do que lá vai.

Minha prima era bonita...
Eu não sei por que razão
Ao recordá-la, palpita
Com violência o coração.
Pois se ela era tão bonita,
Tão gentil, tão sedutora,
Que agora mesmo, inda agora,
Uma como que ilusão
Dentro em meu peito se agita,
E até a fria razão
Me diz que era bem bonita.

Como eu, a prima contava
Quatorze anos, me parece;
Mas minha tia afirmava
Que eram só, – nem tal me esquece!
Treze os que a prima contava.
Fique-lhe à tia essa glória,
Que em minha vivaz memória
Jamais a prima envelhece,
E sempre está como estava,
Quando, segundo parece,
Já seus quatorze anos contava.

Quantas horas, quantas horas
Passei ditoso ao seu lado!
Quantas passamos auroras
Ambos correndo no prado,

Ligeiros como essas horas!
Seria amor? Não seria;
Nada sei; nada sabia;
Mas nesse extinto passado,
De conversas sedutoras,
Quando me achava a seu lado
Adormeciam-me as horas.

De como lhe eu dei um beijo
É curiosíssima história.
Desde esse ditoso ensejo
Inda conservo a memória
De como lhe eu dei um beijo.
Sós, ao bosque, um dia, qual
Aquele antigo casal
Cuja inocência é notória,
Fomos por mútuo desejo,
A ali começou a história
De como lhe eu dei um beijo.

Crescia formosa flor
Perto de uma ribanceira;
Contemplando-a com amor,
Diz ela desta maneira;
– Quem me dera aquela flor!
De um salto à flor me atirei;
Faltou-me o chão; resvalei.
Grita, atira-se ligeira
Levada pelo terror,
Chega ao pé da ribanceira...
E eu, eu não lhe trouxe a flor.

De ventura e de alegria
A coitadinha chorava;
Vida minha! repetia,
E em meus braços me apertava
Com infantil alegria.
De gelo e fogo me achei

Naquele transe. E não sei
Como aquilo se passava,
Mas um beijo nos unia,
E a coitadinha chorava
De ventura e de alegria.

Depois,.. revoltoso mar
É nossa pobre existência!
Fui obrigado a deixar
Aquela flor de inocência
Sozinha à beira do mar.
Ai! do mundo entre os enganos
Hei vivido muitos anos,
E apesar dessa experiência
Costumo ainda exclamar:
Ditada minha existência,
Ficaste à beira do mar!

Lembranças daquela idade
De inocência e de candor,
Alegrai a soledade
Das minhas noites de dor.
Chegai, chegai,
Lembranças do que lá vai.

Original: *Semana Ilustrada*, 19 set., 1869.
Fonte: *Obra Completa*, vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Crisálidas
(1864)

LÚCIA
Alfred de Musset

Nós estávamos sós; era de noite;
Ela curvara a fronte, e a mão formosa,
        Na embriaguez da cisma,
Tênue deixava errar sobre o teclado;
Era um murmúrio; parecia a nota
De aura longínqua a resvalar nas balças
E temendo acordar a ave no bosque;
Em torno respiravam as boninas
Das noites belas as volúpias mornas;
Do parque os castanheiros e os carvalhos
Brando embalavam orvalhados ramos;
Ouvíamos a noite; entrefechada,
        A rasgada janela
Deixava entrar da primavera os bálsamos;
A várzea estava erma e o vento mudo;
Na embriaguez da cisma a sós estávamos
        E tínhamos quinze anos!

        Lúcia era loira e pálida;
Nunca o mais puro azul de um céu profundo
Em olhos mais suaves refletiu-se.
Eu me perdia na beleza dela,
E aquele amor com que eu a amava – e tanto! –
Era assim de um irmão o afeto casto,
Tanto pudor nessa criatura havia!

Nem um som despertava em nossos lábios;
Ela deixou as suas mãos nas minhas;
Tíbia sombra dormia-lhe na fronte,
E a cada movimento – na minh'alma
Eu sentia, meu Deus, como fascinam

Os dous signos de paz e de ventura:
Mocidade da fronte
E primavera d'alma.
A lua levantada em céu sem nuvens
Com uma onda de luz veio inundá-la;
Ela viu sua imagem nos meus olhos,
Um riso de anjo desfolhou nos lábios
E murmurou um canto.

.....

Filha da dor, ó lânguida harmonia!
Língua que o gênio para amor criara –
E que, herdara do céu, nos deu a Itália!
Língua do coração – onde alva idéia,
– Virgem medrosa da mais leve sombra, –
Passa envolta num véu e oculta aos olhos!
Que ouvirá, que dirá nos teus suspiros
Nascidos do ar, que ele respira – o infante?
Vê-se um olhar, uma lágrima na face,
O resto é um mistério ignoto às turbas,
Como o do mar, da noite e das florestas!
Estávamos a sós e pensativos.
Eu contemplava-a. Da canção saudosa
Como que em nós estremecia um eco.
Ela curvou a lânguida cabeça...
Pobre criança! – no teu seio acaso
Desdêmona gemia? Tu choravas,
E em tua boca consentias triste
Que eu depusesse estremecido beijo;
Guardou-a a tua dor ciosa e muda:
Assim, beijei-te descorada e fria,
Assim, depois tu resvalaste à campa;
Foi, com a vida, tua morte um riso,
E a Deus voltaste no calor do berço.

Doces mistérios do singelo teto
Onde a inocência habita;

Cantos, sonhos d'amor, gozos de infante,
E tu, fascinação doce e invencível,
Que à porta já de Margarida, – o Fausto
        Fez hesitar ainda,
Candura santa dos primeiros anos
        Onde parais agora?
        Paz à tua alma, pálida menina!
Ermo de vida, o piano em que tocavas
Já não acordará sob os teus dedos!

Original: *Crisálidas.* Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1864.
Fonte: *Obra Completa*, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

A JOVEM CATIVA*
André Chénier

1861

– "Respeita a foice a espiga que desponta;
Sem receio ao lagar o tenro pâmpano
Bebe no estio as lágrimas da aurora;
Jovem e bela também sou; turvada
A hora presente de infortúnio e tédio
Seja embora; morrer não quero ainda!

De olhos secos o estóico abrace a morte;
Eu choro e espero; ao vendaval que ruge
Curvo e levanto a tímida cabeça.
Se há dias maus, também os há felizes!
Que mel não deixa um travo de desgosto?
Que mar não incha a um temporal desfeito?

Tu, fecunda ilusão, vives comigo.
Pesa em vão sobre mim cárcere escuro,
Eu tenho, eu tenho as asas da esperança:
Escapa da prisão do algoz humano,
Nas campinas do céu, mais venturosa,
Mais viva canta e rompe a filomela.

Deve acaso morrer? Tranqüila durmo,
Tranqüila velo; e a fera do remorso
Não me perturba na vigília ou sono;
Terno afago me ri nos olhos todos
Quando apareço, e as frontes abatidas
Quase reanima um desusado júbilo.

Desta bela jornada é longe o termo.
Mal começo; e dos olmos do caminho
Passei apenas os primeiros olmos.
No festim em começo da existência
Um só instante os lábios meus tocaram
A taça em minhas mãos ainda cheia.

Na primavera estou, quero a colheita
Ver ainda, e bem como o rei dos astros,
De sazão em sazão findar meu ano.
Viçosa sobre a haste, honra das flores,
Hei visto apenas da manhã serena
Romper a luz, – quero acabar meu dia.

Morte, tu podes esperar; afasta-te!
Vai consolar os que a vergonha, o medo,
O desespero pálido devora.
Pales inda me guarda um verde abrigo,
Ósculos o amor, as musas harmonias;
Afasta-te, morrer não quero ainda!"–

Assim, triste e cativa, a minha lira
Despertou escutando a voz magoada
De uma jovem cativa; e sacudindo
O peso de meus dias langorosos,
Acomodei à branda lei do verso
Os acentos da linda e ingênua boca.

Sócios meus de meu cárcere, estes cantos
Farão a quem os ler buscar solícito
Quem a cativa foi; ria-lhe a graça
Na ingênua fronte, nas palavras meigas;
De um termo à vinda há de tremer, como ela,
Quem aos seus dias for casar seus dias.

* Foi com alguma hesitação que eu fiz inserir no volume estes versos. Já bastava o arrojo de traduzir a maviosa elegia de Chenier. Poderia eu conservar a grave simplicidade do original? A animação de um amigo decidiu-me a não imolar o trabalho já feito; aí fica a poesia; se me sair mal, corre por conta do amigo anônimo. (n.t.)

Original: *Crisálidas.* Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1864.
Fonte: *Obra Completa*, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

CLEÓPATRA*
Canto de um escravo
Mme. Emile de Girardin

Filha pálida da noite,
Nume feroz de inclemência,
Sem culto nem reverência,
Nem crentes e nem altar,
A cujos pés descarnados...
A teus negros pés, ó morte!
Só enjeitados da sorte
Ousam frios implorar;

Toma a tua foice aguda,
A arma dos teus furores;
Venho c'roado de flores
Da vida entregar-te a flor;
É um feliz que te implora
Na madrugada da vida,
Uma cabeça perdida
E perdida por amor.

Era rainha e formosa,
Sobre cem povos reinava,
E tinha uma turba escrava
Dos mais poderosos reis.
Eu era apenas um servo,
Mas amava-a tanto, tanto,
Que nem tinha um desencanto
Nos seus desprezos cruéis.

Vivia distante dela
Sem falar-lhe nem ouvi-la;
Só me vingava em segui-la
Para a poder contemplar;
Era uma sombra calada
Que oculta força levava,
E no caminho a aguardava
Para saudá-la e passar.

Um dia veio ela às fontes
Ver os trabalhos... não pude,
Fraqueou minha virtude,
Caí-lhe tremendo aos pés.
Todo o amor que me devora,
Ó Vênus, o íntimo peito,
Falou naquele respeito,
Falou naquela mudez.

Só lhe conquistam amores
O herói, o bravo, o triunfante;
E que coroa radiante
Tinha eu para oferecer?
Disse uma palavra apenas
Que um mundo inteiro continha:
– Sou um escravo, rainha,
Amo-te e quero morrer.

E a nova Ísis que o Egito
Adora curvo e humilhado
O pobre servo curvado
Olhou lânguida a sorrir;
Vi Cleópatra, a rainha,
Tremer pálida em meu seio;
Morte, foi-se-me o receio,
Aqui estou, podes ferir.

Vem! que as glórias insensatas
Das convulsões mais lascivas,
As fantasias mais vivas,
De mais febre e mais ardor,
Toda a ardente ebriedade
Dos seus reais pensamentos,
Tudo gozei uns momentos
Na minha noite de amor.

Pronto estou para a jornada
Da estância escura e escondida;

O sangue, o futuro, a vida
Dou-te, ó morte, e vou morrer;
Uma graça única – peço
Como última esperança:
Não me apagues a lembrança
Do amor que me fez viver.

Beleza completa e rara
Deram-lhe os numes amigos;
Escolhe dos teus castigos
O que infundir mais terror,
Mas por ela, só por ela
Seja o meu padecimento
E tenha o intenso tormento
Na intensidade do amor.

Deixa alimentar teus corvos
Em minhas carnes rasgadas,
Venham rochas despenhadas
Sobre o meu corpo rolar,
Mas não me tires dos lábios
Aquele nome adorado,
E ao meu olhar encantado
Deixa essa imagem ficar.

Posso sofrer os teus golpes
Sem murmurar da sentença;
A minha ventura é imensa
E foi em ti que eu a achei;
Mas não me apagues na fronte
Os sulcos quentes e vivos
Daqueles beijos lascivos
Que já me fizeram rei.

* Este canto é tirado de uma tragédia de M.me Emile de Girardin. O escravo, tendo visto coroado o seu amor pela rainha do Egito, é condenado a morrer. Com a taça em punho, entoa o belo canto de que fiz esta mal amanhada paráfrase. (n.t.)

Original: *Crisálidas.* Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1864.
Fonte: *Obra Completa*, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

AS ONDINAS

Noturno de Heinrich Heine

Beijam as ondas a deserta praia;
Cai do luar a luz serena e pura;
Cavaleiro na areia reclinado
Sonha em hora de amor e de ventura.

As ondinas, em nívea gaze envoltas,
Deixam do vasto mar o seio enorme;
Tímidas vão, acercam-se do moço,
Olham-se e entre si murmuram: "Dorme!"

Uma – mulher enfim – curiosa palpa
De seu penacho a pluma flutuante,
Outra procura decifrar o mote
Que traz escrito o escudo rutilante.

Esta, risonha, olhos de vivo fogo,
Tira-lhe a espada límpida e lustrosa,
E, apoiando-se nela, a contemplá-la
Perde-se toda em êxtase amorosa.

Fita-lhe aquela namorados olhos,
E, após girar-lhe em torno embriagada,
Diz: "Que formoso estás, ó flor da guerra,
Quanto te eu dera por te ser amada!"

Uma, tomando a mão ao cavaleiro,
Um beijo imprime-lhe; outra, duvidosa,
Audaz por fim, a boca adormecida
Casa num beijo à boca desejosa.

Faz-se de sonso o jovem; caladinho
Finge do sono o plácido desmaio,
E deixa-se beijar pelas ondinas
Da branca lua ao doce e brando raio.

Original: *Crisálidas.* Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1864.
Fonte: *Obra Completa*, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MARIA DUPLESSIS
Alexandre Dumas Filho

1859

Fiz promessa, dizendo-te que um dia
Eu iria pedir-te o meu perdão;
Era dever ir abraçar primeiro
A minha doce e última afeição.

E quando ia apagar tanta saudade
Encontrei já fechada a tua porta;
Soube que uma recente sepultura
Muda fechava a tua fronte morta.

Soube que, após um longo sofrimento,
Agravara-se a tua enfermidade;
Viva esperança que eu nutria ainda
Despedaçou cruel fatalidade.

Vi, apertado de fatais lembranças,
A escada que eu subira tão contente;
E as paredes, herdeiras do passado,
Que vêm falar dos mortos ao vivente.

Subi e abri com lágrimas a porta
Que ambos abrimos a chorar um dia;
E evoquei o fantasma da ventura
Que outrora um céu de rosas nos abria

Sentei-me à mesa, onde contigo outrora
Em noites belas de verão ceava;
Desses amores plácidos e amenos
Tudo ao meu triste coração falava.

Fui ao teu camarim, e vi-o ainda
Brilhar com o esplendor das mesmas cores;
E pousei meu olhar nas porcelanas
Onde morriam inda algumas flores...

Vi aberto o piano em que tocavas;
Tua morte o deixou mudo e vazio,
Como deixa o arbusto sem folhagem,
Passando pelo vale, o ardente estio.

Tornei a ver o teu sombrio quarto
Onde estava a saudade de outros dias...
Um raio iluminava o leito ao fundo
Onde, rosa de amor, já não dormias.

As cortinas abri que te amparavam
Da luz mortiça da manhã, querida,
Para que um raio depusesse um toque
De prazer em tua fronte adormecida.

Era ali que, depois da meia-noite,
Tanto amor nós sonhávamos outrora;
E onde até o raiar da madrugada
Ouvíamos bater hora por hora!

Então olhavas tu a chama ativa
Correr ali no lar, como a serpente;
É que o sono fugia de teus olhos
Onde já te queimava a febre ardente.

Lembras-te agora, nesse mundo novo,
Dos gozos desta vida em que passaste?
Ouves passar, no túmulo em que dormes,
A turba dos festins que acompanhaste?

A insônia, como um verme em flor que murcha,
De contínuo essas faces desbotava;
E pronta para amores e banquetes
Conviva e cortesã te preparava.

Hoje, Maria, entre virentes flores,
Dormes em doce e plácido abandono;
A tua alma acordou mais bela e pura,
E Deus pagou-te o retardado sono.

Pobre mulher! em tua última hora
Só um homem tiveste à cabeceira;
E apenas dous amigos dos de outrora
Foram levar-te à cama derradeira.

Original: *Crisálidas.* Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1864.
Fonte: *Obra Completa*, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ALPUJARRA*
Adam Mickiewicz

1862

Jaz em ruínas o torrão dos mouros;
Pesados ferros o infiel arrasta;
Inda resiste a intrépida Granada;
Mas em Granada a peste assola os povos.

Cum punhado de heróis sustenta a luta
Fero Almansor nas torres de Alpujarra;
Flutua perto a hispânica bandeira;
Há de o sol d'amanhã guiar o assalto.

Deu sinal, ao romper do dia, o bronze;
Arrasam-se trincheiras e muralhas;
No alto dos minaretes erguem-se as cruzes;
Do castelhano a cidadela é presa.

Só, e vendo as coortes destroçadas,
O valente Almansor após a luta
Abre caminho entre as inimigas lanças,
Foge e ilude os cristãos que o perseguiam.

Sobre as quentes ruínas do castelo,
Entre corpos e restos da batalha,
Dá um banquete o Castelhano, e as presas
E os despojos pelos seus reparte.

Eis que o guarda da porta fala aos chefes:
"Um cavaleiro, diz, de terra estranha
Quer falar-vos; – notícias importantes
Declara que vos traz, e urgência pede".

Era Almansor, o emir dos Muçulmanos,
Que, fugindo ao refúgio que buscara,
Vem entregar-se às mãos do Castelhano,
A quem só pede conservar a vida.

"Castelhanos", exclama, o emir vencido
No limiar do vencedor se prostra;
Vem professar a vossa fé e culto
E crer no verbo dos profetas vossos.

"Espalhe a fama pela terra toda
Que um árabe, que um chefe de valentes,
Irmão dos vencedores quis tornar-se,
E vassalo ficar de estranho cetro!"

Cala no ânimo nobre ao Castelhano
Um ato nobre... O chefe comovido,
Corre a abraçá-lo, e à sua vez os outros
Fazem o mesmo ao novo companheiro.

Às saudações responde o emir valente
Com saudações. Em cordial abraço
Aperta ao seio o comovido chefe,
Toma-lhe das mãos e pende-lhe dos lábios.

Súbito cai, sem forças, nos joelhos;
Arranca do turbante, e com mão trêmula
O enrola aos pés do chefe admirado,
E junto dele arrasta-se por terra.

Os olhos volve em torno e assombra a todos:
Tinha azuladas, lívidas as faces,
Torcidos lábios por feroz sorriso,
Injetados de sangue ávidos olhos.

"Desfigurado e pálido me vedes,
Ó infiéis! Sabeis o que vos trago?
Enganei-vos: eu volto de Granada,
E a peste fulminante aqui vos trouxe".

Ria-se ainda – morto já – e ainda
Abertos tinha as pálpebras e os lábios;
Um sorriso infernal de escárnio impresso
Deixara a morte nas feições do morto.

Da medonha cidade os castelhanos
Fogem. A peste os segue. Antes que a custo
Deixado houvessem de Alpujarra a serra,
Sucumbiram os últimos soldados.

* Este canto é extraído de um poema do poeta polaco Mickiewicz, denominado Conrado Wallenrod. Não sei como corresponderá ao original; eu servi-me da tradução francesa do polaco Christiano Ostrowski. (n.t.)

Original: *Crisálidas.* Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1864.
Fonte: *Obra Completa*, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Falenas
(1870)

A ELVIRA
Alphonse de Lamartine

Quando, contigo a sós, as mãos unidas,
Tu, pensativa e muda, e eu, namorado,
Às volúpias do amor a alma entregando,
Deixo correr as horas fugidias;
Ou quando às solidões de umbrosa selva
Comigo te arrebato; ou quando escuto
– Tão só eu, – teus ternísimos suspiros;
E de meus lábios solto
Eternas juras de constância eterna;
Ou quando, enfim, tua adorada fronte
Nos meus joelhos trêmulos descansa,
E eu suspendo meus olhos em teus olhos,
Como às folhas da rosa ávida abelha;
Ai, quanta vez então dentro em meu peito
Vago terror penetra, como um raio!
Empalideço, tremo;
E no seio da glória em que me exalto,
Lágrimas verto que a minha alma assombram!
Tu, carinhosa e trêmula,
Nos teus braços me cinges, – e assustada,
Interrogando em vão, comigo choras!
"Que dor secreta o coração te oprime?"
Dizes tu. "Vem, confia os teus pesares...
Fala! eu abrandarei as penas tuas!
Fala! eu consolarei tua alma aflita!"
Vida do meu viver, não me interrogues!
Quando enlaçado nos teus níveos braços
A confissão de amor te ouço, e levanto
Lânguidos olhos para ver teu rosto,
Mais ditoso mortal o céu não cobre!
Se eu tremo, é porque nessas esquecidas

Afortunadas horas,
Não sei que voz do enleio me desperta,
E me persegue e lembra
Que a ventura coo tempo se esvaece,
E o nosso amor é facho que se extingue!
De um lance, espavorida,
Minha alma voa às sombras do futuro,
E eu penso então: "Ventura que se acaba
Um sonho vale apenas".

Original: *Falenas*. Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1870.
Fonte: *Obra Completa*, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

OS DEUSES DA GRÉCIA*
Friedrich Schiller

Quando, coos tênues vínculos de gozo,
Ó Vênus de Amatonte, governavas
Felizes raças, encantados povos
Dos fabulosos tempos;

Quando fulgia a pompa do teu culto,
E o templo ornavam delicadas rosas,
Ai! quão diverso o mundo apresentava
A face aberta em risos!

Na poesia envolvia-se a verdade;
Plena vida gozava a terra inteira;
E o que jamais hão de sentir na vida
Então sentiam homens.

Lei era repousar no amor; os olhos
Nos namorados olhos se encontravam;
Espalhava-se em toda a natureza
Um vestígio divino.

Onde hoje dizem que se prende um globo
Cheio de fogo, – outrora conduzia
Hélios o carro de ouro, e os fustigados
Cavalos espumantes.

Povoavam Oréades os montes,
No arvoredo Doríades viviam,
E agreste espuma despejava em flocos
A urna das Danaides.

Refúgio de uma ninfa era o loureiro;
Tantália moça as rochas habitava;
Suspiravam no arbusto e no caniço
Sirinx, Filomela.

Cada ribeiro as lágrimas colhia
De Ceres pela esquiva Persefone;
E do outeiro chamava inutilmente
Vênus o amado amante.

Entre as raças que o pio tessaliano
Das pedras arrancou, - os deuses vinham;
Por cativar uns namorados olhos
Apolo pastoreava.

Vínculo brando então o amor lançava
Entre os homens, heróis e os deuses todos;
Eterno culto ao teu poder rendiam,
Ó deusa de Amatonte!

Jejuns austeros, torva gravidade
Banidos eram dos festivos templos;
Que os venturosos deuses só amavam
Os ânimos alegres.

Só a beleza era sagrada outrora;
Quando a pudica Tiêmone mandava,
Nenhum dos gozos que o mortal respira
Envergonhava os deuses.

Eram ricos palácios vossos templos;
Lutas de heróis, festins, e o carro e a ode,
Eram da raça humana aos deuses vivos
A jucunda homenagem.

Saltava a dança alegre em torno a altares;
Louros c'roavam numes; e as capelas
De abertas, frescas rosas, lhes cingiam
A fronte perfumada.

Anunciava o galhofeiro Baco
O Tirso de Evoé; sátiros fulvos
Iam tripudiando em seu caminho;
Iam bailando as Mênades.

A dança revelava o ardor do vinho;
De mão em mão corria a taça ardente,
Pois que ao fervor dos ânimos convida
A face rubra do hóspede.

Nenhum espectro hediondo ia sentar-se
Ao pé do moribundo. O extremo alento
Escapava num ósculo, e voltava
Um gênio a tocha extinta.

E além da vida, nos infernos, era
Um filho de mortal quem sustentava
A severa balança; e coa voz pia
Vate ameigava as Fúrias.

Nos Elísios o amigo achava o amigo;
Fiel esposa ia encontrar o esposo;
No perdido caminho o carro entrava
Do destro automedonte.

Continuava o poeta o antigo canto;
Admeto achava os ósculos de Alceste;
Reconhecia a Pílades o sócio,
E o rei tessálio as flechas.

Nobre prêmio o valor retribuía
Do que andava nas sendas da virtude;
Ações dignas do céu, filhas dos homens,
O céu tinham por paga.

Inclinavam-se os deuses ante aquele
Que ia buscar-lhe algum mortal extinto;
E os gêmeos lá no Olimpo alumiavam
O caminho ao piloto.

Onde és, mundo de risos e prazeres?
Por que não volves, florescente idade?
Só as musas conservam os teus divinos
Vestígios fabulosos.

Tristes e mudos vejo os campos todos;
Nenhuma divindade aos olhos surge;
Dessas imagens vivas e formosas
Só a sombra nos resta.

Do norte ao sopro frio e melancólico,
Uma por uma, as flores se esfolharam;
E desse mundo rútilo e divino
Outro colheu despojos.

Os astros interrogo com tristeza,
Selene, e não te encontro; à selva falo
Falo à vaga do mar, e à vaga, e à selva,
Inúteis vozes mando.

Da antiga divindade despojada,
Sem conhecer os êxtases que inspira,
Desse esplendor que eterno a fronte lhe orna
Não sabe a natureza.

Nada sente, não goza do meu gozo;
Insensível à força com que impera,
O pêndulo parece condenado
Às frias leis que o regem.

Para se renovar, abre hoje a campa,
Foram-se os numes ao país dos vates;
Das roupas infantis despida, a terra
Inúteis os rejeita.

Foram-se os numes, foram-se; levaram
Consigo o belo, e o grande, e as vivas cores,
Tudo que outrora a vida alimentava,
Tudo que é hoje extinto.

Ao dilúvio dos tempos escapando,
Nos recessos do Pindo se entranharam:
O que sofreu na vida eterna morte,
Imortalize a musa!

* Não sei alemão; traduzi estes versos pela tradução em prosa francesa de um dos mais conceituados intérpretes da língua de Schiller. (n.t.)

Original: *Falenas*. Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1870.
Fonte: *Obra Completa*, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

CEGONHAS E RODOVALHOS

Louis Bouilhet

A ANÍSIO SEMPRÔNIO RUFO

Salve, rei dos mortais, Semprônio invicto,
Tu que estreaste nas romanas mesas
O rodovalho fresco e a saborosa
    Pedi-rubra cegonha!
Desentranhando os mármores de Frígia,
Ou já rompendo ao bronze o escuro seio,
Justo era que mandasse a mão do artista
    Teu nobre rosto aos evos.

Por que fosses maior aos olhos pasmos
Das nações do Universo, ó pai dos molhos,
Ó pai das comezainas, em criar-te
    Teu século esfalfou-se.
A tua vinda ao mundo prepararam
Os destinos, e acaso amiga estrela
Ao primeiro vagido de teus lábios
    Entre nuvens luzia.

Antes de ti, no seu vulgar instinto,
Que comiam romanos? Carne insossa
Dos seus rebanhos vis, e uns pobres frutos,
    Pasto bem digno deles;
A escudela de pau outrora ornava,
Com o saleiro antigo, a mesa rústica,
A mesa em que, três séculos contados,
    Comeram senadores.

E quando, por salvar a pátria em risco,
Os velhos se ajuntavam, quantas vezes
O cheiro do alho enchia a antiga cúria,
    O pórtico sombrio,
Onde vencidos reis o chão beijavam;
Quantas, deixando em meio a mal cozida,

A sensabor chanfana, iam de um salto
   À conquista do mundo!

Ao voltar dos combates, vencedores,
Carga de glória a nau trazia ao porto,
Reis vencidos, tetrarcas subjugados,
   E rasgadas bandeiras...
Iludiam-se os míseros! Bem hajas,
Bem hajas tu, grande homem, que trouxeste
Na tua ovante barca à ingrata Roma
   Cegonhas, rodovalhos!

Maior que esse marujo que estripava,
Coo rijo arpéu, as naus cartaginesas
Tu, Semprônio, coas redes apanhavas
   Ouriçado marisco;
Tu, glotão vencedor, cingida a fronte
Coo verde mirto, a terra percorreste,
Por encontrar os fartos, os gulosos
   Ninhos de finos pássaros.

Roma desconheceu teu gênio, ó Rufo!
Dizem até (vergonha!) que negara
Aos teimosos desejos que nutrias
   O voto da pretura.
Mas a ti, que te importa a voz da turba?
– Efêmero rumor que o vento leva
Como a vaga do mar. Não, não raiaram
   Os teus melhores dias.

Virão, quando aspirar a invicta Roma
As preguiçosas brisas do oriente;
Quando Coa mitra d'ouro, o descorado,
   O cidadão romano,
Pelo foro arrastar o tardo passo
E sacudir da toga roçagante,
Ás virações os tépidos perfumes
   Como um sátrapa assírio.

Virão, virão, quando na escura noite,
A orgia imperial encher o espaço
De viva luz, e embalsamar as ondas
   Com os seus bafos quentes;
Então do sono acordarás, e a sombra,
A tua sacra sombra irá pairando
Ao ruído das músicas noturnas
   Nas rochas de Capréia.

Ó mártir dos festins! Queres vingança?
Tê-las-ás e à farta, à tua grã memória;
Vinga-te o luxo que domina a Itália;
   Ressurgirás ovante
Ao dia em que na mesa dos romanos
Vier pompear o javali silvestre,
Prato a que der os finos molhos Tróia
   E rouxinol as línguas.

Original: *Falenas*. Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1870.
Fonte: *Obra Completa*, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ESTÂNCIAS A EMA

Alexandre Dumas Filho

I - UM PASSEIO DE CARRO

Saímos, ela e eu, dentro de um carro,
Um ao outro abraçados; e como era
Triste e sombria a natureza em torno
Ia conosco a eterna primavera.

No cocheiro fiávamos a sorte
Daquele dia, o carro nos levava
Sem ponto fixo, onde aprouvesse ao homem;
Nosso destino em suas mãos estava.

Quadrava-lhe Saint-Cloud. Eia! pois vamos!
É um sítio de luz, de aroma e riso,
Demais, se as nossas almas conversavam,
Onde estivessem era o paraíso.

Fomos descer junto ao portão do parque;
Era deserto e triste e mudo; o vento
Rolava nuvens cor de cinza; estavam
Seco o arbusto, o caminho lamacento.

Rimo-nos tanto, vendo-te, ó formosa,
(E felizmente ninguém mais te via!)
Arregaçar a ponta do vestido
Que o lindo pé e a meia descobria!

Tinhas o gracioso acanhamento
Da fidalga gentil pisando a rua;
Desafeita ao andar, teu passo incerto
Deixava conhecer a raça tua.

Uma das tuas mãos alevantava
O vestido de seda; as saias finas
Iam mostrando as rendas e os bordados,
Lambendo o chão, molhando-te as botinas.

Mergulhavam teus pés a cada instante,
Como se o chão quisesse ali guardá-los.
E que afã! Mal podíamos nós ambos
Da cobiçosa terra libertá-los.

Doce passeio aquele! E como é belo
O amor no bosque, em tarde tão sombria!
Tinhas os olhos úmidos, – e a face
A rajada do inverno enrubescia.

Era mais belo que a estação das flores;
Nenhum olhar nos espreitava ali;
Nosso era o parque, unicamente nosso;
Ninguém! estava eu só ao pé de ti!

Perlustramos as longas avenidas
Que o horizonte cinzento limitava.
Sem mesmo ver as deusas conhecidas
Que o arvoredo sem folhas abrigava.

O tanque, onde nadava um níveo cisne
Placidamente, – o passo nos deteve;
Era a face do lago uma esmeralda
Que refletia o cisne alvo de neve.

Veio este a nós, e corno que pedia
Alguma coisa, uma migalha apenas;
Nada tinhas que dar; a ave arrufada
Foi-se cortando as águas tão serenas.

E nadando parou junto ao repuxo
Que de água viva aquele tanque enchia;
O murmúrio das gotas que tombavam
Era o único som que ali se ouvia.

Lá ficamos tão juntos um do outro,
Olhando o cisne e escutando as águas;
Vinha a noite; a sombria cor do bosque
Emoldurava as nossas próprias mágoas.

Num pedestal, onde outras frases ternas,
A mão de outros amantes escreveu,
Fui traçar, meu amor, aquela data
E junto dela pôr o nome teu!

Quando o estio volver àquelas árvores,
E à sombra delas for a gente a flux,
E o tanque refletir as folhas novas,
E o parque encher-se de murmúrio e luz,

Irei um dia, na estação das flores,
Ver a coluna onde escrevi teu nome,
O doce nome que minha alma prende,
E que o tempo, quem sabe? Já consome!

Onde estarás então? Talvez bem longe,
Separada de mim, triste e sombrio;
Talvez tenhas seguido a alegre estrada,
Dando-me áspero inverno em pleno estio.

Porque o inverno não é o frio e o vento,
Nem a erma alameda que ontem vi;
O inverno é o coração sem luz nem flores,
É o que eu hei de ser longe de ti!

II

Correu um ano desde aquele dia,
Em que fomos ao bosque; um ano, sim!
Eu já previa o fúnebre desfecho
Desse tempo feliz, – triste de mim!

O nosso amor nem viu nascer as flores;
Mal aquecia um raio de verão
Para sempre, talvez, das nossas almas
Começou a cruel separação.

Vi esta primavera em longes terras,
Tão ermo de esperanças e de amores,
Olhos fitos na estrada, onde esperava
Ver-te chegar, como a estação das flores.

Quanta vez meu olhar sondou a estrada
Que entre espesso arvoredo se perdia,
Menos triste, inda assim, menos escuro
Que a dúvida cruel que me seguia!

Que valia esse sol abrindo as plantas
E despertando o sono das campinas?
Inda mais altas que as searas louras,
Que valiam as flores peregrinas?

De que servia o aroma dos outeiros?
E o canto matinal dos passarinhos?
Que me importava a mim o arfar da terra,
E nas moitas em flor os verdes ninhos?

O sol que enche de luz a longa estrada,
Se me não traz o que minh'alma espera,
Pode apagar seus raios sedutores:
Não é o sol, não é a primavera!

Margaridas, caí, morrei nos campos,
Perdei o viço e as delicadas cores;
Se ela vos não aspira, o hálito brando,
Já o verão não sois, já não sois flores!

Prefiro o inverno desfolhado e mudo,
O velho inverno, cujo olhar sombrio
Mal se derrama nas cerradas trevas,
E vai morrer no espaço úmido e frio.

É esse o sol das almas desgraçadas;
Venha o inverno, somos tão amigos!
Nossas tristezas são irmãs em tudo:
Temos ambos o frio dos jazigos!

Contra o sol, contra Deus, assim falava
Dês que assomavam matinais albores;
Eu aguardava as tuas doces letras
Com que ao céu perdoasse as belas cores!

Iam assim, um após outro, os dias.
Nada. - E aquele horizonte tão fechado
Nem deixava chegar aos meus ouvidos
O eco longínquo do teu nome amado.

Só, durante seis meses, dia e noite
Chamei por ti na minha angústia extrema;
A sombra era mais densa a cada passo,
E eu murmurava sempre: - Oh! minha Ema!

Um quarto de papel - é pouca coisa;
Quatro linhas escritas - não é nada;
Quem não quer escrever colhe uma rosa,
No vale aberta, à luz da madrugada.

Mandam-se as folhas num papel fechado;
E o proscrito, ansiando de esperança,
Pode entreabrir nos lábios um sorriso
Vendo naquilo uma fiel lembrança.

Era fácil fazê-lo e não fizeste!
Meus dias eram mais desesperados.
Meu pobre coração ia secando
Como esses frutos no verão guardados.

Hoje, se o comprimissem, mal deitava
Uma gota de sangue; nada encerra.
Era uma taça cheia; uma criança,
De estouvada que foi, deitou-a em terra!

É este o mesmo tempo, o mesmo dia.
Vai o no tocando quase ao fim;
É esta a hora em que, formosa e terna,
Conversavas de amor, junto de mim.

O mesmo aspecto: as ruas estão ermas,
A neve coalha o lago preguiçoso;
O arvoredo gastou as roupas verdes,
E nada o cisne triste e silencioso.

Vejo ainda no mármore o teu nome,
Escrito quando ali comigo andaste.
Vamos! Sonhei, foi um delírio apenas,
Era um louco, tu não me abandonaste!

O carro espera: vamos. Outro dia,
Se houver bom tempo, voltaremos, não?
Corre este véu sobre teus olhos lindos,
Olha, não caias, dá-me a tua mão!

Choveu; a chuva umedeceu a terra.
Anda! Ai de mim! Em vão minh'alma espera.
Estas folhas que eu piso em chão deserto
São as folhas da outra primavera!

Não, não estás aqui, chamo-te embalde!
Era ainda uma última ilusão.
Tão longe desse amor fui inda o mesmo,
E vivi dois invernos sem verão.

Porque o verão não é aquele tempo
De vida e de calor que eu não vivi;
É a alma entornando a luz e as flores,
É o que hei de ser ao pé de ti!

Original: *Falenas*. Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1870.
Fonte: *Obra Completa*, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Ocidentais
(1901)

O CORVO
Edgar Allan Poe

Em certo dia, à hora, à hora
Da meia-noite que apavora,
Eu, caindo de sono e exausto de fadiga,
Ao pé de muita lauda antiga,
De uma velha doutrina, agora morta,
Ia pensando, quando ouvi à porta
Do meu quarto um soar devagarinho,
E disse estas palavras tais:
"É alguém que me bate à porta de mansinho;
Há de ser isso e nada mais."

Ah! bem me lembro! bem me lembro!
Era no glacial dezembro;
Cada brasa do lar sobre o chão refletia
A sua última agonia.
Eu, ansioso pelo sol, buscava
Sacar daqueles livros que estudava
Repouso (em vão!) à dor esmagadora
Destas saudades imortais
Pela que ora nos céus anjos chamam Lenora.
E que ninguém chamará mais.

E o rumor triste, vago, brando
Das cortinas ia acordando
Dentro em meu coração um rumor não sabido,
Nunca por ele padecido.
Enfim, por aplacá-lo aqui no peito,
Levantei-me de pronto, e: "Com efeito,
(Disse) é visita amiga e retardada
Que bate a estas horas tais.

É visita que pede à minha porta entrada:
Há de ser isso e nada mais."

Minh'alma então sentiu-se forte;
Não mais vacilo e desta sorte
Falo: "Imploro de vós, – ou senhor ou senhora,
Me desculpeis tanta demora.
Mas como eu, precisando de descanso,
Já cochilava, e tão de manso e manso
Batestes, não fui logo, prestemente,
Certificar-me que aí estais."
Disse; a porta escancaro, acho a noite somente,
Somente a noite, e nada mais.

Com longo olhar escruto a sombra,
Que me amedronta, que me assombra,
E sonho o que nenhum mortal há já sonhado,
Mas o silêncio amplo e calado,
Calado fica; a quietação quieta;
Só tu, palavra única e dileta,
Lenora, tu, como um suspiro escasso,
Da minha triste boca sais;
E o eco, que te ouviu, murmurou-te no espaço;
Foi isso apenas, nada mais.

Entro coa alma incendiada.
Logo depois outra pancada
Soa um pouco mais forte; eu, voltando-me a ela:
"Seguramente, há na janela
Alguma cousa que sussurra. Abramos,
Eia, fora o temor, eia, vejamos
A explicação do caso misterioso
Dessas duas pancadas tais.
Devolvamos a paz ao coração medroso,
Obra do vento e nada mais."

Abro a janela, e de repente,
Vejo tumultuosamente

Um nobre corvo entrar, digno de antigos dias.
Não despendeu em cortesias
Um minuto, um instante. Tinha o aspecto
De um lord ou de uma lady. E pronto e reto,
Movendo no ar as suas negras alas,
Acima voa dos portais,
Trepa, no alto da porta, em um busto de Palas;
Trepado fica, e nada mais.

Diante da ave feia e escura,
Naquela rígida postura,
Com o gesto severo, – o triste pensamento
Sorriu-me ali por um momento,
E eu disse: "O tu que das noturnas plagas
Vens, embora a cabeça nua tragas,
Sem topete, não és ave medrosa,
Dize os teus nomes senhoriais;
Como te chamas tu na grande noite umbrosa?"
E o corvo disse: "Nunca mais".

Vendo que o pássaro entendia
A pergunta que lhe eu fazia,
Fico atônito, embora a resposta que dera
Dificilmente lha entendera.
Na verdade, jamais homem há visto
Cousa na terra semelhante a isto:
Uma ave negra, friamente posta
Num busto, acima dos portais,
Ouvir uma pergunta e dizer em resposta
Que este é seu nome: "Nunca mais".

No entanto, o corvo solitário
Não teve outro vocabulário,
Como se essa palavra escassa que ali disse
Toda a sua alma resumisse.
Nenhuma outra proferiu, nenhuma,
Não chegou a mexer uma só pluma,
Até que eu murmurei: "Perdi outrora

Tantos amigos tão leais!
Perderei também este em regressando a aurora.”
E o corvo disse: “Nunca mais!”

Estremeço. A resposta ouvida
É tão exata! é tão cabida!
“Certamente, digo eu, essa é toda a ciência
Que ele trouxe da convivência
De algum mestre infeliz e acabrunhado
Que o implacável destino há castigado
Tão tenaz, tão sem pausa, nem fadiga,
Que dos seus cantos usuais
Só lhe ficou, na amarga e última cantiga,
Esse estribilho: “Nunca mais”.

Segunda vez, nesse momento,
Sorriu-me o triste pensamento;
Vou sentar-me defronte ao corvo magro e rudo;
E mergulhando no veludo
Da poltrona que eu mesmo ali trouxera
Achar procuro a lúgubre quimera,
A alma, o sentido, o pávido segredo
Daquelas sílabas fatais,
Entender o que quis dizer a ave do medo
Grasnando a frase: “Nunca mais”.

Assim posto, devaneando,
Meditando, conjeturando,
Não lhe falava mais; mas, se lhe não falava,
Sentia o olhar que me abrasava.
Conjeturando fui, tranqüilo a gosto,
Com a cabeça no macio encosto
Onde os raios da lâmpada caíam,
Onde as tranças angelicais
De outra cabeça outrora ali se desparziam,
E agora não se esparzem mais.

Supus então que o ar, mais denso,
Todo se enchia de um incenso,
Obra de serafins que, pelo chão roçando
Do quarto, estavam meneando
Um ligeiro turíbulo invisível;
E eu exclamei então: "Um Deus sensível
Manda repouso à dor que te devora
Destas saudades imortais.
Eia, esquece, eia, olvida essa extinta Lenora."
E o corvo disse: "Nunca mais".

"Profeta, ou o que quer que sejas!
Ave ou demônio que negrejas!
Profeta sempre, escuta: Ou venhas tu do inferno
Onde reside o mal eterno,
Ou simplesmente náufrago escapado
Venhas do temporal que te há lançado
Nesta casa onde o Horror, o Horror profundo
Tem os seus lares triunfais,
Dize-me: existe acaso um bálsamo no mundo?"
E o corvo disse: "Nunca mais".

"Profeta, ou o que quer que sejas!
Ave ou demônio que negrejas!
Profeta sempre, escuta, atende, escuta, atende!
Por esse céu que além se estende,
Pelo Deus que ambos adoramos, fala,
Dize a esta alma se é dado inda escutá-la
No éden celeste a virgem que ela chora
Nestes retiros sepulcrais,
Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora!"
E o corvo disse: "Nunca mais".

"Ave ou demônio que negrejas!
Profeta, ou o que quer que sejas!
Cessa, ai, cessa! clamei, levantando-me, cessa!
Regressa ao temporal, regressa
À tua noite, deixa-me comigo.

Vai-te, não fique no meu casto abrigo
Pluma que lembre essa mentira tua.
Tira-me ao peito essas fatais
Garras que abrindo vão a minha dor já crua."
E o corvo disse: "Nunca mais".

E o corvo aí fica; ei-lo trepado
No branco mármore lavrado
Da antiga Palas; ei-lo imutável, ferrenho.
Parece, ao ver-lhe o duro cenho,
Um demônio sonhando. A luz caída
Do lampião sobre a ave aborrecida
No chão espraia a triste sombra; e, fora
Daquelas linhas funerais
Que flutuam no chão, a minha alma que chora
Não sai mais, nunca, nunca mais!

Original: *Poesias Completas.* Rio de Janeiro: Garnier, 1901.
Fonte: *Obra Completa*, vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

TO BE OR NOT TO BE

Shakespeare

(Hamlet, Ato 3, Cena 1)

Ser ou não ser, eis a questão. Acaso
É mais nobre a cerviz curvar aos golpes
Da ultrajosa fortuna, ou já lutando
Extenso mar vencer de acerbos males?
Morrer, dormir, não mais. E um sono apenas,
Que as angústias extingue e à carne a herança
Da nossa dor eternamente acaba,
Sim, cabe ao homem suspirar por ele.
Morrer, dormir. Dormir? Sonhar, quem sabe!
Ai, eis a dúvida. Ao perpétuo sono,
Quando o lodo mortal despido houvermos,
Que sonhos hão de vir? Pesá-lo cumpre.
Essa a razão que os lutuosos dias
Alonga do infortúnio. Quem do tempo
Sofrer quisera ultrajes e castigos,
Injúrias da opressão, baldões do orgulho,
Do mal prezado amor choradas mágoas,
Das leis a inércia, dos mandões a afronta,
E o vão desdém que de rasteiras almas
O paciente mérito recebe,
Quem, se na ponta da despida lâmina
Lhe acenara o descanso? Quem ao peso
De uma vida de enfados e misérias
Quereria gemer, se não sentira
Terror de alguma não sabida cousa
Que aguarda o homem para lá da morte,
Esse eterno país misterioso
Donde um viajor sequer há regressado?
Este só pensamento enleia o homem;
Este nos leva a suportar as dores
Já sabidas de nós, em vez de abrirmos
Caminho aos males que o futuro esconde,
E a todos acovarda a consciência.
Assim da reflexão à luz mortiça

A viva cor da decisão desmaia;
E o firme, essencial cometimento,
Que esta idéia abalou, desvia o curso,
Perde-se, até de ação perder o nome.

Original: *Poesias Completas.* Rio de Janeiro: Garnier, 1901.
Fonte: *Obra Completa*, vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

OS ANIMAIS ISCADOS DA PESTE

La Fontaine

Mal que espalha o terror e que a ira celeste
Inventou para castigar
Os pecados do mundo, a peste, em suma, a peste,
Capaz de abastecer o Aqueronte num dia,
Veio entre os animais lavrar;
E, se nem tudo sucumbia,
Certo é que tudo adoecia.
Já nenhum, por dar mate ao moribundo alento,
Catava mais nenhum sustento.
Não havia manjar que o apetite abrisse,
Raposa ou lobo que saísse
Contra a presa inocente e mansa,
Rola que à rola não fugisse,
E onde amor falta, adeus, folgança!
O leão convocou uma assembléia e disse:
"Sócios meus, certamente este infortúnio veio
A castigar-nos de pecados.
Que o mais culpado entre os culpados
Morra por aplacar a cólera divina.
Para a comum saúde esse é, talvez, o meio.
Em casos tais é de uso haver sacrificados;
Assim a história no-lo ensina.
Sem nenhuma ilusão, sem nenhuma indulgência,
Pesquisemos a consciência.
Quanto a mim, por dar mate ao ímpeto glutão,
Devorei muita carneirada.
Em que é que me ofendera? em nada.
E tive mesmo ocasião
De comer igualmente o guarda da manada.
Portanto, se é mister sacrificar-me, pronto.
Mas, assim como me acusei,
Bom é que cada um se acuse, de tal sorte
Que (devemos querê-lo, e é de todo ponto
Justo) caiba ao maior dos culpados a morte."
"– Meu senhor, acudiu a raposa, é ser rei

Bom demais; é provar melindre exagerado.
Pois então devorar carneiros,
Raça lorpa e vilã, pode lá ser pecado?
Não. Vós fizestes-lhes, senhor,
Em os comer, muito favor.
E no que toca aos pegureiros,
Toda a calamidade era bem merecida,
Pois são daquelas gentes tais
Que imaginaram ter posição mais subida
Que a de nós outros animais".
Disse a raposa, e a corte aplaudiu-lhe o discurso.
Ninguém do tigre nem do urso,
Ninguém de outras iguais senhorias do mato,
Inda entre os atos mais daninhos,
Ousava esmerilhar um ato;
E até os últimos rafeiros,
Todos os bichos rezingueiros,
Não eram, no entender geral, mais que uns santinhos.
Eis chega o burro: – "Tenho idéia que no prado
De um convento, indo eu a passar, e picado
Da ocasião, da fome e do capim viçoso,
E pode ser que do tinhoso,
Um bocadinho lambisquei
Da plantação. Foi um abuso, isso é verdade."
Mal o ouviu, a assembléia exclama: "Aqui del-rei!"
Um lobo, algo letrado, arenga e persuade
Que era força imolar esse bicho nefando,
Empesteado autor de tal calamidade;
E o pecadilho foi julgado
Um atentado.
Pois comer erva alheia! ó crime abominando!
Era visto que só a morte
Poderia purgar um pecado tão duro.
E o burro foi ao reino escuro.

Segundo sejas tu miserável ou forte
Áulicos te farão detestável ou puro.

Original: *Poesias Completas.* Rio de Janeiro: Garnier, 1901.
Fonte: *Obra Completa*, vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

INFERNO
Dante Alighieri

Canto XXV

Acabara o ladrão, e, ao ar erguendo
As mãos em figas, deste modo brada:
"Olha, Deus, para ti o estou fazendo!"

E desde então me foi a serpe amada,
Pois uma vi que o colo lhe prendia,
Como a dizer: "não falarás mais nada!"

Outra os braços na frente lhe cingia
Com tantas voltas e de tal maneira
Que ele fazer um gesto não podia.

Ah! Pistóia, por que numa fogueira
Não ardes tu, se a mais e mais impuros,
Teus filhos vão nessa mortal carreira?

Eu, em todos os círculos escuros
Do inferno, alma não vi tão rebelada.
Nem a que em Tebas resvalou dos muros.

E ele fugiu sem proferir mais nada.
Logo um centauro furioso assoma
A bradar: "Onde, aonde a alma danada?"

Marema não terá tamanha soma
De reptis quanta vi que lhe ouriçava
O dorso inteiro desde a humana coma.

Junto à nuca do monstro se elevava
De asas abertas um dragão que enchia
De fogo a quanto ali se aproximava.

"Aquele é Caco, – o Mestre me dizia, –
Que, sob as rochas do Aventino, ousado
Lagos de sangue tanta vez abria.

Não vai de seus irmãos acompanhado
Porque roubou malicioso o armento
Que ali pascia na campanha ao lado.

Hércules com a maça e golpes cento,
Sem lhe doer um décimo ao nefando,
Pôs remate a tamanho atrevimento."

Ele falava, e o outro foi andando.
No entanto embaixo vinham para nós
Três espíritos que só vimos quando

Atroara este grito: "Quem sois vós?"
Nisto a conversa nossa interrompendo
Ele, como eu, no grupo os olhos pôs.

Eu não os conheci, mas sucedendo,
Como outras vezes suceder é certo,
Que o nome de um estava outro dizendo,

"Cianfa aonde ficou?" Eu, por que esperto
E atento fosse o Mestre em escutá-lo,
Pus sobre a minha boca o dedo aberto.

Leitor, não maravilha que aceitá-lo
Ora te custe o que vais ter presente,
Pois eu, que o vi, mal ouso acreditá-lo.

Eu contemplava, quando uma serpente
De seis pés temerosa se lhe atira
A um dos três e o colhe de repente.

Com os pés do meio o ventre lhe cingira,
Com os da frente os braços lhe peava,
E ambas as faces lhe mordeu com ira.

Os outros dous às coxas lhe alongava,
E entre elas insinua a cauda que ia
Tocar-lhes os rins e dura os apertava.

A hera não se enrosca nem se enfia
Pela árvore, como a horrível fera
Ao pecador os membros envolvia.

Como se fossem derretida cera,
Um só vulto, uma cor iam tomando,
Quais tinham sido nenhum deles era.

Tal o papel, se o fogo o vai queimando,
Antes de negro estar, e já depois
Que o branco perde, fusco vai ficando.

Os outros dous bradavam: "Ora pois,
Agnel, ai triste, que mudança é essa?
Olha que já não és nem um nem dous!"

Faziam ambas uma só cabeça,
E na única face um rosto misto,
Onde eram dous, a aparecer começa.

Dos quatro braços dous restavam, e isto,
Pernas, coxas e o mais ia mudado
Num tal composto que jamais foi visto.

Todo o primeiro aspecto era acabado;
Dous e nenhum era a cruel figura,
E tal se foi a passo demorado.

Qual camaleão, que variar procura
De sebe às horas em que o sol esquenta,
E correndo parece que fulgura,

Tal uma curta serpe se apresenta,
Para o ventre dos dous corre acendida,
Lívida e cor de um bago de pimenta.

E essa parte por onde foi nutrida
Tenra criança antes que à luz saísse,
Num deles morde, e cai toda estendida.

O ferido a encarou, mas nada disse;
Firme nos pés, apenas bocejava,
Qual se de febre ou sono ali caísse.

Frente a frente, um ao outro contemplava,
E à chaga de um, e à boca de outro, forte
Fumo saía e no ar se misturava.

Cale agora Lucano a triste morte
De Sabelo e Nasídio, e atento esteja
Que o que lhe vou dizer é de outra sorte.

Cale-se Ovídio e neste quadro veja
Que, se Aretusa em fonte nos há posto
E Cadmo em serpe, não lhe tenho inveja.

Pois duas naturezas rosto a rosto
Não transmudou, com que elas de repente
Trocassem a matéria e o ser oposto.

Tal era o acordo entre ambas que a serpente
A cauda em duas caudas fez partidas,
E a alma os pés ajuntava estreitamente.

Pernas e coxas vi-as tão unidas
Que nem leve sinal dava a juntura
De que tivessem sido divididas.

Imita a cauda bífida a figura
Que ali se perde, e a pele abranda, ao passo
Que a pele do homem se tornava dura.

Em cada axila vi entrar um braço,
A tempo que iam esticando à fera
Os dous pés que eram de tamanho escasso.

Os pés de trás a serpe os retorcera
Até formarem-lhe a encoberta parte,
Que no infeliz em pés se convertera.

Enquanto o fumo os cobre, e de tal arte
A cor lhes muda e põe à serpe o velo
Que já da pele do homem se lhe parte,

Um caiu, o outro ergueu-se, sem torcê-lo
Aquele torvo olhar com que ambos iam
A trocar entre si o rosto e a vê-lo.

Ao que era em pé as carnes lhe fugiam
Para as fontes, e ali do que abundava
Duas orelhas de homem lhe saíam.

E o que de sobra ainda lhe ficava
O nariz lhe compõe e lhe perfaz
E o lábio lhe engrossou quanto bastava.

A boca estende o que por terra jaz
E as orelhas recolhe na cabeça,
Bem como o caracol às pontas faz.

A língua, que era então de uma só peça,
E prestes a falar, fendida vi-a,
Enquanto a do outro se une, e o fumo cessa.

A alma, que assim tornado em serpe havia,
Pelo vale fugiu assobiando,
E esta lhe ia falando e lhe cuspia.

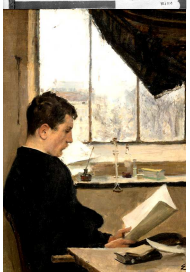
Logo a recente espádua lhe foi dando
E à outra disse: "Ora com Buoso mudo,
Rasteje, como eu vinha rastejando!"

Assim na cova sétima vi tudo
Mudar e transmudar; a novidade
Me absolva o estilo desornado e rudo.

Mas que um tanto perdesse a claridade
Dos olhos meus, e turva a mente houvesse,
Não fugiram com tanta brevidade,

Nem tão ocultos, que eu não conhecesse
Puccio Sciancato, única ali vinda
Alma que a forma própria não perdesse;
O outro chorá-lo tu, Gaville, ainda.

Original: *Poesias Completas.* Rio de Janeiro: Garnier, 1901.
Fonte: *Obra Completa*, vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.



INDEX

CAPA:

Escrita Ge'ez – Etiópia
ARQUIVO (n.t.)

INTERNAS:
Aline Daka (p. 3)
O tecido, 2018
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

VINHETAS:

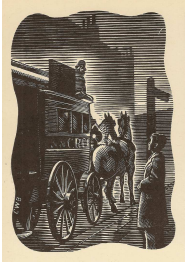
Fotos de:
Miguel Sulis (pp. 8, 63, 73, 169 e 192)
Tailândia e Laos
ARQUIVO (n.t.)

ENTRADAS:
Lucy Yegros (p. 9)
Areté, 1991
Pintura
WWW.PORTALGUARANI.COM

Karl Spitzweg (p. 22)
Detalhe de *O rato de biblioteca*, c. 1850
Oléo sobre tela
MUSEUM GEORG SCHÄFER, SCHWEINFURT

Robert Desnos (p. 64)
Sem título (Retrato de Yvonne George), 1924
Desenho automático em aquarela
GOOGLE IMAGES

Abdul Rahman Katanani (p. 74)
A menina com a fita, 2012
Metal corrugado e arame farpado
AGIAL ART GALLERY, BEIRUTE



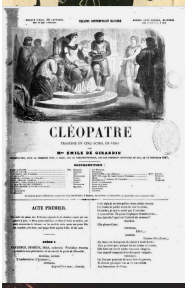
Kinema junpô, nº 240 (p. 88)
Anúncio para o filme mudo *A Page of Madness*, 1926
Revista de cinema
GOOGLE IMAGES

Émile Friant (p. 102)
Detalhe de *Autorretrato*, 1885
Óleo sobre tela
MUSÉE DES BEAUX-ARTS, NANCY

C. W. Bacon (p. 135)
Ilustração para "The Celestial Omnibus", c. 1950
Revista *BBC Radio Times*
BBC, LONDRES

José Benlliure y Gil (p. 170)
Detalhe de *A Barca de Caronte*, 1919
Óleo sobre tela
MUSEU DE BELLES ARTS, VALÊNCIA

Edgar Parin d'Aulaire (p. 179)
Ilustração de capa para *Blood*, de H.H.Ewers,1930
Livro
HERON PRESS INC, NOVA IORQUE



José de Ribera (p. 193)
São Jerônimo, 1637
Óleo sobre tela
GALLERIA DORIA PAMPHILJ, ROMA

Cléopatre - Tragedie en cinq actes (p. 209)
Tragédia de Mme. Emile de Girardin, 1847
Folhetim
GOOGLE BOOKS

CONTRACAPA:
Escritório de Tradução em Chiang Mai, Tailândia [s.d.]
Fotografia
ARQUIVO (n.t.)

⁘

A (n.t.) | 14º acabou-se de editar em 15 de setembro de 2018.

Fontes ocidentais: **Book Antiqua**, **Baramond**
Grego antigo: **Palatino Linotype**
Japonês: **MS Gothic**
Árabe: **Lateef**

ASIA TRANSLATION SERV
OPEN
TRANSLATIO
WE CAN HE
PREPARING THE
MARRIAGE
PROCE URE
FOR F EIGN
WE NGE
YO CUMENT
CE BY TH
TE, EMB
TRANSLATION SERVICE:
Japanese
Chinese
Korean
Dutch
German
Italian
French
053-300163